

"Sydney Croft is a fabulous new talent."
—Cheyenne McCray, USA Today bestselling author

Seduced *by the* STORM

PLEASURE. POWER. FURY.
A SEDUCTION SO HOT...IT'S OFF THE RADAR.



SYDNEY CROFT

AUTHOR OF UNLEASHING THE STORM



SEDUCED *by the* STORM

ACRO operativo: *Wyatt Kennedy*

FICHA: Ex-Navy SEAL-Recrutado para ACRO depois de acusações de que ele matou seu meio-irmão. ACRO mudou seu nome (arquivo excluído.) Ele ainda é registrado no MIA / AWOL da Marinha.

HABILIDADE: Telecinéticos, combinado com uma atração sexual que os cientistas da ACRO até agora não conseguiram explicar. Pode manipular objetos inanimados e fazer humanos a terem respostas sexuais. Alguma habilidade psíquica de imagem, que, quando usado, irá drenar seus poderes telecinéticos.

NOTAS: Comprometido com uma instituição mental desde 14-16 anos por incompreendidos dons psíquicos.

ESTADO MISSÃO: seguinte missão para adquirir Remy Begnaud, Wyatt Kennedy desaparecido em missão. Atual status de desaparecidos, presumivelmente mortos.

Eles se conheceram em um fumegante bar na Flórida, então passaram uma noite de paixão alucinante. Dois agentes secretos que possuem raros dons telecinéticos que combinados com poder sexual não deixam nenhum deles ileso. Para o ex-Navy SEAL Wyatt Kennedy, atribuído pela Agência para Covert Rare Operatives, a missão mais perigosa de sua carreira, a mulher em couro preto e rendas acaba de se tornar mais do que uma noite. Porque Faith Black é a única barreira para o sucesso de sua missão e nem mesmo as habilidades lendárias de sedução de Wyatt podem penetrar sua profunda proteção.

Os dons psíquicos de Faith fazem dela uma das mais perigosas mulheres do mundo, mas ela esconde uma secreta dor que não divide com ninguém. Até Wyatt. E Faith tem uma agenda própria: Usar seus raros dons para salvar alguém próximo a ela, um movimento que a coloca contra um homem que ela pensou que nunca veria novamente. Pois, quando um furacão mortal é desencadeado por todo o litoral leste, o desejo reacende entre Faith e Wyatt, expondo segredos que impulsionam os dois para o perigo. Com o furacão perto, e a erótica fome um pelo outro crescendo, esses dois corações devem se juntar para curar, para confiar. . . E para aproveitar o poder de uma tempestade que poderia consumir tudo em seu caminho.

Capítulo 1

Faith Black fora espancada, drogada e presa, mas nada disso a assustava. Não, o que a apavorava até o núcleo era o homem confinado com ela. Acorrentado a uma improvisada cremalheira medieval e nu da cintura para cima, ele estava deitado de costas, braços sobre a cabeça, o peito incrível marcado por contusões e uma laceração profunda que se estendia desde o peitoral esquerdo até seu quadril direito.

Ele poderia estar imobilizado, mas não era de forma alguma impotente.

Sua arma, muito mais perigosa do que a telecinese — para ela, pelo menos — era sua sexualidade avassaladora, uma força que a atraía para ele, a fazia queimar com a necessidade apesar de sua grave situação.

A cabeça martelando por causa de um golpe brutal no rosto, ela se empurrou com seus pés e se aproximou inaudivelmente, sua nudez mal se registrando. Ela fora despida enquanto estava inconsciente, suas roupas atiradas em um canto do quarto sem janelas e com paredes de aço. A fraca luz amarela da única lâmpada enfatizava o profundo âmbar dos olhos de Wyatt, não mais verdes, enquanto ele se estabelecia no período de transição que muitos telecinéticos experimentavam quando seus poderes se inflamavam. O ar na sala ficou imóvel, e a corrente em torno de seu tornozelo direito começou a chacoalhar.

— Não. — ela disse calmamente.

Ele moveu a cabeça para olhar para ela como se não tivesse percebido que ela recuperara a consciência. — Faith. — Sua voz estava áspera, tão assombrada quando seu olhar. — Eu não contei a ele. Eu juro.

—Contou o que a quem?

—Ao seu namorado. Eu não contei a ele sobre nós. Ele sabia.

— Sean não é meu namorado. — ela disse, e Wyatt arqueou uma sobrancelha escura como se não acreditasse nela. —E eu sei que você não disse nada.

Sabia, porque fora ela a derramar os detalhes que ela e Wyatt estavam dormindo juntos.

A cabeça de Wyatt pendeu para trás, assim ele estava olhando para as vigas de aço que cruzavam o teto. Os tendões no pescoço esticados e apertados enquanto ele engoliu. — Me desculpe por colocar você nessa.

—Você não fez nada.

Um grunhido retumbou em sua garganta. —Eu a seduzi. Eu não deveria ter feito isso. Não aqui. Não na plataforma, onde ele poderia descobrir.

Ela o inalou para dentro si o perfume masculino que a tirava do equilíbrio sempre que ele se aproximava. Não, ela não podia culpá-lo por nada, muito menos por seu desejo fora de controle por ele. Ele estava aqui para fazer um trabalho, como ela estava, o que significava ter a missão realizada por qualquer meio necessário.

—Eu não estou aqui porque Sean está com ciúmes. —Embora Sean estivesse, furiosamente assim, mas Wyatt não precisa saber disso.

—Então por quê?

Arrastando o olhar das feições fortes e grosseiramente belas do rosto dele, ela deixou sua mente focar em um reino de existência que a maioria das pessoas nunca viu. Instantaneamente, a aura de Wyatt se tornou visível, uma camada movimentada e ondulante de luz em torno de seu corpo. E Deus, algo estava errado, tão errado que ela quase engasgou.

Wyatt irradiada poder, então sua aura deveria refletir o mesmo. Em vez disso, ela se estendia escassamente ao redor de seu corpo como um casaco mal ajustado e de segunda mão, montado com pontos fracos

e buracos, como se tivesse sofrido repetidos ataques sobrenaturais. Ela poderia reparar o dano, mas seus esforços equivaleriam a pouco mais de um remendo com na roupa psíquica dele. Repor sua aura, renovando-a... isto apenas ele poderia fazer, subconscientemente, através de uma vida saudável e integridade mental.

Por enquanto, ela se concentrou sobre o corte no peito, moldou seu poder em agulha e linha psíquicas, unindo ferimento. Os músculos em seu abdômen ondularam, entalhados tão profundamente que lançavam sombras sobre o outro. Ela sabia como se eram sob seu toque, como eles se flexionavam quando roçavam contra sua barriga, e ela teve que apertar as mãos para manter-se de se aproximar dele.

A ferida fechou em um sussurro de som, e Wyatt inspirou um suspiro duro. —Jesus. Você é uma agente, porra.

Seus olhos brilhavam âmbar novamente, e as correntes das amarras se agitaram.

—Por favor, não, — ela disse, deixando seus dedos psíquicos deslizaram pelo corpo dele. —Deixe-me. Siga minha liderança.

Ele gemeu e então cerrou os dentes contra as sensações que ela enviou para fluir em sua virilha.

—Eu vou precisar que você grite, Wyatt. Como se eu estivesse matando você.

Seu sexo começou a crescer com cada uma de suas carícias virtuais profundamente dentro do corpo dele, e seus olhos brilharam fogo verde. — Você é, Faith. — Sua voz retumbou, sombria, perigosa. — Eu já passei pelos portões do inferno e sobrevivi, mas de alguma forma eu acho que você vai ser o diabo que vai me derrubar.

Capítulo 2

Dois dias antes

Wyatt Kennedy era um homem morto, e mais que alguns outros problemas, como ser incapaz de usar seus cartões de crédito, não eram tão ruins.

Claro, ele já fora declarado morto uma vez antes, há muito tempo, então sabia o que fazer. Seja discreto, use dinheiro, olhe a sua volta.

Quando ele caiu sobre a face da terra anos antes, ele tinha a ACRO – Agência para Raros Operativos Secretos, da qual ele era um – do seu lado. A ACRO o recrutou, mudou seu nome e o matou para que ele não tivesse que enfrentar uma sentença de assassinato pela morte de seu meio-irmão.

Que, para o registro, ele ainda não tinha certeza de que fora o responsável, graças a um lapso de memória que durou pelos últimos cinco anos, apesar dos melhores esforços da ACRO.

Desta vez ele conseguiu manter o mesmo primeiro nome, pelo menos. A parte mais importante de ser declarado morto era deixar todos na ACRO pensarem que ele foi assassinado – por razões que não entendia muito bem, mas quando ordens eram dadas, ordens eram seguidas. O resto do mundo, e a Itor Corp – a principal inimiga da ACRO – nunca soube que Wyatt existia de qualquer maneira, e ele sabia que a missão com a qual estava lidando – encontrar a máquina do clima que a Itor Corp construía e escondera em um em uma plataforma de petróleo no meio do oceano – era alguma séria merda nós-planejamos-destruir-o-mundo.

Ele lidava com isso com facilidade o suficiente. Não era como se parecesse que ele possuía poderes especiais. Mas ele era alto o suficiente para que a maioria dos homens lhe desse um amplo espaço, o que era legal para ele. Ele tendia a viver em sua maior parte dentro de sua própria cabeça de qualquer maneira e preferia seu próprio espaço, disparado. Mesmo quando estava em uma sala cheia de pessoas, como agora.

O pessoal do bar esta noite era grosseiro, composto principalmente de temporários que queriam ser membros da equipe da plataforma e membros da equipe que queriam ser perfuradores, todos se preparando para se juntar a sua tripulação no mar ou acabando de sair de seu turno trabalho de quatorze dias. Wyatt estava acabando de sair de sua própria pausa de duas semanas, preparado para voltar e terminar o trabalho que iniciara para ACRO. Ele esteve na plataforma, fazendo reconhecimento sobre a máquina do clima – A ACRO queria ter certeza de que não houvesse mais lá fora como esta. Então ele passou os primeiros dias conseguindo o código e transmitindo-o de volta para a Haley na ACRO. Agora ele fora ordenado por Oz a realmente destruir a máquina.

Wyatt crescera nesta vida sob o nome de James Jasper. Seu pai possuía sua própria empresa de perfuração na época em que Wyatt nascera, e ele já tinha dois filhos de sua primeira esposa.

Wyatt tinha treze anos no momento em que todas as outras merdas loucas começaram a acontecer ao seu redor.

Por tanto quanto conseguia se lembrar, ele sempre possuiu o que pensava como poderes secretos. Lembrava-se de mover um objeto com sua mente quando tinha apenas dois anos de idade, e ficou pior, quando ele atingiu a puberdade. Fora de controle, até que toda vez que perdesse a paciência, mesmo que levemente, merda iria voar.

No início, os médicos da unidade mental em que ele fora forçado a entrar estavam preocupados, e então eles ficaram absolutamente fartos com ele. Especialmente porque ele se tornou muito bom em destruir seus escritórios, enquanto estava todo o tempo sentado em uma cadeira, parecendo inocente.

Em um minuto, estava perfurando, no próximo, aprendendo a evitar medicações que não queria tomar, escondendo-os na boca. Ele nunca realmente contou a ninguém naquela instituição mental sobre a coisa do sexo, um poder que os cientistas da ACRO agora acreditavam

ter raízes em sua telecinese — não começara com força total até que ele tinha quinze anos. Mesmo então, todo mundo apenas assumia que ele estava transando regularmente, porque era bonito.

Sim, totalmente Um Estranho no Ninho¹, apenas que não tão divertido, e ele escapara antes da terapia de eletrochoque, seduzindo todas as enfermeiras e fingindo ser normal.

Fingindo. Wyatt fazia muito isso. Fingindo não ser telecinético. Fingindo estar morto...

Até agora, fingir estar morto por todo esse tempo foi muito legal. Ele sempre queria voltar como um fantasma, pensava que seria a parte mais legal de estar realmente morto. Creed, outro operativo da ACRO — um caçador de fantasmas — lhe garantira que a maior parte dos fantasmas era muito honesta, mas Oz, um médium que falava com fantasmas que eram os piores dos piores, discordava.

Oz havia assumido o controle temporariamente por Devlin O'Malley, o chefe da ACRO. Oz era o responsável pela morte de Wyatt e sua missão atual, que o colocou de volta ao trabalho como membro da equipe da plataforma.

Como ter reencarnado, porra.

Apenas se concentre em deixar sua merda recomposta, cara.

Quando sua concentração ia para outro lugar, seu dom começava a se espalhar como bolas de gude soltas sobre um liso piso de madeira. Mas então, ele sempre se sentiu disperso, não totalmente inteiro, não integrado. Porra louca. Como se talvez realmente pertencesse a um quarto acolchoado em algum lugar. Ele tentou explicar isso para os médiuns na ACRO, lhes contou que se sentia como se seus poderes fossem Legos sem as peças de ligação.

Quando foi liberado do hospital psiquiátrico aos dezesseis, trabalhou na plataforma de petróleo com seu pai e irmãos, até que tivesse dezenove anos e então seguiu a rota militar. Aprender a perfurar fora legal, e estava em seu sangue — aprender a destruir estivera igualmente. Foda-se a besteira de meio-da-estrada. Tão propenso a extremos como ele era, foi direto para a rota mais dura possível.

¹ Filme americano de 1975.

Forças Especiais – SEALs, especificamente. O sargento do treinamento no acampamento deu uma olhada na estrutura esguia de um metro e noventa de altura e riu. Wyatt o nocauteou no ato com um soco, passou a noite na prisão militar e se encontrou em BUDs² dois dias depois. Como castigo.

Ele adorou – cada um dos minutos brutais.

Ele passou suas avaliações psíquicas para a Marinha sem nenhum problema. Ele as falsificou, da maneira como falsificou um monte de coisas, e a comunidade de Forças Especiais queria que seus homens estivessem um pouco para o lado louco de qualquer maneira, mesmo que não admitisse isso abertamente.

Muito bom, porra

Mas a coisa do sexo, *oh, sim*, ele deixou seu controle sobre isso escorregar, especialmente na semana passada. Principalmente porque era divertido como o inferno deixá-la sair do controle e ele sabia que não iria transar de jeito algum durante toda a próxima fase de sua missão.

Ele a estava reprimindo com força quando estava trabalhando por duas semanas direto – com tanta força que fez sua cabeça doer.

Quando você podia ter qualquer mulher – ou homem, se ele tivesse balançado dessa maneira – sexo ficava cansativo rápido. Se sua libido não estivesse em constante supervelocidade, ele teria desistido de sexo completamente há muito tempo, raspado a cabeça e se tornado um monge.

Ele tentou a coisa de monge uma vez, quando tinha dezessete anos. Seu aprendizado durou exatamente três semanas, até que ele não conseguia suportar os outros homens tentando entrar em seu quarto para tê-lo. O chefe da abadia concordou com a decisão de Wyatt. Isso não o impediu de tentar transar com Wyatt, no entanto.

Wyatt ainda estava aprendendo a controlar seus feromônios – na maioria das vezes eles só funcionavam em pessoas em que ele queria que funcionassem, a menos que ele se deixasse ficar muito tempo sem, ou se ele e o objeto de seu desejo estivessem em torno de outras pessoas quando ele ficasse excitado. Nesse caso, todos e suas mães – literalmente – precisavam tomar cuidado.

² Uniformes militares

E havia um preço ainda maior para pagar pela magia do sexo – as mulheres com que ele estivera nunca se lembravam do sexo, uma vez que ele deixasse o quarto. Então, sim, isso seria ótimo quando se tenta ter qualquer tipo de relacionamento de longo prazo – acordar de manhã com uma mulher que logo iria esquecer de ter dormido com ele em primeiro lugar.

Ele colocou a magia para descansar completamente ontem depois de uma rodada com duas mulheres em um *ménage à trois* que durou toda a noite e entrou a tarde. Sexo não era um dreno severo sobre seus poderes, mas de fato mexia com sua cabeça.

Quando um homem está fodendo, suas paredes desmoronam, Dev sempre dizia. E sim, esta era a verdade em Inglês claro.

Inglês. Como o sotaque ronronando em seu ouvido: – Tem algum plano para esta noite, amor?



Os planos de Faith Black para a noite não incluíam um homem alto, moreno e bonito, mas com alguém tentando matá-la, ela teve que fazer alguns ajustes.

O estranho a quem ela propôs passou o braço em volta de sua cintura. Antes que ela pudesse sequer piscar, ele a colocou entre suas pernas compridas. O banquinho do bar mordeu a frente de suas coxas e os dedos dele morderam seu quadril, e por algum motivo, tudo o que podia pensar era em mordê-lo.

– Eu sempre posso criar um espaço na minha agenda para uma mulher bonita. – disse ele, em um rico sotaque de uísque suave do sul que a fez querer bebê-lo. E aqueles olhos... mesmo na luz nebulosa e sombria dos letreiros de cerveja, que brilhavam verde claro. Ela nunca vira nada parecido.

E como uma biocinética – uma telecinética especializada, com a capacidade de manipular tecido vivo – que cresceu ao lado de pessoas com dons ainda mais incríveis do que o dela, ela já viu muito. Viu ainda mais desde o dia em que ela e seu parceiro, com financiamento do

governo britânico, começaram O Grupo Aquarius³, uma agência pequena e secreta empregando pessoas com habilidades especiais, como ela mesma.

—Eu não sou normalmente tão avançada. — disse ela, arrancando seu olhar longe do dele quando a porta do pub abriu. —Mas vê aquele homem entrando?

O estranho inclinou a cabeça quase imperceptivelmente, como se não tivesse olhado, e ela lhe deu pontos por sua avaliação perspicaz da situação. Ela lhe deu pontos extras por ter o cabelo mais lindo e de cor forte, que apenas roçava o colarinho de sua camiseta.

—Ele é meu ex-amante. — ela mentiu. —Ele é um lunático. Completamente louco, e está me perseguindo. Eu disse a ele que tenho um novo amante.

—E eu fui o primeiro cara que você viu?

—Sim. — Não, mas quando ela detectou alguém a seguindo enquanto passeava ao longo do calçadão ao luar, ela deslizou para local público mais próximo que estaria cheio de homens, e com a sorte que teve, estes não eram apenas homens. Eram motociclistas, perfuradores de petróleo e da equipe da plataforma, e o homem que agora a abraçou se destacara como o mais durão dos durões.

Sem mencionar o mais bonito.

Marco observava de perto da entrada, sem se preocupar em esconder seu aborrecimento.

—Bem — o estranho disse, enfiando a mão pelo cabelo dela para puxar seu rosto para perto do dele — eu posso cuidar de você, ou eu posso cuidar dele.

Uma oferta doce, mas não importava o quão capaz esse cara parecesse — e de fato parecia capaz, todos os músculos de aço amarrado e ombros largos sob a preta camiseta do AC/DC — Marco era um assassino treinado, um *excedosapien* com reflexos dez vezes mais rápidos do que os de uma pessoa comum. Ela sabia porque ficara cabeça a cabeça com ele há um ano, e embora as habilidades de combate dela

³ The Aquarius Group, TAG.

não poderiam ser melhores, a velocidade e predileção ao fio de garrote dele quase soletraram sua condenação.

Ela passou os dedos pela gargantilha de veludo preto que escondia a cicatriz fina que circundava seu pescoço, antes parar a si mesma e soltar a mão no ombro dele. — Eu adoraria se você seguisse a minha atuação, só por um pouquinho.

Um canto de sua boca feita-para-satisfazer-uma-mulher subiu como se ela tivesse escolhido a resposta certa, e de repente ela estava experimentando o quão aquela boca foi feita para satisfazer.

O contato foi gentil, mais um roçar de lábios do que qualquer coisa, mas a resposta do corpo dela foi imediata e alarmante. A onda de calor que nada tinha a ver com a temperatura de outono da Flórida lambeu seus seios, sua barriga, suas coxas. Quando a varredura experiente de sua língua abriu a boca dela, as pernas abriram também.

Pelo menos, tanto quanto elas poderiam abrir com ela enjaulada entre as coxas vestidas de jeans.

Isso não era bom.

Reunindo todo o seu autocontrole, ela concentrou-se em Marco, usando a sua forma única de telecinese para sondar a aura dele com sua mente, em busca de uma fraqueza, uma fenda em sua armadura. Em média, ela demorava trinta segundos para penetrar o tecido de proteção de energia em torno de um ser humano, mas no calor da batalha, trinta segundos era cerca de vinte e nove segundos e meio tempo demais — que foi por que ela teve que aperfeiçoar suas habilidades de combate mano a mano, a vantagem de um facão. Felizmente, ela tinha tempo agora, mas isso não seria uma empreitada de trinta segundos. Imaginou que a aura de Marco seria o equivalente psíquico do Kevlar.

— Qual é seu nome? — o estranho murmurou contra seus lábios, e por um momento, ela se esqueceu de Marco.

— Faith Blck. O seu?

— Wyatt. — Ele arrastou a boca em seu rosto até o ouvido. — O que ele fez para você?

Marco caminhou em direção a eles, suas casuais roupas cáqui fora de lugar em uma pessoa grosseira como ele. Homens zombaram... até que Marco lhes lançou um olhar sombrio que os calou em um instante. Até mesmo predadores reconheciam quando eles estavam na presença de algo mais elevado na cadeia alimentar.

Seus rasos olhos negros permaneceram presos sobre ela enquanto ele se sentava numa mesa próxima.

– Nada que eu queira falar. – disse ela finalmente.

Wyatt se afastou como se quisesse dizer algo, mas o garçom, um homem parecendo um pit Bull com cabelos grisalhos presos em um rabo de cavalo baixo, interrompeu.

– Posso trazer alguma coisa para você, senhora?

Aproveitando a oportunidade para se descolar de Wyatt, ela afundou em um banco do bar. – Eu vou querer o mesmo que ele.

O barman apanhou um copo alto. – Jack puro com um fundo de cerveja, saindo.

– Então, Faith. – disse Wyatt após o barman deslizar as bebidas para ela, – De que lugar da Inglaterra você é?

Ela lançou outro pulso de sondagem em Marco, e – graças a Deus – encontrou a fenda em sua aura. – De todo lugar, na verdade.

Resposta padrão. Ela passou a vida cultivando um sotaque que não revelaria um passado de qualquer região em particular, especialmente Devonshire, onde ela nasceu, ou Yorkshire, onde ela cresceu depois que seus pais foram mortos. A fim de borrar as linhas ainda mais, ela jogava inflexões alemãs e fraseados americanos em seu discurso.

Misturar-se ajudava a manter um agente secreto com vida.

Uma das mãos de Wyatt caiu sobre seu joelho, mas ela sentiu até seu núcleo. Umidade encharcou sua calcinha. Sua cabeça parecia leve, os seios pesados. As sensações se romperam sobre seu corpo eram estranhamente inebriantes, e ela teve que dar uma sacudidela de cabeça

para limpá-las. Homem algum jamais a afetara assim. Nem mesmo Sean, o homem único que já amou.

Passara-se um ano desde que ela vira Sean pela última vez, desde que brincaram de gato e rato, dor e prazer. Ele não podia resistir a ela, mesmo quando seu trabalho era matá-la.

Ela estava contando com a previsibilidade dele uma vez mais, porque esta missão poderia deixá-la muito morta se o amor de Sean por ela finalmente tivesse ficado em segundo lugar em relação a seu trabalho na Itor.

— Está um pouco quente para vestir roupas de couro. — O olhar de Wyatt assimilou seu traje gótico, que ia contra toda a coisa de se misturar — suas calças de couro pretas, o espartilho vermelho de seda e renda, e sua jaqueta de couro — a apreciação dele óbvia na forma como suas pálpebras ficavam pesadas.

— O calor não me incomoda. — Nem o frio. Ela sempre foi capaz de regular sua própria temperatura corporal, embora esta fosse a extensão de seus poderes sobre suas próprias funções corporais. Ela poderia, no entanto, fazer qualquer coisa que ela queria a qualquer outra pessoa.

Deslizando um olhar para Marco, Wyatt virou o uísque em seu copo. Os belos músculos em sua garganta trabalhando sob a pele dourada e áspera pela barbeação ali, prendendo o seu olhar por um momento. Quando ele terminou, girou o copo pela parte superior do bar polido e acenou para o garçom por outra.

— Acha que o calor vai incomodar o garoto cáqui? — ele perguntou.

Ela sorriu. — Talvez incomode. — disse ela, sabendo muito bem que nada impediria Marco de seu objetivo, mas necessitando de tempo para terminar de romper sua aura.

— Vamos descobrir, porque o jeito como ele está olhando para você está me incomodando muito, merda. — Ele envolveu parte de trás do seu pescoço e inclinou a boca sobre a dela mais uma vez.

Mesmo tendo antecipado o beijo, sua respiração ficou ofegante. A maneira como ele manobrava seus lábios, dentes e língua com

habilidade gentil e dominante... Cristo, o homem provavelmente poderia fazê-la chegar ao orgasmo apenas beijando.

—Temos que ser convincentes, certo? — ele sussurrou, e depois lambeu o inchaço de seu lábio inferior, e um rude gemido escapou. — Abra para mim.

Ela não hesitou, acolheu o deslizar de sua língua molhada contra a dela. Ele tinha gosto de uísque, cheirava a terra e homem, uma combinação potente que a fez soltar-se mais eficazmente do que se ela tivesse virado quase um litro de Jack Daniels garganta abaixo — sua garganta que palpitava em uma lembrança sombria de que Marco queria cortá-la.

Mais uma vez.

Fazendo o seu melhor para ignorar o que a mão de Wyatt estava fazendo em sua coxa, ela usou sua mente para arrancar as fracas cordas na trama da aura de Marco. Finalmente, com Wyatt trilhando beijos ao longo de sua mandíbula, visões sobre o funcionamento interno do corpo de Marco encheram seu cérebro.

Marco ainda observava, mas se inclinara para frente, cotovelos apoiados sobre os joelhos, curtindo o show. A dúzia ou tanto de fregueses no pub não poderia importar menos, fascinados demais pelas duas mulheres seminuas perto da mesa de bilhar que estavam fazendo muito mais do que beijar os quatro rapazes que estavam com elas.

Os batimentos cardíacos de Marco não indicaram nada. Lentos, firmes, fortes. Ela poderia pará-los em um instante, dar-lhe um aneurisma, ou fazer o sangue dele ferver.

Mas todas essas coisas atrairiam atenção. Além disso, matar um dos homens da Itor quando ela iria ter uma reunião com um alto agente da Itor amanhã não era propício para uma boa relação de trabalho. Mesmo se — ou sobretudo porque — ela iria fingir o relacionamento.

Na parte de trás de sua mente, ela sabia que Wyatt estava aninhando seu ouvido, sabia que ele quase a puxou em seu colo e que tinha uma ereção monstro empurrando seu quadril. Ela percebeu que seus dedos estavam deslizando sobre os rígidos e agrupados bíceps dele, e que seu sexo se inundara com creme de seda.

Se Marco não fosse uma ameaça, ela arrastaria Wyatt Sem Sobrenome para seu quarto de hotel e agitaria o mundo dele.

Mas ela não se colocaria além de Marco para tentar remover ambos antes que eles chegassem até sua cama.

Uma erupção psíquica a atraiu para o estômago de Marco, cheio depois de uma refeição completa. Em sua mente, ela alcançou seu piloro, o anel de músculo que separa o estômago do intestino delgado. Com um empurrão mental, ela abriu, permitindo que comida não processada se derramasse através.

Marco fez uma careta, esfregou a barriga. Ele teria cólicas em breve, mas ela precisava de algo mais imediato para distraí-lo até que elas comesçassem.

– Wyatt. – ela engasgou, quando sentiu o deslizar da mão dele sob a blusa do tipo espartilho.

A língua dele rodou contra seu pescoço. – Você acha que ele está convencido?

– Eu não sei, o amor, mas eu certamente estou.

Seu sorriso fez cócegas na pele dele, e antes que se distraísse novamente, ela caiu ao sul dentro do corpo de Marco, localizou a bexiga, e deu um aperto mental.

A expressão de horror no rosto de Marco enquanto suas calças escureciam com urina trouxe imensa satisfação. Ele olhou ao redor descontroladamente pelo banheiro e, em seguida, segurando a barriga, ele correu para o letreiro Homem perto da parte traseira do pub.

– Brilhante. – Faith disse, afastando-se de Wyatt e ignorando os protestos de seu corpo. Ela deslizou ao barman um sorriso sensual. – Wyatt está tomando na minha conta. Obrigado.

Ela correu para fora da porta, a maldição de Wyatt seguindo-a. Ela quase conseguiu chegar a três blocos de seu hotel quando percebeu que alguém estava a seguindo.

Girando, ela lançou o punho. Reconhecimento floresceu, mas ela reteve o soco tarde demais. Wyatt bloqueou o ataque, rápido como um

raio, e, em seguida, ela encontrou-se contra um prédio, o corpo de Wyatt pressionado contra o dela.

Um trabalho mal feito da parte dela, deixando acontecer, mas uma pequena parte dela queria isso desde o momento em que ela reconheceu o rosto dele debaixo da luz do poste.

Relaxou, porque fazendo isto rolava seus quadris a um contato mais próximo com os dele, ela arrastou seu olhar para cima do peito largo dele, passando os dentes brancos que piscavam deslumbrantes em um sorriso, como se ele soubesse que ela estava tomando sua medida, agora que estavam sozinhos.

O olhar em seus olhos confirmou. Divertimento girava ali nas profundidades verdes, divertimento e cautela e um toque de selvageria, como se ele tivesse visto filmes de terror demais.

Ou já vivera neles.

— Diga-me para cair fora e eu irei.

— Cai fora.

Sorrindo, ele a puxou com força contra ele para que assim ela tivesse de torcer o pescoço para olhar para ele. *Oh, Deus.* Ela sabia que ele era alto, mas aos quase um metro e oitenta ela mesma não era baixa, e ele a superava por pelo menos treze centímetros. E com toda esta altura, movia-se como um gato. Músculos poderosos cantavam com energia reservada enquanto estavam em movimento, e pareciam desmembrados em repouso.

Um lampejo de mal-estar a deixou tensa. Este homem era ainda mais perigoso do que pareceu ser no pub. Antes militar, talvez um mercenário.

Funcionava para ela, toda a coisa do perigo, desde que esta era sua vida, mas na véspera do que pode ser a mais arriscada missão que já aceitou, ela não precisa de qualquer esforço extra.

— Você não caiu fora. — disse ela.

— Porque você não quis dizer isso.

Não, ela supôs que não tinha. Sexo escorria por todos os poros da pele lisa e bronzeada dele, a promessa de erotismo tão tangível que ela podia sentir que retumbava através dela como um ronronar.

— Você quer fazer aqui, então? — Ela deslizou seu polegar sobre o cume enorme na braguilha da calça, e ele arqueou em sua palma. — Quando qualquer um dirigindo por aqui pode ver?

A mão dele caiu para agarrar sua bunda e segurá-la enquanto seus quadris ondulavam contra os dela, levando o pênis em sua barriga. — Eu não gosto de exibicionismo. Ninguém vê a minha mulher além de mim.

— Eu não sou sua mulher.

Baixando a cabeça, ele mordiscava sua orelha, segurou-a entre os dentes enquanto rosnava. — Esta noite você é.

Em algum lugar lá no fundo, ela quis protestar, mas quando abriu a boca, apenas uma palavra saiu.

— Sim.

Sua voz soou rouca, necessitada. Fazia tanto tempo desde que ela permitiu-se uma noite de prazer indulgente. Normalmente, o sexo era uma ferramenta, se ela oferecesse seu corpo ou meramente a promessa de seu corpo. Sedução tinha uma grande parte em seu trabalho como um agente especial para a TAG, e amanhã era de volta ao trabalho.

Esta noite... era para ela, porque se sua missão a bordo da plataforma de petróleo da Itor encontrasse sucesso e ela roubasse a máquina do clima, alguém que ela amava poderia morrer. Se sua missão falhasse, alguém que ela ama *de fato* iria morrer.

De qualquer forma, ela iria perder Sean ou Liberty, e de qualquer forma, ela não tinha muito tempo restante para o prazer.

Alcançando, ela tomou o rosto de Wyatt em suas palmas e capturou seu olhar com o dela. — Seu quarto ou o meu?

Capítulo 3

Definitivamente iria ser o quarto de Faith. O de Wyatt era um pedaço de merda do lado de fora da rodovia. Na maioria das noites, ele dormiu fora, na praia, até que os policiais o expulsassem e o chamassem de vagabundo. Além disso, eles determinaram que o quarto de Faith era o mais próximo, e ele deixou seu corpo enviar magia pulsante suficiente para fazê-la perceber que precisava de privacidade – e rápido.

Ele pendurara seu braço ao redor dela enquanto eles passavam pela recepcionista arrogante, até o elevador. Eles seguiram até seu andar com um casal de idosos, que sorriu para eles – como se soubessem o que ia acontecer uma vez que ele e Faith chegassem ao quarto dela. Ou o que estaria acontecendo aqui mesmo no elevador se eles estivessem sozinhos, com base na maneira como Faith estava se esfregando contra ele.

Quando os hormônios de Wyatt se manifestaram, eles se *manifestaram*, irmão. Mesmo a velha senhora estava se inclinando para ele, no que parecia ser o mais lento passeio de todos os tempos para o topo de um edifício.

– Aqui estamos nós. – disse Faith, puxando-o junto a ela pela frente de seu cinto. Wyatt sentiu a mulher mais velha acariciar a parte inferior de suas costas quando ele saiu do elevador, rebocado junto a Faith, e ele lhe atirou uma piscadela por cima do ombro enquanto as portas do elevador se fechavam.

Aquele velho iria se dar bem esta noite, por causa dele.

– Venha. – Faith disse, segurando a porta de seu quarto aberta para ele. Ela estava hospedada em uma suíte, muito elegante, e de acordo com o sotaque dela.

– Elegante. – disse ele, notando o surrado bicho de pelúcia sentado no meio da roupa de cama felpuda, fora de lugar e de alguma forma estranhamente reconfortante.

Ela acabou com os braços em volta de seu pescoço, olhou para ele enquanto apertava a barriga contra sua ereção. – Sim, bem, o trabalho está pagando por tudo isso, então achei que merecia a extravagância.

– Que tipo de trabalho você faz?

– Nada de especial. – Ela chupou levemente a pele acima de sua clavícula.

– Então, você se veste de couro e corre de ex-namorados em seu tempo livre para apimentar as coisas. – disse ele.

– Qualquer coisa para mantê-lo interessante. E você?

– Você não me convidou aqui para falar de trabalho. – disse ele.

– Na verdade, eu não ia convidá-lo em absoluto.

– Então por que você convidou?

– Eu não sei. – ela murmurou contra o pescoço, os lábios quentes contra a sua já superaquecida pele – e, *oh sim*, eles iriam se divertir essa noite.

Ele girou a fechadura da porta para o modo Não Perturbe com a sua mente e continuou a beijá-la.

Ela estava tão encantada, que não percebeu que ele estava desabotoando sua jaqueta de couro com os dedos e abaixando o zíper de suas calças de couro com os seus pensamentos, puxando-os para baixo e arrancando sua blusa espartilho.

Ela teve pouco trabalho com a camiseta dele, a puxou com impaciência e mordiscou ao longo de seu ombro enquanto desabotoou o jeans. Ele não estava usando roupa de baixa, descobriu que na maioria dos casos não era necessário, e este era definitivamente um desses casos.

—Deus, isso é loucura. — ela murmurou. Seus mamilos estavam rosa escuro e já duros, implorando por seu toque, e ele sabia, apenas sabia que se alcançasse entre as pernas dela agora ela já estaria molhada e pronta para ele. Uma carícia longa e estaria a fodendo.

Ele se perguntou como seria realmente fazer amor, quando as coisas não estavam em tal febre de intensidade frenética graças à sua magia. Nas vezes em que ele não desacelerava, as mulheres com que ele estava teriam um ajuste completo, praticamente se forçando sobre ele.

Não, desacelerar não valia a pena, e pela aparência das coisas, esta noite com Faith não seria diferente. As pupilas delas já estavam um pouco dilatadas, os lábios mais cheios, o cheiro dela chamando por ele.

Sua cabeça estava ficando confusa, um efeito colateral de transformar outra pessoa tanto assim. Mas ele queria que ela o quisesse tanto, mesmo que ela não estivesse atraída por ele originalmente por causa de sua atração sexual.

Ele não percebera isso no bar, mas estava concentrado demais em seu passado para colocar qualquer outra coisa do lado de fora. E estava quase além da concentração agora e ela estava completamente nua, exceto pela gótica gargantilha preta que ela usava. Ele iria garantir que ela a mantivesse, pois a gargantilha era sexy como qualquer coisa.

Ele andou em torno de seu corpo, avaliando, assimilando tudo. Ela virou a cabeça para vê-lo circular. Ele parou em suas costas, esfregou-se contra ela, a calça jeans roçando as costas nuas de suas coxas, seu pênis roçando seu traseiro alto e apertado.

Ela o deixaria fodê-la assim, pensou ele, acariciando um nádega em cada mão, enquanto ela continuava a observá-lo por cima do ombro.

Ele notou uma cicatriz no ombro direito, seu cérebro desorientado pelo sexo não a registrou como algo importante enquanto ele passava a língua sobre ela, e para frente e para trás. Ela estremeceu a esta intimidade, como se a cicatriz fosse algo que ela tentava manter em segredo. Nada poderia ficar escondido dele por muito tempo, não quando seus hormônios estavam convocando os dela, pedindo-lhe para revelar tudo a ele. Ela estava impotente.

E quando ela se virou para ele e pegou seu pênis na mão, assim esteve ele.

— Você é um grande homem. — ela murmurou.

— Elogios levarão você a todos os lugares. E eu literalmente falo sério. — disse ele, deixando-a arrastá-lo para a cama mais confortável em que estivera em meses. Anos, talvez.

Ela teve pouco trabalho com seus jeans e ele podia vê-la avaliando seu corpo, olhando para as várias cicatrizes que enfeitavam seu peito e coxa — remanescentes mais de seus dias de SEAL, menos de trabalho na ACRO — mas não realmente as assimilando porque ela estava totalmente focada no sexo.

Ela se agachou, de quatro como uma pantera caçando, acima de seu pênis que se projetava e o aninhou com o rosto. Ele colocou as mãos atrás da cabeça, satisfeito em esperar e assistir pelo momento.

Ela subiu a língua pelo comprimento do seu eixo, parando para rodear a cabeça larga e então delicadamente sugar a gota de pré-sêmen antes de deslizar a língua ao longo de sua fenda e, Jesus Cristo, seus quadris contraíram-se com uma força própria.

— Você gosta disso, Wyatt?

— Yeah, baby. Eu gosto.

Outro belo sorriso antes de ela deslizá-lo em sua boca. As costas dele arquearam, os olhos se fecharam, e por alguns minutos misericordiosos sua mente ficou completamente em branco de qualquer coisa além do prazer incrível que ela estava lhe dando.

Ele queria fazer o mesmo por ela, curvou seu longo corpo de lado, a fim de pegar a coxa dela. Ela entendeu o que ele queria imediatamente, o deixou puxar seus quadris em direção a ele, mesmo enquanto sua boca formava um O em torno do cume exterior da cabeça de seu pênis. O cabelo escuro de seu sexo era bem cuidado em um triângulo arrumado, e ele dobrou seu pescoço para que pudesse colocar sua boca sobre ela. Ele soprou suavemente em seu centro e então deu uma longa lambida por suas dobras molhadas e quentes, absorvendo seu cheiro doce como uma marca que iria segui-lo por toda vida.

As coxas dela se apertaram involuntariamente e ele usou essa oportunidade para enterrar o rosto no dela, inalar aquele cheiro doce e

picante que ela estava exalando, e maldito seja, ele ia entrar e se estabelecer.

A língua dela se achatou contra a marca lisa por trás de suas bolas e ele ia gozar, bom o suficiente e forte o suficiente para afastar quaisquer pensamentos coerentes que poderiam surgir.

Faith possuía uma das bocas mais talentosas com que ele já se deparara, e sim, ele definitivamente poderia fazer isso por um longo, longo tempo.

Pelo menos até de manhã.

Suas bolas se apertaram enquanto ele flertava com o limite de seu orgasmo, tentando deter tanto quanto pôde, até que a Faith gozou junto à sua boca e gemeu em torno de seu eixo, e então tudo acabou para ele. Seu pênis pulsava, os limites de sua visão desfocados, do jeito que acontecia logo antes dele ficar telecinético. Mas este não era o momento para qualquer outro de seus dons especiais embarcar em sua festa. Não, ele queria saborear o modo como arrepios apertavam cada músculo de seu corpo a um nível quase doloroso enquanto gozava.

Ela agarrou seus quadris enquanto o esvaziava — ele fez o mesmo por ela, o rosto ainda enterrado em seu sexo. Mantendo sua língua no clitóris pulsante com a quantidade certa de pressão, ele a levou além do limite novamente.

Lentamente, ele deixou seu pênis deslizar da boca dela, subiu por seu corpo lambendo-a, parando para provocar cada mamilo novamente enquanto ela gemia. Os dedos dela acariciaram seu cabelo, as unhas abrindo caminho levemente ao longo de seu couro cabeludo.

Ele colocou seu joelho entre as coxas para abri-los, mas ela protestou, empurrando de volta contra ele.

Ela estava tentando virá-lo porque queria ficar por cima — mesmo que estivesse subjulgada por ele, seu traço dominante ainda estava lutando.

Ele não deixou acontecer, não tanto porque precisava ficar por cima, mas porque estava com vontade. E Wyatt sempre seguia com suas vontades.

Sua vontade também fez com que ele quisesse usar preservativo. Sim, ele usava se a mulher pedisse ou para conter a bagunça, mas ele não *precisava* usá-los. ACRO adquirira recentemente vacinas desenvolvidas para prevenir todas as doenças sexualmente transmissíveis – imunizações que nunca estariam disponíveis ao público, pela mesma razão que o tráfico de drogas nunca seria interrompido: Havia dinheiro demais para ser ganho pela miséria humana.

–Você está tomando a pílula? – perguntou ele, porque a ACRO ainda precisava roubar uma patente de uma droga anti gravidez para os homens.

–Mmm... sim... rápido...

Pressionando-a para baixo, ele segurou seus pulsos contra o lençol. Ele queria enterrar-se dentro dela, ver seu rosto, vê-la com aquela gargantilha legal. E foi exatamente isto o que ele fez, tomou-a forte e rápido, enquanto uma das pernas dela se enrolou na parte inferior de suas costas e começou a fodê-la contra o colchão. Não grosseiramente, mas ele não estava sendo gentil também.

Faith não teve problema com isto. Ela mantinha um pé firmemente sobre o colchão, usando-o como impulso para que ela pudesse balançar seus quadris para cima e encontrá-lo, investida a investida, e ela estava gemendo. Incontrolavelmente.

–Continue me fodendo, Wyatt.

E ele o fez, por um orgasmo múltiplo que a sacudiu, corpo e mente, até que ela estava incoerente e o próprio corpo dele exigiu libertação.

A beleza da coisa do sexo, quando ele estava na profunda agonia dela, era a sua própria habilidade de ter orgasmos múltiplos, algo que a maioria dos homens não podia. Foi como cair, fechando os olhos e confiando nas respostas de seu corpo. Uma luz branca explodiu sob as pálpebras; suas pernas se endireitaram enquanto ela se contraía em torno de seu pênis.

Seu corpo tremia e ele se deixou cair sobre os cotovelos, a testa pressionando a dela. Os braços dela surgiram em torno dele enquanto

um gemido de contentamento escapava de sua garganta e ele se aninhou contra o tecido de veludo da gargantilha.

— O seu peso é bom. — ela murmurou. — Não se mova.

— Eu não estava planejando fazer isso, mas meu corpo tem outras ideias. Muitas delas. — Ele estava duro novamente, e ele ainda estava dentro dela.

O homem encantador ainda estava duro.

Faith envolveu suas pernas em volta da cintura de Wyatt e sorriu para ele enquanto era observada com aqueles olhos fabulosos. Sua boca estava ligeiramente aberta, os lábios brilhando por beijá-la. Ele empurrou lentamente, cada deslizar de seu pênis raspando sobre carne já sensível após vários orgasmos. Não demoraria muito para ela escalar ao pico de novo — um pico que se forçaria com clareza viva através da névoa de felicidade em que ela parecia estar presa. Por uma fração de segundo ela se perguntou o que deu nela, e então Wyatt a beijaria, ou lamperia seu pescoço, ou investiria fundo, e ela cairia sob o seu feitiço mais uma vez.

Como se ela estava agora. — Quer dar uma mudada nas coisas? — ela perguntou, e ele levantou uma sobrancelha.

— O que você tem em mente?

Ela levantou o queixo em direção a Jacuzzi para quatro pessoas perto das janelas panorâmicas com vista para o escuro Atlântico. — Você gosta de se molhar?

— Oh, yeah.

Eles caminharam para a banheira de água quente, e ela entrou em primeiro, sibilando ao calor intenso enquanto mergulhava. Quando a água estava na altura da cintura, ela se ajoelhou em um dos bancos e disse para Wyatt ficar onde estava, em pé na borda da banheira. Ele a olhava com curiosidade aberta enquanto ela subia as mãos pelas pernas musculosas dele, por cima de cicatrizes perversas sobre as quais teria perguntado se pretendesse vê-lo novamente.

Suas coxas tremiam ao toque. Seu pênis, grosso e envolto em pele morena e suave, sobressaltou-se quando ela se inclinou para beijar seu quadril. Ela arrastou beijos para dentro, cada um fazendo a respiração de Wyatt ficar mais rápida.

— O que você quer que eu faça, Wyatt? — Ela lambeu a base de seu eixo para cima e para baixo como um bastão de doce e olhou para ele. Os olhos cintilavam com uma luz feroz, um truque da lua cheia brilhando através da janela. A fome primitiva em sua expressão não era um truque, no entanto, e quando ele falou, a fome escorria de sua voz profunda e gutural.

— Coloque sua boca em mim. Chupe o meu pau.

Sorrindo, ela trilhou sua língua para baixo, planejando sugá-lo, mas não como ele queria. O almíscar suave de sua excitação aumentou a dela própria, e sua boca enchia de água enquanto apertava os lábios contra o saco aveludado abaixo de sua ereção.

Um gemido baixo escapou dele, incentivando-a. Lentamente, ela chupou um testículo pesado em sua boca e o trabalhou suavemente com a língua. Ele enfiou os dedos de uma mão pelos cabelos dela e agarrou sua ereção com a outra, acariciando-se enquanto ela chupava suas bolas, dando a cada uma, uma atenção especial.

— Você é tão boa nisso. — disse ele, e ela quase riu, porque se ele soubesse que ela poderia fazer com seu dom, como poderia acariciá-lo do interior bem como do exterior, iria explodir sua mente.

Ela poderia fazê-lo gozar sem colocar um dedo sobre ele.

O que arruinaria sua diversão, porque ela queria todos os seus dedos sobre ele.

Gentilmente, ele a afastou e se juntou a ela na água, seu corpo grande enchendo a banheira e bloqueando sua visão de qualquer coisa além de seu peito largo. Ele circulou ao redor atrás dela e envolveu seus seios, usou seus polegares para agitar suas pontas molhados até ficarem duros, corados e maduros. A ereção escorregou entre suas pernas, e ela se abaixou na água para correr os dedos sobre a cabeça enquanto ele balançava os quadris.

—Você é tão linda. — ele murmurou em seu cabelo. —Alta. Você é um bom ajuste.

Envolvendo os braços em volta dela, ele se sentou, puxando-a para baixo para que as costas descansassem contra seu peito. Ele deslizou as mãos sobre os seios, por sua barriga, e entre as pernas.

Ela o deixou espalhar bem suas coxas, expondo seu sexo para a água quente. A língua dele traçou a concha de seu ouvido quando ele mergulhou um dedo entre suas dobras e começou a acariciar, lentamente, e para frente e para trás através de sua fenda. Os jatos de água massageavam suas pernas, cintura, pés. Wyatt poderia muito bem ter dez mãos.

Ondas de prazer rodaram para cima entre suas pernas, onde a ponta do seu dedo empurrou dentro dela. Ela não conseguia se lembrar da última vez que tratou o sexo como um luxo, uma indulgência relaxante, e depois do ritmo rápido e furioso do que fizera anteriormente, este era um deleite duplo.

De nenhuma maneira sua ânsia desacelerara, contudo, e ela queria o toque dele tanto como sempre. Em algum lugar no fundo da sua mente, ela sabia que deveriam ter usado preservativo, embora tomasse pílulas anticoncepcionais e mesmo que os médicos do TAG limpassem o corpo de todas as doenças depois de cada trabalho. Ela também sabia que não devia tê-lo trazido para o seu quarto. Não quando ela estava em uma missão.

Então, novamente, este homem lhe passava a impressão de ser um agente inimigo, não se deparava com qualquer coisa além de um funcionário da plataforma com alguma experiência militar.

Ele definitivamente tinha alguma experiência sexual, e a exercia como uma arma, utilizando-a para devastar sua força de vontade.

Cada toque do seu dedo dentro dela, cada círculo de seu polegar em torno do clitóris, deixava sua respiração ofegante e se contorcendo contra a mão dele.

—Por favor. — ela engasgou. —Por favor, me faça gozar.

Wyatt raspou os dentes sobre sua nuca e mudou de posição, abrindo mais as pernas dela, e surpresa sugou o ar de seus pulmões. Ele

a virou para um dos jatos da hidromassagem, jorrando água contra seu sexo.

— Oh, Deus. — Gemendo, ela jogou a cabeça para trás, no ombro duro de Wyatt.

— Você gosta disso. Você gosta da água lambendo sua buceta, fodendo você forte.

Ela não podia responder, mal conseguia respirar quando ele abriu sua carne inchada com os dedos, expondo-lhe ainda mais para o jato espumante. Ela puxou os pés para cima contra o próprio traseiro, firmando-os sobre os joelhos dele para que cada centímetro de sua pele sensível pudesse se beneficiar dos jatos borbulhantes.

Bolhas quentes dançavam sobre seu clitóris, acariciando e pulsando. Ela gemeu, e Wyatt fechou a boca sobre a dela, engolindo os sons de seu clímax que a invadia com tanta força que seus quadris saíram da água.

As paredes do seu sexo ainda estavam em convulsão quando Wyatt a ergueu e a colocou de joelhos em um banco de modo que ela estava inclinada sobre a borda da Jacuzzi. Ele a penetrou forte, deixando-a deliciosamente cheia. Ela empurrou de volta contra ele, tomando tudo o que ele podia dar.

— Oh, yeah. — ele disse, sua voz gutural, sem fôlego. — Fale comigo, baby.

Seu pênis bateu contra seu útero, fazendo-a chorar de prazer. — Quer uma conversa perversa?

— Perversa, não perversa — os dedos escavaram seus quadris enquanto ele bombeava — qualquer coisa. Eu quero ouvir sua voz.

— Perversa, então. — ela conseguiu falar entre as respirações ofegantes. — Porque eu amo o jeito que seu pau dentro de mim. É quase tão bom como quando você me lambeu ali.

Seu gemido vibrou através dela, adoçando a construção já estimada do prazer em seu núcleo.

– Você gostou de descer sobre mim. – continuou ela. – Gosta de empurrar sua língua profundamente, gosta de chupar meu clitóris. Deus, foi bom. Seu rosto enterrado na minha buceta, minha boca sugando seu pau e acariciando suas bolas, tão apertadas, tão cheias de gozo. Sabe qual é o seu gosto, amor?

– Não. – ele respondeu asperamente. – Ninguém jamais, ah, droga... – Ele parou de empurrar, agarrou-a com tenacidade e ofegante, seu controle quase se quebrando. Depois de um momento, ele balançou dentro dela novamente, lento e tranquilamente. – Ninguém nunca me disse.

– Você tem um gosto salgado e inebriante, como oceano e cerveja. Eu poderia chupar você a noite toda.

– Porra. – Seus impulsos ficaram mais rápidos, e ela o sentiu inchar dentro de si, sabia que ele estava perto. Também estava ela.

– Sim, porra. Me foda, Wyatt. Mais forte.

O som de água espirrando contra as bordas da banheira, misturada com a batida molhada das bolas dele contra seu sexo, e depois o rugido de liberação se uniu. Sua semente pulsava dentro dela, quente, sedosa, e rajadas de prazer percorriam-na quando seu próprio orgasmo a sacudiu em pedaços.

Por um minuto, eles permaneceram onde estavam. Quando suas respiração e pulsação desaceleraram, Wyatt passou os braços em volta dela e a arrastou de volta na água, onde ele acariciou seus braços e costas com movimentos preguiçosos e longos.

Eles se beijaram, joguinhos despreocupados que levaram a mais uma rodada de sexo, no chuveiro e mais uma vez na cama, e depois do que deve ter sido o décimo orgasmo dela, ele a apertou contra o colchão e descansou sua testa contra a dela, sorrindo tristemente.

– Eu tenho que ir.

– Eu sei.

Não havia mais nada a dizer. Eles eram estranhos, mesmo se o que acontecera entre eles parecesse mais do que sexo estranho sem

significado. Pelo menos, parecia mais para ela. Ele poderia fazer isso o tempo todo.

Ela fez o que precisava quando estava em uma missão, mas em sua vida pessoal, ela preferia realmente conhecer um homem antes que tivesse relações sexuais com ele. Fazer algo assim não era como ela.

O que realmente incomodava era que ela não poderia sequer culpar o álcool por seu comportamento. Talvez seus nervos sobre ver Sean amanhã a afetaram. Ela havia sido ferida de perto recentemente, sabendo que um pesadelo estava prestes a começar. Uma última tentativa antes de lançar-se na cova do leão era, provavelmente, apenas a coisa para aliviar a tensão

E Wyatt fez isso, de forma brilhante. Ela nunca estivera tão relaxada.

Ela vestiu roupão do hotel e segurava o Sr. Wiggums enquanto Wyatt se vestiu. O esfarrapado coelho estofado estava sempre com ela, era tudo o que restava da irmã gêmea que ela vira pela última vez quando tinha cinco anos e cujo status não era conhecido, até uma semana atrás. Agora Liberty poderia muito bem morrer antes que elas pudessem se reunir, se Faith falhasse nesta última missão.

Ela não podia — não iria — falhar. As imagens de uma Liberty muito jovem, em lágrimas e entregando seu brinquedo favorito a Faith enquanto estava sendo levada por “pessoas que poderiam ajudá-la” estavam gravadas em seu cérebro. Se apenas Liberty tivesse escondido seu dom biocinético melhor — um dom idêntico ao de Faith, mas que se desenvolveu muito antes — talvez elas ainda estivessem juntas. Então novamente, talvez Liberty tivesse morrido na tempestade que matou seus pais e Faith mal escapara.

Deixando de lado os seus pensamentos e o Sr. Wiggums, ela observou Wyatt se aproximar, os olhos brilhando.

— Eu pediria o seu número de telefone — disse ele, envolvendo seu rosto — mas eu duvido que você sequer se lembre disso se eu ligasse.

Ela golpeou a mão dele para longe. — Você acha que eu sou uma vagabunda que não se lembraria do cara que está me ligando? — E por que diabos ela estava ficando brava, quando sabia muitíssimo bem que

eles não podiam se ver outra vez? Eles eram de países diferentes, mundos diferentes.

— Não é isso. Eu apenas não sou digno de lembrança. — Ele abaixou a boca para a dela e a beijou tão completamente que pelo tempo que terminou, ela estava agarrada à sua camisa como se desesperada para impedi-lo de partir. — Até mais, Faith Black.

Ele girou para fora do quarto, deixando-a em pé com as pernas bambas. Não era digno de lembrança? Ele era maluco? Porque ela sabia, sem dúvida, que Wyatt Sem Sobrenome seria o amante com o qual ela para sempre compararia todos os outros...

Capítulo 4

Devlin O'Malley abriu os olhos e piscou e piscou de novo e de novo e então ele sorriu porque, *que-legal-porra*, havia luz. Luz real, não filtrada através da sua segunda visão, e seu corpo relaxou sobre a cama em dos quartos de hóspedes no complexo da ACRO, onde ficara durante os últimos quatro meses, porque a sua cegueira foi oficialmente deixada para trás.

Dez anos no escuro se foram em um instante na última primavera, da mesma forma que a luz foi-lhe tirada todos aqueles anos atrás, quando estivera pilotando aquele C-130. Sim, o peso pesado – e o karma ruim que vieram junto com ele – finalmente se foram.

Hoje, ele iria para casa, para sua própria casa, e retornar ao seu papel como líder da ACRO. Retomando o leme, um trabalho que seu amante e melhor amigo vinha administrando para ele – um trabalho que Oz odiava fazer, o que fazia Dev apreciá-lo ainda mais.

Era hora de retomar sua vida, encontrar uma maneira de lidar com o homem chamado Alek – que era não somente seu pai biológico, mas o cérebro por trás da Itor Corp, a agência rival da ACRO – de uma vez por todas. A que quase tomara a agência que os pais de Dev construíram a partir do zero – e quase levando a alma Dev com ela.

Mas primeiro, era hora de parar um furacão feito pelo homem de aniquilar uma grande cidade dos EUA, e depois disso, possivelmente, todo o mundo livre.

– Devlin, está quase na hora. – Sam, a mais respeitada psíquica da Acro, aquele que estivera com a agência desde a sua criação, estava parada na porta, e automaticamente, por uma fração de segundo, ele pensou em usar a sua controlada visão remota para vê-la – um hábito

que era difícil de deixar, uma vez que os seus dons psíquicos estavam tão fortes quanto eram antes de conseguir a sua visão de volta.

Sam conhecera seus pais, trabalhara muito com eles para garantir o sucesso da agência. Ela o fez novamente quando tomou conta dele nos últimos meses, ajudando a proteger sua mente de Alek, de modo que o chefe da agência inimiga não podia aprender mais dos segredos da Acro.

Como o fato de que um dos agentes da ACRO, Ryan Malmstrom, havia se infiltrado na Itor. E que não dava notícia desde que Alek anunciou em maio passado que sabia sobre o espião, algo que consumiu Dev como o ácido. Ele tentou usar sua visão remota para obter uma imagem de Ryan, mas depois de uma impressão clara e preocupante do operativo amarrado a uma mesa de médico, ele apenas foi capaz de conjurar imagens indistintas e distorcidas que ficavam mais escuras e distantes com cada tentativa.

— Estou levantando. — ele disse a ela, levantando-se para olhar para fora da grande janela com vista para os hectares de terra onde os cavalos da Divisão Animais vagavam livremente, e se perguntou se poderia montar em um dos pequenos Cessnas esta tarde, uma rotação através da imensidão azul...

— Você tem trabalho demais a fazer para ficar pensar sobre voar hoje. — Sam brincou.

— Nunca há trabalho demais para parar de voar. — disse ele, e o pensamento de ser capaz de entrar na cabine como mais do que apenas um passageiro aquecia seu corpo com excitação.

— Você ainda precisa manter sua mente protegida, tanto quanto possível. — Sam lhe disse. — Você sabe que eu acredito no poder da mente sobre o poder das drogas.

Ainda assim, ela lhe entregou o frasco de comprimidos especialmente desenvolvidos por uma equipe de cientistas da Acro para total e completamente bloquear a mente de Dev de ser lida ou arrombada. Uma maneira de controlar os temidos estupros mentais que os agentes-I não tinham escrúpulos em utilizar por capricho, deixando suas vítimas quase paralisadas de dor e com as memórias violadas.

— Você está pronto, Devlin.

– Eu sei, Sam, eu sei. Mas você vai sentir falta de ganhar o nosso jogo de pôquer à noite. – ele brincou. Desde que ele esteve aqui, não fora autorizado a chegar perto de relatórios de operações ou outros agentes, salvo um punhado de psíquicos. Na verdade, ele não fizera este tanto de nada desde nunca – mas o retorno de sua visão suavizou muitas das arestas ásperas.

– Oz salvou sua vida se livrando do espírito que assombrou você,
– Sam continuou. – Nós devemos a ele.

– Mas eu tenho certeza que o restante da agência está tornando as coisas difíceis para ele. – Dev conhecia Oz, seu amante de longa data e que ia e voltava, e o amor da vida de Dev, ele era forte o suficiente para aguentar, lidar com o papel de líder no lugar de Dev. Mas Oz estivera há tanto tempo de qualquer tipo de ambiente de trabalho em equipe, Dev sabia que ele devia estar se contorcendo.

– Ele vai ficar?

– Oz vai ficar, Sam. – Por quatro longos meses, suas lembranças eram a única maneira que tinha de se comunicar com Oz. Memórias cheias de impulsos sexuais inquietos e inerentemente fortes que o confortava – porque isso significava que Oz estava pensando nele, sonhando com ele. Compartilhando a memória. – Eu não sei se ele vai continuar a trabalhar na ACRO, mas ele vai ficar.

Dev não ia cometer esse erro novamente, não ia deixar Oz fugir à noite.

Quando o fantasma, o espírito torturado de um agente ex-Itor assassinado chamado Dario, começou a assombrar Dev anos atrás e depois voltou para mais na primavera passada, ele não tinha certeza que possuía a força para lidar com isso. Nas duas vezes, Oz foi quem o ajudou – e agora essa questão estava literalmente morta e enterrada.

E Dev precisava voltar e lidar com a questão mais urgente, a que estivera pesando em sua mente fortemente – a máquina do clima que ainda estava nas mãos de Itor. Embora, se seus cálculos estivessem corretos, Wyatt estaria pronto para derrubá-la.

Ainda assim, ele nunca esperava que as coisas acontecessem tão facilmente, e tinha um forte sentimento de medo de que desta vez estava certo.

– Haley, nós temos todos os modelos de previsão que você pediu.
– Jeremy Bondy, hidrometeorologista da ACRO, estava na porta do escritório de Haley Begnaud. Energia nervosa o fazia saltar na ponta dos pés, o cabelo desgrenhado vermelho caindo nos olhos.

– Obrigada. – disse Haley. – Ótimo trabalho. – Melhor do que ótimo, considerando que apenas uma hora atrás ela invadiu a estação de trabalho do laboratório de clima e gritou uma lista de exigências que havia terminado com – *Preciso para ontem. Mexam-se!*

– Seu marido e o Sr. O'Malley estão aqui.

– Isso foi rápido. – Ela pegou seu laptop e vários gráficos e correu através da estação meteorológica, onde vários meteorologistas trabalhavam no equipamento de ponto que ela trouxera desde que assumiu como chefe da estação há um ano.

– Você vai nos deixar saber que está acontecendo? – Melissa Abel, sua climatologista, perguntou quando Haley passou como uma brisa.

– Assim que eu puder.

O que provavelmente significava que ela estaria contando a todos sobre a máquina do clima no momento em que a reunião terminasse. Ela estudou os padrões climáticos durante meses, tentando determinar quantas máquinas podiam existir, o tempo todo esperando que as transmissões de Wyatt ajudassem. Ela sabia que ele fora enviado apenas em uma missão de reconhecimento – até semana passada, quando ela finalmente concluiu que a máquina localizada na instalação petrolífera Atlantic era provavelmente a única em operação. Agora, a missão dele era destruir.

Mas ele pode ter sido enviado tarde demais.

Ela entrou na sala de instruções, onde Remy e Dev esperavam à mesa oval para doze pessoas. Ela mal olhou para Dev; ela não o via em meses e corriam rumores de que ele recuperou a visão, e ela não quis encarar. Remy, contudo... ele, ela encarou bastante. Depois de quase um ano de casamento, ela ainda babava por seu marido de cabelos escuros e olhos azuis quando ele usava seus BDUs negros.

Bem, ela babava, não importava o que ele usasse – ou não usasse. Mas os BDUs lhe davam uma presença ainda mais imponente, o

que colocava fogo em sua libido — isto era loucura, considerando que, quando o conheceu, odiava homens militares. Agora, ela às vezes pedia a ele para vestir seu uniforme em casa. Talvez hoje à noite...

— Eu acho que isso significa que você quebrou o código. — Dev se recostou na cadeira e cruzou as mãos sobre seu abdômen.

Estalando de sua luxúria, ela puxou um mapa do Atlântico de seu rolo na parede. — Não foi tão difícil. Seus criptógrafos estavam pensando como agentes secretos, e não meteorologistas. Era um código sinóptico modificado. Como Wyatt o conseguiu, de qualquer maneira?

Haley era uma das poucas pessoas que sabiam que Wyatt estava vivo e bem, e embora não tivesse ideia de por que a farsa era tão crítica, ela de fato sabia que ele de alguma forma transmitira um código com que se deparara um par de semanas atrás, enquanto estava sobre a plataforma de petróleo.

— Eu não sei como ele conseguiu. O que significa?

Haley espalhou os quadros que trouxe com ela — previsões de furacão, modelos de previsão e dados climáticos. — Remy, lembra quando você me perguntou por que nós tivemos uma temporada de furacões tão quieta?

Ele balançou a cabeça. — A Itor poderia ter nos socado. Por que eles não o fizeram?

— Eu não podia responder a isso até hoje. Veja, eu estive observando cada pequeno distúrbio que apareceu no Pacífico, no Atlântico e no Golfo do México. Alguns dos desenvolvimentos de tempestades apresentam assinaturas de máquinas do clima, fáceis de detectar agora que eu sei o que estou procurando. Essas tempestades eram bizarras no seu comportamento, quase como se a Itor estivesse brincando. A conclusão a que cheguei é que a máquina deles tem limitações. Por exemplo, ele pode dirigir uma tempestade ou fortalecer uma, mas fazer ambas força as capacidades da máquina. O furacão Katrina é um exemplo disso.

Dev franziu a testa. — Katrina foi uma tempestade Itor?

— Com certeza. E tenho certeza que Nova Orleans era o alvo. A coisa é, ela devia ter enfraquecido mais do que enfraqueceu. Acho que a

Itor tentou manter a intensidade, e isso causou um problema com direção. A tempestade deslizou para leste em vez de atingir Nova Orleans com força total. A ironia é que o erro da Itor na verdade causou mais danos global do que um ataque direto teria feito. Da maneira como aconteceu, a cidade ainda teve enormes prejuízos por causa das falhas dos diques, e tudo para o leste foi devastado de uma forma que poderia não ter acontecido se a Itor não tivesse entrado no caminho deles.

— Bastardos. — Remy rosnou. Louisiana era seu estado natal, e as baías pantanosas, as comidas e as pessoas ocupavam um lugar especial no coração dele. Após o tempo que ela passou com ele lá, o estado estava em seu coração também.

— Então, o que tudo isso quer dizer? — Dev se inclinou para frente e, finalmente, Haley permitiu-se encontrar seu olhar penetrante.

Ela mal podia conter um suspiro surpreso. O homem sempre foi marcante, mas havia uma nova centelha sobre ele, um brilho em seus perceptivos olhos castanhos. Ela queria lhe dizer o quanto bem ele parecia após seu ano sabático, mas seu relacionamento com ele sempre foi extremamente profissional, muito mais do que ele requeria.

Ela limpou a garganta. — Basicamente, eu acredito que para que a máquina da Itor alcance a máxima eficácia, os seus operadores têm que esperar pelos ambientes atmosféricos e oceânicos perfeitos. Era disso que o código sinótico tratava. Normalmente, códigos sinóticos comunicam condições meteorológicas existentes, mas este código era mais um plano de condições ótimas. E, infelizmente para nós, as condições ideais para um ataque estão tomando forma. — Ela se moveu para o mapa que desenrolou. — Agora mesmo há um furacão mínimo no Atlântico, movendo-se em direção à Flórida.

— Então você acha que eles vão atacar, o que, Miami?

— Não. Eu acredito que o plano é nos fazer *pensar* que vão atingir a Flórida. — Dev tamborilava os dedos sobre a mesa como se irritado, assim ela se apressou. — Furacões de final de temporada frequentemente atingem a Costa Leste. As tempestades podem se mover rapidamente. Assustadoramente rápido. Se todas as condições caírem no perfeito alinhamento sugerido pelo código da Itor, a Itor vai mirar um furacão na Flórida, e enquanto todo mundo está ajudando ao sul e os recursos são desviados, no último minuto a Itor vai deslizar a tempestade até a costa

leste. Eles vão fortalecê-la aqui – ela apontou para um ponto no mapa – e aqui e aqui.

Ela respirou fundo. – Essa otária vai passar tão rapidamente que ninguém vai ter tempo para sair do caminho. Estamos falando de uma questão de horas.

– Jesus. – Dev murmurou.

– Para onde eles estão indo para trazê-la para dentro? – Remy perguntou, mas sua expressão apertada lhe dizia que ele já sabia a resposta.

– Nova York.

Dev a prendeu com um olhar duro. – Isso é possível? Que um furacão possa atingir Nova York?

– Tempestades poderosas são raras, mas acontecem. E Nova York está devendo. A última, severa, os atingiu em 1938, uma categoria três, que matou seiscientos e mudou a paisagem ao redor de Long Island. O impacto geológico ainda está sendo sentido até hoje. Em 1893, um furacão mínimo limpou uma ilha inteira do mapa. – Ela apontou para Manhattan. – A área está muito mais construída e preenchida agora. Imagine o que aconteceria se a Itor trouxesse uma categoria cinco, ou até mesmo o que poderia ascender a um furacão de categoria seis. Vai inundar a cidade, o metrô. O vento vai canalizar e se fortalecer entre os arranha-céus. Dezenas de milhares morrerão. Talvez mais. Vai demorar anos para se recuperarem. Esta seria a ocorrência mais devastadora na história moderna da América do Norte. Wyatt precisa destruir a máquina. Rapidamente. Se ele não o fizer antes que o furacão atravesse este ponto – ela fixou uma taxinha em um local no mapa – não importará se a máquina foi destruída ou não. Precisamos colocar um plano B em movimento.

Dev, com rosto pálido e parecendo um pouco abalado, voltou-se para Remy. – Eu não sei o quão fácil vai ser entrar em contato com Wyatt. Parece que você é o nosso plano B.

– Eu não posso afetar clima criado pelo homem. Enquanto a máquina estiver controlando o furacão, eu sou inútil. Nós descobrimos isto da maneira mais difícil.

As entranhas de Haley se apertaram com a lembrança de como a Itor usou o pequeno protótipo de máquina do clima contra Remy – um ato que quase custou a vidas de ambos.

– Verdade – Haley disse, – mas a Itor usará condições naturais existentes para maximizar os efeitos do furacão, e a coisa é, essas mesmas condições podem ser as inimigas da Itor. Eu sei que você não fez nada tão grande assim, mas nossa única esperança é você dirigir mais rapidamente uma frente vinda do oeste. A Itor não será capaz de manter a força da tempestade se tiver que empurrar para frente, o que significa que, se eles conseguirem um ataque direto, a tempestade vai ser enfraquecida. O problema é que, mesmo que Wyatt destrua a máquina após o ponto que eu mostrei, a tempestade vai se tornar autossustentável e ainda assim será uma ameaça para a costa leste. Nesse caso, você terá que deslocar o próprio furacão para o mar.

– Isso é uma merda grande, Haley. – Remy se sentou a frente na cadeira e firmou seus braços sobre os joelhos, seu olhar intenso, masculino, modificou-se para a severidade do modo missão que sempre fazia seu coração tropeçar com apreciação. Sim, ele definitivamente iria usar este BDUs em casa esta noite. – Eu vou precisar de você comigo.

– Eu sei.

– Não é uma opção. – disse Dev. – Eu preciso de Haley aqui na estação meteorológica.

– Eu não posso fazer isso sem ela. – disse Remy. – Você sabe disso.

Dev arrastou as mãos pelo cabelo, deixando tufo selvagens atrás. – Eu sei disso, mas só desta vez.

– Nenhuma mulher além da Haley. – O tom feroz na voz de Remy pôs fim a qualquer discussão adicional – uma discussão que Haley não se surpreendera de ser colocada sobre a mesa. Dev faria qualquer coisa para ter certeza de que uma missão tão importante como esta chegasse a uma conclusão bem-sucedida, e se isso significava Remy ser chupado por uma de suas Sedutoras enquanto Haley comandava a estação meteorológica, então era um sacrifício Dev estava disposto a fazer.

Não era, porém, um sacrifício que Remy ou Haley fariam.

Dev virou seu olhar sobre ela, e ela não se abalou. Todos na camada superior da ACRO sabiam sobre os vínculos sexuais de Remy com o clima, e um punhado estava ciente do papel dela na coisa do clima-sexo, mas ela superara o constrangimento.

– Então você vai ficar em contato com o seu laboratório de clima?

– Vou levar todo o meu equipamento portátil, e eu vou ficar em constante contato com você e com eles.

– Quanto tempo nós temos?

– Remy e eu vamos estar no lugar em dois dias. Se Wyatt e Remy não puderam cuidar desta coisa, então em um dia, três cartógrafos podem começar a reescrever o mapa dos EUA.

Capítulo 5

— Wyatt, grande salvamento na broca quatro — nós a perderíamos, com certeza, se você não tivesse sido rápido com seus pés. — Don, o gerente de plataforma, lhe deu um tapa nas costas e Wyatt não conseguiu nem mesmo se obrigar a sorrir para o cara. Em vez disso, ele concordou e seguiu seu caminho até a plataforma mais baixa, onde inspirou respirações trêmulas e tentou se livrar do elogio.

Ele quase podia ouvir a voz de seu pai o repreendendo, zombando dele. Os punhos Wyatt se cerraram a memória e a afastou do jeito que fazia com todas as suas merdas, porque ele não estava de volta à plataforma de sua família se sentido como um pária. Isto era um trabalho e ele não podia se dar ao luxo do desgaste mental.

Você não é o mesmo.

Não era a mesma criança assustada de quanto tinha doze, treze e quatorze, não o mesmo juvenzinho que reprimia seus dons com tanta força que o machucavam fisicamente, por vezes tanto que ele precisou se enrolar em uma bola apertada até que a dor diminuísse. Para aliviá-la, ele se permitia usar sua telecinese na privacidade do seu quarto.

Sim, estar de volta em uma plataforma o enchia de memórias, nenhuma delas particularmente boa, algumas delas indiferentes e algumas que eram francamente assustadoras. A desconfiança nos olhos de seu pai e de seu irmão tendia a pesar muito em sua mente, a perseguia com cada perfuração que ele fazia para este trabalho específico, mesmo que estivesse um milhão de milhas de distância de sua família.

Uma plataforma não era lugar para desconfiança. Nem era no exército... e ele abandonou seus homens e seu país depois de ter sido acusado de assassinato.

Mais de vinte anos separavam Wyatt e seus dois meio-irmãos. Um irmão, Tim, foi morto na semana em que Wyatt nasceu – trazendo Wyatt sobre a terra durante um grande caos familiar.

O outro irmão, Mason, perdeu um braço e uma perna em um acidente na perfuração uma semana mais tarde – mas continuou a viver nas plataformas e a ajudar seu pai a comandar as operações tanto no Texas quanto no Oceano Índico. E assim, o nascimento de Wyatt sempre esteve ligado aos dois trágicos acontecimentos, pelo menos aos olhos de seu pai.

E assim, desde muito novo, Wyatt sentia culpa por algo que não fez... e por aquelas coisas em que não fez nada além de correr.

A mãe de Wyatt morreu logo depois de Wyatt se alistar. Quatro anos mais tarde, Mason foi encontrado morto, seu pescoço quebrado em um misterioso acidente em que a polícia culpava Wyatt, uma vez que ele estava no serviço militar na época e era mais do que capaz de estalar o pescoço de um homem... e havia também o vídeo da câmera de segurança em que Wyatt entrava furtivamente na plataforma. Então, misteriosamente, o vídeo foi cortado. Outra coisa que Wyatt teria sido capaz de realizar.

Ele não esperou para resolver qualquer coisa – a resposta lutar-ou-fugir se ativou e a ACRO o ajudou a salvar seu traseiro. Mas ele ainda não sabia ao certo se era ou não culpado.

Sua mão enrolava em torno do corrimão do convés e ele se deslocava de pé para pé, odiando essa incerteza em particular com uma paixão.

Atualmente, ele ainda estava trabalhando para seu país, da única maneira que podia. A melhor – e a única – maneira que sabia. Ele era leal, fiel, e a porra de um agente melhor do que ótimo.

Mas não, ele não era o mesmo.

O piloto do helicóptero disse que a plataforma de petróleo estava à frente e à esquerda, mas de seu assento atrás do co-piloto, Faith não conseguiu ver uma maldita coisa que não fosse o infinito oceano e enormes nuvens de tempestade.

Dane-se. Ela se recostou em seu banco no helicóptero para transporte de passageiros Chelbi usado para transportar as equipes da plataforma de e para o trabalho. Ela nunca estivera em uma instalação em alto mar, e estaria ansiosa pela experiência se não fosse a razão para qual ia estar lá.

Liberty.

A ligação acontecera na semana passada, deixara Faith sem ação, tremendo e incapaz de pensar claramente durante meia hora.

Nós estamos com sua irmã. Ela vai morrer se você não cooperar.

Na hora, Faith não sabia se sua Liberty sequer estava viva ou não. Seus pais mandaram Liberty para um hospital psiquiátrico, e três anos depois, a Grande Tempestade de Outubro de 1987 atingiu o sul da Inglaterra, matando a mãe e o pai delas. Traumatizada, poderes nascentes ficando selvagens, Faith fora levada por agentes do governo britânico, eventualmente terminando na escola para crianças especiais, onde ela conheceu Sean. Na época em que teve idade suficiente para procurar sua irmã, o rastro havia esfriado, e a instituição mental para qual sua irmã fora não tinha qualquer informação além de esboços de registros médicos. Havia rumores, mas nada substancial.

Faith não desistira, mas atingiu um beco sem saída alguns anos atrás.

Até a ligação, e o vídeo que a acompanhava.

A mulher amarrada à uma cadeira, um olho escurecido e sangue escorrendo de seu nariz, era a cara de Faith. O cabelo preto de Liberty estava mais curto, na altura do queixo, e liso ao invés de longo e ondulado como o de Faith, mas não havia dúvida quanto à identidade da mulher que balançava em sua cadeira, um rifle Kalashnikov apontado para sua cabeça.

– Ajude-me, Faith. – Liberty disse com um melodioso sotaque irlandês. – Eu estou com medo. Esta antiga pensão está...

O homem atingiu Liberty com a coronha da arma antes que ela pudesse soltar mais pistas. Liberty caiu com a cadeira, e Faith gritou obscenidades e ameaças até que o homem que bateu em Liberty aproximou-se da câmera.

– Se você quer que ela viva, você vai ouvir.

O sotaque do homem, também irlandês, estava abafado pela máscara de malha que ele usava, mas Faith compreendida. – O que você quer? – ela soltou.

– Itor desenvolveu uma poderosa arma. Uma máquina do clima. Nós queremos isso.

– Eu não sei quem é Itor.

O homem se virou e, embora Faith não pudesse vê-lo, sua ação e o grunhido resultante lhe disse que ele havia chutado Liberty.

– Seu bastardo!

– Não force a barra, Srta. Black. Você entrará em contato com Sean Stowe, o homem responsável pelo dispositivo do clima. Sabemos que você tem um relacionamento com ele. Diga a ele que você o ama. Diga a ele que você quer se juntar a Itor. Nós não nos importamos. Apenas consiga a placa-mãe da máquina.

Naquele dia, os captores de Liberty enviaram um telefone descartável e feito por encomenda, uma caixa de transporte à prova d'água para a placa-mãe, juntamente com mais instruções. Uma vez que a placa-mãe estivesse em sua posse, ela entraria em contato com eles. Ela tinha duas semanas. Depois disso, Liberty começaria a perder partes do corpo.

Bastardos. Faith colocou sua agência no caso, deu-lhes o vídeo, mas ela não esperava muito. Qualquer um que pudesse rastreá-la, que poderia ter encontrado Liberty e a usado contra Faith, não ia cometer erros.

E como eles souberam sobre Faith e Sean em primeiro lugar? Onde teriam encontrado Liberty? Onde Liberty teria vivido todos estes anos? Ela precisava de respostas, e precisava delas agora. Infelizmente, os captores de Liberty não eram muito acessíveis.

— Estamos pousando. — disse o piloto, e grata por arrancar sua mente das imagens em sua cabeça, Faith olhou para fora da janela.

Por um momento, o ar e a água pareciam se mover, tremeluzir. De repente, uma plataforma monstro em alto apareceu do nada, e como diabos Itor fazia isto? Com que tipo de homens Sean estava trabalhando?

Seu estômago se agitou, porque ela descobriria em um minuto.

Uma vez que desembarcaram, um homem de macacão laranja salpicado de preto ajudou Faith a sair do helicóptero. Ela podia sentir olhos a observando. Muitos olhos. Mas, então, qualquer mulher com um vestido de couro preto sem mangas sobre uma plataforma de petróleo composta por homens tinha que esperar olhares e assobios lupinos.

— Srta. Black, eu sou Don Goss. Vou levá-lo ao Sr. Stowe, se você puder me acompanhar.

Ela balançou a cabeça rapidamente para o homem que estava à sua frente no heliporto, protegendo-a dos ventos úmidos que se forçavam à frente da zangada nuvem de tempestade que se aproximava. Uma sensação de desconforto estremeceu através de Faith, mas ela não podia ter certeza se o novo caso de nervos vinha da tempestade ou do encontro iminente com Sean. Ela se perguntava se ele estava observando. Ele não estaria em campo aberto — era dramático demais para isto — mas ele poderia ter monitores de segurança, e ele estava, sem dúvida, satisfeito com a visão de seus homens babando sobre o que ele tivera. E teria de novo.

Ignorando as emoções conflitantes que este pensamento agitara, ela seguiu Don através do labirinto de metal.

Subiram vários lances de escada, e ela agradeceu mentalmente aos especialistas de pesquisa da TAG por aconselhá-la a usar botas em vez de saltos altos, ou ela teria se matado nas placas de metal ralado.

Ela tomou nota das câmeras, a colocação dos homens e do fato de que muitos carregavam pistolas. O que os legítimos trabalhadores da plataforma de petróleo pensavam disso, ela não tinha ideia.

Na porta pra um corredor interno, dois homens exigiram identificação, o que ela lhes deu na forma de seu passaporte e carteira de motorista britânica, e eles fizeram sinal para que ela entrasse. Sozinha.

Ela entrou no corredor e, imediatamente, um homem vestido de jeans e uma jaqueta casual se juntou a ela.

— Eu sou Giulio. — disse ele, seu sotaque italiano trazendo de volta lembranças da última vez que ela esteve na Itália, há seis meses, para uma missão. — Por aqui, por favor.

Ladeada por seu novo acompanhante, ela memorizou o caminho que levava a uma porta guardada por dois homens segurando fuzis AK-47. Um deles se moveu para frente.

— Srta. Black, eu preciso que você levante os braços e fique com os pés separados.

— Claro. — Ela fez como lhe foi dito, e o homem passou as mãos pelo seu corpo, terminando em sua virilha. Não havia nada sexual ou pessoal sobre isso; o homem apenas poderia facilmente estar revistando um cadáver.

Ele terminou, estendeu a mão para a alavanca da porta, mas parou, colocando a mão sobre o receptor auricular. Depois de um momento, ele se virou para ela. — O Sr. Stowe está atendendo a uma ligação urgente. Ele sugere que você dê uma olhada ao redor da plataforma, e ele se unirá a você em breve.

Faith sorriu. — Perfeito. Eu adoraria explorar.

Explorar e mapear a plataforma de uma maneira que os esquemas que ela estudara não podiam. O alívio de não ter que ver Sean por alguns minutos não era ruim também.

Wyatt não gostava de Sean Stowe. Não gostava, não confiava – e com certeza, Wyatt poderia dizer isto sobre a maioria das pessoas, mas esse tal de Sean fazia Wyatt levar seus problemas de desconfiança a um novo nível. ACRO determinou que Sean Stowe era um agente Itor de alto escalão, mas seus talentos exatos permaneciam um mistério.

Não importava. A máquina do clima seria destruída *hoje*. Sem exceções. A rota de fuga de Wyatt estava toda planejada, equipamento de mergulho pronto, e embora ele não tivesse sido contatado pela ACRO sobre o código que transmitira – um código que poderia indicar planos imediatos da Itor para a máquina do clima – seus instintos lhe diziam que esperar muito mais não era uma boa ideia.

Ele dobrou a esquina da plataforma de mergulho e parou.

Faith Black estava de pé sobre a plataforma – não o lugar mais seguro para se estar, dado que a tempestade que se aproximava agitara as séries de ondas oceânicas de superfície a poucos metros abaixo, mas ele já sabia que a mulher era qualquer coisa, menos segura.

Ele não parara de pensar nela desde que lhe deu o beijo de boa noite. Pensou sobre ela todo o caminho de volta para a porcaria de quarto de motel, sonhou com ela, se masturbou pensando nela no chuveiro e encontrou-se duro novamente quase que imediatamente.

Então ele pensou em passar pelo quarto de hotel dela esta manhã, mas em vez disso tomou o primeiro voo para a plataforma para checar as coisas. Pensou sobre Faith um pouco mais. Desejou que houvesse alguma forma de fazê-la se lembrar do sexo que tiveram.

– Hey. – ele chamou. – Você está muito perto da borda.

Ela virou uma bota de salto alto para encará-lo. Mama quente em todo o couro, e *merda*, sua respiração se apertou diretamente para fora de seus pulmões.

Pelo menos Faith tinha a boca parcialmente entreaberta também, mas ela se recompôs de forma rápida. Mais do que ele. Ele estava feliz em saber que ela não se lembrava de nada além do tempo que passaram no bar, e um pouco triste também. Nenhuma delas nunca se lembrava. Tudo parte do dom e da maldição da parte sexual de seu talento.

– Ainda correndo de seu ex? – ele perguntou, e ela sorriu, aquele sorriso matador que usara nele na noite passada.

– Não exatamente. Isso faz parte do meu trabalho.

– Você não se parece como alguém da equipe da plataforma.

– Você também não, mas você é. – ela respondeu enquanto se afastava da margem e se aproximava dele. – Quanto a mim, eu sou uma auditora da empresa proprietária da plataforma. Aqui para checar os livros.

– Eu não conheço muitos contadores que usam couro.

– Estou feliz de ser a primeira.

– Espero estar por perto na próxima vez que você precisar ficar longe de seu ex. Embora eu com certeza não queria você tivesse partido com tanta pressa.

– Foi você que deixou a minha cama – e eu não me lembro de nada apressado na noite passada.

– Você se lembra?

Ela mordeu o lábio inferior e ele teve dificuldade em não tomá-la, aqui e agora, contra os canos. – Claro que me lembro.

Algo estava errado. *Realmente errado, porra.*

– Você está tentando ser descolado ou estava bêbado na noite passada? Você não parecia estar. Você quer que eu fale sobre a nossa noite – lembrá-lo quantas vezes nós apreciemos um ao outro?

Ele piscou, e ela continuou. – Na banheira de água quente, no chuveiro, mais uma vez na cama...

O trovão, que fora apenas um mero ruído surdo há poucos minutos, ficou mais alto. Mais forte.

Enquanto o vento pegava velocidade, a plataforma começou a tremer e balançar, e Faith segurou a grade de metal atrás de si por

apoio. Wyatt agarrou a mesma grade, uma mão em cada lado dela, seu corpo protegendo-a da chuva que começou a cair quase de lado.

— Eu não quero você com outros homens. — disse ele, de repente, porque sempre que ele se sentia forte o suficiente sobre algo, esses pensamentos tendiam a voar da porra de sua boca.

Faith olhou para ele, mais uma vez como se ele fosse louco. Não importava — quando seus sentimentos o puxavam, ele seguia com eles. Mas antes que ela pudesse respondê-lo, os alarmes da plataforma começaram a soar.

— O que há de errado? — Faith perguntou.

— Pode ser sido uma ruptura. — disse ele.

— O Len não está subindo! — Don gritou da porção superior da plataforma. — Ele desceu para consertar um dos suportes da balsa. Ele já deveria estar aqui - ele vai ficar sem ar em breve.

Len era um dos mergulhadores — um trabalho que Wyatt teria preferido muito mais, e para o qual tinha o treinamento, graças aos seus dias de SEAL. Mas estar sob a água a maior parte do tempo neste pedaço de lixo não seria útil para destruir a máquina do clima do inferno.

— Por que diabos ele estava lá sozinho? — Wyatt exigiu.

— Clarence não se sentia bem. As coisas estavam calmas como a merda há dez minutos - não havia previsão de que o tempo ia virar assim.

A forma como esta tempestade estava se comportando, tinha que ser feita pelo homem.

Sim, essa máquina do clima precisava partir, e logo. Mas agora, havia um homem caído e Wyatt possuía treinamento demais para deixar um homem para trás. Ele também sabia que ninguém mais na equipe de mergulho iria se voluntariar para ir, mesmo que eles quisessem. Eles não gostavam de quebrar as regras, e se recusavam a ir contra o chefe da seção na maior parte do tempo. Maricas.

— Eu vou. — disse Wyatt. — Consigam-me uma roupa de mergulho, nadadeiras e um cinto de peso.

– Você não pode ir até descarregarmos os tanques e reabastecer de ar o barco de suprimentos. Espere uns dez minutos. – disse Don.

– Ele pode não ter dez minutos.

– Não há outra escolha. Ele está profundo demais.

– Eu mergulho livremente.

– Você está louco, porra?

– Sim. – ele disse calmamente.

Ele puxou o equipamento que Don lhe trouxera sem outro argumento e se preparou para entrar no oceano rodopiante.

Ele olhou para a Faith. – Fique sob o convés. Segure firme, isso vai ser bem louco.

– Tem certeza de que deveria estar fazendo isso sozinho? – A voz de Faith ostentava uma urgência, o deixando saber que ela ouvira o que ele lhe disse sobre não ficar com mais ninguém. E ela gostou. – Wyatt, é perigoso.

– Assim como eu, Faith. – ele disse com uma voz arrastada. – Assim como eu.



Faith observou Wyatt saltar para a água no alto de uma onda, com o coração batendo mais forte do que já o fez até mesmo em situações mais perigosas para sua própria vida. O homem era louco, mergulhar sem tanque de ar. Embora ela tivesse que admitir que observá-lo se despir a fim de colocar a roupa de mergulho era metade razão para sua pulsação ter dobrado.

Wyatt se afundou nas profundezas escuras depois de lhe atirar uma piscadela arrogante que ateou fogo em seu sangue. Mesmo com água até o pescoço, ele era uma ameaça para mulheres em toda parte. Sereias provavelmente se reuniriam por ele no fundo.

— Senhora! — o chefe as seção gritou do convés superior, — Saia do convés de mergulho! É muito perigoso.

Uma equipe médica chegou, homens esperavam em roupas impermeáveis amarela no topo também, porque quando a tempestade agitou o oceano, as ondas estavam quebrando na plataforma, borrifando-a com água. Em breve, a plataforma de mergulho fixada abaixo seria dominada pelas ondas. Mas não importava o quanto assustada com a tempestade ela estivesse, não poderia partir até que soubesse que Wyatt e o outro mergulhador estavam seguros.

— Faith! — Ela olhou para cima para ver Sean correndo pelas escadas de metal engaioladas, em direção a ela. Seu sobretudo preto subia atrás dele com o vento e a chuva colara seu cabelo loiro cor de areia na cabeça.

Suor umedecia as palmas das mãos dela, uma tola reação nervosa que a irritou mesmo quando seu coração se paralisou por um momento. Ele era impressionante, tão bonito quanto se lembrava, e ela o consumiu como um alcoólatra em recuperação diante de uma garrafa aberta de uísque caro.

Ele era menor do que Wyatt, porém, mais amplo nos ombros; mais claro na coloração, onde Wyatt era escuro; e por que diabos ela estava comparando os dois? Ela tinha um trabalho a fazer, e seus hormônios teriam que esperar.

Sean parou na base da escada, aparentemente alheio à chuva que o crivava. Os lábios dele se contorceram no mais despido dos sorrisos, os agudos olhos cinzentos nivelaram em seu rosto, e ela sabia que não iria examinar seu corpo até que ela olhasse para longe. No momento em que desviou o olhar, ela sente seu olhar como o toque de um amante, sabia exatamente para onde ele olhava a qualquer momento.

Era uma forma de seu dom — a capacidade de temporariamente manipular a energia de coisas vivas — a afetava, e ao seu conhecimento, ela era a única que o sentia.

Ela também não tinha planos para desviar o olhar. Sean não era um homem para se encarar com qualquer coisa além de confiança olho no olho. Mais do que uma pessoa não fora capaz de deixar uma forte impressão, erros que se provaram fatais.

– Babes –disse ele, com a voz profunda, que parecia ficar mais rouca a cada ano que passava, – você aproveitou seu vôo? – Ele adiantou-se, como se quisesse abraçá-la, mas ela recuou mais profundamente sob o convés adjunto.

– Tanto quanto eu posso gostar de um passeio de helicóptero.

– Você chegou na hora certa. – Outro passo, e ela caiu para a direita, mantendo o espaço entre eles. – Esta tempestade teste decidiu seguir seu próprio calendário.

Eles se moviam em direções opostas, circulando como dois tigres rivais – um jogo que jogavam desde que eles se tornaram adversários profissionais. – Eu não estou surpresa – disse ela. – Nada é calmo em torno de você.

O sorriso dele a atingiu em um ponto fraco de seu coração, o que se lembrava dele como uma criança frágil e tímida que costumava tentar protegê-la de valentões na academia.

– Verdade. Mas eu sou mais fascinante por causa disso. – Ele se moveu para frente, as pernas longas levando-o suavemente, um predador com sua presa exatamente onde ele a queria.

Ela se aproximou também, não estando disposta a ceder uma polegada, mas se manteve alerta para o que estava acontecendo ao seu redor. Ela queria saber o momento em que Wyatt emergisse do oceano. – O ego permanece intacto, eu vejo.

– Você esperava que alguma coisa mudasse neste ano desde o nosso último encontro? – A covinha do queixo subiu, e seu olhar escureceu. – Você se lembra da noite em Paris.

Não era uma pergunta, e sim, ela se lembrava. Ela se lembrava de fazer um sexo tão violento no quarto de hotel de Sean que depois ele teve que pagar pelos pratos do serviço de quarto, pela televisão e um espelho. Ela pagou também, com sangue.

Ele estava lá com uma equipe de sua agência, e ela estava sozinha, uma operativa de sua agência muito menor – embora, como agora, ele acreditasse que ela fosse um agente livre que fazia trabalhos pelo maior lance. A equipe dele já havia tentado matá-la, e então eles tinham se

safado com o prêmio — um artefato religioso associado com maldições mortais.

— Eu me lembro de que não gostei muito de seus amigos. — disse ela, resistindo à vontade de agarrar o corrimão quando o convés tremeu com a força do vento perfurante. — E por falar disso, tenho quase certeza de que Marco tinha intenção de me matar ontem. — Sem dúvida ele queria terminar o trabalho que começou em Paris.

Um músculo na mandíbula de Sean estalou. — Tenho certeza que ele estava apenas brincando com você.

— É isso que estamos fazendo agora?

Ele avançou para ela, embora pudesse ter lutado com ele, ela não o fez, deixando-o girá-la para trás de um feixe enorme e para longe dos olhos curiosos dos médicos e montadores acima.

— Nós definitivamente não estamos jogando. — ele rosnou. Ele traçou a borda da corrente de sua gargantilha vermelho-sangue, e foi preciso tudo o que ela tinha para não recuar. — Quando você ligou, eu não tinha certeza do que esperar.

Ele desceu seu dedo mindinho, limpou gotas de água do inchaço exposto de um seio. Ela viera até ele sabendo que iam transar como coelhos, mas a ideia já não lhe atraía, graças à habilidade de Wyatt na cama na noite passada. A incrível química sexual que tinha com Sean nunca fora superada. Até Wyatt.

— Eu não sabia a quem mais recorrer.

Ele recuou, e abruptamente o agente rival se foi, e em seu lugar estava o homem por quem ela havia se apaixonado tanto tempo atrás. — Você disse que estava cansada de ficar sozinha. De trabalhar sozinha. Você não me disse o porquê.

Ela executou centenas de trabalhos, mentiu para cinco vezes mais pessoas para garantir esses trabalhos fossem cumpridos. Mas mentir para Sean... era como uma traição, mesmo que ele tenha ido para o lado negro há tanto tempo. Em momentos como este, ela realmente acreditava que ele poderia se redimir.

– Há algo a ser dito sobre ser seu próprio patrão. – disse ela enquanto se afastava dele, muito distraída com o que estava acontecendo ao redor deles e na água para se concentrar totalmente em Sean. O que, ela sabia, poderia ser um erro fatal. – Mas também é bom ter reforço.

– Nós sempre apoiamos um ao outro. – Ele sorriu. – Você se lembra da vez que o nosso professor de cálculo me acusou de colar?

Ela sorriu com a lembrança, de como foi ao resgate dele, fazendo os lábios do homem inchar, assim ele não poderia falar. – Ele era tão estúpido.

O olhar de Sean escureceu para algo que ela não conseguia ler. Assustada, ela tentou se livrar do sentimento de pavor que ondulava por sua espinha. Ela sempre foi capaz de lê-lo, mas antes que pudesse refletir demais sobre o novo desenvolvimento, ele murmurou: – Lembra como lhe retribuí? Como eu fui até o seu quarto naquela noite e usei a minha língua para fazê-la implorar? Agora que estamos juntos novamente, eu vou fazer isso toda noite. Vou fazer você implorar.

– Eu não imploro mais. – disse ela, embora tivesse implorado a Wyatt na noite passada. Deus, ela esperava que ele estivesse bem. Mordendo o lábio, ela olhou para o oceano fervente e se perguntou o quanto pior iria ficar. Ela pensou que tivesse chegado passado o medo de tempestades – ou que tivesse pelo menos dado uma controlada em seu medo – mas com Wyatt em perigo, más lembranças começaram a vir à tona. Trazer a superfície... algo que Wyatt ainda não fizera. Há quanto tempo ele estava lá abaixo, afinal? Tempo demais, caramba.

– Então, teimosa. E bonita. Você sempre foi tão bonita, Faith... Faith?

Ela piscou e balançou a cabeça, incapaz de acreditar no erro que acabou de comentar. Se ela quisesse sobreviver a esta missão, precisava fazer Sean acreditar que ele era seu único foco. Ela não podia cometer um erro como aquele de novo, para sua própria causa, e por Liberty.

– Sim, me desculpe. Eu estava pensando em como é bom estarmos no mesmo lado novamente.

– Como sempre foi destinado a ser. Nós nunca deveríamos ter seguido caminhos separados.

Ela não queria, mas ele havia se tornado cada vez mais cansado com o Serviço Secreto da Inteligência britânica, os patronos da escola que eles frequentaram e da agência que ele havia se juntado após a graduação. Ela lançara seu próprio negócio e assistiu, impotente, ele se degenerar em algo frio e odioso. Três anos atrás, ele virou as costas para o governo Britânico e desertou para a Itor. Ainda assim, mesmo como inimigos não podiam negar a atração física feroz ou o sentimentalismo do passado deles, e seus encontros sempre terminavam em sexo, quando deveriam acabar na morte de um deles.

Desta vez, um deles provavelmente iria morrer, e mesmo se ambos escaparem ilesos, Sean nunca iria perdoá-la pela traição que estava prestes a cometer.

— Se tudo isso vai acontecer — disse ela, — é melhor a gente discutir o que a Itor espera de mim.

— Vamos. Mas primeiro, quero mostrar o que minha máquina do clima pode fazer. Vamos.

Ela não se moveu. — Esta tempestade sobre nós... é sua?

— Absolutamente. Vamos aumentá-la em alguns graus. Gerar uma tromba d'água em honra da sua chegada.

Como se a tempestade concordasse, um relâmpago cintilou acima, seguido por uma salva de palmas ensurdecedora de um trovão, e ela não conseguia esconder a sua vacilação.

Ela gritou por cima do ruído, um alarme aguçando sua voz. — Sean, você tem que desligá-la! Há mergulhadores na água.

— E daí? Eles estão bem profundos. Não se preocupe.

— Eles estão subindo. Eles terão que descomprimir no raso. As ondas podem esmagá-los contra os suportes.

Sean deu um sorriso indulgente. — São apenas uns poucos mergulhadores. Vamos.

Ela olhou incrédula, respingos de água em suas pernas nuas encheram suas botas. — Você os deixaria morrer? O que há de errado com você?

— Você vai precisar endurecer, se você irá trabalhar para a Itor, babes.

— Sim, tudo bem, eu vou trabalhar nisso. — Ela agarrou o braço dele com força suficiente para fazê-lo estremecer. — Apenas, por favor, desligue-a. Se esses homens morrerem, haverá uma investigação, e isto só vai causar problemas. Por favor. Você sabe o quanto tempestades me aterrorizam.

Ela odiava jogar esta carta, odiava mostrar fraqueza de qualquer tipo ao redor dele, mas valeu a pena quando o seu olhar suavizou.

— Oh, babes, me desculpe. Eu sou um bastardo. Eu esqueci completamente. — Ele suspirou e balançou a chuva de seu cabelo. — Eu suponho que você vai ficar aqui até que os mergulhadores estejam seguros? Você sempre foi de resgatar desgarrados. — Quando ela assentiu com a cabeça, ele começou a subir os degraus, mas parou no terceiro. — Eu mandei que suas malas fossem entregues no seu quarto. Eu preferiria que você ficasse comigo.

— Eu também. — ela mentiu. Eles concordaram, para seu alívio, que não ficaria bem para os homens se a auditora se hospedasse com um dos figurões da empresa. Tecnicamente, Sean era um dos proprietários, uma vez que a Itor possuía uma grande participação em ações da empresa, mas para o propósito de sua missão, ele estava posando como um proprietário maior do que ele era.

— Não vai importar em breve. — disse ele com um sorriso enigmático, e mais uma vez, ela se perguntou sobre a missão dele aqui. Ele lhe assegurou que tudo seria revelado em poucos dias, mas ela não pretendia ficar aqui por tanto tempo. — O almoço será servido em meus aposentos em uma hora. Eu mandei que a cozinha entregasse todas as minhas refeições, e você vai comer comigo. Vejo você depois.

Ele subiu as escadas, e ela voltou sua atenção para a água onde Wyatt entrara. Deus, ela estava em apuros. A presença dele na instalação transformava uma missão altamente perigosa em uma impossivelmente perigosa.

Eu não quero você com outros homens.

As palavras Wyatt sopraram por sua cabeça com um som mais alto do que o vento canalizado através das vigas de aço.

– Merda.

Ela ficara chocada ao ver Wyatt aqui, teve a intenção de lhe dizer que não podiam ver um ao outro, mas quando ele a prendera em seus braços, tudo o que ela quis fazer era enrolar as pernas ao redor dele e deixá-lo lhe dar apenas mais um orgasmo. Ela se desfez ao redor de Wyatt, ficou confusa com a luxúria, e de alguma forma ela precisava manter a cabeça em ordem. Porque Sean iria matar o cara.

Ou pior.

– Merda.

Sua única esperança era fazer essa coisa, e fazê-la rápido. Ela iria passar hoje e amanhã aprendendo a configuração da área e descobrir quando atacar e como escapar. Sean já confiava nela, assim chegar até máquina não seria um problema.

O problema estaria em coordenar e executar o roubo real. Ela precisaria derrubar a equipe de monitoramento das câmeras de segurança. Em seguida, os guardas da máquina. Ela precisaria ter certeza que o helicóptero estava no convés e que o piloto estivesse facilmente acessível. Então ela precisava torcer que ninguém descobrisse nada fora do comum antes que o piloto, provavelmente sob a mira de uma arma, pudesse levantar da plataforma. Mesmo uma vez no ar, poderia não ser seguro, pois ela não tinha ideia se Sean empregava um agente Itor que pudesse derrubar o helicóptero.

Não, ela definitivamente não precisava das complicações que outro homem iria trazer para a situação. Quando Wyatt subisse, ela lhe diria que o que fizeram no hotel, ficou no hotel. Ela precisava, embora o próprio pensamento daquela noite fizesse sua roupa parecer apertada demais, restritiva demais, como se ela precisasse arrancá-la e se juntar a Wyatt naquele mesmo segundo.

Sim, ela precisava dizer a ele para esquecer a noite passada, porque, caramba, a vida de sua irmã dependia de seu foco. E agora, assim como a de Wyatt...

Capítulo 6

Wyatt praticava mergulho livre desde o BUD/s⁴, o aperfeiçoara durante o treinamento SQT⁵ e praticava profundidade, tempo e distância em uma técnica de respiração única a cada chance que tinha. Você apenas nunca sabe quando terá que fazer algum mergulho em apneia para salvar a vida de alguém.

Como agora.

Ele limitou sua respiração pré-mergulho a duas respirações por minuto antes de se abaixar na Mãe Oceano, que estava regamente irritada em seu próprio direito, e com a lanterna de seu capacete ligada, ele se preparou para começar sua descida na água escura.

As mãos foram as primeiras a tocar a água, usando o mínimo esforço para se mover em direção ao fundo – chutes de pernas duras, fazendo seu caminho tranquilamente com o dobro da velocidade que ele teria sido capaz de ganhar se tivesse com o equipamento de mergulho completo.

O mergulho livre, quando bem feito e para o prazer ou a prática, era uma das sensações definitivamente Zen, uma habilidade antiga. E ele estava confortável aqui, com a água esmagando-o, flutuando naquele lugar suspenso que poderia tornar-se literalmente vida ou morte. O oceano moldado em torno de seu corpo, sugando-o para suas profundezas e segurando-o firmemente, como as pernas e os braços de uma mulher envolvidos em torno dele, quando ela estava prestes a gozar. Da forma como Faith fizera ontem à noite...

Faith⁶. Um conceito adequado agora mesmo.

⁴ Basic Underwater Demolition/SEAL.

⁵ Treino de qualificação SEAL.

⁶ Faith, fé em português.

O reflexo de mergulho mamífero se ativou quase imediatamente, seu corpo entendendo o que se espera dele, permitindo a Wyatt suportar a profundidade para qual estava seguindo com a falta de oxigênio.

A frequência cardíaca diminuiu – 80... 70... 60 – em última instância, a bradicardia abaixaria a taxa para menos de 55. Vasoconstrição seguiria, então contração do baço, e, finalmente, movimentação de sangue, o que salvaria seus pulmões quando ele passasse dos trinta metros.

O cinto de lastro o mantinha numa linha moderadamente reta – ele precisava se afastar de usar as pernas da plataforma como guias, porque não queria ser pego entre elas. A água esfriava e batia forte e foi preciso tudo o que ele tinha para não se deixar ser puxado para fora do curso.

Porra de tempestade feita pelo homem. Ele mataria Sean Stowe no segundo que tivesse a chance. Tudo parte da missão.

Pulmões espremidos, a pressão em seus ouvidos quase insuportáveis, deixando-o saber que ele estava se aproximando rapidamente de seu máximo.

A água estava tão agitada que ele mal conseguia ver, mesmo com a luz de mergulho, e bateu contra algo que era humano ou tubarão – e merda, ele esperava que fosse humano.

Seja o que fosse, se afastou, e ele só tinha uma chance de pegá-lo agora, e sem tempo para perder.

Conectando o pé em uma das centenas de cabos de aço que formavam teias de aranha entre as pernas da plataforma, ele fechou os olhos e deixou o formigamento começar em seus pés. Ele alcançou com sua mente e atraiu o objeto em sua direção, até que foi capaz de agarrar um braço – o braço de Len.

O mergulhador estava agarrado a uma linha amarrada ao inoperante sino de mergulho, ambas as pernas penduradas imóveis. Não era bom. Wyatt agarrou Len ao redor da cintura e soltou a linha num estalo. Len, fraco e pouco consciente, ficou com os membros soltos enquanto Wyatt segurava o outro homem junto ao peito.

Ele soltou o cinto de lastro e chutou as nadadeiras forte o suficiente para ganhar o impulso para a sua viagem para cima, segurando em Len, que era pesado como a merda em seu equipamento de mergulho. O capacete completo continuava voltando e batendo no rosto de Wyatt, e do jeito que precisou torcer o pescoço para o lado para evitar ser golpeado não estava deixando as coisas mais fáceis. O oceano se virou feroz sobre ele a meio caminho de volta das profundezas – girando ele e sua carga ao redor e quase de cabeça para baixo, porra.

Seus pulmões doíam, o instinto natural de exalar excruciante para adiar, e ele lutou como o inferno para deixá-los na posição vertical.

Depois que o fez, rezou que estivesse indo na direção certa. Ele acrescentou outra oração para que Len sobrevivesse à subida. Eles não tinham tempo para descomprimir, não com ar de Len se esgotando. Felizmente, os garotos no convés aprontaram a câmara hiperbárica.

Ele quebrou pela superfície, exalando forte através do snorkel, seu corpo pesado enquanto começava a retribuir sua falta de O₂. Tão delicadamente quanto podia, o que era quase malditamente impossível nos mares de quinze pés, ele puxou o peso morto que era Len para a plataforma de mergulho.

A primeira pessoa que viu foi Faith, esperando por ele no convés de nível médio, a salvo das ondas violentas. Essa foi a melhor parte de tudo.

Uma onda bateu nele. Ele girou, suportou o peso do impacto contra o lado da plataforma. A dor prendeu a respiração em sua garganta, mas ele lutou por isso, enrolando o braço livre em torno de um degrau da escada. Esgotamento gritou por ele. Rangendo os dentes, ele usou o restante de sua força para arrastar Len para cima.

Chuva forte picava seu rosto e as ondas que se quebravam quase o soltou duas vezes, mas finalmente, ofegando com o esforço, ele conseguiu deixar Len ao alcance dos homens reunidos à beira da grade.

– Coloquem-no na câmara! – ele disse, ou pelo menos tentou dizer, mas não tinha fôlego suficiente para fazer um som.

Eles agarraram Len e o deslizaram para a plataforma de nível médio, seus gemidos doloridos audíveis mesmo sobre o vento uivante. Uma pequena mão apareceu na frente do rosto de Wyatt.

Faith.

– Agarre. – O aperto dela era surpreendentemente forte enquanto o ajudava a transportá-lo para fora da água.

Tremendo, ele engoliu ar seco para seus pulmões, satisfeito em ajoelhar-se sobre o aço frio enquanto as mãos quentes de Faith o afagavam em uma busca rápida, mas completa, por lesões. O convés abaixo deles balançou, a estrutura maciça gemendo pela força da tempestade que crescia em intensidade.

– Temos que encontrar abrigo. – disse ele.

– Concordo. Com todo o coração. – Ela empurrou o cabelo molhado dos olhos e o ajudou a ficar de pé. Nas rajadas de força do temporal, eles usaram um ao outro por equilíbrio, enquanto caminhavam para longe da borda e subiam os degraus para o andar superior.

– O Len está bem? – Wyatt perguntou para os homens no topo.

– Ele está na câmara. – disse um dos médicos. – Realizaremos uma evacuação médica tão logo a tempestade cesse.

Aliviado, Wyatt se inclinou sobre Faith, os músculos tremendo, a cabeça ainda pesada. Combinar a telecinese com o mergulho livre o arrebentara. Ele precisaria descansar antes de tentar derrubar Sean e a máquina do clima. E, a julgar pela maneira como o pessoal que parecia cientista estava correndo para onde a máquina do estava alojada no laboratório, Wyatt sabia que passaria um tempo antes que ele tivesse alguma esperança de chegar à coisa.

Então, sim, vamos deixá-los passar um tempo precioso consertando-a enquanto ele se conservava e recuperava – porque então iria derrubá-la de todas as maneiras possíveis.

– Venha, vamos tirá-lo da chuva e colocá-lo em algo seco. – Faith se moveu para frente, mesmo com ele estando se apoiando nela de forma bem pesada. Rajadas de vento batiam em torno deles, mas Faith segurou firme, e sim, ele poderia lidar com isso.

Uma vez que eles chegaram ao limite coberto para o Módulo de Acomodações, ela começou a ajudá-lo a tirar a roupa de mergulho.

– Você conhece bem o Len? – perguntou ela.

– Eu o conheci esta manhã. – disse Wyatt, e ela parou na metade do zíper, deixando o traje pendurado, expondo o peito.

– Você arriscou sua vida por alguém que mal conhece?

– Isso te excita?

– Você mal consegue ficar de pé. Eu não acho que esteja em qualquer condição para... – Ela parou no meio da frase quando seu pênis pressionou contra o traje e no quadril dela. – Bem, partes de você estão em condição.

Sim, e esta parte dele não entendia que não iria conseguir o que exigia. Pelo menos não agora. – Ainda é tocar e partir. – ele lhe disse sinceramente. – Você pode ter de bancar a enfermeira por algumas horas para que eu volte à saúde.

Faith não tinha intenção de bancar a enfermeira para Wyatt de qualquer maneira, forma ou condição. Estar com ele a qualquer capacidade era um risco; estar com ele em privado poderia levá-lo a morte, se Sean algum dia descobrisse. A única razão por arriscar agora era que claramente algo dera errado com a máquina do clima, assim Sean poderia ficar amarrado durante horas. E Deus, ela esperava que fosse o que estivesse acontecendo, não tornasse o tempo pior. Dê-lhe uma dúzia de inimigos armados, um tubarão faminto, um fantasma irritado. Ela podia lidar com isso. Mas um trovão? Nem tanto.

– Venha. – disse ela, esperando que Wyatt não percebesse como seus dentes batiam. – Vamos chegar ao seu quarto e sair desta tempestade. Qual direção?

– Eu sabia que você ia ver isso do meu jeito.

Ela bufou. – Eu vou levar você para o seu quarto e deixando-o lá. Sozinho. Entendido?

– Mmm-hmm. Claro.

– Você é insuportável.

Eles começaram a se mover pelo corredor, ele inclinando-se sobre ela, embora suspeitasse que ele se recuperara bem o suficiente para caminhar por conta própria. – Eu adoro quando você fala assim.

– Assim como?

– Como uma britânica metida com necessidade de um bom relaxamento.

– E eu suponho que você acha que é o cara certo para fazer a soltura.

Um ombro grande se moveu em um preguiçoso encolher de ombros. – Eu sou habilidoso com lubrificantes.

– Eu não tenho dúvida sobre isso. – ela murmurou enquanto paravam em frente de uma das portas de aço indescritíveis que revestiam o corredor.

Ele sorriu e estendeu a mão para a maçaneta da porta. – Merda. Minhas roupas.

– Você as deixou lá fora. A chave do quarto estava nelas?

– Sim. – Ele olhou para a porta por um segundo. – Mas eu a deixei destrancada. – Com certeza, a porta se abriu.

– Isso não é muito seguro. – ela comentou enquanto entravam no quarto que era menor do que a maioria dos banheiros. Continha beliches em que ela duvidava que Wyatt pudesse dormir sem dobrar as pernas, armários e mesa dimensionada para acomodar um computador portátil e nada mais. Uma passagem estreita no centro era larga o suficiente para caber os dois.

Contanto que estivessem se tocando.

Wyatt se virou para ela e estabeleceu as mãos em seus quadris – o que ela prontamente removeu. – Você pode pensar que é irresistível –

disse ela de forma inteligente. — mas você não é. E agora que fiz o meu dever e o escoltei até seu quarto, estou indo cuidar dos meus negócios.

— Mas eu ainda preciso de ajuda para sair desse traje. — disse ele, seus olhos verdes ficando grandes e inocentes e, dane-se tudo, irresistíveis.

Esponaneamente, seu olhar caiu para a pele exposta do peito dele, os músculos esculpidos por baixo do cabelo úmido colado ali. O traje se estendia como uma segunda pele sobre o resto do corpo, fazendo nada para esconder seu corpo esguio e poderoso. Ele foi construído tanto para a batalha quanto para o sexo; em tempos antigos, ele teria sido um guerreiro que ganhava o dia e depois ganhava uma mulher em sua cama.

O pensamento a deixou ridiculamente quente. A ideia dele indo até ela depois de uma guerra e depois indo para dentro dela... Ela precisava ficar longe dele.

— Você pode sair do traje sozinho. — Ela remexeu pela maçaneta da porta atrás dela, só para encontrá-la trancada. Quando ele fizera isso? E por que ela não conseguia destrancá-la? — A tranca parece estar obstruída.

As sobrancelhas escuras dele subiram na testa. — Sério? Estranho. — Ele alcançou ao seu redor, os espaços pequenos forçando seus corpos juntos, seu peso prendendo-a contra a porta. — Você está certa. — disse ele em seu ouvido. — Está presa. Acontece às vezes. Eu sempre penso em usar um pouco de WD-40.

— Santo inferno.

— Sim. — Ele inalou profundamente e na expiração, seu hálito quente se espalhava pelo pescoço dela como uma carícia invisível. — É uma droga, hein?

— Wyatt... — ela começou, e então não podia falar porque a língua dele era um chicote molhado de calor em seu pescoço. Oh, Deus, isso tinha que parar.

Quando ele terminasse de lambê-la.

Gemendo, ela inclinou a cabeça para lhe dar um melhor acesso, e ele se aproveitou em um instante, como o predador que era. Ele se

afundou sobre ela, cobrindo todo o seu corpo com dele, juntando os lábios em sua garganta abaixo da gargantilha e chupando como se tivesse uma ligação direta com seu sexo.

A ereção brutal estimulou sua barriga enquanto ele empurrou uma coxa grossa entre suas pernas, fazendo seu vestido encharcado pela chuva se enrugar indecentemente. Músculos duros criavam uma pressão intensa e em derretimento em seu núcleo, e ela ficou totalmente molhada, seu corpo se preparando para ele, mesmo que sua mente ainda não tivesse chegado naquele mesmo lugar.

– Nós não podemos. – disse ela, parecendo mais ofegante do que achava que deveria. – E quanto ao seu companheiro de quarto?

– Não tenho um.

– Bem, ainda assim, é muito... – Perigoso. Não que ela não ganhasse a vida com o perigo, mas não colocaria um inocente em risco porque não conseguia controlar seus hormônios. O que era estranho, porque ela sempre foi perfeitamente capaz de controlar seus desejos carnavais.

– Muito... intenso? Explosivo? – Ele esfregou sua garganta, deixou cair as mãos em suas coxas e empurrou a barra do vestido até a cintura. Então, em um movimento rápido, rasgou sua calcinha em duas. Ela as sentiu flutuar contra sua pele enquanto caíam. – O que fizemos na noite passada foram aquelas coisas. Mas por melhor que tenha sido, pode ser melhor. Eu posso sentir isso. Você pode também, não pode?

Sim, Deus a ajudasse, *sim*. Seus instintos femininos estavam gritando com o conhecimento que este homem poderia levá-la a lugares em que nunca estivera.

A mão dele escorregou entre suas pernas. Dedos longos roçando sobre suas dobras, leve e provocantemente. – Diga-me que você pode sentir. – Ele empurrou um dedo para dentro dela. – Oh, sim... tão molhada... afaste as pernas... sim, desse jeito... – Sua voz era áspera e rude, a evidência bendita de que estava tão afetado pela química incandescente entre eles quanto ela. – Diga-me. Diga.

– Sim. – ela sussurrou, segurando seus ombros, embora não tivesse certeza se queria puxá-lo para mais perto ou afastá-lo. – Eu sinto, maldito seja.

– Isso é bom, baby. Isso é bom. – Um segundo dedo se juntou ao primeiro, a mão dele criando um ritmo lento e suave para o qual ela ondulou seus quadris, querendo mais profundo e mais rápido.

– Agora, abaixe o meu zíper.

Ele recuou, retirando os dedos de seu corpo. Quando ela alcançou a presilha do zíper, ele os trouxe para a boca. Seu olhar prendendo o dela, forçando-a a assistir enquanto ele chupava a evidência de seu desejo nos próprios dedos.

– Oh, doce Jesus...

Sangue bateu em seus ouvidos e seu sexo pulsava ao mesmo ritmo. Incapaz de se mover, ela permaneceu enraizada no lugar até que ele se limpou com a língua. Quando ele terminou, pegou a mão dela na sua e a forçou a arrastar o zíper da sua roupa de mergulho para baixo.

Não que ele realmente teve que forçá-la, mas ela congelara em algum tipo de choque de desejo, algo que nunca lhe acontecera antes. Ela já fizera muito sexo, entregou-se a luxúria muitas vezes. Mas o que Wyatt fazia com ela ia muito além de qualquer coisa que experimentara, a forma como ele a fazia se sentir tão feminina, dominada – e, no entanto, adorada.

Ele não a estava *obligando* a fazer nada. Ele a estava fazendo *querer* fazer qualquer coisa.

Ele se retirou do traje, e ela salivou ao vê-lo nu, com seu comprimento magnífico projetando-se para cima de modo rígido, a ponta curvada em seu tanquinho. Ela estendeu a mão por ele, mas ele a pegou pela cintura com as duas mãos e a levantou.

– Eu tenho que provar mais de você. Agarre o cano.

Acima dela, uma rede de tubos e fios corria em espiral profundamente acima. Incerta de sua intenção, mas em chamas e enlouquecida com a necessidade, ela agarrou um tubo de metal com as duas mãos. Ao mesmo tempo, ele a soltou de modo que suas coxas caíram sobre os ombros largos e a boca dele encontrava seu sexo. Ela sequer teve tempo para respirar antes de ele espetá-la com sua língua.

— Sim. — ela gemeu. — Oh, Deus, sim. — Ela agarrou o cano com tanta força que tinha medo que pudesse quebrá-lo, e quando ela começou a balançar os quadris, ele apertou o controle sobre sua bunda, onde a segurou firmemente contra ele.

Ele lambia-a com uma fome quase fora de controle, sua língua primeiramente varrendo suas paredes internas e, em seguida, subindo pelo comprimento dela. Lambidas amplas e rápidas se encontravam profundamente com penetrações perfurantes. Sensação pura e erótica a invadia — seu corpo, sua mente — e ela se ouviu implorando por liberação. Ele não provocou; pegou seu clitóris entre os lábios e chupou forte e foi tudo o que ela pode fazer para segurar o tubo e não gritar enquanto se desfazia.

No momento em que ela parou de se debater, Wyatt a deslizou por seu corpo. Em um movimento suave e bruto, ele a penetrou e a forçou contra os armários. Um braço foi para trás dela para suportar o peso de seu peso contra o metal, e o outro segurava sua coxa para que ela pudesse envolver as pernas em volta da cintura dele. Ela trancou as botas na base de sua espinha e segurou firme para o passeio.

Os olhos dele estavam selvagens, lasers esmeralda de possessão enquanto bombeava dentro dela com o mesmo foco e necessidade quase desesperada que mostrara quando ele fizera um banquete em seu sexo.

— Faith. — Um gemido baixo vibrou em seu peito. Seus lábios recuaram, mostrando os dentes. — A sua sensação é tão boa. Tão fodidamente perfeita. Não consigo... esperar.

Ele jogou a cabeça para trás e disparou para dentro dela, seu pênis grosso alongando-a, aquecendo-a, fazendo-a queimar. Os tendões em seu pescoço ficaram tensos, as veias em seus braços incharam em cima dos músculos se movendo, e oh, ele era uma coisa de beleza masculina. Uma força da natureza não menos poderosa do que a máquina monstro dois pavimentos acima deles.

Os sons na sala, das suas respirações ofegantes até o bater de pele em pele, mesmo o tilintar metálico de algo distante, intensificava seu desejo, fazia seu pulso tropeçar, seu sangue chiar, e então ela estava gozando, gemendo com o prazer. Ele estava logo ali com ela, a respiração sibilante entre os dentes cerrados, seus jatos quentes de esperma enchendo-a, seus quadris batendo nela sem piedade.

A maneira como ele a abraçava, a intensidade de suas investidas... algo lhe dizia que isto era mais do que uma transa rapidinha. Isto era uma reivindicação, de algum tipo – uma mensagem maravilhosa ainda que aterrorizante para ela e para os outros homens.

O que era ridículo. Mas ela não conseguia afastar a ideia de que acabara de cometer um terrível, talvez fatal, erro.

Quando acabou, ela deixou as pernas descerem e ele caiu contra ela. Ambos estavam tremendo, lutando para respirar e ficar na posição vertical. Olhos fechados, Wyatt se atrapalhou com o armário à sua esquerda, pegou alguma coisa, e então ela sentiu o raspar suave de um pano entre as pernas.

– Desculpe. – ele murmurou, puxando para trás. – Eu queria pegar uma camisinha. Eu apenas... merda. O que você faz comigo...

Chocada que ele se importasse o suficiente para arrumá-la, ela o olhou, desejando que eles tivessem se conhecido sob quaisquer outras circunstâncias. Talvez um dia, se ela sobrevivesse ao próximo par de dias, ela poderia ligar para ele.

Tola. Nada poderia funcionar entre eles. Ela morava na Inglaterra, ele vivia na América. Ele era um simples trabalhador da plataforma, ela dirigia uma agência cheia de espões sobre-humanos. Seus mundos não poderiam ser mais afastados.

Então novamente, talvez isto fizesse parte do apelo. A maioria dos homens que ela conheceu era parte de seu mundo, do lado bom ou do ruim, e para eles, ela era um soldado em uma guerra global por poder. Ela não teve muitas oportunidades para conhecer homens fora do seu negócio, e quando o fez, não se permitiu chegar perto. Ela não era exatamente um prêmio – trazia para a mesa um acompanhamento de perigo, algo que um homem vivendo no mundo “normal” não teria defesa contra. A última coisa que ela queria fazer era arriscar a vida de um inocente, simplesmente porque queria um relacionamento com alguém que a visse como uma mulher, não uma guerreira.

Wyatt jogou o pano no fundo de um armário e pegou outro, e ela aproveitou a oportunidade para escapar de debaixo dele. Puxando a saia para baixo, ela se moveu para a porta, com a intenção de colocá-la a baixo se precisasse.

– Você não vai sair. – disse ele, enquanto limpava seu pênis.

– Eu preciso. – Ela não podia olhar para ele, então olhou para o chão – e gemeu ao ver a calcinha que Sean a enviara após descobrir que ela chegaria na plataforma, desfiada e em uma pilha. – Oh, merda.

– Ah, hey, eu sinto muito por isso. – Wyatt recolheu os pedaços e os jogou no armário que parecia ser o repositório de tudo. – Eu comprarei novas para você.

– Isso não será necessário. – Ela estendeu a mão para a maçaneta da porta. – Isso não pode acontecer novamente, Wyatt. Nós acabamos. É o fim.

Uma palma bateu contra a porta, ao lado de sua cabeça, tão forte que ela saltou. – Eu não penso assim. – Ele inclinou-se mais perto, mais uma vez, prendendo-a com seu corpo, usando seu tamanho e altura em uma primitiva mensagem mim-homem-você-mulher que a teria irritado, se não tivesse feito uma parte pequena e envergonhada dela se sentir tão desejada. – Se você acha que eu posso passar os próximos treze dias vendo você, ouvindo você, cheirando você – ele respirou fundo e rosnou um pouco – sem tocá-la, você está muito, *muito* enganada.

Tremores deslizaram sobre a pele dela em suas palavras, do tom possessivo ao calor que o corpo dele estava transmitindo novamente. Quando ela sentiu a cabeça quente de seu sexo sob a bainha de seu vestido para marcar um lado de seu traseiro, ela quase chorou. A ameaça erótica, o perigo que ele lançava como um perfume, a deixou aterrorizada.

Oh, ela poderia derrubá-lo se quisesse, poderia matá-lo onde ele estava. Mas isso não era sobre um medo físico. Era sobre o que ele poderia fazer com sua alma e, em última instância, com sua missão para salvar sua irmã.

– Por favor, Wyatt. Deixe-me ir. – Ela não quis dizer do quarto. Ele sabia disso. Mas ele abriu a porta como se ela nunca tivesse estado presa.

– Não acabou, Faith. Está apenas começando.

– Você está louco. – ela suspirou, olhando para o corredor deserto, porque não ousava se voltar para ele.

– Você não sabe nem a metade.



Ela fugiu. Faith Black *nunca* fugia. Ela segurava a barra sozinha contra assassinos sírios, animais criados em laboratório da Itor, os principais agentes da ACRO... mas com Wyatt, um cara aparentemente normal, que poderia ou não ter alguma experiência militar, estava perdendo o apoio pela primeira vez em sua vida. Talvez muita coisa acontecera de uma vez: sua irmã reaparecendo depois de mais de vinte anos, sentimento de culpa por ter que trair Sean e agora proteger Wyatt da ira de Sean se ele descobrisse o que tinha acontecido.

Normalmente, ela prosperava em stress. Agora não queria nada mais do que fugir.

Parecia que ela ficaria presa em uma plataforma de petróleo com nenhuma maneira de sair ou se esconder.

Tudo o que podia fazer era correr para seus aposentos, tomar banho e então esperar por Deus que Sean não tivesse procurado por ela. Não importasse o que, ela estava passando por cima de seu calendário para pegar a máquina do clima.

Para o bem de todos os interessados – Liberty, Wyatt e ela mesma – ela precisava sair dessa plataforma.

Capítulo 7

A agente ACRO Annika Svenson amava Atenas no outono.

Realmente, a Grécia era um de seus lugares favoritos no mundo, então era apenas adequado que o homem que mais odiava fosse morrer aqui.

– Não faça isso, Annika.

Creed McCabe, um caçador de fantasmas que se comunica com entidades terrestres através do espírito que tem estado ligado a ele quase desde o nascimento, a observava da porta de seu quarto de hotel enquanto ela amarrava uma faca de lançar na coxa, debaixo de sua saia. Ela não precisa da coisa para autodefesa, seu próprio sistema de segurança de choque elétrico era uma arma em seu próprio direito. Não, a faca era por diversão.

– Você se importaria de fechar a porta? Eu não preciso de todo o mundo assistindo eu me vestir. – Ela puxou uma blusa colante sobre sua cabeça. – Eu não posso acreditar que você me seguiu até aqui.

Ele jogou a própria mochila no chão e entrou, fechando a porta atrás de si. – Dev me enviou para levá-la para casa.

Annika começou. – *Dev?*

– Ele está de volta.

Graças a Deus. Ela contrariava a autoridade de Oz a cada curva, havia, de fato, o desobedecido para vir para a Grécia. Mas agora que ela estava aqui, nem mesmo Dev poderia impedi-la.

– Não vou partir até que eu tenha completado a missão.

— Você não está em uma missão. Você não tem ordens para matar um agente da CIA.

Ela bufou. — Eu não preciso de ordens.

Sua escuta estalou com a estática, e então a voz de Troy Modine soou enquanto ele pedia vinho no café onde estava se encontrando com seu contato do Hamas. Ela grampeara suas calças enquanto ele descansava em um spa próximo, e agora podia seguir seus movimentos com facilidade.

Aprecie o vinho, otário, porque vai ser a última coisa que você vai beber.

— Annika, você não pode fazer isso. Dev precisa de você de volta na ACRO. Há alguma merda grande descendo com a máquina de clima da Itor, e ele quer todos que não estejam em missão na base.

— Se você pensa que vai me convencer a não matar o homem que assassinou minha mãe, pense novamente. — Ela lhe deslizou um olhar, viu que ele já conhecia os detalhes sobre o assassinato. Como? — Eu não lhe contei como ela morreu.

Ele enfiou a mão pelo cabelo escuro e que estava na altura do ombro. — Sim, choque-se. — disse ele, e ótimo, parecia que eles estavam de volta em como ela nunca conversava. — Oz me contou.

— Aquele fodido. — Ela deslizou os pés em sandálias enquanto puxava os longos cabelos loiros em um rabo de cavalo. — Não que isso mude alguma coisa. Troy vai cair. Mas hey, no lado bom, você pode me entregar e me arrancar de uma tarefa novamente.

— Quando você vai superar isso? Isso aconteceu há quase quatro anos.

Ela encolheu os ombros, porque sim, ela ainda estava amarga.

Ela liderou uma equipe até Madrid, onde foram instruídos a localizar algum artefato místico para qual Dev tinha seu coração direcionado para adquiri-lo para a ACRO. Seu propósito era um mistério

para ela, mas isso não importava. O trabalho dela era para assegurá-lo, não estudá-lo. Infelizmente, a coisa era protegida por um fantasma desagradável que nenhum psíquico da ACRO fora capaz de subjugar. Oz fora encarregado de entrar no último minuto, mas quando ele subitamente deixou a ACRO — deixando Dev uma bagunça emocional, Creed fora enviado. Infelizmente, assim que Creed chegou à antiga catedral, um agente Itor de alguma forma roubou o artefato de sua equipe.

Annika o perseguiu, descobrira que o agente-I se envolveu em discussões com dois agentes da CIA.

Fora um desenvolvimento interessante. Itor era sempre uma preocupação, especialmente em missões tão sensíveis como aquela tinha sido. Mas ela fizera sua investigação antes da tarefa, descobrira que a CIA — incluindo um dos próprios agentes que assassinaram sua mãe — também se interessavam no artefato. Seu plano era acabar com os agentes, mas a Itor fizera isto para ela. Claramente, a CIA pagou a Itor pela ajuda deles.

Perfeito. Perturbador, mas perfeito.

As regras da ACRO são rigorosas no que diz respeito à vingança: não é permitido durante uma missão. Annika não dava a mínima. Não quando o filho da puta que foi responsável pela morte de sua mãe estava bem na sua frente, rindo com um agente inimigo poderoso com quem a CIA deveria saber melhor do que fazer negócios.

Fúria causara um curto-circuito à sua chave inteligente, e ela deixou o Itor escapar e em vez disso seguiu Norris Welsh até seu hotel de luxo perto do centro da cidade espanhola. Quando ela entrou em seu quarto, ele quase teve um ataque cardíaco.

Eles se entregaram no bom e velho combate corpo-a-corpo, porque eletrocutá-lo seria rápido demais. Ele era mais forte, mas ela era mais jovem e mais experiente, apesar de sua idade de dezoito anos. Cinco minutos depois, ambos estavam ensanguentados, mas ela o tinha no chão, montada em seu peito e segurando-o paralisado com um zumbido de baixa tensão através de seu corpo.

— Então — ela disse suavemente, — você matou minha mãe? — Ela traçou um dedo levemente ao longo da borda de sua mandíbula. — Ou você foi aquele que a estuprou?

Os olhos dele se arregalaram e ela soltou o zumbido para que ele pudesse responder. — Eu não sei do que você está falando.

Sim, e ela acreditava em Papai Noel.

— Não brinque comigo, Norris. Eu sei. Mike Duffy me contou tudo antes que eu o apagasse.

O sangue foi drenado do rosto do homem.

— Ele me contou como você me deixou sob tranquilizantes e então ele me arrancou dos braços dela. Ele disse que esperou fora do quarto, enquanto a ouvia lutar com você e Troy. Ele disse que um de vocês a estuprou, e o outro cortou sua garganta.

O som de passos bateu atrás dela, e um pulso de energia tremeu por ela — uma assinatura de energia única de Creed e que ele não podia controlar. — Annika.

— Agora não, Creed, ela soltou.

— Annika, não faça isso.

— Cale a boca e vá embora.

Creed se aproximou, e ela agarrou o relógio do criado-mudo. Ela o jogou, mas ele o golpeou para o lado.

Ela apagou Norris com cerca de um milhão de volts, encerrando qualquer discussão mais aprofundada. Então ela empurrou Creed e saiu para encontrar o Agente-I. Ela o perdera, e levou dois dias para localizá-lo e recuperar o artefato. A missão fora cumprida, mas isso não impediu Creed de denunciá-la para Dev.

Que ficou chateado. Mais irritado do que ela já o vira.

Ela quebrara as regras. Ela quase perdeu o artefato. Norris estava trabalhando em uma missão vital para a segurança nacional, e sua morte atrasara aquela missão. A CIA queria a cabeça dela. Claro, eles queriam sua cabeça por anos, mas a ACRO a protegera. Suas ações romperam essa frágil paz.

Dev teve que passar semanas cavando essa bagunça, e jogara o livro sobre ela. Seis meses sem missões. Nada além de treinamento sem fim. E em seu caminho para fora da porta ao encontrar Creed, ele acrescentou em curtamente – Se você sequer tocar Creed, eu vou dobrar a sua sentença.

Ela não tocou Creed, pelo menos, não até aquela noite um ano atrás, quando foram trancados em uma mansão mal-assombrada juntos. Fora lá que ela descobriu que ele era imune a seus choques elétricos. A descoberta levou a ele tomando sua virgindade, algo que ela mantinha porque não conseguia controlar seus impulsos elétricos no orgasmo.

Desde aquela noite, eles mantinham um relacionamento sexual de idas e vindas que queimava mais quente que o sol. Mas agora ele queria mais. Muito mais. Porque há quatro meses, ele descobriu que a fantasma Kat – que o seguia por toda parte e tornava sua vida amorosa difícil – podia ser banida, mas ele só aceitaria se livrar dela se Annika se compromettesse com uma relação permanente.

Annika não soube como reagir a seu anúncio, e ele se afastou – ela o ensinara bem. Eles não se falaram durante semanas, até o piquenique anual de Quatro de Julho da ACRO. Ele foi frio e distante, ela foi uma cadela que bebera cerveja demais, e de alguma forma ela deixou escapar que sentia falta dele. Ele se aproveitou e, de repente eles estavam rasgando roupas e invadindo o prédio mais próximo – a sede da Divisão Paranormal – para transar. Creed rira mais tarde sobre a vibração que haviam deixado para trás na mesa de um chefe de departamento, uma que iria chocar o bom e velho psicometrista.

Creed não levantara a ideia de um relacionamento real novamente. A janela da oportunidade para se livrar de Kat estava se fechando rápido, porém Creed não explicaria por que, e Annika ainda precisava tomar uma decisão.

Que era por que bater a porta em seu passado com a CIA era tão importante. Ela precisava ter a cabeça no lugar.

Creed permaneceu junto à porta, como se fosse impedi-la de sair. Ele tinha que saber que não podia impedi-la, mas lá estava ele, todo o metro e noventa e oito centímetros de gostosura masculina, em jeans e uma camiseta Corona branca que destacava os piercings de seu corpo e

a pele profundamente bronzeada. Pele bronzeada que estava marcada em todo o seu lado direito com tatuagens com que ele aparentemente nascera.

Agarrando sua bolsa, ela garantiu que estivesse com seu passaporte falso e armamento variado. — Saia do caminho, Creed.

— Eu não vou deixar você ir.

— Isto é por causa do Wyatt? — Ele estava estranho desde que Wyatt foi assassinado, estava ansioso sobre as missões dela, querendo que ela verificasse constantemente com ele. A perda de um amigo e operativo que fazia os mesmos trabalhos que ela, o fazia ver o perigo em torno de cada um dos cantos dela.

— Não é sobre o que aconteceu com Wyatt. Trata-se de mantê-la de cometer o mesmo erro da última vez.

— Matar Norris não foi um erro. — Ela passou por ele com um empurrão.

Creed agarrou seu braço e a girou ao redor.

— Não.

Ela ficou na ponta dos pés, mas foi de pouca ajuda para seu um metro e setenta. — Vai. Se. Foder.

Rompendo seu aperto, ela girou para a porta, mas mais uma vez, ele a agarrou. Amaldiçoando, ela torceu trás dele, puxando seu braço para trás com ela. Ele rosnou, e então ela se viu pressionada entre a parede e as costas dele.

— Eu disse *não*.

Ela enganchou a perna dele e o derrubou forte no chão. Rapidamente, ela agarrou a maçaneta da porta, mas ele apanhou seu tornozelo e a puxou para baixo em cima dele. Pela centésima vez, pelo menos, ela desejou que pudesse atingi-lo com um choque.

Em vez disso, ela sacou sua faca e, montando seu torso, apertou-a contra a garganta dele. — Você não pode me parar.

– Você está preparada para me matar, Annika?

Não muito tempo atrás, ela poderia ter feito isso sem hesitação. Agora, ela hesitava. Outra razão pela qual precisava matar Troy. Ela ficara fraca. Sentimental. Emocional. Isto precisava parar.

– Vou fazer o que eu tenho que fazer. – ela começou, mas rompeu com um suspiro. Creed estava excitado. O homem tinha uma lâmina em sua jugular, e uma ereção furiosa cutucando sua bunda.

– Assim como eu. – Ele arqueou seus quadris, empurrando o bojo cheio entre as pernas dela.

– Você luta sujo.

Creed disse uma vez que sexo era a única língua que ela compreendia, que era a única vez que ele conseguia realmente se comunicar com ela. Era ridículo, especialmente porque eles conversavam mais e passavam mais tempo juntos desde que Dev desaparecera. Ela até estava cozinhando para ele, algo que ela costumava fazer apenas para Dev.

E Creed ainda reclamava que ela não compartilhava o bastante.

Em seu ouvido, Troy zumbia sem parar para a garçonete sobre dolmades e moussaka. Annika tinha um pouco de tempo para jogar. Os olhos de Creed se escureceram enquanto ela arrastou os dedos ao longo do cume duro por trás da costura da calça jeans. O desejo canalizou um fluxo de umidade através de sua fenda, e ela não podia esperar mais.

Ela puxou o zíper dele para baixo e libertou seu comprimento esplêndido, perfurado, com o lado direito decorado com os mesmos símbolos nativo americano que marcavam o resto daquela metade de seu corpo. Puxando a calcinha de lado, ela se sentou, choramingando enquanto embainhava todo seu pênis dentro dela.

– Tão. Bom. – Ela fechou os olhos e balançou em cima dele.

– Seria melhor se eu não estivesse preocupado em sangrar acidentalmente.

Ela ainda estava com a faca pressionada em sua jugular. Sorrindo, ela a virou para o ar, e em um movimento suave pegou a ponta da lâmina e lançou a arma através do quarto para empalar a parede.

— Exibida. — Creed disse, passando as mãos debaixo de sua saia.

— Você ama isto. — ela brincou.

— Pode apostar.

Seu coração deu um salto mortal doloroso na intensidade da voz, dos olhos. Ele nunca disse que a amava, graças a Deus por isso, mas ela sabia, e em momentos como este, ela não sabia se o jeito como ele se sentia sobre ela era uma coisa boa ou ruim.

Os dedos dele encontraram seu sexo, e ela gritou quando o dedo pressionou contra seu clitóris. — Me fode, baby. Me monte.

Descumprimento não era uma opção. Creed sempre tinha o controle na cama. Ela o entregava livremente, iria deixá-lo fazer o que quisesse, e ela não analisava os porquês disso. Especialmente agora, quando o seu eixo espesso estava empurrando para dentro e para fora e a massagem lenta e sensual de seu polegar a estava deixando louca.

A fricção se construiu rapidamente, o lado direito dele queimando mais quente do que o esquerdo, mesmo dentro dela. Ela correu as palmas sobre seu abdômen, tão tenso, os sulcos rígidos não cedendo uma polegada.

Choques de prazer e eletricidade se lançavam através dela, e ele respirou fundo. Ele não sentia os choques em si, mas dizia que o prazer que ela sentia se transferia para ele se ela estivesse tocando um de seus piercings... o que ela estava, e não apenas aquele dentro dela. Ela agarrou o anel em seu mamilo direito e o estava esfregando entre os dedos.

— Ainda não. — ele ofegou, e a rolou, prendendo-a por baixo dele no tapete.

Ela adorava isto sobre ele, o jeito como ele sempre a mantinha em dúvida sobre o que viria a seguir. Mas quando ele se retirou e a virou sobre o estômago, ela soube o que ia acontecer. Erguendo-a de quatro

com um braço circundando sua cintura, ele entrou por trás, a posição favorita dela.

Ele a levou até o limite, o lugar que andava na linha entre o prazer e agonia.

Os primeiros tremores de orgasmo começaram, mas ele recuou para pará-los, a puxou para cima sobre os joelhos, assim suas costas estavam coladas contra o peito musculoso dele. — Não — ela gemeu, — não isso.

Desta posição, suas estocadas eram superficiais, e ele descobriu que podia segurá-la no precipício durante o tempo que ele pudesse aguentar. Ele cronometrara uma vez. Cinco minutos de inferno para ela.

— Não. — repetiu ela, mas ele a manteve imóvel. Lenta e suavemente, ele empurrou a cabeça de seu pênis dentro dela, massageando o anel de nervos em sua entrada com apenas estimulação o suficiente para mantê-la à beira.

— O que você quer, Annika? — Ele baixou a cabeça para que seus lábios roçassem o ouvido dela.

— Faça-me gozar. — Ela flexionou as costas, tentou levá-lo mais profundamente, mas ele apertou ainda mais, prendendo-a contra ele. — Deus, Creed. Faça-me gozar.

— Não diga isso como se fosse uma ordem. Peça por isto.

Seu piercing na língua rodeou o ouvido dela, e ela soltou um gemido. — Não.

— Essa é a minha Ani. — ele murmurou. — Orgulhosa demais para implorar.

O deslizar úmido de seu pênis entrando e saindo facilmente dela era uma tortura, a respiração dele contra seu ouvido simples crueldade. Ela deslizou a mão entre as próprias pernas, necessitando de liberação, mas ele agarrou seu pulso e o fixou em sua barriga.

— Você consegue o que quer quando eu conseguir o que quero. — Sua voz estava baixa e gutural, mas ofegante demais para ela pensar que ele não era afetado pelo ritmo que definira.

– Por favor. Por favor, me faça gozar.

– Tarde demais para implorar. – disse ele contra sua orelha. – Eu quero mais agora.

Ela gemeu, porque começara a tremer com a necessidade de libertação, a dor tão profunda que Creed tinha que senti-la em seu pênis. A brisa fria do ar condicionado girava em torno dela, fazendo nada para aliviar o calor que a estava fazendo suar. – O que você quer?

Ele roçou contra ela, empurrando-a para frente apenas o suficiente para que pudesse avançar profundamente, uma vez, duas vezes. Oh, sim, ele iria deixá-la chegar ao clímax. Mas seu entusiasmo se desvaneceu quando ele se afastou novamente. Ele estava brincando com ela, e porra, a ACRO não estava o usando do jeito que deveria. Ele era um sádico e, certamente, a agência tinha usos para eles.

– Eu quero a verdade. – disse ele. – Eu quero ouvir você dizer que me quer.

– Creed...

Ele levantou uma mão para enfiar em seu cabelo e contê-la. Seus dentes raspavam o lóbulo da orelha dela quando ele os mostrou. – Diga.

Pânico transpassava seu peito enquanto o pênis transpassava seu sexo, e de repente ela estava dividida entre dois mundos, aquele em que ela poderia ter que admitir seus sentimentos e aquele em que tudo o que ela queria era bani-los.

– Não posso. – Ela tentou sacudir a cabeça, mas ele puxou sua cabeça ao redor de modo que com os rostos colados.

– Diga. – Suas investidas se intensificaram, o bater de carne em carne soando em seus ouvidos.

Coração batendo tão forte que doía, ela lutou, mas se por fuga ou impulsos mais profundos, inferno, ela não sabia. Ela só sabia que não podia mais aguentar o confinamento do abraço Creed. Ele não desistiu, como se soubesse melhor do que ela sobre o que ela queria, e quando ele mordeu seu ombro como mais uma forma de segurá-la, forçá-la a ceder a

seus lanços dominantes e primitivos, ela cedeu, afundando como se não tivesse ossos contra ele.

— Eu quero você —, ela desabafou, incapaz de se conter ou o soluço gigante que se seguiu.

Alívio a inundou quando ele a empurrou para frente em suas mãos e joelhos e a adentrou ferozmente, suas investidas poderosas e duras, os dedos se enfiando na carne de seus quadris. Seus músculos internos se apertando em torno dele, intensificando cada protuberância, colisão, e veia em seu pênis. Ele a encheu, a estendeu, atingindo cada vez mais rápidos, seus gritos de êxtase incitando-o a continuar.

Ela gozou em uma onda de emoção e prazer que ameaçava matá-la com sua intensidade, afogar a ambos. O rugido dele, de vitória e de liberação, vibrou através dela, dando início a outro orgasmo que a deixou se contorcendo em membros trêmulos, até que ambos caíram no chão em um monte.

Merda-oh-merda. Isto foi longe demais. Tremendo, os olhos ardendo com a ameaça de lágrimas, ela se contorceu de debaixo dele. Ela não olhou para ele enquanto usava um lenço de papel para enxugar os resquícios do amor que fizeram, então tirou a faca da parede e a enfiou na bainha. Atrás dela, o som do farfalhar e de um zíper lhe dizia que Creed ainda estava pronto para tentar mantê-la de fazer o que ela precisava fazer.

Troy precisava morrer, agora mais do que nunca.

— Não pense que me forçar a dizer algo que eu falava sério pode mudar minha mente sobre isso.

— Você falou sério. — Seus passos se aproximaram, mas ele não a tocou ou a fez se sentir presa. — Por isso é tão importante para você?

Ela olhou para o buraco que lâmina deixara na parede. — Ele matou minha mãe. Se você não entende isso...

— Eu entendo. — ele disse suavemente. — E ele merece tudo o que você pretende fazer com ele. Mas não se trata de sua mãe.

— Vai se foder. — As palavras eram duras, mas sua voz denunciava sua derrota, e ela apoiou a testa contra o gesso fresco da parede.

— Annika? Você matou um monte de gente. Por que esta é tão importante?

Saliva inundou sua boca. Ela engoliu forte, o seu estômago revirando. — Eu não me importava com os outros. Eram trabalhos. Caras maus. — Alcançando entre as pernas, ela apontou o duro cabo de borracha de sua faca. — Troy... Eu o odeio, porra. O ódio é uma emoção. Ela precisa partir.

Creed inspirou fortemente, e ela o ouviu dar um passo atrás. — Jesus.

— Sim, você entende agora. Se eu removê-lo, eu removo tudo. Eu consigo voltar ao normal. — Ela se virou. — Você abriu uma espécie de porta, Creed. Você me fez sentir coisas que não quero sentir. Eu quero que isso vá embora. Tudo. Não apenas o ódio.

Ele balançou a cabeça, dor e descrença rodando nas profundezas negras de seus olhos. — Você realmente quer eu vá embora, não é?

Creed parou ali, seu rosto tão pálido que sua tatuagem se destacava como uma ferida latejante e raivosa. Quando ela não lhe respondeu, porque a expressão *ir embora* a afetava de alguma maneira maluca, ele pegou sua mochila e caminhou em direção à porta.

Ela realmente queria que ele se fosse? Ela queria que o que sentia por ele fosse banido, mas Creed ficasse? Com exceção de Dev, Creed fora a única pessoa com que ela já gostara de estar e se sentira confortável ao redor. Ele era definitivamente o único homem com quem ela poderia ter relações sexuais. Por que ele não podia ficar feliz com sexo sem compromisso?

Ela deve deixá-lo partir. Em vez disso, ela sentiu sua boca se abrir. Ouviu-se dizer: — Creed, espere.

— Por quê? Para que então você possa me dizer como só me quer para fazer sexo? Como você tem Dev para preencher suas necessidades emocionais? — Ele parou na porta, limpou o rosto com uma mão trêmula. — Jesus. Todo esse tempo eu pensei que poderia chegar até

você, eventualmente, que você pensaria melhor. Mas você não quer nem tentar. Eu não sou nada para você, e você não se importa.

— Isso não é verdade. — disse ela, porque ela se importava. Até demais.

— Besteira. Se você pudesse foder quaisquer outras pessoas, você estaria com elas apenas para que não tivesse que ficar comigo.

Algo dentro dela se quebrou, soltando uma onda de náusea. Ela não considerara o que aconteceria se ela pudesse estar com outros homens — principalmente porque ela sabia há anos que não era possível. Mas sua mente trabalhou rápido, absorvendo a ideia de dormir com qualquer um dos inúmeros homens que lhe propuseram desde que ela começou a dormir com o Creed, e não, nenhum deles a atraía no mínimo. Nenhum deles a deixava quente, a fazia rir, a fazia se sentir desejada.

Oh, eles a desejavam. Por sexo. A ideia revirou seu estômago. Virou seu estômago e passou por ela como uma bala, porque ela desejava Creed pela mesma razão. Sexo. Em seus próprios termos. Ela vinha tratando Creed como um pedaço de carne, estava usando-o sem se importar com seus sentimentos.

Ela olhou para ele, viu o jeito como ele estava olhando para ela com um misto de tristeza e dor — e pior, determinação. Ele estava cortando suas perdas e se retirando do jogo.

Oh, Deus. Ela estragou tudo. De vez.

Se ela pudesse matar Troy, não se importaria. Ela sabia disso. Mas agora mesmo ela se importava, e a dor que causara a Creed era imperdoável.

— Eu sinto muito. Eu não... Eu nunca percebi... — Dev tivera razão todos aqueles meses atrás, quando disse que ela não estava pronta para um relacionamento. Que sua criação na CIA a levou a ser emocionalmente atrofiada. E agora Creed estava pagando por sua arrogância em pensar que Dev estava errado.

— É tarde demais, Annika. Vá matar o seu cara, expurgar seus sentimentos para qualquer coisa, exceto Dev e foder quem você puder. Mas deixe-me sozinho, inferno.

O zumbido baixo em seu ouvido lhe disse que Troy estava em movimento, seguindo para seu quarto de hotel. Esta era sua chance. Agora ou nunca.

Creed abriu a porta. Ela segurou firme no braço dele com uma mão e agarrou a escuta com a outra.

— Por favor, Creed. — O medo a deixou desconfortável quando ela deixou cair o pequeno dispositivo no chão e o esmagou sob seu pé. — Me dê uma chance. Eu tenho sido tão estúpida.

O corpo dele estava tão tenso que seus ossos deviam se sentir pronto para ceder pela tensão. — Tarde demais. — ele respondeu asperamente.

— Não. — Segurando a mão dele nas suas, ela entrou na frente dele. Desta vez foi ela quem bloqueou a saída. — Eu vou deixar Troy partir. — Deus a ajudasse, ela deixaria aquele fodido assassino escapar, mas ele não se livraria completamente. — Eu vou voltar para a ACRO com você.

— Você acha que isso é suficiente? Você acha que voltarmos a foder como estrelas pornô e depois assisti-la partir para que assim não precise ter qualquer tipo de conversa íntima é suficiente? Eu não posso mais fazer isso. — Ele se soltou de seu aperto, agarrou seus ombros e a moveu de lado.

Suas pernas longas o levaram pelo corredor, cada passo soando mais alto nos ouvidos dela, mesmo que eles devessem estar ficando mais silenciosos. Pânico fez seu coração explodir em torno do interior de sua caixa torácica. Ela não podia deixá-lo partir. Algo lhe dizia que se ele se fosse desta vez, não haveria mais segundas chances.

— Eu não sei o nome do meu pai. — ela gritou, e Creed parou em seu caminho.

— O quê?

Ela mal podia vê-lo através das lágrimas em seus olhos. — Meu pai. Eu não sei quem ele é. A CIA forjou uma certidão de nascimento e destruiu todos os registros originais.

Ele se virou em sua direção, lentamente, como se suspeitasse que ela plantara minas terrestres entre eles. — Por que você está me contando isso?

— Há muito tempo, você disse que eu não deixava você entrar. — Ela deu alguns passos vacilantes. — Eu quero deixar você entrar. Eu vou lhe dizer as respostas para tudo que você perguntou e tenho evitado responder. Você quer saber por que eu tinha que comer pudim de peixe quando eu era criança? Você quer saber quando descobri que as pessoas que estavam me criando não eram os meus pais? Você quer saber por que eu nunca comemorei o Natal ou o meu aniversário? Eu vou lhe contar. — Outro passo a deixou dentro de três metros dele. — Deixe-me lhe contar.

Ela afastou as lágrimas e viu que a expressão dele havia suavizado, mas não o suficiente. — Annika...

— Eu não quero que isso seja o fim — ela resmungou.

— Por quê?

Ela tremeu. Engoliu em seco. Tentou produzir saliva em sua boca, porque não podia falar pela secura.

— Por quê? — ele repetiu, sua voz rouca como a dela.

— Porque eu tenho medo de perder você. — Ela olhou em seus olhos, garantiu que ele entendesse o quanto isso significava para ela. — E eu nunca tive medo de nada, então isso deve significar alguma coisa.

De repente, os braços de Creed estavam em torno dela, e ele estava a abraçando, o que era bom, porque a emoção deixara suas pernas feito borracha. Ele estava murmurando em seu ouvido, palavras doces e reconfortantes, e ela suspirou de alívio.

Tudo seria diferente daqui em diante, sem dúvida. Creed já não se contentaria com apenas sexo, exigiria um esforço real dela. A ideia lhe trouxe alegria e medo, porque ela tinha a sensação de que a capacidade de Creed de compartilhá-la com o outro homem em sua vida acabara de chegar a um ponto insuportável.

Capítulo 8

Pouco depois que Faith deixou seus aposentos, Wyatt saiu e ficou na borda da plataforma, olhou para o agitado oceano que parecia incapaz de se acalmar desde a tempestade anterior. Toda a atmosfera parecia estranha, descontente, e o mal-estar se estabeleceu no fundo de suas entranhas.

Esta missão — o fracasso desta missão — poderia levar ao fim da porra do mundo, e não havia uma coisa que ele pudesse fazer para ajudar além de destruir a placa-mãe para evitar futuros desastres como o furacão que atualmente ameaçava atingir os Estados Unidos.

Naquele momento, estaria tudo sobre os ombros de Remy.

Ele se moveu para trás e agarrou forte as grades do convés, abaixou a cabeça e tentou se livrar da sensação de tontura que vinha atormentando sua cabeça mais e mais vezes. Sentir-se deslocado estava relacionado com seus dons, e lhe atingira forte desde que chegara à plataforma. Atingira-o ainda mais forte desde que estivera com...

— Wyatt, você está bem? — a voz de Faith flutuou sobre ele, meio perdida no vento.

— Estou ótimo. Bem. Perfeito. — disse ele. Ele levantou a cabeça, mas não olhou para ela. Não podia. Ele sabia que cada emoção iria se mostrar em seu rosto e tomou um minuto para se recompor. Para voltar ao modo Wyatt, o trabalhador da plataforma, para um lugar onde tudo estava bem e nada poderia abalar o seu jogo.

— Okay, então, se você tem certeza.

– Eu não tenho certeza de nada. – ele admitiu. – Mas eu não queria assustá-la antes. Eu simplesmente não consigo manter minhas mãos longe de você. Eu não quero manter minhas mãos longe de você.

– Eu não estou assustada. – disse ela, mas ele tinha a sensação de que ela estava mentindo.

– Isso faz com que um de nós não esteja, então.

Ela se virou para ele e ele mudou seu peso e se moveu para manter ambos estáveis enquanto o vento se agitava e balançava a plataforma. Ele prendeu os braços em volta dela, segurando em cada lado dos canos do corrimão. – Está tudo certo. Eu seguro você.

– Por que você está assustado, Wyatt? – perguntou ela, a preocupação em seus olhos.

– Muitas razões complicadas, Faith Black. Muito complicadas para entrar aqui.

– Engraçado, eu entendo coisas complicadas muito bem.

– Eu pensei que você não quisesse chegar perto de mim.

– Eu não disse isso, não exatamente.

– Você não precisou, Faith. Você saiu correndo do quarto antes. Literalmente.

– Você é a última pessoa que eu esperava encontrar aqui fora. E você não parecia muito feliz em me ver também, você não queria que eu me lembrasse de você.

Sim, ele não estava disposto a entrar nessa agora. *Hey, Faith você esteve dormindo com um homem louco que tem dons especiais.* – Eu cresci em uma plataforma de petróleo. – disse ele finalmente. – Minha família – toda – era bem fodida. Ainda é, eu acho. Então eu não tenho grandes lembranças sobre a exploração.

– Por que você continua trabalhando em uma, então?

Ele encolheu os ombros. – Catarse, talvez. – disse ele, esperando que ela mantivesse a mão em seu peito, porque, Deus, era uma sensação

boa. Sentia-se correto, como duas metades se fechando para criar um todo, e ele se perguntava o que havia sobre essa mulher que o fazia se sentir tão conectado.

Ele sabia que não ia deixar esse sentimento — ou Faith — partir facilmente. No começo, achava que tinha algo a ver com a energia sexual incrível que fluía entre eles, mas ele descobriu neste instante que ia muito além do sexo. — Eu quero vê-la, Faith. Quero continuar vendo você uma vez que sairmos dessa plataforma.

Ela balançou a cabeça. — Eu não sei se posso fazer isso. Eu certamente não posso pensar nisso agora.

— Você é tudo sobre o posso pensar.

— Wyatt! — A voz de Don soou sobre suas cabeças.

Wyatt se virou para o gerente da plataforma e Faith rompeu o contato com seu peito. A sensação vazia e dispersa voltou instantaneamente. — O que há?

— O chefe quer vê-lo.

— Eu pensei que você fosse o chefe.

— Que fofo, Wyatt. Fofo pra porra. Stowe solicita essa fofura em seu escritório. O mais rápido possível.

Isso não era um bom sinal. Wyatt havia dado ao homem um amplo espaço, não querendo provocar quaisquer suspeitas de que um agente ACRO se infiltrara nas operações da plataforma. Mas ele já tinha uma suspeita própria, que tudo estava prestes a mudar rapidamente, era hora de avançar.

— Você está com problemas? — Faith estava perguntando. — É sobre o mergulho livre de antes?

— Quem sabe. O cara é um controlador maluco. Vai ficar tudo bem. — Ele lhe deu um apertão leve no ombro, a energia dela zunindo através dele, e por um momento — apenas um momento — ele se perguntou se havia algo especial sobre Faith Black. Algo realmente especial. — Vamos conversar mais tarde.

Ele relutantemente a deixou para trás na plataforma e correu as opções em sua mente para voltar ao modo agente enquanto caminhava casualmente para o escritório de Sean. Ele se vestira anteriormente com algumas armas escondidas debaixo de sua roupa. Seus poderes estavam de volta com força total — ele conversaria com Sean, levaria uma bronca por causa do mergulho livre e então seria hora da máquina do clima.

A porta estava aberta e Sean, o homem responsável pela máquina do clima que poderia varrer países inteiros com o toque de um botão, estava esperando por ele, de pé atrás da mesa, olhando para o computador e não parecendo feliz.

— Entre e deixe a porta aberta. — Sean lhe disse.

Wyatt assentiu, tentou manter o franzir longe do rosto. — Você queria me ver, senhor? — ele perguntou, com os braços atrás das costas na perfeita postura SEAL. Porque ele poderia fingir puxar o saco de superiores com a melhor delas.

— Aquela façanha que realizou hoje, com o mergulho livre, colocou em perigo muitos outros homens. Tirou a atenção de escorar a plataforma durante a tempestade.

— Aquele façanha salvou a vida de um homem. E isso é algo por qual eu não vou me desculpar. — Wyatt revidou, tanto pela puxação de saco. Realmente nunca funcionara para ele além do *senhor* inicial de qualquer maneira.

— Aquela façanha é o motivo de você estar sendo demitido. — disse Sean, a mão no botão, provavelmente pronto para chamar seus capangas e fazer Wyatt ser imediatamente escoltado para fora da plataforma, o que não serviria para Wyatt. Ele poderia lidar com eles, com certeza, mas então estaria entrando ainda mais, além de qualquer chance com a máquina do clima. Ele não podia estragar tudo agora, não quando estava tão perto. E assim, ele faria o que precisava fazer.

E ele não ia gostar.

Droga, ele *não* queria ter que usar essa carta, ter de seduzir qualquer homem — este homem em particular — mas quando estava de costas, e firmemente contra a parede, ele faria o que precisasse fazer para sobreviver.

Wyatt respirou fundo e deu um passo em direção a Sean. — Posso ser honesto com você? — ele começou, deixando as cócegas familiares começam em seus pés, subindo entre as pernas e para fora em um ritmo muito mais rápido do que normalmente permitia. Ele precisaria que uma nuvem da magia se liberasse rápido e furiosamente, uma promessa de feromônios que Sean não seria capaz de resistir.

— Não posso garantir que irei recompensar honestidade. — disse Sean, mas sua mão se afastou do botão. Wyatt o observou mover seus pés e jogar os ombros para trás, mudando a postura, e sim, isso estava funcionando.

— Fiz aquela façanha por você. — Wyatt não deu um cantada, sentindo as vibrações no ar entre ele e Sean, e merda, ele precisava de um plano para depois desse plano.

— Por mim? — Sean inclinou a cabeça e sorriu, as pálpebras mais pesadas do que estavam.

— Sim. — Wyatt deu de ombros, sugou o lábio inferior e viu a fome nos olhos de Sean, quase podia ler a mente do homem. Homens eram tão fodidamente fáceis, muito mais fáceis do que as mulheres. — Parece que eu não consegui pegar você... sozinho. Parece que não consegui chamar sua atenção. Eu pensei, talvez, se eu impressionasse você, eu poderia.

— Para o que você precisa me pegar sozinho? — Sean perguntou, seu tom mais leve, provocante, e Wyatt observou que o homem havia dado vários passos largos para fechar a distância entre eles. Ele estava seriamente engolindo a desculpa esfarrapada de Wyatt.

Wyatt soltara feromônios extras sobre Sean e talvez, apenas talvez, isso sairia pela culatra. Mas se conseguisse deixar o cara tão excitado que ele não conseguisse pensar direito, Wyatt poderia escapar e deixar Sean uma bagunça ofegante, mas sem memória, no chão.

Ou talvez ele tivesse que percorrer todo o caminho.

— E se eu lhe contar — não, eu vou lhe mostrar. Uma vez que você desligue as câmeras de segurança e feche a porta. — sugeriu Wyatt.

Eles estavam a centímetros de distância, a respiração de Sean mais rápida do que estivera segundos antes, a mudança já não era sutil quando seu corpo se inclinou na direção de Wyatt, enquanto ele falava.

– Por que você *não* fecha a porta? Talvez haja algo que possamos combinar que seja mutuamente aceitável para nós dois. – A voz de Sean era baixa, rouca, com mais do que uma insinuação da sugestão sangrando através da fachada do Britânico adequado enquanto ele abria o painel de segurança sobre a mesa e pausava as câmeras.

O espaço do escritório – o espaço em geral – era como um prêmio, permitindo que Wyatt fechasse a porta rapidamente e voltasse para a posição a frente de Sean dentro de segundos.

– O que você tem em mente, Sr. Stowe?

– Muitas coisas, Wyatt. Eu gostaria que você tivesse vindo até mim mais cedo sobre isso. Por que você esperou?

– Porque desde a última vez que olhei, eu era apenas um humilde trabalhador da plataforma.

– Desde a última que eu olhei, você era muito mais do que isso. – A mão de Sean envolveu a parte de trás do pescoço de Wyatt, o acariciou com o toque de um amante antes de tentar puxar a boca de Wyatt em direção à sua.

Seria tão fácil, fácil até demais, matar Sean agora, estalar seu pescoço como um galho seco. Mas matá-lo agora era o caminho mais certo para a morte – embora a outra opção fosse pagar um boquete. Literalmente.

Bem, inferno, isso seria mais interessante do que antecipara.

Wyatt, um dia desses os feromônios vão colocá-lo em grandes problemas – use-os sabiamente, Sam, uma das principais psíquicas da ACRO, lhe alertara apenas alguns meses atrás. Claro, isso foi quando ela estava em seu colo.

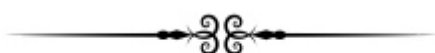
Ela estava tentando descobrir se havia uma maneira de alguém conseguir realmente levantar uma barreira contra eles. Ela não teve qualquer sorte nesse departamento.

Sean não soltara o pescoço de Wyatt e agora seu olhar – e sua mão – viajavam para baixo, entre as pernas de Wyatt.

Quando Sean começou a beijar o pescoço de Wyatt, Wyatt se perguntou o quão longe ele ia deixar isso chegar.

Isso vai salvar o seu traseiro.

Isto eventualmente o faria ser morte. Tudo isso. Matar com as mãos próprias era uma habilidade que ele tinha, e que usava com bastante frequência, mas não ia ser o suficiente contra este inimigo. E o sexo — o poder máximo — o levaria longe, mas ele suspeitava que não fosse longe o suficiente.



Faith tinha uma sensação muito ruim sobre a reunião para a qual Sean chamara Wyatt. Ela esperava que fosse sobre o mergulho livre, mas não ia apostar a vida de Wyatt nisso. Se Sean sabia que ela e Wyatt estava dormindo juntos...

— Merda.

Ela compassou por alguns minutos após Wyatt partir, mas sua preocupação conseguira o melhor dela. Mais cedo, logo após ela e Wyatt transarem no quarto dele, ela tomou banho, se trocou, e tivera uma breve permanência no escritório de Sean, onde plantara uma microcâmera de vídeo que transmitia em seu celular. A equipe detecnologia da TAG era de alto nível, e o dispositivo, contanto que não estivesse em operação, não podia ser detectado por varreduras de segurança. Quando ativado, de fato emitia uma assinatura, mas as chances de que alguém estaria varrendo o escritório de Sean naquele exato momento eram quase nulas.

Ela escorregou para sua minúscula cela de quarto, afundou-se em sua cama e ligou a transmissão do telefone. Não havia som algum, mas a imagem era clara, e... *puta merda.*

Wyatt e Sean estavam... Ela engoliu em seco. Certamente não era o que parecia, porque o que parecia era o início de uma festival sexual macho-em-macho.

Os dois homens de pé peito a peito, as mãos de Sean nos quadris de Wyatt, seus dedos mergulhando por baixo do cós de Wyatt e sua boca no pescoço de Wyatt. A cabeça de Wyatt estava jogada para trás, os olhos fechados, seus lábios separados, daquela forma sensual que a fazia tremer.

Uma onda de ciúmes disparou em suas veias. Wyatt era dela, não de Sean, caramba.

Oh, diabos. Essa linha de pensamento era insana. Wyatt *não* era dela, e se ele era gay, então não havia nada para ter ciúmes.

Só que ele não era gay. Ela sabia disso com tanta certeza quanto sabia o gosto da pele dele em sua língua.

Os olhos de Wyatt se abriram devagar, e foi quando ela viu. A relutância. Ele não estava gostando das mãos de Sean em seu corpo mais do que Faith gostava de assistir. Quando Sean mordeu o tenso tendão entre o ombro e o pescoço de Wyatt, os dentes de Wyatt se descobriram como se ele quisesse chutar o traseiro de Sean.

Não, Wyatt definitivamente não estava a fim — ela sabia, porque o mordera ali também, lá atrás, no hotel, e a reação dele foi rápida e certa. Ele suspirou de prazer, a colocou contra a parede e bombeou dentro dela até que ela gritou.

Então, que tipo de jogo Sean estava jogando? Ela o conhecia, sabia que ele fazia *qualquer coisa* para completar uma missão — que não o tornara diferente de qualquer outro agente secreto no planeta. Mas, como regra, ele nunca fora a fim de homens.

Ele estava tramando alguma coisa. Talvez estivesse brincando com Wyatt, tentando humilhá-lo. Sean tinha um traço cruel, algo que se desenvolveu ao longo de anos sendo intimidado. Não era preciso muita imaginação para que ela o visualizasse dizendo a Wyatt que ele poderia manter seu emprego se fizesse um boquete em Sean.

Mas isso não explica por que eram as mãos de Sean que estavam por toda parte de Wyatt. Não, alguma coisa não estava certa aqui.

Incluindo seu ciúme sobre a forma como Sean estava tocando Wyatt, porque, por mais insano que fosse, ela pensou em Wyatt como seu.

Eu quero vê-la, Faith. Quero continuar vendo você uma vez que sairmos dessa plataforma.

Em suas palavras suavemente faladas no convés, excitação se enrolara em seu estômago. O coração disparara na ternura em seu olhar. Os homens de seu passado e presente a viam como um desafio, uma operativa poderosa que poderia se virar sozinha em uma luta e na cama. Pela primeira vez em sua vida, um homem estava olhando para ela como se ele pudesse lhe oferecer um refúgio seguro, braços para abraçá-la quando ela já não pudesse ser forte. Braços para protegê-la para que assim ela pudesse descansar, pudesse realmente relaxar em vez de sempre manter um olho preparado sobre tudo e todos ao seu redor.

Agora esses braços estavam em torno de Sean.

Fechando o telefone com um estalo, ela correu para fora de seu quarto e foi direto para o escritório de Sean. Os guardas, que foram orientados a deixá-la entrar em qualquer momento, estavam de pé ao lado quando ela abriu a porta.

A situação fora mais longe no tempo que levava para chegar de seu quarto até o escritório, e agora Wyatt estava sentado na mesa, pernas separadas e sua calça jeans aberta. A mão de Sean estava na frente, trabalhando o outro homem com carícias duras e firmes.

No momento em que ela fechou a porta atrás de si, uma explosão de luxúria a atingiu, tão forte e repentina que ela mal pode ofegar, – Alguém quer me dizer o que está acontecendo, porra?

Não que isso importasse, porque ela agora sentia o desejo feroz de se juntar a eles. De se afundar de joelhos na frente de Wyatt e tomá-lo em sua boca, enquanto Sean... bem, Sean nem precisava estar ali, porque ela queria Wyatt, e ela o queria *agora*.

O momento seguinte foi um borrão de movimento enquanto Sean saltava para longe de Wyatt, sacava uma arma de sua mesa, e esmagou sua mão sobre o botão de segurança.

– Entrem aqui! – Sean gritou.

Wyatt rolou da mesa, bateu no chão em uma posição de combate.

Faith ficou em pé ali, atordoadada demais para se mover. Seu coração batia forte, sua respiração estava rápida demais e seu corpo dolorido ainda não recebera a mensagem de que não teria relações sexuais.

Ela esfregou o rosto com uma mão trêmula, precisando de um momento para pensar. Para limpar a cabeça, porque Deus a ajudasse, ela não tinha ideia de onde o desejo incontrolável de fazer sexo viera. Sean parecia estar se perguntando a mesma coisa. Seus olhos ainda estavam vidrados e ele parecia tão confuso quanto irritado, e durante todo o tempo mirando uma Tokorav 9mm na têmpora de Wyatt.

Wyatt apenas parecia irritado. Mas ele teve a presença de espírito de fechar as calças, e por alguma razão, Sean o deixou.

Todos haviam sido drogados com algum tipo de afrodisíaco transportado pelo ar? Ela não colocaria além da Itor tentar algo assim, mas por que eles?

A porta do escritório se abriu, e quatro dos capangas de Sean os cercaram. Três levantaram suas armas para Wyatt, e um apontou a sua para ela. Idiotas.

– Sean...

– Agora não. – Sean fez um sinal para um de seus homens. – Leve Wyatt para a área de contenção. Amarre-o.

Ela esperava que Sean não percebesse que o sangue havia sido drenado do rosto dela. – Sean, seja razoável. Deixe-o partir. Ele não fez nada.

– Está tudo bem, Faith. – A voz de Wyatt era baixa e reconfortante, com a sugestão protetora que viera mais cedo em seus olhos. – Não se envolva nisso.

O inferno que ela não iria. Seja o que estivesse acontecendo, não era culpa dele. Sean estava, obviamente, no modo atirar-primeiro-perguntar-mais-tarde, o que não seria um bom presságio para o futuro de Wyatt. Especialmente se Sean suspeitasse que eles dormiram juntos, o que explicaria sua fúria – em parte, pelo menos. Sean geralmente não era do tipo ciumento, mas ele acreditava que ela estava entrando para Itor e que eles finalmente ficariam juntos novamente. Ele não gostava de

perder, e se via Wyatt como qualquer tipo de competição em absoluto ... ele destruiria o homem.

Ela se adiantou, ganhando um golpe na face do valentão mais próximo a ela. Sua cabeça se lançou para trás e o gosto acobreado de sangue encheu sua boca.

Pura fúria assassina queimou nos olhos de Wyatt. – Bastardo. – ele rosnou. – Ela é uma contadora, porra!

Ele atacou como uma cobra, levou dois dos capangas ao chão com seus punhos e girou para o terceiro, chutando a arma de suas mãos. O quarto deu um soco no rim de Wyatt. Wyatt grunhiu, mas não perdeu o ritmo. Ele trocou golpes com o outro homem, que claramente sabia sua merda e estava soltando chutes e socos Hapkidô como um mestre.

No pequeno espaço, Wyatt conseguiu se virar, seu corpo esquivo se movendo com uma graça que ela não teria esperado de alguém tão alto.

A maldição desagradável de Sean soou. Ela sentiu o formigamento familiar que marcava o uso de seu poder de drenar energia, e Wyatt tropeçou.

– Wyatt! – Seu aviso veio tarde demais. Ele desceu em um joelho, e Sean rachou a parte de trás de sua cabeça com a pistola.

– Que droga, Sean! Não o machuque!

Sean a ignorou, ainda focado em Wyatt, que caiu ao chão. Os capangas, mancando e estremecendo, o amarraram em instantes. E eles não tomaram qualquer cuidado especial para serem gentis.

– Você – Sean disse, apontando para o cara que a atingira, – está demitido. – Da expressão mortal no rosto de Sean, ela sabia que o cara teve sorte de escapar com nada mais do que perder o emprego.

Com a cabeça nadando pelo golpe, a residual neblina sexual e a confusão de seja o que estivesse acontecendo aqui, Faith observou impotente enquanto Wyatt era arrastado para fora do escritório de Sean, semiconsciente e sangrando.

Assim que a porta se fechou, ela se virou para Sean, com a intenção de tirar Wyatt dessa. — Nada disso era necessário. É um exagero, não acha? Ele é um civil, e você usou seus poderes sobre ele!

Estranhamente, ela teve a sensação de que se não fosse pelo uso antidesportivo de Sean de seu dom, Wyatt poderia ter sido capaz de sair dessa situação lutando, apesar do fato de que ele estava em menor número e desarmado.

Sean agarrou seu pulso. — Você transou com ele, não é? — Ele apertou até ela teve que cerrar os dentes para não gritar. — Vocês são um pouco preocupados demais um com o outro.

As palavras se afundaram como uma pedra em suas entranhas. Era precisamente por isso que ela tentou manter distância de Wyatt. Bem, uma das razões de qualquer maneira. E agora ele estava em perigo porque ela se permitiu se importar.

— Bem, — Sean rosnou, — você vai negar?

— Não. — Não havia motivo. Era muito mais perigoso mentir e ser descoberta do que dizer a verdade.

Ela esfregou o rosto machucado com a mão livre, usando o tempo para se recompor e trazer de volta a persona de agente fria que precisava. — Era apenas sexo. — Sorrindo sedutoramente, ela trilhou um dedo abaixo do centro do peito dele. — Eu gosto dos meus brinquedinhos. Não significou nada.

Tanto para não mentir.

— Espere. — Ela franziu a testa. — Você não sabia que nós dormimos juntos até depois sacou a pistola para Wyatt. Então, sobre o que foi esta comoção?

— Eu não tenho ideia! — Sean a empurrou e chutou sua mesa em um acesso de raiva. — Eu o chamei para demitir seu traseiro, e então recebi esse e-mail... uma maldita piada de algum 'informante', me dizendo que eu tinha um agente inimigo debaixo do meu nariz, aqui pela máquina do clima, e na próxima coisa que sei, o estou masturbando e que diabos estava acontecendo?

Todos os tipos de sinos de alerta fizeram o coração dela parar como se tivesse sido congelado instantaneamente. Alguém contara a Sean que ele tinha um espião em seu meio. Seu coração começou de novo, saltou para a direita em sua garganta.

– Do que você se lembra?

Sean caminhou, consumiu o pequeno escritório em cinco passos largos. – Eu estava me preparando para chamar uma escolta para levá-lo para fora da plataforma. – ele murmurou. – Então, tudo é nebuloso.

– Até que eu entrei, e você saiu do transe.

– Exatamente.

Ela repetiu o vídeo em sua cabeça. De maneira nenhuma Wyatt gostara das mãos de Sean em cima dele. Sean, no entanto, estava louco de tesão, algo que estivera muito evidente, mesmo na pequena tela do telefone.

E quando ela entrou no escritório, viu a expressão de Wyatt, uma de moderada concentração, como se tivesse fantasiando sobre estar em outro lugar, talvez com outra pessoa. Ele estava desligado, mas ela subitamente se sentiu como se tivesse dado um mergulho em uma piscina de êxtase. Como se o próprio ar na sala tivesse infundido com uma droga que eliminava todos os pensamentos, exceto aqueles que se originavam abaixo da cintura. Ela não se preocupou com nada além de deixar Wyatt nu e receber o alívio que precisava.

O efeito havia sido poderoso, intenso... e não natural.

Maldito inferno.

– Ele é um agente. – A voz dela era um sussurro atordoado, mas o choque durou apenas um segundo, desviado rapidamente para dor e fúria.

Uma sensação nauseante de traição enfraqueceu seus joelhos, e ela precisou firmar a palma da mão na parede para não cair. Ele sabia sobre ela o tempo todo? Ele planejava usá-la contra Sean ou tomar a máquina do clima? Ou talvez ele trabalhasse com os bastardos que levaram Liberty, e fora enviado para manter um olho em Faith.

Ela o imaginava apenas meia hora antes, na plataforma, seus braços a prendendo contra o corrimão e lhe dizendo como ele estava assustado sobre o que estava acontecendo entre eles. Ela sentira fissuras se formarem em sua parede torácica enquanto ele falava sobre crescer em uma plataforma, e sim, ele poderia estar jogando com ele como o maldito do James Bond, mas algo sobre esta teoria não soava verdadeiro. Ele ficara indignado demais quando o valentão batera nela há poucos momentos.

Ele realmente acreditava que ela era uma contadora, algo que não deveria fazê-la se sentir melhor, mas fazia.

Sean girou nos calcanhares no meio da sala. — Um agente? Você realmente acha isso? — Sarcasmo escorria de sua voz como ácido. — E você transou com ele.

— Acalme-se. — Fácil para ela dizer, quando dentro suas emoções se agitavam. — Ele não sabe quem ou o que eu sou. Ele acha que eu sou uma auditora da companhia. E nós não sabemos com quem ele está. Nós nem mesmo sabemos que habilidades especiais ele possui.

— Além de poderes de sedução pelas quais qualquer sedutor mataria? — Sean passou a mão sobre o rosto. — Cristo. O que eu estava prestes a fazer?

— Eu acho que seria óbvio. — Ela se pegou brincar com sua gargantilha e soltou a mão. — O que você pretende fazer com ele?

Sean latiu uma risada, apagando qualquer esperança de que ele mostraria misericórdia. — O que você acha?

Ela não estava surpresa, mas se sentia doente. Ela sabia do que Sean e a Itor, eram capazes.

Ela também sabia que não poderia fazer uma coisa maldita para ajudar Wyatt. E quando Sean a cutucou no peito com um dedo e disse, — Ele é seu amante, então você vai fazer as honras da casa. — soube que não poderia fazer uma coisa maldita para ajudar a si mesma também.

Capítulo 9

Se Wyatt tivesse sorte, tinha cinco minutos para viver – se fosse azarado, tornaria dez, porque a fodida cremalheira em eles o amarraram estava começando a maciçamente lhe dar nos nervos e puxar seus ossos, a ponto de não retorno.

Não que o abatimento sensorial tivesse sido um passeio no parque, mas pelo menos ele apreciara a tortura mental. Este esticar lento de seus membros, no entanto, seus braços e pernas de braços abertos por correntes presas a manivelas de movimentos lentos, não seria o jeito como ele cairia.

Seus poderes telecinéticos foram drenados significativamente, tanto de seu próprio uso da magia, mais a aparente capacidade de Sean Stowe de drenar poderes – algo sobre a qual a ACRO não tinha conhecimento. Doeu como um filho da puta também quando o cara agiu, razão pela qual Wyatt fora forçado a permanecer aqui durante toda a noite e aguentar essa merda.

O que não mata, o torna mais forte, seu velho Oficial de Comando lhe diria, mas agora mesmo ele estava caminhando ao longo dessa perigosa linha assassina.

O espancamento não funcionou; nem o chicote de nove caldas, encomendado especialmente com pregos. A música alta e as luzes intensas eram fáceis o suficiente de ignorar – ele encarou muito pior no treinamento e em um momento contou isso a seus atuais torturadores. Eles não haviam apreciado tanto assim, e foi por isso que ele se encontrava nesta situação, pronto para ser rasgado literalmente membro a membro. A coisa era, eles fariam isso se ele falasse ou não.

Faith estava inconsciente no chão de cimento – eles a arrastaram nesta manhã, logo antes de o levantarem em correntes. Ela foi espancada, e quando eles começaram a tirar suas roupas, ele ficara com aquele sentimento doente que vinha da impotência e raiva combinadas.

Mas eles a deixaram sozinha em favor de continuar a se divertir com ele, algo pelo qual foi grato. Ele aguentou o castigo com ainda mais força depois disso – seu senso de proteção era forte demais para se deixar morrer e deixá-la para trás.

Respire. Concentre-se e respire.

A sensação começou do jeito de que sempre, um tremor que se iniciava na parte de trás do pescoço, vibrava através de seu crânio como um trem de carga correndo em linha reta através do inferno, e quando ele tinha certeza de que seu crânio iria se quebrar, via o mundo através de um nebuloso véu verde-limão que o deixava saber que tudo estava sob controle, e que era hora de começar a reagir rapidamente.

Seus olhos se abriram. Quando o primeiro objeto sobre o qual colocou os olhos, o chicote de nove caldas que seus torturadores deixaram pendurado na parede oposta para insultá-lo, voou pela sala e atingiu a parede oposta forte, ele sabia que, apesar das horas após horas de tortura, seus poderes ainda estavam ali. Silenciados. Comprometidos. Mas ali.

A cabeça de Faith se lançou para cima e ela olhou para ele incrédula. Ela ficou de pé, uma dor indescritível em seus olhos com a qual ele não conseguia lidar.

Claramente, eles a drogaram, ou ela tinha algum tipo de ferimento na cabeça. Mas quando ele tentou se concentrar em mover a corrente pesada que prendia sua perna esquerda, sentiu uma agitação inconfundível em sua virilha.

Ele se deslocou para olhar para ela.

– Não. – disse ela.

Desde as sensações incontroláveis viajando por seu corpo, ele percebeu que não ia ter muita escolha. – Faith, eu não contei para ele. Eu juro.

– Contou o que a quem?

– O seu namorado. Eu não contei a ele sobre nós. Ele sabia. – Sean veio duas vezes durante a noite para questioná-lo sobre Faith, zombara dele com os seus próprios contos sinistros.

– Sean não é meu namorado. E eu sei que você não disse nada.

Ele encarou as vigas de aço acima de sua cabeça, pensando, planejando, buscando qualquer tipo de válvula de escape em tudo isso, e *porra*, ele ainda estava mais fraco do que lhe era confortável. – Eu sinto muito por tê-la arrastado nisso

– Você não o fez.

Um grunhido retumbou em sua garganta. – Eu seduzi você. Eu não deveria. Não aqui. Não na plataforma, onde ele poderia descobrir.

Ela respirou fundo e ele sabia que ela estava o inalando, o cheiro que ele exalava sempre que estava ao seu redor – porque ele a queria sempre, em qualquer lugar. Mesmo agora, em seu estado debilitado.

Mas ele estava aqui por apenas uma coisa – conseguir realizar seu trabalho. Resgatar Faith aconteceria em conjunto, mas a máquina do clima não poderia ser deixada ao acaso.

– Eu não estou aqui porque Sean é ciumento.

– Então por quê?

Faith não respondeu, em vez disso focou seu olhar sobre o corpo dele e seu rosto empalideceu visivelmente.

Ela se concentrou no corte em seu peito e por um minuto houve uma facada quente seguido de intenso alívio. Ele olhou para baixo e viu as bordas da ferida se fecharem e desaparecer, ele respirou fundo.

– Jesus. Você é uma agente, *porra*. – Ele fez um grande esforço contra suas amarras quando tudo se encaixou em sua mente: Faith estava trabalhando com Sean, e ela era um inferno de muito mais do que uma contadora.

Ele se ferrou, direto na parede, porra. Ou na cremalheira, como era. Tudo que eles precisavam fazer era ameaçá-lo com a terapia de eletrochoque e ele implodiria lindamente.

Ele sacudiu as correntes e sentiu a cremalheira esticá-lo novamente.

– Por favor, não. – disse ela, e seus dedos, com a sua agulha e linha psíquica, escorregaram pelo corpo dele até que pairavam sobre seu pênis já endurecido. Ele arqueou de novo, como se isso fosse ser suficiente para quebrar as amarras, mas a voz dela cortou sua consciência. – Deixe-me. Siga meu comando.

Ele gemeu e então cerrou os dentes contra as sensações agradáveis que ela lançou em sua virilha e a dor que sua cura causava em todos os outros lugares.

– Eu vou precisar que você grite, Wyatt. Grite como eu estivesse matando você.

– Você está, Faith. Eu passei pelos portões do inferno e sobrevivi, mas de alguma forma acho que você será o diabo que vai me derrubar.

– Grite, Wyatt. Apenas grite.

Ele fechou os olhos e deixou os sons primitivos de dentro de sua cabeça saírem, da maneira como ele vinha resistindo ao longo das últimas doze horas. Da forma como ele vinha resistindo toda a sua maldita vida. Colocou tudo para fora, não reteria nada até que tivesse certeza que ele tinha mais nada dentro de si. Até que ele não tivesse certeza que não estivesse expulsando a própria alma a gritos.

Os gritos de Wyatt cortaram o ar, cortaram através do coração e da alma de Faith. Ela não estava o machucando, longe disso. Mas o rugido brutal que estava sendo arrancado de sua garganta não poderia conter mais agonia.

Sabia que ele se sentia traído por ela, mas havia mais por trás dos gritos, algo sombrio e assustador que ia tão fundo que não podia alcançar mesmo com seu dom. Pelo menos era convincente.

Ela alertou Sean que não iria se apresentar para uma audiência. Ninguém assistindo. Ninguém escutando.

Exceto que ela sabia que os guardas estariam do lado de fora da porta, e enquanto eles não ouvissem conversas silenciosas, gritos chegariam até eles.

– Isso é bom, Wyatt. – ela sussurrou, mantendo o afago psíquico dos centros de prazer dele ao mesmo tempo em que estava curando suas feridas. Suas ondas de cura biocinética podiam causar agonia torturante enquanto as goivas e cortes se uniam, assim dar prazer ao mesmo tempo mantinha a mente longe da dor.

Ainda melhor, as sensações conflitantes o mantinham ocupado e incapaz de usar sua telecinese. As drogas que Sean havia lhe dado deviam ter passado – más notícias para ela.

– Por quê? – ele respondeu asperamente. – Por que você está me curando?

– Porque eu não posso machucá-lo como o Sean quer.

E Sean definitivamente queria. Ele fora até seus aposentos privados depois de uma noite irregular, e uma visita pela manhã ao laboratório do clima, onde ela estudou secretamente as escalas da equipe, os planos imediatos da segurança da Itor, que eram horríveis. Ela precisava fazer seu movimento hoje, ou um monte de vidas além da Liberty estaria em jogo.

Sean ficou acordado quase a noite inteira também... torturando Wyatt. Quando ela lhe perguntou se Wyatt falara, ele foi curto.

– *As únicas palavras que ele falou foram maldições e insultos. Nós tentamos de tudo. Tortura física e mental, privação sensorial... mas até agora, nada.* – Uma nota de admiração se arrastara na voz de Sean, e ele pareceu perceber isso, e retraiu seu lábio superior em um sorriso de escárnio.

Lutando contra uma onda de náusea, Faith se afundou em uma cadeira no pequeno bar espelhado dele. – E quanto a drogas de verdade?

– *As drogas que tivemos que usar para manter sua telecinese sob controle interferem com soros da verdade.*

– *Telecinese? Então você tem certeza de que ele é um agente? ACRO?*

Sean se aproximou, a camisa de linho para fora da calça bege, mas a aparência casual era enganadora. Ela nunca conheceu alguém tão intenso. – Ele poderia ser um mercenário. Ou um agente livre, como você. Nós não podemos ter certeza. – Ele serviu um copo de vinho e fez um gesto para o copo vazio ao lado dele. Ela balançou a cabeça, querendo manter a mente limpa. – Precisamos descobrir por que ele está aqui e quem o enviou. Também precisamos saber como ele – ou seja para quem ele está trabalhando – descobriu sobre esta operação.

Ela devia estar grata pela comoção. A presença de Wyatt concentrara todas as atenções sobre ele, tirando-as de cima dela. O sacrifício não intencional dele pode ter tornado a própria missão dela muito mais fácil. Na verdade, se ela cronometrasse sua incursão ao laboratório de clima com a próxima vez que Sean e sua equipe de tortura estivessem ocupados com Wyatt, ela poderia aumentar suas chances de sucesso.

Exceto que, maldito seja, ela queria ajudá-lo. Especialmente se ele estivesse trabalhando para os mocinhos.

– *O que você pretende fazer?*

Por um momento, Sean girou o vinho em seu copo, estudando-a com olhos sombreados e de falcão. Quando seu olhar caiu para suas pernas, ela sentiu o formigamento instantâneo de sua carícia. O formigamento se moveu para cima, ao longo de suas canelas, sobre os joelhos. Seu pulso disparou com energia nervosa enquanto a carícia visual dele subia, para a pele logo abaixo da barra de sua curta saia preta.

Ele estendeu a mão, pegou uma mecha de seu cabelo em seus dedos. – Eu te amo. Você sabe disso, não é?

– *Claro.*

– *Então você vai entender quando eu digo que desejava que não precisasse de sua ajuda.*

Balançando a cabeça, ela se afastou para olhar para ele. – Não estou acompanhando.

Ele puxou suavemente em seu cabelo. – Eu preciso que você obtenha as informações de Wyatt. – Ele puxou novamente, desta vez torcendo a cabeça para trás de modo doloroso para ela fosse forçada a olhar em seus olhos. – Ainda que eu odeie a ideia de você estar perto dele. De novo.

– Não significou nada, Sean. E agora eu suspeito que os poderes de sedução dele tiveram mais do que um papel pequeno.

Ela franziu a testa, porque não tinha certeza de qual foi o papel. Ele precisava ativá-los, ou eles eram uma parte dele, sempre à sua volta como uma teia de luxúria que capturava seja quem chegasse perto? Porque definitivamente sentiu um magnetismo erótico quando estava perto dele, mas o que ela experimentara ontem no escritório de Sean fora muito diferente.

– Você vai ter que resistir desta vez, Faith, – disse Sean. – Pense nisso como um teste. Passe, e a Itor vai aceitá-la em nosso rebanho. E então eu vou cuidar de você. Eu sempre tomei conta de você, não é, muffin? – Ele diminuiu seu poder sobre os cabelos, e ela resistiu à tentação de massagear a torção que ele deixara em seu pescoço.

– Nós tomamos conta um do outro, – disse ela com força, e tomou um gole do vinho de Sean para que não precisasse falar sobre coisas que não eram nada além de mentiras agora, dada a forma como ela estava prestes a traí-lo, roubando a arma de sua agência. Nem ela duvidava de que ele a trairia por um prêmio tão grande.

Ele sorriu, inclinou-se e pressionou um beijo carinhoso na testa dele. – Sinto muito, muffin.

– Porque...

O punho dele bateu em seu rosto. A dor explodiu em sua cabeça e atrás dos olhos. Ela voou para trás da cadeira, batendo no chão.

O pé de Sean esmagou suas costelas, e então a ponta da bota pegou seu maxilar. Através da visão dupla, ela viu o borriço de sangue voar e respingar nas calças dele.

Gemendo, rolou para longe dele. Ela girou em torno de uma perna, pegando-o atrás do joelho. Com um “Oof!” ele caiu, batendo na mesa de café. Antes que pudesse chegar a ficar de pé, ele estava em cima dela, o

peso fixando-a e as mãos bloqueando seus pulsos, então tudo o que ela podia fazer era gritar e se contorcer inutilmente.

– Shh, querida – disse ele, em uma voz suave que não fazia nenhuma porra de sentido. – Sinto muito. Muitíssimo.

– Bastardo. – ela respondeu asperamente, cuspiendo sangue em seu rosto. – Q-que diabos? – A dor a deixou tonta, a irritou ainda mais, e ela balançou a cabeça para cima de modo que sua testa se conectou com a dele em um estalo.

– Ow! Porra! – Ele olhou para ela, estremecendo quando o sangue de seu couro cabeludo cortado gotejou em seu olho. – Acalme-se, maldição!

– Acalme-se? Você me atacou, seu idiota.

A voz dela soou piegas pelo inchaço de seu nariz e lábios, e um pouco de espuma do sangue que enchia sua boca pela segunda vez em dois dias. Ela esperava que ele pudesse entender o que ela disse, porque seus ouvidos zumbiam e ela não poderia dizer se as suas palavras foram claro através do inchaço e do sangue.

– Precisamos que você seja convincente, – disse ele, e mergulhou a cabeça para limpar o sangue do braço. – Você vai ser prisioneira com Wyatt. Você vai ganhar a confiança dele dizendo que você é uma espiã inimiga, e eu peguei você. Você vai curá-lo... mas não use aquela coisa do efeito colateral agradável que você faz.

– Então você teve que me espancar?

– Como eu disse. Convincente.

Ela xingou, sacudiu os braços da sair se seu aperto, que ele afrouxara. – Você poderia ter pelo menos me avisado, porra, antes de me arrastar e me cobrir de porrada.

Sorrindo, ele rolou de cima dela com o esgotamento preguiçoso de alguém que acabara de fazer sexo.

– O quê? – Ela se balançou para ficar de pé e usou cada grama de força de vontade para não atravessar o salto de seu sapato através da jugular dele.

– O que é tão engraçado, maldito seja?

– Você, querida. Eu realmente sinto muito por Wyatt. – Ele estendeu a mão, correu um dedo para cima em sua panturrilha, e a pele dela se arrepiou. – Ele resistiu a meus melhores interrogadores, mas ele não tem uma maldita menor chance contra você.

Wyatt certamente teve uma chance contra ela, porque ela o curou, mas não pela razão Sean o queria curado. Não, ela fizera isso para lhe dar uma chance na fuga. Sean queria fazer parecer que ela estava sendo legal, mas ele tinha uma razão mais sinistra: curar Wyatt após cada sessão de tortura seria mantê-lo vivo indefinidamente.

Ela não pretendia estar por perto para a próxima.

A garganta Wyatt trabalhou em um engolir duro e ela desejou que tivesse um pouco de água para ele. – Você trabalha para a Itor.

– Eu sou um agente livre. – Com os ferimentos dele curados, sua pele lisa e perfeita novamente, ela retraiu seus poderes, o deixando relaxar. Pelo menos relaxar o máximo que podia com seus membros sendo puxado para fora de seus soquetes. Ela encontrou a alavanca que operava a geringonça e afrouxou a tensão.

Wyatt exalou lentamente, embarcando no que devia ser uma onda de alívio. – Obrigado.

– Eu vou soltar seus braços e pernas, mas eu não confio que você se comporte, por isso eu mesma vou contê-lo. Você vai sentir uma pressão, como se eu o estivesse segurando.

Ela não podia correr o risco dele atacá-la, porque por melhor lutadora que ela fosse, ele era maior e mais forte, e agora mesmo o instinto de autopreservação dele devia estar em alta velocidade.

Convocando o dom, ela congelou seus músculos. Uma vez que ele estava totalmente imobilizado, ela alcançou para destravar as algemas nos tornozelos.

Assim que seus dedos roçaram o ferro pesado, as algemas se abriram. Instintivamente, ela aumentou a quantidade de poder que estava usando para manter Wyatt imóvel e esperou como o inferno que

ele não encontrasse alguma coisa na cela para jogar nela. As drogas que dera a ele definitivamente perderam o efeito.

Enquanto ela o observava, as algemas dos pulsos se abriram, e de repente ele estava livre e a única coisa que o impedia de atacá-la era o poder de sua mente.

Ele testou; ela o sentiu tentando empurrar sua força invisível. No canto, o chicote de nove caldas se chocalhou, e ela se perguntou se poderia nocauteá-lo antes que ele fizesse o mesmo com ela.

— Calma. — ela murmurou, soltando seu domínio sobre a cabeça dele, para que assim ele se sentisse, pelo menos, um pouco menos contido.

O chacoalhar parou. — Para quem você trabalha? — ela perguntou, agora que ele se acalmara.

O olhar dele se aguçou. — Agente livre. Como você. — Ele lambeu os lábios secos. — Então, se você é uma agente livre, por que está trabalhando para Sean?

Esta era a pergunta que temera. Muitas respostas, apenas uma verdade, o resto apenas parcialmente verdadeiras, mas qualquer uma deles poderia levá-la a morte.

Ela definiu que lhe diria a verdade sobre as intenções de Sean. Se Sean descobrisse, ela poderia se livrar de sua ira com bastante facilidade, dizendo que ela estava tentando ganhar a confiança de Wyatt.

— Ele quer que você pense que eu sou inimiga da Itor. Que depois que ele pegou você, soube que eu estava disfarçada também. Eu deveria estar conseguindo informações de você, fingindo que as estou conseguindo para mim mesma. Não para ele.

Rolando a cabeça para a frente, ele olhou para o teto, e ela não tinha ideia se ele acreditara nela ou não. — Você está transando com ele.

Não era uma pergunta. Ele sabia.

— Nós fazemos o que temos que fazer. — A memória do quase festival sexual no escritório de Sean queimava como uma gota de ácido

em seu cérebro, deixando suas palavras cáusticas. — Você mesmo quase transou com ele. Eu diria que você não tem espaço para julgar.

— Eu não estava julgando. — A maneira como ele disse, monótona e totalmente sem emoção, a desestabilizou. Por que, ela não tinha ideia. Bem, isso não era verdade. Ela queria ouvir... o quê? Raiva na voz dele? Ciúme? Ela era um idiota. Mas isso não a impediu de fazer a pergunta que a atormentava desde ontem.

— Você usou algum tipo de encantamento em mim, não é? Algum poder de sedução. Para me fazer dormir com você.

Ele sorriu, ainda olhando para o teto. — Você quis dormir comigo por conta própria.

— Bastardo. — Abruptamente, ela tomou consciência de sua própria nudez, sua vulnerabilidade. Furiosa por se preocupar em ajudá-lo, ela caminhou até sua pilha de roupas. — Eu devo ter sido uma bela de uma piada para você.

Mantendo seu poder em plena força para segurá-lo até que ela estivesse fora da cela, ela se vestiu e chamou os guardas. Ela sequer lançou um olhar para Wyatt quando a porta se abriu.

— Faith. — A voz de Wyatt era suave enquanto ela passava pela soleira. — Você nunca foi uma piada.

Capítulo 10

Na noite em que Creed e Annika retornaram da Grécia, Creed teve uma reunião com alguns agentes da ACRO, sobre a preparação preliminar da tempestade e possíveis locais para abrigos de emergência no QG.

Annika foi enviada em uma missão de esclarecimento com Devlin, que estava de volta ao comando ACRO, e por um segundo o pensamento fez Creed cerrar os punhos. Ele odiava isso, se amaldiçoou por se permitir pensar mal de Devlin. Essa coisa que continuava sendo plantada entre ele e Annika não tinha absolutamente nada a ver com os sentimentos de Devlin, e racionalmente Creed sabia disso. Mas a forma como Annika corria para Dev em qualquer momento que algo saía errado, a qualquer hora em que ela precisava de conselhos... bem, isso cortava diretamente através de seu coração.

Ainda assim, ele sabia que ela também estava preocupada, ainda mais agora sobre o que aconteceria agora que Dev estava de volta à ação. O relacionamento dela com o chefe da ACRO não fora um problema para eles nos últimos meses, porque Dev estivera ocupado lutando contra seus próprios demônios. Literalmente.

Mas desde ontem, quando impedira Annika de assassinar o homem que havia matado sua mãe, ela estava estranha com ele. Oh, com certeza, ela escondia bem, escondia por trás do sexo alucinante que sempre tinham, mas Creed sabia que a revelação de Annika – contando-lhe que ela se tomava – tirara mais dela do que ela estava disposta a admitir.

O fato de que ele também tinha a oportunidade de se livrar de Kat – o espírito que estivera ligado a ele desde que ele nasceu – também estava pirando a ambos. Se Kat o deixasse, poderia levar os poderes dele

de comunicação com fantasmas e espíritos com ela. Creed estaria desistindo de tudo o que conhecia, toda sua proteção, o seu sustento, por Annika. A forma como Kat o protegia era manter as mulheres à distância, deixando Creed ter apenas as relações mais superficiais com elas. Até que ele finalmente rompeu a barreira com Annika meses antes. A estrada dele não era fácil — por causa do dom de Annika, a eletricidade que percorria seu corpo, Kat não podia forçar Annika a partir como fizera com outras mulheres. E assim, Kat tornava a vida um inferno para ele, lamentava em sua cabeça por horas depois que ele passava muito tempo com Annika.

Ele não havia mencionara isto a Annika, embora suspeitasse que ela soubesse que Kat era dura com ele. E ainda assim, Kat era uma parte importante dele, importante o suficiente para que a decisão não fosse fácil. De qualquer maneira, ele sofreria.

Seu lado direito estava gelado e ele esfregou os braços nus, pensava em como Kat estava excepcionalmente quieta ultimamente. Prestativa, até. E melhor ainda, ela realmente começou a deixar a ele e Annika sozinhos. Como se estivesse tentando mostrar a ele que os três podiam viver em algum tipo de maluca paz doméstica fantasma.

Ele saiu de sua porta da frente e pulou em sua Harley, deixando o ar fresco limpar sua mente enquanto cortava as estradas de terra que levavam para a casa de Annika.

Havia confusão demais. Entre Kat e o furacão possível do inferno, tudo o que ele queria fazer era encontrar Ani e envolver seus braços em torno dela por um tempo, fazer o sexo alucinante em que eles sempre pareciam poder se perder. Esquecer-se de todos os obstáculos que continuavam aparecendo na frente deles.

E assim ele parou a moto na estrada da casa de Annika na base e caminhou o resto do caminho, na tentativa de surpreendê-la. Ela estava sentada em seu sofá, assistindo a um episódio antigo de *Buffy, a caça vampiros*, quando ele se esgueirou sobre ela. Ou tentou de qualquer maneira.

Ela o tinha de costas no chão em poucos segundos. Sua força física pura nunca deixava de surpreendê-lo. Ou excitá-lo.

– Te peguei. – Seu sorriso era presunçoso enquanto ela segurava o cotovelo contra a traqueia dele, as coxas apertando ao redor de seus ombros.

– Eu planejei isso. – ele grunhiu.

– Sim, claro – continue a dizer isso a si mesmo, menino fantasma. – Ela se moveu rapidamente, substituindo o cotovelo forte por uma palma fria – uma concessão amorosa, vindo de Ani – enquanto a mão livre rudemente puxava a camisa de suas calças e se enfiava por baixo para encontrar um dos anéis de seus mamilos. Ela puxou levemente e ele grunhiu novamente.

– Você gosta de ser meu prisioneiro, não é?

– Tire suas calças. – ele murmurou, ignorando a verdade da sua pergunta.

Ela inclinou a cabeça enquanto distraidamente puxou seu anel do mamilo mais algumas vezes. – Eu preciso estar de volta a ACRO logo.

– Não antes de gozar pelo menos três vezes.

– É isso mesmo?

Ou três vezes no espaço de dez minutos, se ele conhecesse Annika e a forma como ela respondia a ele. Não que ele fosse muito melhor – ele não sabia que homens podiam ter orgasmos múltiplos até que esteve com ela.

Ela fazia seus olhos rolares para trás de sua cabeça tão frequentemente que ele memorizara o interior de suas pálpebras. E gostava.

– Calças, Annika. – ele repetiu, e ela fez um show de tirar a blusa primeiro, mesmo que ele soubesse que ela faria exatamente como ele pediu.

Fora do quarto, nem tanto, mas inferno, uma coisa de cada vez. Apressar Annika em seu horário interno era um erro que ele já cometera algumas vezes, não importasse o quanto cuidadosamente promettesse a si mesmo que contornaria as coisas. Seu masculino lado protetor macho saía com força total na presença dele.

Como agora.

Seus seios eram perfeitos — altos e firmes, com mamilos rosa escuro que ela continuava ameaçando furar. Mas não, ele não a deixaria fazer isso, estragar o corpo mais do que o trabalho exigia — e ele já odiava ver as cicatrizes, em sua maioria, feridas de bala, que ela suportara durante seus anos com ACRO e antes.

Ela parecia tão forte por fora, mas realmente, Ani era suave e tão fodidamente doce.

— Sente-se. Na. Minha. Cara.

— Agora, quem está dando as ordens. — ela murmurou enquanto se movia para que pudesse sair do resto de sua roupa. Impaciente, ele ajudou arrancando seus jeans, e rasgando o fio dental rosa choque direto de seu corpo.

— Ei, este era novo. — protestou ela.

— Eu vou comprar mais para você. Qualquer coisa que queira. Apenas venha aqui.

Ela montou seu rosto e ele agarrou forte seus quadris, a puxou para baixo contra ele para que pudesse provar a essência ardente que era pura Annika — uma combinação de Red Hots⁷ e cerejas cobertas de chocolate — e ele estava perdido com sua língua enterrada no interior dela.

Ela se inclinou para frente, as palmas das mãos no chão acima da cabeça dele, as costas arqueadas enquanto pressionava o sexo contra seu rosto, em busca de alívio. — Deus, Creed... sua língua. — Ela gemeu quando seu piercing chicoteou o clitóris, o corpo estremecendo com a força de pequenos choques elétricos. Ele apertou ainda mais quando ela tentou rastejar para frente para escapar da tortura, que ele sabia que ela adorava, especialmente chupava o botão apertado, tomando entre os lábios e puxando-a até que ela estivesse literalmente gritando com prazer.

Ela gozou forte contra sua boca, mas ele não a deixou relaxar. Não, ele a afastou e a fez ficar de quatro patas para que pudesse mergulhar dentro dela, deixando o piercing causar a ambos um imenso

⁷ Marca de doce de canela.

choque de sensação enquanto se enterrava profundamente dentro do corpo dele.

Tomando-a por trás era o jeito que ela gostava, sempre lhe dizia que podia senti-lo mais. Agora, a mão dele se mantinha esticada em sua barriga quando se dirigia dentro dela. — Lembre-se disto Ani ... lembre-se que é assim que sempre vai ser.

— Sim! Creed, não se atreva a parar agora.

Ele queria, queria se retirar, provocá-la ainda mais, mas as ondas de choque que o corpo dela naturalmente emitia quando ela estava sob enorme pressão assim eram demais para ele lidar. Cada terminação nervosa se apertava, seu peito estava apertado e suas bolas puxadas para cima, porque ele estava pronto.

— Goze agora, Ani, goze comigo agora, — ele murmurou quando ambos atingiram o pico em conjunto, enquanto ela torceu o pescoço para que pudesse tocar a boca dele com a sua brevemente antes de os orgasmos explodirem seus corpos.

Maldição, mas o sexo tinha sido bom. E não acabara. Annika e Creed tomaram banho, se vestiram, e então ela se lançou sobre ele no corredor quando ele não estava esperando. Ambos tinham trabalho para fazer — ela tinha uma tarde cheia de aulas de artes marciais para ensinar, e ele tinha alguma pesquisa para fazer assombrações pós-furacão — mas ela ainda não estava pronta para voltar ao mundo real. Então ela o bateu contra a parede e caiu de joelhos na frente dele.

Impaciente, ela rasgou a braguilha de suas calças de couro, liberando seu pênis lindo, que já ficara duro como pedra. Ela sempre gostava de fazer sexo oral, mas o piercing lhe deu um brinquedo novo para brincar, novas formas para fazê-lo tremer.

Delicadamente, ela puxou o saco pesado para frente, que assim inchou sobre o V da braguilha aberta. A respiração de Creed tropeçou. Ela adorava isso.

Saliva encheu sua boca enquanto a abria sobre uma das bolas. Ela o chupou entre os lábios, usou a língua para levantar, sacudir o testículo com pequenos saltos tenros. Quando ela se moveu para o outro, ouviu a cabeça de Creed bater na parede.

– Oh, sim. – ele murmurou. – É isso aí.

Cavando os dedos em suas coxas, ela se concentrou em suas bolas, chupando, lambendo, apunhalando a língua entre elas para separá-las, mesmo enquanto usava os dentes para criar sensações na pele que rapidamente se apertava.

A respiração de Creed ficou mais rápida e superficial, e ele começou a empurrar, sua paciência se esgotando. – Chega de provocação. – Sua voz era uma demanda baixa e bruta que a fez estremecer com apreciação feminina.

Usando apenas a ponta de sua língua, ela lambeu seu caminho até o pênis, tomando seu doce tempo, inalando o perfume de sabão limpo dele e provando sua excitação almiscarada. Uma gota de esperma escorria de sua abertura, e ela bebeu avidamente, chupou a cabeça larga do pênis como um canudo. Ele gemeu, mas ainda estava por gozar a melhor parte.

Sorrindo de seu próprio trocadilho, ela mordiscou seu caminho até o piercing curvado decorando seu pênis. Ela molhou os lábios e deslizou uma rodada final da joia entre eles. Creed parou de respirar, bem consciente do que ela ia fazer a seguir.

Ela zumbiu e se carregou com eletricidade. Ele gritou, um rugido erótico enquanto seu corpo estremecia de prazer. Ela fechou uma mão em torno da base de seu pênis e apertou, pressionando firmemente com o polegar para impedi-lo de se derramar, e usou a outra mão para puxar suavemente em seu saco, mantendo-o de gozar.

No entanto, ele estava tão perto quanto se podia estar, e ela poderia mantê-lo nesse estado levemente orgástico por alguns momentos. Ela descobriu que prolongar tempo demais acabaria por levar a uma liberação completa, mas até então, ele estaria a sua misericórdia, seu corpo gozando, mas o seu pênis e bolas não chegando lá realmente.

Depois de uma contagem lenta até dez, ela lançou sua carga elétrica e o tomou totalmente em sua boca.

– Annika...

Ela sorriu ao redor de seu pênis. Esta era sua parte favorita, logo antes do clímax, quando ele gemia seu nome, agarrou sua cabeça e começou a bombear porque não conseguia mais se controlar.

Tomando-o até a garganta, ela agarrou os quadris e o libertou. O piercing fazendo cócegas no fundo de sua língua a cada investida. Ela aplicava uma sucção forte e usava sua língua para atacar a parte inferior de seu sexo. O som molhado dele fodendo sua boca a fazia apertar as coxas para aliviar sua própria excitação, e sim, ela teria que se masturbar ou fazer Creed fazê-lo por ela após isso.

Com uma respiração explosiva, ele ficou tenso e aliviou, e ela engoliu tudo o que tinha. Ela amava o gosto dele, amou os sons que ele fazia, amava a ele... mesmo que não tivesse dito em voz alta. Nem ele dissera, e isso a irritava como a merda.

– Caramba, Ani. – ele ofegou, enquanto ela o limpava a lambidas e então o enfiou em suas calças. – Onde você aprendeu isso?

– Adam.

– *O quê?* – Creed deixou as mãos caírem nos ombros deles, e eles se apertaram como garras.

– Adam Yates. Você o conhece. O Sedutor? Ow. Seus dedos...

Ela viu-se transportada aos pés tão rápido que mal teve tempo para plantá-los no chão. Os olhos quase negros de Creed queimavam como carvão, estavam praticamente fumegando. Certo... ele não queria realmente uma resposta sobre onde ela aprendera a fazer um boquete para um cara. Pergunta retórica e tal. Deus, ela estava sempre dando estúpidos passos em falso quando se tratava de relações pessoais. Provavelmente porque antes de Creed nunca tivera um.

– Quando? – A voz dele combinava com a sua expressão, cheia de raiva e possessividade primitiva. Era meio que quente, e um pouco assustador.

– Eu tive sessões com ele há muito tempo. Eu precisava aprender a seduzir homens para as missões. Ele me ensinou a beijar e tocar um cara, fazer sexo oral e fazer aquela coisa com a minha língua e seu...

– Pare. Jesus Cristo, *pare*.

— Você perguntou. — ela murmurou, e deu um passo para trás, fora do aperto dele, que estava cavando entre os tendões de seu pescoço e ombro. — Foi um trabalho Creed. Ele estava me ensinando e eu estava aprendendo. A maior parte aconteceu em uma maldita sala de aula.

— Confie em mim, para ele não foi nada de trabalho.

Ela revirou os olhos. — Qual é o seu negócio? Eu tenho um passado. Você tem um passado. Eu não piro quando nos deparamos com todas as periguetes que você traçou e elas olham para você como se você fosse um bife e elas fossem um leão. E há um *monte* delas.

Não, ela sempre o deixava lidar com isso quando elas sorriam e babavam, ou quando se aproximou dele no segundo em que Annika virava as costas. Claro, ela as caçava mais tarde e deixava claro que se elas sequer olhassem para ele novamente, ela daria uma de Viking e arrancaria os pulmões do peito delas, os viraria sobre seus ombros e os transformaria em asas. Normalmente, as periguetes precisavam de uma mudança de roupa íntima depois disso.

Ela não culpa Creed pelo número afrontoso de mulheres com que ele dormira, contudo... Kat nunca o deixara dormir com qualquer mulher mais de uma ou duas vezes. Como resultado, ele havia passado por mulheres como a maioria das pessoas passava por toalhas de papel. Não foi até que ele e Annika se juntaram que ele fora capaz de sossegar um pouco — e a vadia fantasmagórica a cadela tornara isso difícil para eles também.

— É uma coisa de homem. — disse ele entre dentes cerrados. — Toda vez que eu falo com o merda do Adam, ele está secretamente se cagando de rir de como ele viu o topo de sua cabeça regularmente, e eu sou a porra de um otário que não sabe de nada. — Girando ao redor, ele pegou o casaco e as chaves.

— O que você está fazendo? — Ela agarrou seu braço, mas ele se afastou.

— Eu vou ter uma conversa com Adam.

Desta vez, quando ela o agarrou, ele não fugiu. Ela plantou os pés na frente dele e se recusou a ceder. — Você está agindo como louco. Além disso, Dev já cuidou disso. O pobre do Adam nem mais sequer fica na mesma sala que eu. No outro dia eu me aproximei sorrateiramente e

bati no ombro dele, e pensei que ele fosse desmaiar. Eu não tenho ideia do que o Dev fez...

– Dev. Claro. Deixe o Dev lidar com isso, assim eu não poderei.

– Eu ainda não sei o que há para lidar! – Pelo amor de Deus, os homens são estúpidos.

– Você, Dev e Adam, todos sabemos que Adam ficou com você, e eu sou o idiota no escuro.

– Adam não *ficou* comigo.

– Certo. Ele só ficou com o pênis em sua boca. E como isso é melhor? Porque, baby, quando se trata de chupar pintos, você é uma profissional. Há outros na ACRO que eu deva saber?

Sua boca trabalhou em silêncio durante alguns segundos, antes que ela finalmente fosse capaz de sussurrar: – Seu bastardo.

Umidade encheu seus olhos, e ela virou-se para que Creed não visse. Ela vinha sendo um desastre emocional tão grande ultimamente, chorando o tempo todo, perdendo a paciência... ela fizera um teste de gravidez só para ter certeza que ela não estava grávida, e graças a Deus que ele se mostrara negativo. Desesperada, ela finalmente fez uma rara visita a um dos psicólogos da ACRO, que disse que toda a sua supressão emocional durante seus anos da CIA haviam se guardado, e abrindo-se para Creed, ela abriu uma comporta.

Nenhuma palavra sobre quando tudo nivelaria para que ela pudesse se sentir normal novamente.

– Ah, merda. Ani, eu não quis dizer isso. Sinto muito. – Suas botas bateram no chão e então seus braços vieram em torno dela. Ela se virou em seu abraço e colocou a testa no peito largo.

– Está tudo bem.

– Não, não está. Eu sou um babaca ciumento. – Ele pressionou um beijo no topo da sua cabeça, os lábios quente e reconfortante. – Eu acho que pensei que todos os caras com que você, hum, esteve, tinham sido tarefas e eu nunca teria que vê-los.

Ela subiu as mãos pelas costas dele, amando como seus músculos ondulavam sob as palmas das mãos dele. – Isso foi há muitos anos. E não significou nada.

Creed soltou um som baixo e surdo, algo entre um grunhido e um ronronar. Seja o que fosse, vibrou na alma dela, deixando-a se sentindo... marcada, por mais estranho que soasse. – Eu estou cansado de compartilhar você, Ani.

Ela endureceu em seus braços. – Não se trata de Adam, não é? É sobre Dev. De novo. – Creed não podia soltar sua ira em Dev, então estava atacado um Sedutor que sequer a olhara em anos. – Ambos são importantes para mim. Você sabe disso. E sabe que eu não estou dormindo com o Dev.

A gargalhada dele a tirou de seu abraço pelo susto. – Diga-me, Annika, quando você está chateada, com raiva, magoada, para onde você vai?

Para o Dev. Merda. Ela foi até ele no segundo em que retornara da Grécia. Saíra direto do avião para seu escritório. Ela ficou emocionada ao saber que sua visão havia voltado, tão emocionada que não se importou que ele a repreendeu como um recruta militar verde pela coisa na Grécia. Claro, ela retrucara na hora, perguntando por que diabos ele desaparecera por tanto tempo, por que ele a excluiu de sua vida e deixou Oz assumir a ACRO.

O que ele lhe contou a deixara surpresa e abalada.

– *Você se lembre no ano passado, quando eu mandei você e Creed para a mansão de meus pais para verificar o fantasma vivendo lá? – Ao assentiu, ele disse, – Bem, ele escapou. Era o espírito de um ex-agente Itor chamado Darius. Ele tentou me possuir.*

– *Por quê?*

– *Ele queria vingança. O diretor da Itor, Alek, o torturou até a morte por ajudar a namorada grávida do Alek fugir da Itor.*

Annika nivelado um olhar desconfiado para ele. – Isso é triste e tudo, mas por que ele iria quer usá-lo para a vingança?

– *Porque Darius imaginou que eu iria querer vingança também. Acontece que Alek não apenas matou os meus pais, mas ele também é meu pai. Meus pais me acolheram depois que a namorada de Alek deu à luz.*

Sim, aquela fora uma revelação puta-merda, se alguma vez houve uma. Dev continuara explicando que Oz banira Darius, mas que a mente de Dev – e os segredos da ACRO – haviam sido deixados escancarados para Alek, graças a uma divertida ligação mental de pai e filho, assim a ausência Dev fora sobre mantê-lo isolado de todos, exceto os psíquicos que mantiveram um escudo mental sobre ele vinte e quatro horas por dia.

Annika percebeu Creed olhando para ela, de braços cruzados, enquanto esperava pacientemente que ela respondesse sua pergunta sobre para onde ela ia quando estava chateada, emocional e porcaria como essa.

– Creed, eu estou tentando. Eu respondi a todas as suas dúvidas no avião na viagem de volta, e eu até prometi a ir com você naquela coisa maluca de monster truck no próximo fim de semana – salvo por um desastre natural. Mas eu não posso... eu não posso escolher. Por favor, não me peça.

Balançando a cabeça, ele suspirou. – Eu não estou pedindo. Eu só quero que você precise de mim.

– Eu preciso de você. – ela disse baixinho. – Especialmente agora. Com tudo que está acontecendo, é de você que eu preciso.

Num piscar de olhos, ela estava nos braços de Creed, e sabia que, pela primeira vez no relacionamento deles, ela finalmente disse a coisa certa...

Capítulo 11

O tempo de Wyatt com Faith havia sido a coisa mais distante de uma piada que ele podia pensar — ela era a primeira mulher que ele admitia qualquer coisa a respeito de sua família, a primeira mulher que ele admitiu qualquer tipo de fraqueza. E agora ela havia visto ele espancado, fisicamente, e visto o seu dreno mental também... e mesmo assim ela havia encostado as mãos nele e o curado.

Com o que pareceu ser o mínimo esforço, ela levou o seu corpo de cem quilos à mesa, tão duro que ele não conseguia mexer um dedo, muito menos um músculo.

A única coisa que havia recebido comando total era o seu pênis — e ele ainda doía pelo toque dela. O desejo por esse toque foi o que o tirou da mesa e o colocou no chão depois que ele desligou as câmeras de segurança localizadas nos quatro cantos da sala. Ele tinha duas missões agora — a máquina do clima e descobrir se Faith Black poderia ser confiada com sua vida... e possivelmente com o seu coração.

Ele imaginou que teria talvez dez segundos antes que os capangas voltassem, ele sentiu seu corpo se flexionar com prontidão enquanto ele pegava uma corrente que o prendia ao cavalete e a enrolava ao redor de ambos os punhos.

O primeiro homem levou uma caixa nas orelhas, o segundo teve o pescoço quebrado com um rápido enroscar da corrente. O terceiro e o quarto receberam socos iguais no nariz, que os derrubou.

Ele matou os três homens rapidamente, com a frase *sou eu ou eles* correndo em sua cabeça. Falando em correr, era hora de tirar a sua bunda de lá.

Ele tinha as chaves, um rádio de um dos mortos, roupas e suas correntes. O helicóptero Chelbi estava estacionado no heliporto do outro lado da plataforma — esta era a maneira melhor e mais rápida para sair deste lugar. Com a máquina do clima. E com a Faith.

Ele sabia que o Sean não deixaria Faith sair desta plataforma viva, não depois do que ela fez para ajudar Wyatt... não depois de ter dormido com ele também.

Já basta.

Encontre Faith.

Saía do Dogde.

Ele deslizou para fora da sala que havia sido sua prisão e se moveu rapidamente pelo estreito corredor alinhado com metais laminados. No canto, ele diminuiu o passo, ele aliviou o pescoço e sorriu quando ele avistou sua presa logo à frente, perto da porta. Faith estava lá, sua testa contra a parede.

Com a quietude de um puma que ele havia aperfeiçoado, ele saltou sobre ela, imobilizando seus braços em cada lado dela, e colocou sua mão sobre a boca dela. — Você faz um som e nós estamos mortos. Você tente me jogar do outro da sala e nós estamos mortos... nesse momento a sua melhor escolha é só seguir a viagem comigo. — ele grunhiu no ouvido dela.

Ele não esperou por uma resposta, simplesmente a ergueu a puxou ambos para dentro de um pequeno quarto que abrigava a caldeira, mesmo enquanto ele lentamente mexia na câmera de segurança levemente para a esquerda com a sua mente para que eles tivessem um esconderijo seguro no canto. Um esconderijo bom por agora, até que o caos diminuísse.

— Que inferno, Faith? Para quem você trabalha?

— Para quem você trabalha? Eu acho que um pouquinho de verdade da sua parte para a mulher que salvou sua vida está em primeiro lugar. — Enquanto ela falava, ele podia facilmente ver que ela era uma agente... a vibração calma, fria, e recatada de um operativo experiente, nisso. Como infernos ele havia deixado passar na primeira noite está além dele, mas ele estava farto de deixar escapar as coisas.

— Foi você que quase me fez ser morto em primeiro lugar. — Ele colocou uma mão acima da cabeça dela, e se inclinou contra a parede e contra ela, e mesmo aqui, com o perigo cercando-os, ele queria ela com uma força que ele mal conseguia conter.

— Nós não estamos fora de perigo ainda.

Ele levantou uma sobrancelha para ela, especialmente para as mãos dela que rodearam a cintura dele para puxá-lo, puxá-lo para mais perto do corpo dela.

— Quando nós nos tornamos *nós*?

— Quando você me disse que não queria que outro homem me tocasse. Ou isso foi só uma brincadeira também?

Ele a beijou então, a puxou com força para ele e a esmagou a boca dela na dele para deixá-la saber que nada disso era uma maldita brincadeira. Ela cedeu, seu corpo se amolecendo contra o dele, e ele a beijou até que ele tivesse certeza que ela estava certa que nada que ele disse ou fez ao redor dela foi uma brincadeira.

— Nós estamos em grandes problemas aqui. — ela disse, sua respiração rápida uma vez que ele arrancou sua boca da dela, e ela não estava falando somente do Sean. — Eu não posso me concentrar em nada quando você está por perto.

— Sim, te digo a mesma coisa, Faith. — ele grunhiu contra a bochecha dela. — Nós estamos saindo dessa plataforma, o mais rápido possível.

— Eu não vou cooperar a menos que você me diga para quem você trabalha. — ela disse. — Até mesmo agentes independentes respondem à alguém.

— ACRO. Os mocinhos. — Não adianta mentir agora que eles podem talvez estar trabalhando juntos. Melhor que ela saiba que a ira da maior agência podia vir para cima dela.

E apesar de ele saber que ela entendeu, ela ainda estava se fazendo de difícil, um pequeno sorriso curvando aqueles lábios perfeitos. — Você quer a máquina do clima.

– Eu vou destruir a máquina do clima, e então nós vamos sair daqui.

– Eu não posso deixar você fazer isso. – ela disse.

– Ah, querida, não me diga que você realmente trabalha para o Itor. Eu gosto de você e eu não quero ter que quebrar o teu pescoço porque você está trabalhando para o meu arquiinimigo.

– Eu não trabalho para o Itor, e eu tenho minhas próprias razões para querer a máquina do clima.

– Nenhum bem vem daquela merda feita pelo homem, Faith. Nenhum bem mesmo.

Os sons vindos do lado de fora do quarto ficaram mais altos enquanto os alarmes continuavam a soar. Ele colocou sua testa na dela e eles permaneceram pressionados juntos, imóveis em parte das sombras no canto do quarto, até que o perigo passou por eles, por enquanto.

– Nós teremos que esperar que eles saiam. – Ela moveu sua cabeça para frente na direção da porta fechada onde os sons dos seguranças estavam aumentando.

– Não demorará muito. – ele murmurou contra o ouvido dela. – Eles não podem arriscar chamar a atenção dos técnicos e levantar suspeitas.

– Eles ainda vão te querer morto, não importa o quanto nós esperarmos. – ela disse, e ele sorriu, porque infernos, ele já estava morto duas vezes.

– E quanto a você? Você me quer morto?

– Se fosse isso que eu quisesse, eu poderia ter feito isso quando você estava preso.

Ela ainda estava se esfregando contra ele... os quadris dele respondendo da mesma forma com uma vida própria, até que o cumprimento do corpo deles fez uma conexão rítmica que prometia deixar ambos em chamas. Transar a seco contra a parede da sala da

caldeira pode não ser o melhor uso do tempo nesse momento, mas você não pode fazer algo melhor como modo de interrogação.

O negócio era, com Faith, ele nem precisava usar suas artimanhas antes que ela respondesse a ele.

E ela se lembra – se lembra de todas as vezes que nós fizemos amor.

Ela se mexeu para que ela pudesse colocar suas mãos ao redor do traseiro dele e puxá-lo com mais força ainda para ela. – No escritório... com o Sean... Você fez algo especial. – ela disse, e ele assentiu. – É por isso que eu me senti diferente quando eu entrei naquela sala? Drogada?

– Sim. Faz parte dos meus poderes, juntamente com a telecinese.

– Você teria dormido com ele se eu não tivesse entrado?

– Eu faço o que tiver que fazer em ordem de salvar o mundo da máquina do clima. É por isso que eu não julgo nada que você possa ter feito, querida. Mas isso não significa que eu teria gostado.

– Então estes poderes... você os usou em mim também, não é?

– A primeira noite, no beco. – ele admitiu.

– E a noite toda?

– Uma vez que eu deixei o feromônio sair, ele saiu. Afeta até a mim. Mas isso não tornou a noite menos especial.

– Eu não gosto de ser enganada. – ela disse para ele. – Se eu tenho sentimentos, se eu quero alguém, eu preciso saber que é tudo eu, não algum tipo de truque mágico.

Ele afastou a parte superior de seu corpo ligeiramente para trás para que o seu dedo pudesse traçar o seu mamilo já endurecido através do tecido de sua blusa branca quase transparente. – Só saiba que a maneira que você me quer agora, é tudo você, Faith. Nada a ver com os meus poderes mágicos de persuasão. Você saberá a diferença. Na verdade, você já sabe a diferença.

Ele a puxou para um beijo suave... algo que quase o matou, já que tudo que ele queria era tomá-la, bem ali, na sala da caldeira. Mas não, gentil era a resposta para o momento... ela tinha que acreditar nele.

— Você é a primeira mulher que se lembrou de mim, Faith. Este dom pode também ser uma maldição... os feromônios agem como uma borracha na memória. Conveniente quando o sexo só significa um caminho para o fim. E uma merda quando você quer ser lembrado. — ele disse baixinho. — Eu estava realmente feliz quando você se lembrou de mim. Você nem tem idéia de quão feliz.

— Engraçado, porque poderia ter sido mais seguro para nós dois se eu tivesse esquecido. — ela disse, e ele sabia que ela estava pensando no Sean.

— Eu falei sério o que eu disse antes. Eu não quero você com outros homens.

— Você é muito possessivo.

— Você é a mulher mais sexy que eu já conheci. — ele murmurou, a mão livre dele deslizando para baixo pelo cumprimento do corpo dela para agarrar o seu traseiro enquanto ela se arqueava contra ele.

— Nós precisamos de um plano, Wyatt. Precisamos conseguir a máquina do clima e sair desta plataforma. — Ela havia gemido a última parte da sentença, enquanto a mão dele deslizava embaixo da blusa dela e cobria seu seio nu, um mamilo pressionado entre o polegar e o dedo.

— Alguma idéia? — ele perguntou, feliz que realizar várias tarefas ao mesmo tempo estava bem alto na sua lista de especialidades.

— Nós teremos que usar um pouco da velha e boa força bruta. — Ela estremeceu sob seu toque e gemeu enquanto ele continuava apertando seu mamilo. A mão dela tinha feito seu caminho até o meio das pernas dele, ela não ia deixar isso fácil. — Dominar o Sean e pegar a máquina do clima.

— Destruir a máquina. — ele corrigiu, enquanto ela abria as calças dele e pegava seu pênis em suas mãos, acariciando com uma mão calma e uma lambida de seu próprio lábio inferior que tornou quase impossível para ele pensar.

– Eu tenho um comprador... ele está disposto a gastar milhões para por suas mãos na máquina... e eu vou dividir os lucros. – ela disse enquanto ela traçava um polegar por cima da fissura e espalhava o pré-goço por cima da cabeça dele. Ele retaliou ao empurrar a saia dela para cima e movendo sua frágil calcinha para o lado para acariciar seu já molhado sexo.

– Que monte de merda, Faith. – Ele falou tão lentamente e deliberadamente enquanto seus dedos moviam-se por cima do clitóris dela. O corpo dela já estava tenso, como um arco puxado à beira de ser solto. E ele tinha que mantê-la no limite, pelo tempo que ele precisasse que ela estivesse lá, sem piedade, sem fôlego, segurando o seu próprio orgasmo. – Eu não acredito que você faria qualquer coisa por dinheiro. Pelo trabalho, sim, mas não pelo dinheiro.

Ela respirou fundo e se empurrou contra os dedos dele, buscando freneticamente um alívio que ela não estava dando a ele. Sua própria mão perdeu o dinamismo ao redor da ereção dele quando os seus pensamentos nublaram por causa do prazer iminente. – Só checando para ter certeza que os seus motivos sejam claros.

– Os meus motivos... e os motivos da ACRO... estão acima de reprovação. Mas as ações de um agente independente podem não estar.

– Eu posso te ajudar a pegar a máquina, tirá-la daqui. – Ela estava gemendo entre as suas palavras, gemidos suaves enquanto o perfume de sua excitação preenchia o cômodo, tão efetivo quanto qualquer droga. Se houvesse tempo, ele a levantaria e a tomaria com a sua boca, lamperia o seu doce suco até que ela se transformasse em uma bagunça trêmula e choramingona.

Ele teria que se satisfazer com a mão.

– Eu vou destruí-la. E então nós sairemos daqui. Missão cumprida. – ele falou para ela, movendo seus dedos bem no lugar certo e a viu explodir, viu seus olhos se fecharem e a boca dela ficar aberta para emitir um suave grito de prazer enquanto ela se contorcia nas mãos dele.

– Deus, Wyatt... só por Deus. – ela mordeu a pele suave do pescoço dele para não emitir nenhum som mais alto.

— Você me ouviu, Faith? — ele perguntou, sabendo bem que a conversa não era a sua melhor atividade no momento. Mas ele tinha ido além do senso de jogo justo há muito tempo. — Nós iremos destruir a máquina do clima antes de nós deixarmos esta plataforma.

Ela estremeceu em seus braços, as mãos dela agarrando os ombros dele para se equilibrar enquanto ele puxava a saia dela para baixo, alisando-a com ambas as mãos e tentou segurar a sua própria respiração.

Ele não havia gozado, mas maldição, havia chegado perto.

— Você me ouviu, Faith? — ele perguntou.

— Eu te ouvi. — Ele a ergueu finalmente, os olhos dela claros e cintilantes, o sorriso de contentamento ainda em seus lábios. — é só que no momento, bem nesse segundo. Eu tenho uma missão diferente.

Primeiro um braço e então o outro subiram acima da cabeça dele... com os pulsos juntos, Ela os segurou lá com a mente dela sem uma ponta de esforço.

Que merda mais excitante... mais ainda, claro, se a vida dos dois e o destino do mundo não estiverem em risco, mas Dev sempre reiterou que sexo era sobre poder e controle, e mais do que nunca quando você estava por baixo, por assim dizer.

— Você confia em mim, Wyatt? — ela perguntou. Ele se mexeu levemente e percebeu que a única coisa que ele podia ainda mover era os seus quadris. Ela abriu um pouco as pernas dele, segurando-as com rapidez também, da maneira que ela havia feito na mesa.

— O que você quer, querida?

— Além de você? — ela perguntou, acariciando seu pênis ainda super duro com um toque de especialista, dedos frios contra a pele quente, e o corpo dele praticamente ferveu com a necessidade. — Eu quero isso fora da plataforma. Esta é a única coisa que nós concordamos.

No momento, era o bastante. Ele estava suspenso por basicamente apenas a mente dela, doido para se esticar com ela no chão e enfiar nela com tanta força e velocidade que ele conseguisse, de levá-la até o limite

de novo, de ouvi-la chamar o nome dele de uma maneira que ela nunca, nunca havia chamado nenhum outro homem antes.

— Você pode trazer a si mesmo uma cadeira? — ela perguntou, e ele não se incomodou em questionar. Em segundos, ele tinha a cadeira de metal dobrável se movendo silenciosamente até eles. — Bom garoto. Agora sente-se para mim.

Ela soltou o corpo dele somente por tempo o suficiente para ele fazer isso, e merda, este era um poder legal que ela tinha. Mortal, mas legal. — Nossos poderes se complementam bem, não acha? — ela perguntou.

— Eu quero ir além do que só pensar, Faith. Eu quero que você me foda, ao invés disso. Porque quando você fizer isso, quando eu estou dentro de você, quando você está me tocando, eu me sinto inteiro. E eu gosto dessa sensação.

Ela o imobilizou novamente, braços ao seu lado, pernas abertas e imóveis, seus olhos nunca desviando dos dele enquanto ela deslizava sua saia para cima e tirava sua calcinha.

— Sim, oh, sim, baby. Desça. — ele murmurou enquanto ela se abaixava, sofredoramente devagar, até que ela acomodou cada centímetro dele. As unhas dela mordiscaram os ombros nus dele, ainda doloridos das pancadas que ele havia levado, e ele não se importou porque, inferno, vê-la cavalgá-lo valia esse preço.

— Você me faz querer mais, Wyatt. — ela murmurou enquanto ela se balançava contra ele, tomando-o cada vez mais profundamente, até que ele quase gritou de frustração de não ser capaz de balançar seus próprios quadris para cima.

— Você me deixa doido.

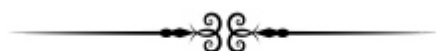
Todo o poder, todo o prazer estava localizado em seu pênis e suas bolas, tão intenso que ele quase perdeu a consciência.

— Você gosta disso, querido? Igual quando eu te segurei e te tomei? — ela perguntou, mas ele já estava além das palavras, quase incoerente enquanto o corpo dela dominava o dele, tomando-o com um ritmo frenético que ele nunca havia conhecido antes.

Eles permaneceram bem escondidos no canto escuro, a vagina dela se contraindo ao redor de seu pênis, molhada e quente e pulsando, e *merda*, ele estava quase mordendo a própria língua, e se segurar estava rapidamente se tornando uma opção não viável.

– Goze comigo, Wyatt. Goze agora. – ela comandou ele, ele gozou, lançando com força dentro dela enquanto o próprio orgasmo dela a dominava.

Os braços e pernas dele ficaram imediatamente livres quando ela gozou – ele fez uma nota mental sobre isso enquanto ele a segurava firme contra o peito dele e fechou seus olhos por um breve momento.



Faith havia estado em muitas situações perder ou perder. Houve vezes quando ela tinha noventa por cento de certeza que ela não sairia da situação viva. Mas tão ruim como as coisas podiam ter sido naquelas missões, nada podia ser tão ruim como o monte de merda pelo qual ela estava passando no momento.

Ela sempre havia preferido trabalhar sozinha, mas quando a equipe de ação era requerida, ela queria saber se ela podia confiar em seu companheiro de equipe. Que era uma das razões que ela e sua parceira, Paula Archer, com o apoio do governo Britânico e o financiamento deles, começaram o Grupo Aquário – nomeado por causa dos signos deles. Ela e Paula, amigas dos tempos da ‘escola especial’, haviam escolhido a dedo os operativos, treinado-os e testado-os. Regularmente.

Agora ela estava na missão mais perigosa da sua vida, facilmente a mais crítica, e de repente ela tinha um parceiro que ela precisava, não confiava, e cujo o objetivo de missão era diretamente oposto ao dela.

Pior, cada vez que ela fazia sexo com ele, ela se afundava ainda mais em um lugar emocional que ameaça tirá-la dos trilhos. A coisa mais esperta a se fazer teria sido matar o Wyatt enquanto ele estava esticado na maca. Ao invés disso, ela o havia salvado, e agora ela teria que lutar com ele pela posse da máquina do clima.

– O que você acha que o Sean está fazendo agora? – Wyatt deslizou atrás dela, pressionando o cumprimento do corpo dele no dela enquanto ela olhava pela fissura na porta de aço da sala da caldeira.

Ela conhecia o Sean por dentro e por fora, sabia exatamente como ele lidaria com esta situação. – Ele colocou homens procurando por você, mas porque eles não te encontraram logo de cara, ele está diminuindo a busca, tornando-a menos óbvia. Ele já deve ter descoberto que eu estou sumida, e ele pensará que você está comigo.

– Então é assim que nós jogaremos isso.

– Eu serei a sua refém. – Inteligente. Quanto mais tempo Sean acreditasse que ela estava do lado dele, melhor.

– Ele fez algo comigo no escritório. O que exatamente ele é?

Havia uma regra não falada entre os operativos com habilidades especiais, algo que era mais ou menos como *Nunca revele os dons especiais de outro agente*. Sean era um amigo de infância, um confidente, um amante... mas ele havia se transformado em algo mais sinistro, um estranho que ela mal conhecia, e ela não devia nada mais para ele.

– Faith? – A mão quente de Wyatt veio no seu ombro, oferecendo a ela um aperto gentil, mas firme... uma mensagem não tão sutil que dizia para ela que eles poderiam ter acabado de fazer sexo, mas a brincadeira havia acabado, e ele tinha um trabalho a fazer. – Eu preciso saber o que eu vou enfrentar. Tudo.

– Sim, claro. – As palavras eram rígidas, tão sem emoção quanto ela era capaz. Ela tinha um trabalho a fazer também. – Ele pode usar a sua energia.

– Sim, eu percebi isso. Mas quanto?

– Ele pode te drenar para que em segundos você não seja nada mais do que um bolha trêmula no chão. Ou pior. Você somente experimentou um pouco dele.

– Isso é somente ótimo. – ele murmurou.

– Há algo mais que você deve saber. É difícil para mim usar o meu dom nele, e vice-versa.

– Por quê?

– Sean e eu temos uma história longa. Nós crescemos juntos. Desenvolvemos nossos poderes juntos. E nós aprendemos a reconhecer a assinatura de nossos poderes. Nós não podemos bloquear completamente um ao outro, mas nós pelo menos recebemos um aviso.

– Logo – ele disse tão próximo ao ouvido dela que ela sentiu o roçar de dentes – nós iremos ter uma conversa sobre o quão bem você conhece o bom e velho Sean.

Sua respiração engatou, mas antes que ela pudesse se recuperar. Wyatt a virou e a prendeu entre seus braços e a porta. – Mas primeiro, nós precisamos descobrir o que nós vamos fazer com a máquina. Porque eu não quero brigar com o Sean e os seus capangas e então ter que brigar contigo.

Sua sensação de auto-preservação entrou em ação, e ela se alcançou profundamente o seu poder, preparada para fazer o que fosse necessário se ele até mesmo pensasse sobre fazer aquele negócio dele de quebrar pescoços.

– Eu não vou permitir que você destrua aquela máquina.

– E eu não vou deixar você levá-la.

O som de passos na grade acima deles criou um tenso silêncio, apesar de que ela não ficaria surpresa se o Wyatt tivesse ouvindo o coração dela bater loucamente. Quando os homens passaram, ela ergueu seu queixo e encontrou o olhar duro dele com um olhar igualmente duro dela própria.

– Suas ordens especificam que você tem que destruí-la enquanto na plataforma?

Ele estreitou seus olhos para ela. – Não. Por quê?

– Então vamos levá-la, e uma vez que nós estivermos seguros longe daqui, nós podemos decidir o que fazer com ela. Há provavelmente milhões de maneiras que você pode destruí-la uma vez que nós estivermos no ar. – E havia um milhão de maneiras que ela podia ou convencê-lo a deixá-la levar a máquina, ou lidar com ele para que ele não tivesse escolha a não ser deixá-la levar a máquina. As estatísticas

estavam a favor dela se ao menos eles pudessem sair da plataforma com a coisa intacta.

– Eu acho que não.

– Droga, Wyatt. Eu não vou desistir disso. Eu preciso daquela máquina, e eu vou fazer o que eu tiver que fazer. O que for necessário.

– O que realmente é isso, Faith? Eu ficarei malditamente desapontado se isso for a respeito de dinheiro no final das contas.

– É sobre família. – ela disse gravemente. – Se eu não pegar a máquina, a minha irmã morre.

Capítulo 12

Família. De novo família. O universo estava tentando dizer algo para ele sobre sincronismo e carma – todas as coisas que o Sam sempre falava.

Procure por sinais, Wyatt, procure por todos os sinais.

Faith segurou o braço dele. – Eu sei que você pode não entender... o que você disse antes, sobre a sua própria família, sobre não ser próximo deles...

– Se você estiver brincando comigo...

– Por que eu faria isso? Eu estou deixando você me levar como refém. Eu salvei o seu traseiro e a sua vida. Eu estou ficando contra o meu amigo de infância.

– E antigo amante. – ele apontou, principalmente por que isso ainda o incomodava.

– Exatamente. Eu preciso desta máquina.

– Eu não posso deixar cair em mãos erradas.

– Não cairá. Eu só preciso *tirar* a minha irmã das mãos erradas. – Ela remexeu no bolso de sua saia e tirou um telefone celular. – Aqui... você quer prova, isso é o melhor que eu posso fazer em tão pouco tempo.

Ele viu a pequena tela, viu a mulher que a Faith falou ser irmã dela, amarrada, parecendo espancada e ferida e implorando a ajuda da Faith. Ele escutou a voz do homem a o fundo também, instruindo Faith

nos primeiros passos em garantir que Liberty ficasse livre e ilesa, e o estômago dele se retorceu. A própria família dele foi destruída... ACRO era a família dele agora, uma família fodidamente maravilhosa... mas, algumas vezes, Wyatt ansiava por um encerramento, por respostas reais sobre o que aconteceu.

Ele olhou para o rosto de Faith e viu a dor lá que não podia ser fingida. Ele sentiu sua própria dor toda vez que ele pensava sobre o meio irmão dele.

Ele sabia que estava patinando em gelo rachado, que alguém que faria qualquer coisa por um membro da família faria *qualquer coisa*, incluindo entregar uma máquina que podia matar metade da população do mundo.

Os poderes dela eram fortes, mas ele ainda tinha o talento mais importante... ele odiaria usar isso contra ela de novo, mas se ele tivesse, iria evitar que ela tentasse esmagar os órgãos internos dele com a mente dela. Porque isso seria uma coisa malditamente ruim.

— Nós lidaremos com o destino da máquina depois que nós assegurarmos a placa-mãe e sair dessa maldita plataforma.

— Isso funciona para mim. — ela concordou.

— Você deve a mim e a ACRO por isso, bebê. Agora, vamos seguir. A porra da minha vida está nas suas mãos se aquele maldito Stowe passar... você sabe disso, certo?

— Eu sei disso, Wyatt. Eu nunca fui boa em trabalhar como parte de uma equipe, mas eu aprendo rápido. — ela disse baixinho. — Agora, como nós vamos nos mover por essa instalação sem sermos pegos?

Ele sorriu. — Querida, eu cresci em sondas e plataformas. Dei os meus primeiros passos a duzentos metros acima do chão. Arranquei meus dentes com cabo de aço. Eu posso nos levar onde nós precisarmos ir.

Ela subiu nas pontas dos pés e roçou os lábios bem de leve com os lábios dele para um beijo suave. — Muito sexy.

Eles se moveram rapidamente, mas com cautela entre os tubos e abaixo das vigas que estavam no meio do caminho, o som das máquinas

abafando o barulho dos passos deles na grade de metal. Os odores familiares de petróleo e aço quentes trouxeram de volta lembranças de fazer a mesma coisa quando menino, quando as plataformas marítimas haviam sido o seu parquinho.

Este era o território dele. Sean e seus capangas da cidade não tinham chance.

O módulo de acomodações apareceu a frente, e sua mente trabalhou rapidamente. De jeito nenhum eles seriam capazes de passar... os capangas do Sean estariam cuidando dos aposentos dele.

Quando Faith levantou uma sobancelha questionadora para ele, ele piscou e escalou um tubo que percorria ao longo da parte traseira do módulo. Ela seguiu, sem reclamar quando ele abriu a tampa de um duto de ar somente grande o suficiente para eles e se enfiou para dentro.

A ida foi quente e empoeirada, mas eles chegaram ao teto acima do quarto dele com o mínimo de caminhos errados. Tão silenciosamente quanto era possível, ele arrancou a grade de ventilação e caiu em seu quarto, onde ele se trocou rapidamente, pegou as coisas importantes, como o celular dele, armas e munição... uma bala certamente tinha o nome do Sean nela.

Faith sussurrou do duto de ar acima, onde ela havia ficado. – Apresse-se. Nós ainda temos que parar no meu quarto para que eu possa pegar uma bolsa para a placa-mãe.

Ele olhou para cima. – Nós não precisamos de uma bolsa.

– Foi especialmente feita. Impermeável e à prova de batida. – ela insistiu, e algo em seus olhos disse que ele não iria ganhar essa, e que eles estavam perdendo tempo precioso. Ele subiu de volta no espaço apertado e a guiou até seus aposentos. Uma vez que eles chegaram lá, os dois desceram. Eles iriam a pé daqui.

Ele cuidou da porta do quarto dela, vendo enquanto ela pegava a bolsa do armário. Vendo enquanto ela colocava o animal de pelúcia que ela tinha na cama do seu hotel no dia que eles se encontraram lá dentro, e ele virou se encontrando tanto sorrindo e suspirando.

Esta missão era muito pessoal para os dois.

Ele enlaçou os dois conjuntos de macacões e capacetes de um armário enquanto eles fizeram o seu caminho para o laboratório de meteorologia, e uma vez que estavam vestidos, eles usaram o artifício de se esconder na vista de todos para conseguirem seguir em direção ao laboratório de clima.

Era um jogo para os dois.

Dois guardas estavam de pé na entrada dos escritórios principais, desarmados mas sem dúvida mortais.

– Sean disse que, já que o módulo abrigava os escritórios da empresa utilizado pelos trabalhadores legítimos, ele não poderia ter homens carregando armas semi-automáticas por aí. – ela sussurrou.

– Provavelmente Homens-I, – ele disse. Provavelmente excedosapiens com pequenas habilidades... que ainda os deixava mais perigosos do que a maioria dos soldados bem treinados. – Eu quero primeiro aquele da esquerda.

– Entendi. – ela disse, e ambos entraram em ação, uma maldita coisa linda.

Suas habilidades eram complementares quando elas não estavam sendo usadas um contra o outro e os guardas caíram como uma dança coreografada que Wyatt teria gostado se a situação não fosse tão malditamente terrível, com a Faith fazendo o negócio da imobilização para que Wyatt pudesse matá-los rapidamente e de uma maneira ordeira, quebrando pescoços eficientemente para preservar seus poderes telecinéticos para quando ele realmente precisasse deles.

– Câmeras. – ela disse, e Wyatt rapidamente as incapacitou ao estourar a fiação interna, e fez o mesmo com as travas codificadas na porta.

– Eu derrubarei os alarmes lá dentro... segure-os para mim enquanto eu fizer isso. – ele instruiu.

– Os homens lá dentro não serão um problema para você. – ela o assegurou. – Confie em mim.

Eles abriram as portas e invadiram o laboratório que abrigava uma parede maciça de computadores que compunham a máquina do clima, e

foram cumprimentados por três homens que haviam ido proteger o equipamento meteorológico. Faith de pé lá com os braços cruzados era o suficiente para os dois praticamente ficarem de joelhos enquanto Wyatt destravava os alarmes.

Isso não iria parar o Sean por muito tempo, no entanto.

– Vocês são meteorologistas? – Wyatt perguntou, e um deles assentiu. – Habilidades especiais?

Todos eles balançaram a cabeça vigorosamente. Eles eram definitivamente da Itor, mas como a ACRO, a Itor somente empregava pessoas que não possuíam habilidades especiais mas que eram os melhores nos seus campos.

Wyatt olhou em volta, indicando com a cabeça o armário no fundo do laboratório. – Lá dentro. Todos vocês.

– Espera. – Faith disse. Ela agarrou o cara mais próximo e apontou para o radar. – O que está acontecendo com aquele furacão?

– Nós acabamos de virá-lo para o norte. Ele vai se mover para a Costa Leste.

Wyatt se aproximou. – Vire-o para o meio do Atlântico.

O cara balançou a cabeça. – Levará mais do que um apertar de botão. Uma vez que nós o viramos, o anticiclone das Bermudas já assumiu a sua direção.

– Você pode enfraquecê-lo?

– Sim. – o cara disse cuidadosamente, como se ele não tivesse certeza que ele estava dando a resposta que iria mantê-lo vivo, – mas demorará horas.

– Merda. Ok, entre no armário.

Faith levou os três caras para o armário, fechando a porta, e então Wyatt concentrou-se, torcendo a fechadura para que a porta não abrisse.

– Placa-mãe. – ele disse, e ela apontou.

— Lá. Tire-a primeiro e então nós teremos que destruir a parede inteira.

— Isso será um prazer. — ele disse, e com a ajuda dela, eles gentilmente extraíram a placa-mãe, a chave para a operação inteira, para longe dos componentes principais. Faith a deslizou para dentro de sua bolsa protetora que ela usava nela.

— Fique para trás, querida. — Ele metodicamente começou a explodir os computadores, telas, os hard drives e até mesmo os teclados para garantir. As TVs e os telefones também se foram, e um por um ele os levantou e os jogou contra a parede do outro lado, até que cada componente fosse totalmente destruído.

O negócio mais importante que faltava destruir, no entanto, acabava de entrar na sala. E quando o Wyatt se virou com uma força mortal para conectar o seu punho na cara do Sean Stowe, ele sabia que ele estava tomando a vida dele em suas mãos em mais de uma maneira.



Em um minuto Faith estava checando novamente a placa-mãe em sua bolsa, e no próximo ela havia sido jogada em uma pilha de escombros quando o soco do Wyatt lançou o Sean contra ela.

Wyatt e Sean estavam brigando, punhos voando, pernas chutando. Eles batiam um no outro, acertando equipamentos, mesas, paredes. Seus rostos eram máscaras de raiva, dentes arreganhados, olhos prometendo nada de piedade. Eles podiam usar as armas e seus poderes, mas isso não era apenas uma briga sobre a máquina do clima. Isso era pessoal, uma luta para causar dor, uma luta até a morte.

Ela sempre achou o Sean lindo quando lutando, mas Wyatt deixou o seu ex-amante do chinelo. Cada movimento era limpo e eficiente, perverso e mortal.

E Wyatt iria ganhar. Sean sabia disso também. O peito dele arfava com respirações ofegantes, o suor escorria das têmporas e ele estava espumando pela boca.

Faith empurrou o monitor que estava prendendo o seu tornozelo, movendo-o o suficiente para permitir que ela deslizesse para fora.

Uma sombra preencheu a porta, e um homem explodiu para dentro, seus movimentos tão rápidos que ela mal conseguia localizá-lo. Um Agente-I. *Excedosapien* com um dom para velocidade. Ele arrancou o braço do Wyatt para trás em suas costas, forçando o Wyatt a desviar sua atenção para longe do Sean... um movimento que custou a ele. Enquanto Wyatt trocava golpes com o excedo, Sean encontrou o foco que ele precisava para utilizar seu dom.

Os olhos do Sean escureceram enquanto o seu poder aumentava. Ignorando a dor no seu lado, Faith agarrou sua bolsa de couro e pulou para ficar de pé.

– Wyatt!

Tarde demais. Wyatt desferiu um golpe fatal, esmagando a garganta do outro homem, mas quando ele se virou para o Sean, ele tropeçou.

– Filho da... – Cambaleando, Wyatt estendeu a mão, os dedos só escovaram na camisa do Sean. Ele caiu no chão como se os seus ossos tivessem se transformado em borracha.

Sean recuperou o seu Tokorav de onde havia caído no chão e desarmou o Wyatt. E então ele rejeitou o Wyatt completamente como uma ameaça, ele podia fazer isso, já que qualquer vítima caída por causa da sua drenagem de energia ficaria indefesa por diversos minutos. Claro, o uso do poder dele também o deixava fisicamente fraco por quase o mesmo tempo.

O sangue escorria em um fluxo do nariz dele, e o seu lábio inferior estava rachado. Ele olhou para o espaço vazio na máquina onde a placa-mãe havia sido acomodada. – Há quanto tempo você está trabalhando com ele, Faith? Desde o início? Não me diga que você é ACRO.

Mantendo os olhos dela no Sean, ela se abriu para o seu poder. Ela não podia usá-lo nele, mas ela com certeza poderia enviar um feixe para o Wyatt, colocar ele de pé e funcionando bem, antes que o Sean esperasse.

– Eu nem conhecia o Wyatt até uns dois dias atrás.

— Você me traiu por um homem que você acabou de conhecer? — A dor em seus olhos mudaram para uma fúria crua. Ele se virou para o Wyatt. — Ela te falou que te amava? Você caiu nas mentiras dela? Ela parece jogar o negócio de amor por aí bem livremente. Ela se transformou em uma prostituta desde a última vez que estivemos juntos.

Bem o tipo dele atacar quando ele estava magoado. Agora não era hora de mencionar as tendências infantis dele, no entanto. E nem ela poderia arriscar contra-atacar como ele esperava. Não quando ele segurava a pistola apontada para o Wyatt, que assistia tudo com olhos frios e ilegíveis.

— Sean, eu nunca menti sobre amar você. Eu amava quem você era. Quem você pode ser. Por favor, venha conosco. Deixe a Itor para trás.

Por um momento, ele pareceu considerar a oferta dela, e o coração dela disparou. Eles nunca poderiam estar juntos como uma vez eles estiveram, não depois de tudo que aconteceu. Não depois que o coração dela começou a bater por outro homem. Mas ela amava sim o Sean, como um amigo. Como família. Se ela pudesse levá-lo para longe do mal que era Itor...

Ele se virou de volta para ela. — Me dê a placa-mãe, Faith. Dê para mim, e eu esquecerei como você me traiu.

— Eu não posso. — Ela dobrou o tamanho do raio de poder que ela estava mandando para o Wyatt, esperando que o Sean não pudesse sentir.

— Isso não é coisa sua. Você nunca ligou para dinheiro. Ou poder.

Não, ela nunca havia se preocupado com estas coisas. Mas o Sean sempre tinha, e aqueles desejos o haviam levado para a sua corrupção. — Você está se ouvindo? Você sabe o que você estava prestes a fazer com esta máquina?

— Estou seguindo ordens.

— Você iria matar milhares de pessoas inocentes. — Ela apertou seus punhos para evitar que eles tremessem. — Pessoas como os meus pais.

Houve um longo silêncio. Uma suavização de sua expressão. – Sinto muito, querida. Eu não pensei. Eu não deveria ter permitido que a Itor te trouxesse neste trabalho.

– E quanto às pessoas que você está planejando matar? Você sente muito sobre isso?

– Meu trabalho é executar um plano. Não me preocupar com as pessoas que morrem. Agora me dê a placa-mãe.

Atrás do Sean, Wyatt se moveu, lentamente, como uma serpente se desenrolando, seus olhos transmitindo uma mensagem. *Mantenha-o ocupado.*

Ela agarrou a bolsa mais perto de seu corpo e encarou o Sean. – Eu acho que não.

Sean ergueu a Tokorav, segurando-a casualmente em cima do seu peito, lembrando-a que ele a tinha. – Eu estou perdendo a minha paciência com você, docinho. Eu entendo o trauma que você passou, sério, eu entendo. Mas foi há muito tempo atrás. Os seus pais já estavam mortos a muito tempo. E a sua irmã...

– É por causa do Liberty que eu estou fazendo isso. Alguém está segurando ela e pedindo o resgate. Eles querem a máquina em troca da vida dela.

Os olhos dele se arregalaram. – Liberty? Por que você não me contou? Nós poderíamos ter utilizado os recursos da Itor para lidar com a situação. – ele esticou sua mão. – Nós ainda podemos, se você apenas me entregar a bolsa.

– O quão estúpida você acha que eu sou? A estação de clima está destruída. A máquina juntamente com ela. Itor irá te culpar pelo que aconteceu. Você realmente acha que você estará em posição de me ajudar depois disso? Você terá sorte se você for designado para um escritório isolado na Sibéria.

Eles não o matariam; alguém com a experiência e o nível de habilidade dele era muito valioso para matar. Eles iriam, no entanto, tornar a vida dele desagradável.

— Me dê a porra da placa-mãe! — ele gritou. — Eu não quero te matar. Não me force, Faith.

Ele estava no fim da linha, a arma tremendo em sua mão. Ela nunca havia visto ele tão agitado. Tão instável. Merda. Ele tinha pavio curto em um dia bom, mas agora, dessa forma...

Wyatt ficou de pé, suavemente, silenciosamente, a aura ao redor dele soltando faíscas. Um grampeador veio do nada, batendo no lado da cabeça do Sean. Sean balançou para trás e agarrou a sua têmpora com uma mão, mesmo enquanto ele mirava no Wyatt com a outra.

A arma voou da mão do Sean. Ela descarregou, e o barulho oco da bala se alojando no teto soava como uma bala acertando um corpo. Um corpo que poderia ter sido o do Wyatt.

Da pilha de escombros perto da porta, um computador arqueou no ar, pegando o Sean com toda a força no peito.

Faith mergulhou para pegar a pistola enquanto Wyatt atacava, o ombro dele conectando-se com a barriga do Sean.

Sean e Wyatt bateram no chão, esmagando uma lata de lixo e enviando uma cadeira em rota de colisão com a coxa de Faith. Mordendo um xingamento, ela levantou a pistola antes que o Wyatt pudesse matar o Sean.

— Parem! Os dois! — Ela disparou dois tiros na máquina do clima destruída, e os homens congelaram no meio da briga. Apesar de Wyatt ter acertado mais um golpe na mandíbula do Sean um segundo depois.

Wyatt mostrou os dentes para o Sean, um aviso claro, mas ele ficou de pé, limpou sua boca ensangüentada com a parte de trás de sua mão.

Sean se empurrou para ficar de pé, atirando um sorriso triunfante para o Wyatt. — Eu sabia que você mudaria de idéia, docinho.

— Cala a boca. — Ela ergueu sua bolsa com firmeza por cima do ombro e nivelou a pistola para o peito de Sean. A expressão do Wyatt se tornou arrogante. — Aqui está o negócio. Você irá nos fornecer uma passagem segura, caminhando conosco até o helicóptero. Então você vai mandar o piloto nos levar onde quisermos ir.

— Eu consigo pilotar. — Wyatt ofereceu. — Então vá em frente e termine com ele.

— Sua piranha. — Sean rosnou, e ela sabia que ele estava juntando poder. — Eu vou drenar o Wyatt até a morte. Você tem três segundos, *docinho*. Me entregue a arma e a placa-mãe, ou ele morre.

Drenar um humano completamente iria deixar o Sean fraco e vulnerável por horas, a razão pela qual ele raramente fazia isso. Mas desta vez, ela sabia que ele iria. Mas então, ao redor deles todo o equipamento se levantou no ar, máquinas gigantes, e pedaços de metal... todos mirados no Sean. Ele e o Wyatt iriam acabar se matando.

— Vai. Se. Foder. — ela ergueu a pistola, mirando diretamente no coração dele.

— Você não vai me matar. Você não consegue.

— Sinto muito, Sean. — A voz dela se quebrou, mas a decisão dela não.

Os olhos dele se arregalaram com a realização e terror. Ela apertou o gatilho. Ele caiu no chão, mas ela não iria permitir-se a chance de sentir qualquer coisa. Wyatt lhe deu um olhar que ela não conseguia ler, mas como o profissional que ele era, ele não perdeu tempo em fazer perguntas para ela. Rapidamente, ele pegou a pistola que o Sean havia tirado dele e enfiou em sua cintura e tirou a Glock do excedo morto. Uma vez que ele verificou a munição, ele e a Faith saíram do laboratório.

Saíram, e nas sombras da noite deram de cara com o Marco.

Wyatt ergueu sua arma.

— Não! — ela rosnou. — Ele é meu. — Ele iria pagar pelo que ele fez para ela em Paris, e o que ele pretendia fazer com ela antes que ela encontrasse o Wyatt no bar na Flórida. A garganta dela pulsava embaixo de sua gargantilha, como se tivesse sentindo a vingança.

Mas era rápido, um borrão quando ele lutava, tão rápido que ela não sentiu os golpes deles até que o próximo a atingiu. Ela mal bloqueou

metade deles, e ela certamente não tinha tempo para se concentrar em encontrar um ponto fraco na aura dele com o poder dela.

Ainda bem que ela tinha descoberto isso há dias atrás.

Ela estava levando uma surra brutal, ela podia ouvir o Wyatt xingando ao fundo. Finalmente, ele não podia agüentar mais, e fez uma varredura com uma de suas pernas derrubando o Marco.

O intervalo deu-lhe apenas o tempo suficiente para perfurar a aura de Marco e concentrar todo o seu ódio nele. Marco fez um som de assobio desagradável, e tirou um punhal de sua bota.

– Eu vou te esfolar viva, sua puta inglesa. – Ele sorriu. – Terminar o trabalho que eu comecei em Paris... – Ele parou com um suspiro, os olhos arregalados.

Raiva se derramava dela em uma onda de calor, que encontrou o seu caminho até os órgãos vitais dele, sua corrente sanguínea. A pele dele ficou vermelha, com bolhas, e ele caiu, uma vítima da pior febre do mundo.

– Esse é um poder assustador que você tem. – Wyatt murmurou, agarrando a mão dela. Eles correram, se escondendo atrás do equipamento quando eles conseguiam.

O caminho até o helicóptero estava limpo... Sean obviamente não havia tido tempo de contar para os seus capangas que ele havia encontrado ela e o Wyatt em seu laboratório. Mas quando eles se aproximaram das escadas até o heliporto, tudo foi por água baixo.

Os guardas na base das escadas gritaram, começando a atirar.

– Merda! – Wyatt mirou no guarda mais próximo enquanto ele se abaixava atrás de um contêiner de aço.

Tiro em resposta explodiu no ar ao redor deles, as balas sibilando da grade de metal e batendo no contêiner.

– Mais homens virão. – Ela olhou para baixo no convés principal, onde os trabalhadores estavam lutando para se esconder. – Nós temos que chegar ao helicóptero antes que estejamos cercados.

Wyatt assentiu soturnamente. – Só continue atirando. Distraia-os.

Ela fez isso, mantendo meia dúzia de guardas armados ocupados, sibilando quando uma bala raspou seu braço. Uma abrasão leve. Ela viveria.

Wyatt ficou imóvel, seu olhar fixo na atividade abaixo. Homens com Aks invadiram, mas as armas deles foram arrancadas de suas mãos por uma força invisível, fazendo elas voarem por cima da grade. Uma fileira de canos na parte baixa do convés começaram a chacoalhar. Faith não conseguiu assistir por muito tempo, sua atenção focada nos capangas na frente deles que ainda tinham suas armas, mas ela arfou quando um cano gigante moveu-se para cima. Ela assistiu abismada enquanto ele balançava como um taco de beisebol, derrubando cada guarda que bloqueava o caminho deles.

– Brilhante. – ela respirou. – Absolutamente brilhante!

O cano apontou por cima das grades, mergulhando em direção ao oceano abaixo. Wyatt agarrou a mão dela, levando-a correndo para subir as escadas.

Um homem saiu do helicóptero, sua MP5 mirando em Wyatt. Antes que ela pudesse piscar, Wyatt jogou-a no chão, rolando com ela enquanto tiros eram deflagrados no convés ao redor deles. Abruptamente, o tiroteio parou. Principalmente porque a coronha do fuzil estava enfiada no peito do cara em uma maneira criativa de uso para o poder do Wyatt. E ele havia dito que o poder *dela* era assustador.

– Babaca. – Wyatt murmurou.

Ele pegou a mão de Faith novamente e a puxou para ficar de pé. Eles correram para o helicóptero.

– Show legal. – ela disse.

– Guarde o elogio para depois que sairmos desta plataforma. Nós precisaremos de um pequeno milagre.

– Eu pensei que você disse que conseguia pilotar um helicóptero!

Uma bala ricocheteou do lado de fora da porta enquanto ele a segurava aberta para enfiá-la dentro. — Este pássaro é um pouco mais avançado do que eu estou acostumado.

— Você poderia ter me avisado.

— Não tem graça nisso. — ele disse enquanto ele subia no cockpit.
— Desta maneira é mais excitante. Segure-se.

O homem era louco. Eles se acomodaram em seus assentos. Ele ligou o helicóptero, o zumbido baixo do motor soando tão lindo como nunca.

— Mais rápido seria melhor. — Ela apontou para os homens correndo na direção deles na passarela do lado de fora. — Eles estão quase aqui.

— Eu posso ver isso.

O helicóptero subiu, a sensação líquida de pegar o ar dando a ela um momento de alívio. Até que um tremor sacudiu-a, fazendo com que ele batesse na poltrona. O choque quase a derrubou de seu assento.

— Porra. — Wyatt puxou o câmbio para trás, e o pássaro subiu, tremulando novamente. — Alguém está nos segurando lá embaixo!

Balas bateram no pára-brisa, que, agradecidamente, era à prova de bala. Pequenas fissuras com formato de teias de aranha se formaram, mas o vidro ficou firme. Por enquanto. Faith observou a área. Um homem, vestido com um sobretudo preto, estava parado na lateral, sem armas, concentrando-se no helicóptero.

Wyatt o viu ao mesmo tempo. — Bingo.

O sangue de Faith bombeou com mais força com antecipação. — Entendi. Você pilota.

Ela se abriu, sentindo o zumbido sedutor de poder, o ímpeto que um combate mano-a-mano nunca proveria. A aura do Agente-I se tornou visível, o escudo protetor dele cintilando e mostrando o caminho que ele fazia quando uma pessoa estava usando o seu próprio poder psíquico.

Com o coração batendo selvagememente, as veias cheias de adrenalina, ela sondou em busca de um ponto fraco. Encontrando-o,

próximo do abdomen dele. Instantaneamente, ela perfurou o corpo dele, usando sua energia para cobrir o coração dele e apertar.

A boca dele se abriu. Ele agarrou seu peito. O helicóptero foi lançado para cima com um giro acentuado que a jogou para a janela lateral.

– Merda. Desculpa. – Wyatt disse. – Oh, ei, nós estamos livres!

Balas fizeram buracos na pele do helicóptero, e o cheiro acre de combustível encheu a cabine.

– Cuzões. – Wyatt ofereceu uma saudação com o dedo do meio, e então enviou um contêiner de carga para cair em cima deles. O tiroteio cessou.

Ele sorriu, e eles estavam fora dali.

Exalando um longo suspiro de alívio, Faith fechou os olhos e afundou-se em seu assento. A adrenalina dela caiu e a transformou em um macarrão, e suas mãos tremiam tanto que ela teve que enfiar os dedos nas pernas.

– Você está bem? – A voz do Wyatt, profunda e reconfortante, retumbava por ela, e ela sabia que ele não estava perguntando sobre a saúde dela. Não a sua saúde física de qualquer forma. Ela havia matado um homem que ela conhecia há quase vinte anos. Um homem que ela amava.

Um homem que havia se tornado um mal irreversível.

Ela não podia mais negar este fato, e hoje isso já estava acima do normal. Ela estava de luto pelo garoto que Sean havia sido, mas maravilhosamente, ela se encontrou arrependida com o que ela tinha feito com o homem que ele havia se tornado.

Ela abriu seus olhos e estudou o perfil rude de Wyatt, seus olhos inteligentes, a sua boca talentosa. Ele era alto, e magro e sinuoso, Só a presença dele era tão exigente que ele parecia maior do que o tamanho daquele cockpit. Ele era um dos caras bons, uma das raras pessoas humanas chamados de heróis.

E no momento, ele era dela.

– Estou bem. – ela disse. – Eu estou realmente bem.



Haley assistiu o circuito do satélite mais uma vez, esperando que o resultado fosse diferente. Mas não importa quantas vezes ela testemunhou o giro do furacão do outro lado da tela, nada mudou.

A atmosfera na estação de clima da ACRO era uma mistura estranha de tensão e excitação. Somente meteorologistas iriam ficar de pau duro sobre o poder destrutivo de um furacão.

Bem, Remy também ficava, mas isso era diferente. Ele estava, naquele exato momento, dentro de uma torre de observação, tentando à força fazer com que a frente fria avançasse para empurrar o furacão para longe da costa. Até agora, os esforços dele haviam sido em vão. O anticiclone de Bermudas era muito forte, efetivamente segurando a frente não importa o quanto Remy fizesse.

– Haley? – Jeremy acenou com a mão na frente do rosto dela. – Nós temos as últimas projeções.

Ela esfregou os olhos, exausta e sem querer olhar. Quando ela finalmente o fez, ela desejou não ter feito.

Com o estômago doendo e as mãos trêmulas, ela silenciosamente foi para os eu escritório, fechou a porta e discou para o Dev.

– Me dê boas notícias, Haley. – ele disse com o seu tom normal, com o seu tom normal de estritamente negócios.

– Eu queria poder.

Houve um longo silêncio. – Qual é a situação?

– O Furacão Lily atingiu o centro. – Cada modelo de previsão, incluindo aqueles do Centro Nacional de Furacões. Ela limpou sua garganta. – Desde que ela soube o que estava acontecendo com a máquina.

– Exatamente. – Ela espalhou as projeções em cima da mesa. – Cada modelo de previsão, incluindo um daquele do Centro nacional de Fusão, estão trazendo a lily entre New Jersey e Connecticut.

– Eles não podem ser mais específicos?

– *Eles* não podem, mas Dev, um choque em qualquer lugar naquela área será devastador. Lily é uma tempestade de categoria cinco, e ela está se fortalecendo. – Ela limpou a garganta. – Já que nós sabemos o que está acontecendo com a máquina, nós fomos capazes de descobrir mais projeções específicas das tempestades. Eu acho que Itor sabia o que eles estavam fazendo, eu apostaria a minha reputação no fato que nem mesmo com a ajuda da máquina do clima, Lily irá fazer um estrago diferente em Nova Iorque. Nós precisávamos fazer as preparações, e nós precisamos fazer isso agora.

Capítulo 13

Dev odiava mostrar fraqueza ou medo, recusou-se na frente dos outros, além de um seletos grupo de médiuns em ACRO, e para Oz, que entenderam. Agora que ele estava de volta a partir do que a maioria dos agentes e trabalhadores da ACRO assumiu ter sido um período de férias, ele precisava estar em completo controle, para tranquilizar o pessoal que, apesar de Itor ter permitido ao furacão ganhar a vantagem, ACRO continuava vencendo a guerra.

Eles não tinham escolha, se Nova York fosse destruída, dezenas de milhares de pessoas poderiam morrer, e toda a economia dos EUA sofreria por anos, deixando o país vulnerável a qualquer terrorista de baixa vida com alguns milhões de dólares e uma rebarba no rabo. E se outro desastre natural tivesse seguido o primeiro... Jesus. Ele apenas rezou para que Wyatt houvesse destruído a máquina, porque já era tarde demais para Lily, mas Itor poderia acompanhar os furacões, nevascas e secas.

Bastardos doentes.

Dev olhou para cima para ver Oz pé na porta de seu escritório. Oz tinha sido sua rocha por tanta coisa da vida de Dev, começando quando Dev tinha apenas 17 anos de idade e acabara de descobrir que ele era inerentemente bissexual. Oz tinha sido sempre tão seguro de sua própria sexualidade — tudo sobre o homem, o cabelo preto e olhos escuros gritavam sexo, especialmente a maneira como seu corpo comprido e musculoso parecia estar sempre em movimento.

— Você salvou minha vida. — Dev disse suavemente, sentia como se poderia dizer mais e mais — e ele tinha — e nunca seria suficiente.

Oz fechou a distância entre eles e abraçou Dev, murmurando: — Eu fiz o que você precisava, Devlin. Isso é o que eu sempre fiz, é o que eu sempre vou fazer.

— E sobre o que você precisa?

— Isso é tudo parte do mesmo pacote.

— Darius se foi, certo, Oz? — Lembrou-se sussurrando para Oz logo antes de Oz trazer os médiuns para o bloqueio da mente.

— Você está seguro, Devlin. Agora é hora de você salvar o mundo novamente. Você está pronto.

Sim, Dev estava pronto. Com Oz ao seu lado, ele poderia assumir qualquer coisa.

Wyatt fez infinitas correções sobre o que ele chamava de cíclica, e pela milionésima vez nos últimos 10 minutos, Faith agradeceu a Deus que ele era um piloto treinado. Isto foi muito melhor do que segurar uma arma para um dos pilotos de Sean.

— Onde estamos indo? — Ela perguntou quando retirou o macacão laranja que era um tamanho muito grande para ela.

— Flórida. Um amigo meu vai nos levar.

Ela tirou o macacão e jogou-o para trás do seu assento. — E este camarada ... você confia nele?

— Na maioria das vezes.

Na maioria das vezes. Perfeito. Talvez lidar com o piloto de Sean e deixar Wyatt para atrás teria sido mais fácil. Não que ela poderia ter feito isso. Faith olhou para fora da janela lateral para o mar áspero, o céu nublado, lembretes de que a máquina do tempo de Itor poderia ter sido destruída, mas o estrago já estava feito. O furacão que eles tinham alimentado ainda poderia dar um golpe.

Wyatt olhou para os medidores. — Então, por que Sean ficou surpreso ao ouvir que a sua irmã estava viva?

Faith se virou para ele, seu primeiro instinto era mentir. Mas depois de tudo que Wyatt havia feito para ela, e depois de tudo que ele continuava a fazer por ela enquanto ela lidava com quem tinha tomado Liberty, ela lhe devia.

— Meus pais enviaram Liberty para longe, quando ela tinha cinco anos. Eles tinham medo dela.

— Com medo dela, por quê?

Deus, ela odiava falar sobre isso. — Meus biocinesis não se desenvolveram até que eu tinha oito anos, mas Liberty nasceu com isso. — nebulosas imagens encheram a sua cabeça, de Liberty curando seu gato depois de ter sido atropelado por um carro, de Liberty vedando um corte no joelho esfolado de Faith, de Liberty asfixiando um homem que tinha seqüestrado Faith no seu quintal e tentado arrastá-la em seu carro. — Ela não podia controlá-lo, e...

— Ela machuca as pessoas.

— Sim. Ela não faz mal a ninguém que não mereça, mas o fato de que ela poderia ... isso assusta as pessoas. — Seu coração trovejou em seu peito quando ela se lembrou do dia em que ouviu a batida na porta, de forma tão clara entre as memórias mais confusas. — Alguns homens estranhos vieram por ela um dia, agora eu sei que eles eram de um hospital psiquiátrico. — Faith sentiu mais do que viu a tensão que fez o corpo de Wyatt ficar reto, mas ele rapidamente relaxou, fez algo com os pedais.

—E?

— E eu nunca mais a vi. Eu procurei, mas a pista esfriou há vários anos.

— Até o resgate ligar. — Ele mexeu uma série de interruptores no painel de controle. — E seus pais? Sean disse que eles estavam mortos.

— Yeah. — Ela agarrou a bolsa contendo a placa-mãe e Mr. Wiggums ao peito. Os dois representavam família, o coelho de pelúcia representava tudo que ela tinha deixado de sua família, e a placa-mãe ... bem, agora que estava fora das mãos Itor, ela não poderia ser usada como uma arma para matar outras famílias.

Wyatt alcançou todo o espaço entre eles e pegou a mão dela, erguendo-a do estojo de couro. — Você não tem que falar sobre isso.

— Está tudo bem. — ela disse, embora não tendo certeza se estava bem. Ela adorava seus pais, especialmente seu pai, que tinha brincado com ela indefinidamente, preenchendo uma lacuna deixada pela ausência de Liberty. — Eu tinha oito anos. Inglaterra foi atingida pela Grande Tempestade de Outubro. — Lembrou-se do rugido do vento, o estrondo do trovão, o som de metal gemendo e vidros se quebrando. — Minha mãe, ela foi atrás de um vizinho idoso que tinha ido para fora para encontrar o seu filhote. Meu pai correu para ajudar, e quando eles estavam vindo para dentro... — Ela puxou uma respiração longa, calmante, surpresa que a antiga memória ainda tinha tanto poder. — O lado da nossa casa desabou. Direto em cima deles. Eu ouvi meu pai gritando para eu ficar para trás, e minha mãe gritou meu nome... — Ela fez uma pausa antes de dizer: — Essa foi a última vez que eu ouvi as suas vozes.

Após uma avaliação na unidade mental, Faith havia sido transferida para uma escola privada, onde outras crianças como ela estavam sendo levadas. Ela ainda estava em estado de choque, e tinha tomado semanas antes ela conseguisse funcionar em um ambiente escolar. Seus pais tinham sido tudo para ela, e sem eles e sua irmã, ela tinha sido uma alma perdida por meses. Levou mais tempo para se recuperar de seu medo de tempestades. O som do trovão mandava-a rastejando para de baixo da cama mais próxima, ou mesa, onde ela se acovardava, chorando e tremendo, até que se acabasse. A dor desse tempo ainda torcia suas entranhas, quando ela pensava sobre isso, e caramba, se ela poderia impedir alguém de passar por esse tipo de dor, não importa o seu custo pessoal, ela faria.

Ela cobriu a mão de Wyatt com sua outra, deixando a mochila deslizar para o chão. — Eu realmente não quero falar sobre isso. E você não deveria estar pilotando esta coisa?

— Essa é a maravilha do piloto automático, querida. Este pássaro é incrível. Itor deve ter roubado uma patente de piloto automático e fez esta beleza. Eu ainda tenho que manter meus pés nos pedais, mas até aí tudo bem. Olha, sem as mãos.

Deus, ele era arrogante, sentado ali como todos os dias, ele limpou o deck de bandidos, salvou o mundo e conquistou a mocinha. Claro que,

como um agente ACRO, ele provavelmente fazia essas coisas em uma base regular.

Quantas outras mulheres ele tinha seduzido ao longo de uma missão? O cara era definitivamente uma versão americana de James Bond. Ciúme queimou mais uma vez em uma corrida que fez seu coração doer. Ela esmagou impiedosamente a emoção, porque, embora ela não podia negar que estava começando a sentir algo por ele, ela não permitiria que seus sentimentos se expandissem ainda mais.

Exceto, como é que se para uma maré?

Com uma máquina do tempo, talvez, pensou ironicamente.

— Diga-me, — ela disse, — por que a ACRO quer que você destrua a máquina? Por que não mantê-la, usá-la eles mesmos? Sua agência pode proteger os litorais da América, salvar vidas, propriedades...

— É muito perigoso, Faith. A tentação de destruir um inimigo com ela seria muito grande.

— Não nas mãos certas.

— Você não pode saber disso. Os danos colaterais podem ser catastróficos. E apenas por ter a coisa, você convida inimigos para tentar roubá-lo. Você sempre se preocupará com alguém de dentro o traindo por poder ou dinheiro.

Não qualquer um dentro. Ela confiava em seu povo completamente. — Eu acho que os benefícios compensariam os riscos.

— Não importa. Não é a minha chamada. — Seu olhar, afiado e inteligente, também revelou determinação absoluta, e golpeou-lhe que ele realmente não iria considerar o uso da máquina para seus próprios fins, não importa quão nobre.

— Você sempre segue as ordens?

— ACRO nunca me deixou na mão.

ACRO teve a sorte de tê-lo, e ela sentiu uma faísca de ressentimento que a TAG tinha perdido. — Sua lealdade é admirável.

— Assim como a sua. Só fora de lugar.

— Você está falando de Sean.

Ele revirou os ombros como se o próprio nome de Sean, fizesse seus músculos tensos. — Cristo, Faith. O que você viu nesse cara?

— Ele nem sempre foi assim. — Ela parou, esperou que ele olhasse para ela. — Depois do hospital mental, fui levada para uma pequena e muito secreta escola.

— Administrada por quem?

Ela hesitou, mas inferno, ela já havia dito o suficiente. — A conhecida agência de inteligência.

— Então, basicamente, você foi criada para ser um agente? — Ele olhou para ela por um longo momento, como se considerasse. — Nós temos um agente com formação semelhante. — Isso não soa como uma coisa boa, mas ele não alongou o assunto. — Estou assumindo que Sean cresceu na mesma escola?

— Ele chegou dois meses depois que eu. Nós nos tornamos grandes amigos, eramos inseparáveis por anos. Mas eventualmente, o seu dom tornou-se demasiado para ele. Ele ficou irritado, louco pelo poder. Mas eu sempre acreditei que ele pudesse superar sua amargura e necessidade de controle.

— Ele realmente brincava com você, não é?

— Não era assim.

Quando Wyatt balançou a cabeça, como se ainda não entendesse, ela bufou e se levantou, decidido tomar um assento na parte traseira do helicóptero para que ela não tivesse que responder a mais nenhuma pergunta. — Eu não preciso explicar nada para você. Vou ver se consigo tirar uma soneca.

Ele pegou o cotovelo, e de repente ela se viu sentada em seu colo. — Sem fugir.

— Como você se atreve? — Ela empurrou seus ombros, mas o aperto intensificou e ele a puxou mais perto.

— Tenha cuidado. — ele murmurou em seu ouvido. — Uma pequena pressão no controle de errado, e acabamos no oceano. Mas se você quiser balançar um pouco os quadris, isso estaria ok.

— Você é tão ... tão...

— Insuportável?

— Sim!

Sorrindo, ele segurou a cintura dela e ajudou-a com aquela coisa de balanço, que tinha mencionado. Ele estava despertado. Chocantemente despertado. Os pulsos rítmicos do motor do helicóptero faziam vibrar o seu contato, fazendo-o crescer ainda mais duro. — Temos poucos minutos para gastar.

Ela levantou uma sobrancelha para ele. — Você quer fazer isso agora? Aqui?

— A cara chocada não vai colar comigo. — Ele mantinha um olho na visão na frente deles e disse: — Você me fodeu em uma sala da caldeira enquanto os caras da segurança estavam nos caçando, lembra?

— Talvez o perigo me excite.

— Você é uma agente secreta. É suposto. — Sua mão deslizou até seu peito através da sua blusa de algodão e renda, e os mamilos apertaram em resposta. — Mas o que acontece com helicópteros? Será que eles te excitam? Já fez isso em um?

— Não... Você?

Ele abriu a boca sobre o ombro nu, mordeu levemente. — Nunca.

— Porque eu não acredito em você?

Levando-a alça de ombro em seus dentes, ele arrastou-a pelo braço. — Porque você é treinada para pensar que tudo que alguém diz é uma mentira? — Sua língua fez um quente e úmido caminho ao longo de sua clavícula.

— Isso poderia ser... mmm, sim, ai... a razão. — Deus, ela estava caindo em suas habilidades de sedução novamente. Não, ela não sentiu-se tonta e fora de controle, mas com Wyatt, bastava um olhar, um toque,

uma lambida, e ela era imediatamente reduzida a uma massa trêmula de desejo.

— Tanto quanto eu amo remover o sutiã de uma mulher, eu amo mais o fato que você não usa um.

— Nunca. — ela gemeu, não querendo pensar nele removendo as roupas de qualquer outra mulher.

Sua mão alisou a barriga e a coxa dela, e ela sentiu-se abrindo as pernas em convite. Na verdade, quando ele enfiou a mão debaixo de sua saia, ela se arqueou contra ele, procurando o seu toque, onde ela precisava. A outra mão dele foi para sua nuca, e ele puxou-a para baixo até sua boca roçar a sua.

— Nós não tivemos tempo suficiente para explorar um ao outro, — ele murmurou contra seus lábios. — Nós vamos fazer isso em breve. — Seus dedos encapsulado dentro de sua calcinha encontrou o seu centro. — Mas agora, eu vou fazer você gritar meu nome.

— Cocky liberianas...

Ele a cortou com um beijo, pegou sua boca como se estivesse em uma missão. E ela supôs que ele estava, se a maneira como ele acariciou-lhe o núcleo com os dedos qualquer tipo de pista. Quando ele a penetrou, ela gritou. Ele pegou o som com a boca, inalando como um homem se afogando, tomando o seu primeiro fôlego salva-vidas.

— Oh, yeah. — Sua boca curvou contra a dela. — Eu adoro a forma como você reage a mim.

— Arrogante bast...

— Eu odeio isso. — Sua cabeça pendeu para trás quando ele começou um ritmo sedutor com o dedo. — Eu odeio como você me afeta.

Ele beijou seu pescoço exposto, sua respiração uma carícia quente em sua pele ultrasensível. — Você vai aprender a amá-lo. Desejar isso. Implorar por isso.

Tão arrogante. E tão certo. Ela podia ver-se viciada nele. — Você está fazendo uma série de pressupostos.

Seu polegar fez um círculo lento em torno de seu clitóris, e ela quase engasgou. — Eu estou afirmando um fato.

Ela teria argumentado, mas ele beliscou seu inchado clitóris entre os dedos e começou a rolar entre eles, suavemente, lentamente, e Deus, ela ia gozar exatamente do jeito que ele disse, gritando seu nome.

Você vai aprender a amá-lo. Desejar isso. Implorar por isso.

Não, ela não faria. Eles não iriam ficar juntos tempo suficiente para isso. Ela não estaria gritando o seu nome, ou mendigando ou qualquer coisa semelhante, caramba.

— Pare. — ela gemeu, e depois com mais força, disse: — Pare. — Ela se encolheu longe dele, quase caindo para fora de seu colo.

— O que você está fazendo?

— Nada. Eu só... Eu preciso de ar.

Eu preciso não me apaixonar por ele.

Ela tinha muito sexo em missões, a maioria deles não mais pessoal do que o relacionamento entre um garçom e um cliente, e ela não lamentou nada disso. Ela tinha completado suas missões, se não com sucesso, então viva.

A chave para missões de sexo era ficar distante. Mas ela estava tendo um momento difícil com a coisa de desprendimento quando se tratava de Wyatt.

Frenética, ela se encaminhou para um assento na parte traseira do helicóptero, ignorando as exigências de Wyatt para ela voltar.

— Faith, caramba. Eu não posso deixar a cabine do piloto. O que você está fazendo? — Ele estava espiando o divisor parcial entre a seção de passageiros e da cabine do piloto. Ela apenas olhou para ele.

A expressão de Wyatt cresceu determinada, e ele se atirou para fora de seu assento. O helicóptero inclinou para a direita e lançou-se para a frente. Wyatt parecia não ter problemas para se mover em direção a ela, apesar do balanço.

— O que você está fazendo? — Ela gritou. — Volte lá!

— Não sem você. — Seus braços vieram em torno dela, e com graça e sem esforço, ele a pegou e a levou de volta a cabine do piloto. Ele plantou-a no banco do co-piloto, sentou-se no seu, e alinhou o helicóptero.

— Você é um maluco do caralho. — ela respirava. — O que aconteceu com o condenado piloto automático?

— Ele só estabiliza a altitude e velocidade, enquanto você ainda está trabalhando o processo cíclico e os pedais.

— Jesus Cristo.

— Venha aqui e deixe-me terminar o que comecei.

Sua adrenalina estava correndo quente, o susto a fez tremer, apenas incrementando seu desejo sexual. Ela queria que ele terminasse, mas nada havia mudado. Ele queria mais do que aquilo que ela estava disposta a dar.

— O que está errado Faith?

— Você. Nós. Isto é apenas uma missão de sexo, sim? Nada, exceto perigo induzido pela luxúria e loucura.

— Sim, isso é perigo induzido pela luxúria e loucura, porque eu sou louco, Faith, não se engane sobre isso. Mas isto... — ele fez sinal entre eles — é um inferno de muito mais do que apenas cobiça e loucura. Então você pode continuar protestando contra tudo o que você quer, baby... e eu vou continuar fazendo exatamente o que estou fazendo. Agora venha aqui.

Eles olharam um para o outro como gatos rivais, nenhum deles dispostos a ceder uma polegada. Um brilho maldoso iluminou os olhos de Wyatt. Um canto de sua boca se contorceu. Ela sabia que estava em apuros, e droga, ele soltou o controle. O pássaro inclinou bruscamente, jogando-a para trás.

— Pare com isso!

— Quer brincar Faith?

Deus, se ele tivesse escolhido qualquer outro lugar e hora, ela teria retomado isso. Mas ela não podia pilotar o fodido helicóptero, por isso o seu blefe não iria longe. Ela poderia, no entanto, virar a mesa.

—Tudo bem. — ela retrucou. — Pegue a porra do controle!

Sorrindo aquele sorriso arrogante, ele estabilizou-os novamente. Ela atravessou o espaço entre eles, mas ela não se sentou em seu colo. Ela se ajoelhou no chão, abriu seu macacão e calça jeans, e lançou seu duro pau antes que pudesse sequer piscar.

— O que você está fazendo? — Ele perguntou, suspeita e desejo fizeram sua voz mais baixa, e com uma grossa profundidade.

— Você realmente acha que me renderia completamente? — Ela passou a mão até a coxa, que flexionou sob a palma da sua mão, enquanto ele fez pequenos ajustes para os pedais. — Eu não sou tão fácil assim.

— Eu nunca tive um problema com fácil... ah, sim... — Ele parou quando ela fechou sua mão em torno de sua ereção, o quente comprimento ruborizando vermelho escuro do anel de seus dedos para a ponta da cabeça. — Você tem mãos mágicas, Faith.

— Você não viu nada ainda. — Reunindo seu poder, ela deixou sua aura entrar em foco. Ela tinha visto isso antes, mas ela ainda estava chocada com como ele era tão esfarrapado, puído.

Ela limpou os seus pensamentos, sondou um dos muitos pontos fracos, e penetrou com o seu poder. Ela continuou acariciando com a mão, e quando ela encontrou sua próstata com sua mente, ela acariciou isso também.

Wyatt quase saiu de seu assento. — Puta merda. — Ele engasgou, engoliu em seco, suspirou novamente. — Pare. Isso.

Inclinando-se, mergulhou a língua na fenda no topo de seu pênis. — Parar o quê?

— Você sabe. — Ele estava ofegante agora, os nós dos dedos brancos em torno dos controles. — Merda, eu vou ...

Ela puxou de volta seu poder, utilizando-o para apertar suavemente em vez golpear. Um gemido baixo do fundo do seu peito disse-lhe o quanto ele gostou.

Outro gemido, um pouco estrangulado, seu corpo vibrava quando ela o levou em sua boca. Ele era quente, duro, gosto de homem, suor, batalha. Era tão excitante que ela enfiou a mão debaixo da saia, das calcinhas e começou a acariciar-se enquanto ela chupava Wyatt.

Seus quadris começaram a balançar para cima, encontrando as suas profundas engolidas. Pré-semen saboreava em sua garganta, enquanto ela rodopiava sua língua em torno dele, chupando. Ainda assim, ela manteve a estimulação mental de sua próstata, por vezes, correndo para suas bolas e nas costas.

Entre suas pernas, ela estava pingando de excitação, inchada ao ponto de dor. Seus dedos trabalharam arduamente, alternado, círculos no clitóris e penetração em seu núcleo escorregadio.

Uma das mãos de Wyatt caiu sobre sua cabeça, emaranhando em seus cabelos. Ela sorriu ao redor de seu pau, deixou-o bombear em sua boca, seu aperto nos cabelos mais forte enquanto sua respiração veio mais rápida.

Sob os joelhos, o helicóptero bateu, vibrou, bombou. — Você não vai nos bater, não é? — Ela perguntou contra a cabeça de seu pênis.

Ele gemeu. — E arruinar o melhor boquete de todos? Fodidamente. Não.

Ela fechou a mão em torno da base de seu eixo, apertando enquanto ela mergulhava até onde seus lábios faziam uma vedação em torno do cume suave de sua cabeça. Aplicando uma forte sucção, ela sacudiu sua língua e deu golpes duros e firmes. Ao mesmo tempo, ela apertou seu clitóris, fodendo-se com os dedos.

Tremendo com o desejo de gozar, ela deixou isso acontecer, gritou em torno de seu pênis. Sua libertação o enviou sobre a borda, seus quadris flexionaram, sua semente quente enchendo a boca. Ela tomou tudo, chupando até que ele começou a sacudir e suas coxas tremerem.

— Terra. — respondeu asperamente, quando ela passou a língua de sua cabeça para suas bolas, pegando o último dos sucos que fizeram.

— O quê?

— Eu tenho que voar.

Sorrindo, ela enfiou-o de volta em sua calça jeans e subiu em seu lugar. — Quem você acha que ganhou?

Ele enxugou a testa, sua respiração ainda vindo mais rápida do que ele provavelmente gostaria. — Ganhou?

— Perdedor.

Seu olhar pesado olhar escuro fez sua respiração parar. — Eu vou te dar isso. Mas uma vez que estiver sozinha com uma cama de verdade? Você é minha.

Capítulo 14

Levou alguns minutos antes que Wyatt pudesse realmente ver direito de novo, o orgasmo da chupada fazendo suas pernas tremerem um pouco e seu corpo inteiro se curvou e arrepiou.

Sim, essa era uma batalha que ele felizmente concederia à Faith, repetidamente.

Ela estava com um sorriso sexy, presunçoso, quando ele foi atingido com a percepção de que Faith era talvez a primeira mulher em sua vida que não trouxe seu hormônio à tona toda vez.

– Você sabe que este heli tem rastreamento GPS. – Sua voz quebrou em seus pensamentos.

– Eu sei. Nenhuma maneira para desativá-lo sem derrubá-lo inteiro.

– Então você está derrubando-o, então?

– Sim. Você pode lidar com isso, Faith?

– Qualquer coisa que você pode fazer, eu posso fazer.

– Oh, estamos ainda jogando. Isso é bom. Eu ainda tenho algo para recompensar.

A helo era uma máquina de corpo inteiro, quando ele não estava no piloto automático, e ele trabalhou da maneira que ele tinha aprendido anos atrás, principalmente através de autoaprendizagem. Tomar a decisão de voar com a helo sobre a água enquanto eles pulavam fora era melhor do que arriscar uma aterrissagem forçada.

Faith poderia lidar com isso. — Nós temos que despejá-la em cerca de cinco minutos. Isso iria colocá-los cerca de mil metros do litoral — não um mergulho ruim, mas eles usariam a jangada. Eles não podiam arriscar quaisquer tentativas de resgate de pessoas erradas.

— A queda não vai atrair muita atenção? — Ela perguntou.

— Não deveria. Mas não temos muita escolha, eu estou contando com o fato de que as pessoas em média podem ver talvez seis milhas de detalhes ao olhar para o horizonte do oceano. Com a escuridão e nuvens baixas comprometendo a visibilidade, muito menos.

Faith olhou pela janela para a luz fraca da noite. — Eu gosto de nadar, tanto quanto o próximo agente.

— O salto realmente vai fazer o sangue bombear.

Ela lhe lançou um olhar duvidoso, e sim, não ia ser bonito — os mares estavam com maré alta, o que seria difícil para ela. Mas, novamente, a atmosfera inteira estava um alvoroço. Manter o nível do gelo estava tornando-se uma tarefa horrível, mesmo com o piloto automático, e ele estava arruinando seu brilho.

Tendo Itor vindo atrás deles agora iria arruiná-lo muito, muito mais.

— E o que vamos fazer enquanto o heli virar e afundar, do jeito que fez antes? — Ela perguntou.

Ele bateu o lado da cabeça. — Sob controle, Faith. Está tudo sob controle. Pegue o saco com a jangada — está em algum lugar. Mas não o infle na cabine.

— Eu sei quando, onde e como inflar, Wyatt. Eu pensei que eu deixei isso perfeitamente claro.

Ele assistiu ela se levantar do assento, a saia de couro macio moldando suas curvas. — Tire as botas.

— Eu sei disso! — Ela disse por cima do ombro.

– E pegue dois coletes. – ele disse e sorriu quando ela reclamou e lhe amaldiçoou por suas costas mesmo quando o vento o pegou, lançando-o de um lado para o outro. Era incrível que qualquer um desses blocos de metal de merda ficasse no ar para início de conversa.

Ela trouxe o colete para ele. Ele continuou a trabalhar nos pedais enquanto ele colocava seu colete.

– Eu estou pronto. Devo abrir a rampa?

– Me dá um segundo. – Ele pegou o celular do bolso e escreveu uma mensagem de texto rápida enquanto seus pés ainda mantinham a helo estável. Ele recebeu a confirmação dentro de segundos. – É agora.

– Está tudo bem?

– Nunca esteve melhor. Está na hora de começar. Ele notou que ela tinha dobrado a parte principal da bolsa em que estavam seus coletes. – Quando eu disser vá, coloca a rampa para baixo e lança a jangada.

A jangada inflaria quando batesse na água, e eles teriam que pegar dentro de segundos após isso para impedi-la de ficar distante demais deles. Ele poderia puxá-la de volta com sua mente, mas ele ainda estaria tentando impedir que o helicóptero caísse em cima de suas cabeças, e enquanto a multitarefa era algo que ele fazia bem, isso podia revelar-se muito para ele.

Ela assentiu. – Vamos limpar isso?

– Ela recebeu sinal verde – que é tudo o que precisamos.

– Isso vai ser perto.

– Chamadas de perto são o melhor tipo. Fará você apreciar a vida muito mais. Quando nós soltarmos esta porcaria.

– Cotovelos para os lados, queixo para baixo, punhos no rosto. Joelhos e pés firmemente juntos. – ela disse com um pequeno sorriso satisfeito, e oh, sim, ele não seria capaz de esperar por uma cama.

– Yeah, veja, eu ia dizer para saltar na crista da onda para não cair direto e quebrar suas pernas. Porque isso seria uma droga.

Ela revirou os olhos e foi para parte de trás do helicóptero. Quando ouviu a rampa descer, ele estava pronto. — Jogue agora, baby. — ele disse, tirou seus pés dos pedais e mentalmente manteve-o constante enquanto ele andava rapidamente em direção à ela.

Ela esperou com confiança pela porta aberta, cabelo soprando descontroladamente, a saia de couro com a fenda alta parecendo malditamente incrível e fora de lugar.

Ela estava animada sobre o salto.

Ele agarrou sua mão enquanto ele se situava na rampa com ela e gritou: — Não se solte, Faith. Não importa o quê, você segura firme.

Ela acenou com a cabeça, e eles pularam para baixo na água, a distância de mais de três metros, pelo menos, e para ele, não era um nado ruim. Seals diriam que era uma boa noite.

As ondas empurravam e puxavam eles, tentando separá-los em partes — mas nenhum deles desistiu, foram rápidos até que ambos ressurgiram, os coletes puxando-os para cima rapidamente.

Ele não tinha dúvidas de que Faith poderia se cuidar aqui, mas eles precisavam de velocidade para ficar longe do helicóptero. Ele olhou para a jangada laranja saltando nas ondas na frente deles e a puxou para diminuir a distância entre eles, usando o seu dom. Enquanto a jangada respondia indo em direção à eles, Wyatt virou o corpo de Faith, as costas dela viradas para seu peito e fez um nado de lado com ela para chegar na jangada que se aproximava, apesar dos seus protestos de que ela podia nadar, caramba.

— Suba. — Ele gritou sobre o rugido impetuoso, a colocou na jangada laranja e, em seguida, se arrastou para junto dela.

— Por que você não me deixou nadar?

— Porque não queria soltar você. — ele disse no momento em que ele começou a empurrar a jangada com sua mente, porque, merda, quanto mais longe do local do acidente, melhor. E aquele Chelbi estava indo para baixo rápido agora que ele tinha tirado sua mente dele, deixando cair e bam — atingiu a superfície com uma força que fez a onda

de água, empurrar a jangada para frente com uma intensidade revoltante que quase os derrubou no oceano.

Ele empurrou Faith para o chão da jangada, cobriu seu corpo com o seu e concentrou-se em se mover tão rapidamente quanto poderia para longe da nave e as partes que quebraram no impacto com a água.

A temperatura da água não estava ruim, mas com o vento, eles estavam congelando e se aconchegar nela fez ele se sentir quente.

Ela olhou por cima do ombro para olhar para a explosão que acendia o céu noturno. Mesmo que ambos estivessem em forma, ambos respiravam rápido por causa da adrenalina do perigo.

– Você está bem? – Ele gritou sobre os sons do oceano.

– Nunca estive melhor.

– Bom. – Ele sentou e a ajudou a sentar-se na jangada. Ele correu as mãos através de seu cabelo, tirando as partes molhadas de seu rosto e deu uma profunda respiração. Eles estavam quase lá – mas eles certamente não tinham terminado, não com esta missão ou um com o outro.

– Aquilo é terra? – Ela perguntou, tentando ver na escuridão.

– Sim, nós estamos... A corrente está do nosso lado. – ele disse.

Ela concordou, puxou a bolsa que tinha permanecido em torno dela, a amarrou-a cruzada em diagonal entre seus seios, sob o colete.

Ele poderia facilmente tirar essa bolsa dela – poderia já ter tomado em qualquer ponto durante o salto ou depois, destruído e deixado Faith com sua própria sorte. Poderia deixá-la na jangada e ter nadado sozinho após o esmagamento além do reconhecimento e por um segundo antes, quando eles primeiro tinham chegado à jangada, ele quase usou sua mente para rasgar a bolsa de seu corpo e jogá-lo para o oceano.

Mas ele não o fez. E não foi porque o sexo era a única coisa em sua mente – longe disso.

– Podemos caminhar o resto do caminho. – ele disse, se deslocou para o lado para ver a profundidade e a ajudá-la para entrar na água.

Ela olhou para ele como se ela quisesse ignorar sua mão, sua ajuda, mas ela não o fez.

Ele puxou o KA-BAR que ele tinha amarrado em seu braço antes por força de hábito — um hábito que provavelmente nunca iria morrer — e cortou os lados da jangada de modo que esvaziasse e flutuasse junto com o resto dos escombros. Melhor que Itor pensasse que eles estavam mortos, mesmo que eles nunca fossem parar de caçá-lo ou Faith.

Ele a seguiu para fora da água, olhando como ela tirava o colete e jogava junto dela para que também flutuasse no oceano.

Como uma agente livre, ela era muito mais vulnerável do que ele era, mas ele não estava prestes a deixar nada acontecer com ela. Não até que ele pudesse convencer-lhe que sua conexão era muito mais do que apenas seu interesse mútuo na máquina do clima. Não até que ele pudesse romper o medo que a tinha feito recuar no helicóptero.

A praia estava deserta e não havia nenhum sinal do homem que ele tinha chamado ainda. Ainda assim, eles estavam no lugar certo, coordenadamente, assim ele daria ao cara mais alguns minutos.

— O que estamos esperando? — Ela perguntou.

— Estamos recebendo uma carona, ele estará aqui em breve.

— Portanto, vamos apenas ficar ao redor da praia, expostos e vulneráveis? — Ela olhou para ele com raiva e ele balançou a cabeça e pensou sobre quão fodido alguém tinha que ter sido para que alguém com suas habilidades pudesse se sentir vulnerável e exposto.

Embora ele se sentisse da mesma maneira em torno dela, e não tinha nada a ver com a placa-mãe. — Nós vamos ficar bem, Faith. Meu amigo nos dará uma carona para onde precisamos ir para fazer a troca por sua irmã. Nós vamos ter hospedagem e alimentação pela noite. Basta ficar firme.

— Não me diga o que fazer, Wyatt. Você vem aos poucos me guiando desde que nós estivemos sobre o Chelbi.

— Certo, eu esqueci, você é uma grande, má espiã, pronta para enfrentar o mundo sozinha, com um momento de aviso.

— Nós vamos encontrar um lugar para ficar esta noite, que eu escolha. — ela disse, ficando diretamente na frente dele, braços cruzados, e ele podia ver chamas em seus olhos no luar.

— Eu não sabia que nós ainda estávamos jogando com medo. — ele disse. — Não percebi que isso iria ser um tema constante em nosso relacionamento.

Sim, ela estava em pânico, puxando a maldita gargantilha do jeito como ela tinha feito no helicóptero. Provavelmente ainda mais agora que ela tinha feito exatamente o que lhe disse que não iria fazer. Ela tinha enlouquecido quando ele disse que ele queria que ela lhe implorasse, e ela tinha feito isso no helicóptero.

Inferno, ambos estavam na mesma posição — ele só tinha sido um pouco melhor não mostrando.

— Você joga com medo o tempo todo, com você mesmo. Você faz escolhas. — ela atirou de volta. — Às vezes, você faz escolhas estúpidas que você não tem que tomar.

Ele assentiu. — Sim, mais do que às vezes.

— Por quê? Fale comigo, Wyatt. Por favor. — Ela parou. — Eu vi sua aura. É cheia de buracos, e apenas parece assim quando alguém não está bem, e eu sei que você está bem fisicamente. Portanto, tem que ser... bem, eu tentei curá-lo, mas...

— Não se incomode. — Ele disse depois de pouco tempo.

— Não é um incômodo. — Sua voz era suave, o toque dela em seu ombro ainda mais.

— Vamos apenas dizer que compreendo a sua situação familiar. Eu sei que você poderia pensar que eu não sou cruel o suficiente, que qualquer outro agente não iria se importar sobre o que há nas suas histórias.

Ela levantou uma sobrancelha, mas o deixou continuar.

— Eu entendo Faith. Eu entendo a coisa familiar. A culpa. — Ele balançou a cabeça, forte o suficiente para fazê-lo girar, desejando que a maldita memória caísse ao invés de chocalhar como uma mola solta. —

Mas você nunca deixa o mal ganhar, mesmo que isso signifique o maior sacrifício pessoal que você pode pensar. Isso é o que ser um bom agente tem tudo a ver.

– Eu entendo isso, Wyatt. Mas eu vou fazer o que for preciso para resgatar Liberty. Você não tem idéia do que deve ter sido para ela, naquela instituição.

– Eu tenho toda ideia. – ele se ouviu rugir. Ela deu um passo para longe dele, tropeçou um pouco na areia, e ele lutou por controle. Quando ele falou novamente, sua voz era baixa. – Eu estava empenhado demais, por um agradável, longo feitiço, quando eu estava na minha adolescência.

– Você passou um tempo em uma instituição?

– Isto está certo, querida. Eu lhe disse, toda vez que você me chamou de louco, que você estava certa. Certificamente certo.

– Merda, atrás de você. – ela disse, alcançando a arma que ele sabia que ela tinha escondido em sua bolsa, mas Wyatt colocou uma mão em seu braço e empurrou para baixo.

– Ele está aqui por nós – ele disse a ela, passando para ver o homem que todos conheciam apenas por ML. ML usava sua marca registrada, horrível camisa havaiana, sunga de banho – uma bebida alta, tropical em sua mão. – Hei, ML, o que há?

– Eu poderia te pegar na água.

– Eu tinha outros planos.

– Como renascer dos mortos?

Wyatt balançou a cabeça. Ele empurrou seu cabelo molhado para longe de seu rosto. – Eu ainda estou enterrado.

– Quente encontro para um homem morto. – ML levantou sua bebida em um brinde à Faith. – Vamos lá, levar você dois de volta para casa e pegar algumas roupas secas, antes de todos nós sermos presos.

— Nada para nos prendermos, homem. — Wyatt disse e ML apenas riu e disse: — Besteira, contra o vento.

Capítulo 15

Annika não conseguia se lembrar da última vez que estava tão exausta. Dev tinha ordenado todo o pessoal disponível da ACRO para participar nos preparativos do furacão agora que Lily parecia estar indo em seu caminho.

A base era longe o suficiente do interior, que a tempestade surgir não era uma preocupação, mas um furacão de categoria cinco poderia embalar ventos destrutivos do interior por centenas de quilômetros. Dev queria que a base e a cidade próxima estivessem mais preparados possíveis, e ele queria que todos estivessem de prontidão para auxiliar na busca, salvamento e recuperação do furacão.

Haley tinha sublinhado que não importava onde o furacão atingisse a costa leste, eles estavam indo para lidar com uma devastação tipo Katrina em um cenário mais favorável. Uma direta colisão com a cidade de New York não só seria dez vezes pior, mas poderia definir a economia dos EUA inteiro igual há 20 anos atrás.

Depois de horas de escorar abrigos e preparar áreas de proteção, Annika estava pronta para cair na cama com Creed, e pela primeira vez, não para o sexo. Infelizmente, ela ainda tinha uma noite de aula de artes marciais para ensinar. Dev tinha insistido que a agenda dos novos recrutas não fossem alteradas, se possível.

— Está com fome? — Creed olhou para ela do lado do motorista de seu jipe, onde ela se sentou no banco do passageiro. Ele alegou que gostava de dirigir, mas ela teve uma sensação de que seu comportamento disparatado e selvagem atrás do volante o deixava nervoso, não importa quantas vezes ela explicasse que tinha tomado horas e horas de direção evasiva.

– Faminta. Você cozinha?

Ele parou na calçada de sua casa de dois andares. – Se você não se importa de ter espaguete com molho de um frasco.

– Eu posso lidar com isso.

Vinte minutos depois, eles estavam na mesa da sala de jantar comendo espaguete e dividindo uma garrafa de vinho tinto. Ela adorava vir para o seu lugar, que, embora pouco decorado, era grande e aconchegante. Ela vivia em barracas remodeladas na base, e uma vez que ela raramente ficava lá, o lugar dela tinha tanto charme quanto uma cela de prisão.

– O que fez você ficar preso hoje? – Ela perguntou, enquanto jogava o queijo parmesão em sua pilha de macarrão.

Ele tomou um gole de seu vinho. – Desde que nós estamos esperando baixas significativas, o meu departamento começou os preparativos para a recuperação de almas.

– O que é?

– Quando um monte de gente morre de repente, especialmente em grandes catástrofes, as almas se perdem. Eles precisam de ajuda para atravessar.

– Não é algo que pode esperar até que os sobreviventes serem cuidados?

Ele olhou-a por toda a mesa, a intensidade de sua expressão enviando arrepios de apreciação sobre a superfície de sua pele. Ele ficava tão sexy quando ele falava de trabalho. – Nossos corpos são apenas conchas. A verdadeira essência de qualquer ser humano ou animal é a alma, por isso cuidado com o espírito é prioridade. Onde estamos realmente vivo é no outro lado, não aqui na terra. Se as almas perdidas não são ajudadas rapidamente para cruzar, eles aumentam, ficam ainda mais confusos.

– O que mais?

Creed pegou o garfo. – O que quer dizer o que mais?

– Tenho certeza de que salvar almas é importante – ela respondeu, enquanto limpava molho de fora de sua boca com um guardanapo – mas tenho a sensação de que há mais.

Ele balançou a cabeça, seus olhos escuros faiscando de excitação, e ela percebeu que nunca compreendeu verdadeiramente o quanto ele amava o seu trabalho. – Profetas, os estudiosos psíquicos, heck, civilizações antigas ainda tem previsto um evento apocalíptico em nosso futuro próximo, bem como um período iminente de escuridão. Ninguém pode concordar que estes eventos são uma e a mesma coisa, mas o que eles podem concordar é que algum tipo de desastre irá resultar em um estouro de almas para o mal seduzir. Haverá uma guerra de almas.

– O que, como fantasmas lutando contra a vida? – A própria ideia a arrepiava. Ela poderia lidar com alguém ou alguma coisa de uma forma tangível, física, mas diante de um inimigo que não conseguia ver, despertava seus sentimentos de frustração e impotência, algo que ela já experimentou muito de quando ela foi forçada a lidar com Kat.

– Bem, isso. Um dos objetivos do departamento de Medium é evitar que algo assim aconteça. É por isso que somos sempre despachados para grandes catástrofes naturais e as provocadas pelo homem.

O telefone tocou, e Creed respondeu no outro quarto, deixando Annika ponderando o que ele disse. Ela se lembrou de Dev dizendo que os cientistas da ACRO estavam tentando explicar a onda de pessoas que nasceram com habilidades especiais, e que poderiam ser amarrados aos eventos apocalípticos que Creed tinha mencionado. O período de escuridão assustadora... isso era novo. Mas, novamente, Dev também havia dito que havia mais Mediuns existentes hoje do que em qualquer momento da história, então, obviamente, algo estava acontecendo.

– Desculpe. – Creed disse, e ela estava grata pela interrupção de seus pensamentos perturbadores. – Era a minha mãe.

– Sua mãe? – Ela não conseguia manter a surpresa fora de sua voz. Pais não eram uma comodidade em ACRO. Muitos agentes não tinham nenhum, aqueles que tinham os pais, eles eram de uma variedade horrível. Dev uma vez mencionou que Creed foi adotado, e ela assumiu que seus pais foram mortos ou estavam fora de cena.

– Você tem um pai também?

Ele deve ter estado grato que ela conheceria sua história, todo seu negócio. Claramente, ele tinha esquecido que, a partir de apenas um ano antes, se não lhe dizia respeito, ela não dava a mínima. — Sim.

Wow. — Então... eles são normais?

Ele riu. — Eles não me educaram em uma gaiola ou abusaram de mim, se é isso que você quer dizer. Eles eram típicos, pessoas americanas, que só aconteceu de verem fantasmas. Tínhamos churrascos, e ia à igreja e tinha grandes férias felizes em família.

Creed rodou alguns macarrões no garfo e sorriu. — Quando mamãe e papai não estavam fora caçando fantasmas, ela era a Sra. Doméstica. Ela trabalhava no jardim, costurava, cozinhava. Homem, ela fazia grandes pratos. Domingos eram os melhores. Ela faria uma sobremesa enorme, e meu pai e eu lutávamos sobre quem teria o primeiro pedaço.

Annika não pode evitar, exceto perguntar como seria crescer com eles. O calor que sentia de Creed quando falava sobre seus pais... era algo que Annika não conseguia fazer sua mente entender. Ela apostava que eles assavam bolinhos, coloriam ovos da páscoa e iam brincar de doces ou travessuras, todos como uma família. Annika não fora autorizada a ir para as funções de férias da CIA, por temerem que ela chocasse outras crianças.

Ela empurrou o pensamento de lado porque era adulta e quem se importava com colorir os ovos de Páscoa de qualquer maneira, e tomou um gole de vinho. — Você me disse que foi adotado.

— Eu fui, de certa forma. — Creed largou o garfo. — Eles me encontraram em uma caverna. Abandonado quando era recém-nascido.

— Oh, meu Deus. — Ela se atrapalhou com garfo, quase o deixou cair. — Quem faria isso?

— Nós nunca soubemos. Mas nós suspeitamos o porquê. As tatuagens. — Creed disse, drenando seu vinho e servindo mais. Annika resistiu ao impulso de estender a mão e acariciar os símbolos em seu rosto, da mesma maneira que fazia durante a noite, às vezes, quando ele dormia e ela só queria se sentir mais perto dele.

Ela sabia que ele nascera com elas, mas ele nunca explicara. Então, novamente, ela nunca perguntou.

– Minha mãe e meu pai estavam investigando a caverna que diziam que a bruxa de Bell assombrava. As pessoas tinham afirmado que ouviram vozes selvagens, cantando e gemendo vindo da caverna, mas naquela manhã especial, também ouviram um bebê chorando. Minha mãe e meu pai entraram na caverna quando ninguém mais o fez, e me encontraram lá.

– E eles apenas ficaram você?

Ele encolheu os ombros. – Sim. Eu acho que eles tentaram ter filhos durante anos, mas não podiam, então eles disseram que eu era um presente.

Mastigando lentamente, Annika deixou as palavras de Creed afundarem dentro de si. Os pais dele levaram para casa um garoto estranho e o criaram? Como eles poderiam tê-lo amado? Ele não era deles. Os pais da CIA de Annika não a amaram, nem mesmo um pouco, e sempre assumiu que era porque ela não era filha natural deles. Bem, isso e eles tinham um trabalho a fazer a todo custo, e falta de laços emocionais fazia parte do pacote.

Na verdade, quando a CIA moveu Annika, com treze anos de idade, para uma instalação que parecia um alojamento para viver sob estrita supervisão quase militar, os “pais” dela mal piscaram. Eles ficaram felizes de terem terminado com a fraude, o falso casamento e a família falsa. Annika suspeitou por muito tempo que Patrícia e Joseph White não eram seus pais, mas todas as dúvidas foram afastadas naquele dia. Demorou quase mais três anos para descobrir toda a verdade, e quando o fez, o tumulto foi sangrento.

Patrícia e Joseph não foram poupados.

Martha e Dave encontraram uma estranha criança tatuada em uma caverna e o amaram, então como Patrícia e Joseph não puderam sentir sequer uma pequena quantidade de afeto por ela? E por que, de repente, incomodá-la agora, quando nunca teve antes?

– Quando eles descobriram seus laços com a Kat?

– Imediatamente, eu acho. Eles são ambos médiuns, de modo que souberam imediatamente que Kat estava me protegendo.

Annika sabia que havia uma diferença entre um médium normal, que podia sentir e se comunicar com espíritos e fantasmas, e o que Creed fazia, que era se comunicar com fantasmas através de Kat, que era, ela mesma, um fantasma.

– Então... Crescendo com as tatuagens e os espíritos, você foi para uma escola regular? – perguntou ela, de repente precisando saber tudo sobre o homem que endireitou seu mundo.

Creed terminou o restante de seu vinho. – Fui educado em casa em sua maior parte.

– Em sua maior parte?

– Às vezes eu cismava de ir à escola e ficar com outras crianças, e meus pais sempre me deixavam, mas não durou muito tempo.

– As marcas?

Ele assentiu. – Os professores, outras crianças... eles não entendiam. Ninguém acreditava que nasci com elas, e um professor foi longe o bastante para relatar os meus pais por abuso, pensando que me obrigaram a ser tatuado.

Annika alcançou por baixo da mesa e deu um aperto no joelho dele. Quando ela era mais jovem, ansiava por contato com outras crianças, de uma forma, entendia o que ele passou. – Sinto muito, baby.

– Não é nada comparado ao que você passou.

– Talvez não, mas pelo menos ninguém nunca zombou de mim. – Ela teve sorte de não ter passado por essa dor. E aqueles que mexeram com ela de outras maneiras, por qualquer motivo, pagaram caro.

– Não, você passou por coisa pior. Você tinha apenas dois anos quando a CIA tirou você de sua mãe e a deixou sob os cuidados de pessoas que a criaram como um pit bull premiado em vez de uma filha.

Todos na ACRO sabiam que ela fora criada para ser uma arma para a CIA, mas apenas Dev, e agora Creed, conheciam os detalhes. Apenas ontem à noite ela contou como cometeu seu primeiro assassinato aos doze, e como, até que chegou à ACRO, a única coisa que sabia fazer era matar.

E aqui ele foi criado por pais amorosos e gentis, para ser um adulto gentil e amoroso. Apesar de sua aparência dura, ele era um ursinho de pelúcia gigante, todo suave e macio. Ela era tão oposta quanto poderia ser. Como alguém a chamou uma vez? Vadiabiônica?

– História antiga – disse ela com um aceno de mão despreocupado.

– Por que todas as perguntas e repostas, afinal?

Ela brincava com um único macarrão, usando um dedo para empurrá-lo ao redor do prato.

– Diga-me – ele insistiu.

Ela suspirou. – Eu acho que descobrir que seus pais ainda estão vivos me fez perceber o pouco que o conheço.

– Você me conhece melhor do que qualquer um já conheceu, Annika.

– Talvez eu saiba quem você é agora, mas não sei sobre o seu passado. Eu tenho sido muito egoísta para perguntar ou mesmo me importar até agora. Deus, eu sou uma merda completa. – Ela não conseguia nem olhar para ele, estava tão envergonhada.

– Se você não fosse, não seria a Annika pela qual me apai...

Sua respiração congelou. Então, ela sentiu o duro subir e descer de seu peito enquanto seus pulmões tentavam tirar o atraso. – Pela qual o que? – ela perguntou em voz baixa.

Ele estremeceu, e ela se perguntou se Kat tinha feito algo com ele. – Cama. Se você não fosse tão forte, você não seria a Annika pela qual caí na cama na mansão de Dev.

— Certo. — ela retrucou, decepcionada com o ridículo da besteira de pela-qual-caí-na-cama dele, quando ele deveria ter dito que a amava.
— Cama. É sobre o que sempre isso aqui foi, não é? Cama ou o Dev.

Pânico apertou seu peito, porque, mas que diabos? Amor? Ela estava realmente pronta para isso? Creed estava olhando para ela como se lhe tivesse crescido outra cabeça, e ela sabia que estava totalmente decomposta com suas emoções.

— Annika, — disse ele, cansado — é você que sempre faz isto ser sobre sexo. Em relação a De...

— Não vamos por aí. — Ela apertou o joelho dele de novo, suavemente. — Hoje não. Estou exausta e ainda tenho uma aula de artes marciais para dar.

— Só para registrar, eu sei que você está tentando.

Ela sorriu. — Só para registrar, eu não tenho que tentar tanto assim.

O velho guarda na ACRO chamava Oz de perdido, cigano, charlatão. Oz estava bem com os dois primeiros rótulos, ressentira-se do último, porque nunca enganou alguém que não queria ser enganado.

Eles estavam preocupados com Devlin, ele entendeu isto. Mas nunca realmente perceberam que Oz seria a última pessoa que algum dia machucaria Dev.

Um então Devlin de dezessete anos de idade entrara no bar em que Oz estava dando um tempo, vivendo no andar de cima, na verdade, e trabalhando na maioria das noites, dando uma de bartender para pagar o aluguel. Oz estava esperando por ele. Oz descobrira seu próprio destino, a sua sorte, desde que tinha quinze anos de idade e seu pelotão de espíritos o revelou, expondo o caminho de sua vida como um jogo de tabuleiro. Não havia nada que ele pudesse fazer para mudá-lo ou alterá-lo.

Você vai se apaixonar por este homem. Total e completamente. Você vai fazer qualquer coisa por este homem. Você terá que fazer qualquer coisa.

E caramba, Oz se apaixonara, louca e completamente, pelo jovem homem alto e bonito - e Devlin se apaixonara por ele também.

Claro, Dev não sabia exatamente pelo o inferno que os dois homens teriam que passar a fim de apenas ficar juntos. Nunca saberia.

E não acabou ainda, Oz se lembrou. Era apenas o segundo dia da volta de Devlin à ACRO, e algumas horas atrás, Haley confirmou que o Furacão Lily era agora uma ameaça iminente à Cidade de Nova York. Dev parou em casa para descansar por algumas horas, estava exausto, mas no segundo em que pôs os olhos em Oz, ficou evidente que nenhum dos homens iria descansar tão cedo.

O amor que fizeram foi rápido, furioso. Tanta coisa era iminente, agora, tantas coisas que Oz precisava revelar, algumas ele podia e algumas não, mas tudo isso era o seu destino, sempre fora. E assim ele se sentou na beira da cama de Dev, no escuro. Embora tivesse passado um tempo juntos desde o retorno de Dev, esta seria a primeira noite inteira juntos em quatro meses, desde que Oz ajudou Devlin a banir um fantasma chamado Dario do próprio corpo de Devlin, uma possessão planejada por quatorze anos e que tirara tanto de ambos.

Vocês estão juntos agora. Isso é o que conta.

E ainda, os arrepios que assolaram seu corpo durante todo o dia permaneciam, seus pés e as mãos dormentes pelo frio e a dor, como alfinetes e agulhas, não importava quantos cobertores empilhados sobre eles ou o quanto os massageasse.

A única coisa que ajudava era o Dev tocando. — Dev? — ele sussurrou por cima do ombro, e Dev estava lá, pressionando seu peito nu nas costas de Oz na escuridão.

— Eu estou aqui — Dev sussurrou.

Sim, Dev estava aqui, e ainda muita coisa foi deixando inacabada, muito o que fazer.

— É responsabilidade demais para você. — disse Dev. — Estou de volta agora. As coisas serão resolvidas na ACRO. Você tem que contar tudo a Creed. Em breve.

Droga, ele deveria saber que Dev sabia tudo sobre Creed. Dev meio que sabia quase tudo. — Há quanto tempo você sabe? — Oz perguntou, de repente se sentindo vulnerável demais para ter esta discussão.

— Que Creed é seu irmão? Nada que eu não suspeitasse há anos.

— Besteira, você suspeitava. Você tem me lido enquanto estamos transando.

— Era a única maneira em que poderia saber mais sobre você. — disse Dev, e não, ele não se deixaria ser atraído para a raiva de Oz - Oz sabia disso, o odiava e o amava por isto.

— Você sabia que eu te amava, e isto era tudo o que precisava saber. — Oz disse.

— Você nunca me contou sobre como você cresceu. Sempre quis manter isto como um mistério tão profundo e sombrio. — Dev murmurou contra seu pescoço, o peito pressionado contra as costas de Oz enquanto Oz tentava não pensar sobre o seu passado.

Não importava mais. Oz sabia que Dev descobrira pouco a pouco, explorara a informação ano após ano, até que Oz estivesse tão aberto para ele que não poderia manter sua mente bloqueada. Ele não queria se bloquear também, considerara quase como um alívio que alguém conhecesse os seus fardos.

— Eu continuo pensando em você... completamente sozinho, sem ninguém para cuidar de você. — A mão de Dev alisou seu peito, a palma parando sobre o coração de Oz, em um aperto de proteção.

Oz havia crescido como uma criança das ruas. Ele era velho demais, quando sua mãe abandonou a ele e seu irmão de dias de idade, para entrar em qualquer tipo de acordo de adoção decente, e ele já fora abusado tão severamente por seus poderes pela própria mãe que decidira que preferia ficar sozinho.

— Você tem visto seus espíritos desde que pode se lembrar. — Dev continuou. — Foi uma forma normal de vida para você. Para a sua mãe.

Oz balançou a cabeça. — Não era normal para ela.

Sua mãe era uma vidente assombrada por fantasmas também, mas ela achava esmagador, usava drogas para conter as vozes e, eventualmente, teve uma overdose nas ruas um dia após dar à luz a Creed, essencialmente, abandonando a Creed e Oz.

Ela conseguiu ficar limpa durante toda a sua gravidez. Ela era bonita, brilhante e temperamental, bem como o próprio Oz, e não havia maneira em que Oz poderia culpá-la.

Ele culpava os sacerdotes pelo abuso, que disseram a ela que trancando Oz em um armário escuro por dias de vez em quando, os espíritos malignos poderiam ser expulsos dele.

— Aqueles sacerdotes estavam errados. — disse Dev, invadindo os pensamentos de Oz, da maneira que invadira a vida de Oz anos e anos atrás.

Dev sempre pensou que precisava mais de Oz do que Oz precisava dele, mas Dev estava errado sobre isso. Tão malditamente errado.

— Eu sei que aqueles sacerdotes estavam errados. — Sua possessão espiritual não era maligna, elas eram mais como os encenqueiros do mundo espiritual, atraindo almas atormentadas como estrelas de rock reuniam uma comitiva. As almas eram para sempre mudadas, algumas delas finalmente entendiam que estavam mortas e seguiam em direção à luz, algumas se cansavam dele e de seu estilo de não ter porra nenhuma de simpatia pelos mortos. Algumas delas se agarravam a outros médiuns. Assim, mudança era uma constante na vida de Oz, como se preparar para a maior mudança de todas.

— Eu queria manter Creed comigo, Dev. Me matou ter que deixá-lo daquele jeito. — Ele se lembrou de segurar o sorridente bebê, lembrava claramente de lançar o feitiço e convocar o espírito que poderia ajudá-lo, esperando que as tatuagens de protecção aparecessem. Elas surgiram como se estivesse sendo desenhadas diante dos olhos de Oz, o intrincado padrão de arabescos padronizando o curso da vida que Creed teria.

Quaty fora o espírito que respondeu a primeira chamada, a quem Oz confiara a tarefa de ser o espírito protetor e possessivo de seu irmão. Ela fora tanto uma bênção quanto uma maldição, e Oz sempre soube que havia, por vezes, muito pouca distância entre as duas coisas.

– Você sabia que os McCabes iriam encontrá-lo. – disse Dev.

– Eu sabia. Ouvi dizer que havia caçadores de fantasmas na área, procurando o espírito da bruxa de Bell na caverna.

– Eles o teriam acolhido também. – Dev disse calmamente, mas isso era algo que Oz não queria ouvir.

– Meu dom sempre foi muito mais sombrio do que o do Creed.

– Creed precisava da proteção, mas ele não poderia pegar o seu dom, Oz.

Como ele poderia dizer a Dev que era sua própria culpa que seu irmão foi selado com um espírito que tentava governar a sua vida amorosa, que tentava impedi-lo de encontrar a felicidade eterna?

Para alguém tão realista como Oz, isto não deveria incomodá-lo. E quando Dev ficou quieto, Oz pode sentir a frustração de seu parceiro enquanto ele tentava desvendar a única parte da história que não podia ver.

Não, Dev nunca veria essa parte, não com a sua segunda vista ou com a ajuda de qualquer um dos médiuns da ACRO, ele nunca saberia exatamente o que o destino reservara para os dois, até que fosse tarde demais. Oz mantinha essa informação particionada e bloqueada, graças à sua possessão espiritual, e era melhor assim. Era a única maneira de assegurar a felicidade de Devlin.

– Eu o acompanhei. – Oz disse, em uma tentativa de impedir que Dev pensasse demais. – Eu observava como Martha e Dave o tratavam.

Para manter um olho em Creed, ele conseguira um emprego na loja de tarot na cidade onde estava localizada a ACRO, lendo a sorte e fazendo um belo trabalho. Até que ele percebeu que a maioria das pessoas ficavam chateadas com a verdade e aprendeu a disfarçar as impressões que distribuía a eles. Ele trabalhou lá até que a ACRO o avistou e, por dois anos, ele evitou seu destino até o dia em que Dev entrou no bar.

Ele segurou a mão de Dev, que ainda estava sobre seu coração.

— Como eu disse antes, você está fazendo a coisa certa. Para o Creed e para a Annika também. — Dev lhe assegurou. — O verdadeiro amor precisa seguir seu curso.

Havia uma possibilidade de que Creed poderia perder seus poderes em troca do verdadeiro amor, e tão tentador quanto a perda de seus próprios poderes soava a Oz, ele sabia que estaria perdido sem os mortos.

Dev era provavelmente o único que entendia isto, embora seus poderes fossem muito diferentes dos de Oz.

Como Creed lidaria com isto era o palpite de todo mundo neste momento, mas o seu amor por Annika era forte.

Dev estava o puxando de volta para a cama, puxando até que Oz cedeu e deitou com a cabeça sobre os travesseiros, Dev se equilibrou sobre ele.

— Você desistiria de sua possessão espiritual por mim? — Dev perguntou.

— Você nunca me pediria.

Dev sorriu antes de sua língua passar ao longo do pescoço de Oz, traçando um caminho lento e preguiçoso até seus peitorais e terminar circulando um mamilo. Oz pulou um pouco, do jeito que sempre fazia quando Dev brincava ali, desde o seu retorno triunfal à ACRO seu toque estava mais elétrico do que nunca.

— Faça melhor, Dev. Mesmo que seja só por uma hora.

Dev levantou uma sobrancelha. — Uma hora? Você perdeu completamente a fé em mim?

Oz sentiu o sorriso brincar em seus próprios lábios, um sorriso pela primeira vez em dias, enquanto fechava os olhos e deixava Dev se mover sobre seu corpo.

Ele ficou tenso, da maneira como sempre ficava quando Dev decidia que queria ficar por cima, até que a boca e as mãos de Dev começaram a fazer sua magia e as coisas começaram a cair.

Mas quando Dev puxou as cordas, Oz balançou a cabeça. – Não, não esta noite.

– Sim, esta noite. – Dev agarrou o pulso de Oz e o puxou para cima, sobre a sua cabeça. – Fique de barriga para baixo.

– Não.

Mas, mesmo enquanto discutia, Oz sabia que era uma batalha perdida. Dev conhecia muito mais jogadas do que ele, poderia dominá-lo na metade do tempo. Especialmente agora.

Dev o arrastou de joelhos, mesmo enquanto seus braços permaneciam amarados fortemente pelos pulsos aos suportes da cama, estendido em ambos os lados de sua cabeça para que ficasse tenso como um arco. Ele arqueou involuntariamente quando a língua de Dev descia por cada relevo de sua coluna vertebral, e Oz tentou desesperadamente se mudar para algum lugar, qualquer lugar, antes que a língua Dev chegasse ao seu destino final. O lugar que iria decompor Oz ainda mais, completa e totalmente, e Dev sabia disso.

E quando a língua de Dev tornou-se aço e começou a margear Oz impiedosamente, Oz inclinou a cabeça nos travesseiros e desistiu de lutar, empurrou sua bunda contra o rosto de Dev, até que ele se ouviu implorando para que Dev o *fodesse agora*.

Dev envolveu sua mão ao redor da base do pênis de Oz, impedindo-o de gozar, e não deu ouvidos aos apelos de Oz, não até que Oz estivesse flutuando naquele espaço em que nada mais importava. E quando Dev finalmente o penetrou em um golpe longo e duro que sugou a respiração do corpo de Oz, Oz o aceitou facilmente. Avidamente.

– Você é meu, Oz? Todo meu? – Dev perguntou, fodendo-o com tanta força que ele estava quase incoerente, de modo que sua cabeça batia na cabeceira da cama, e de qualquer forma, ele estava vendo estrelas.

– Eu sou todo seu. – ele soltou enquanto gozava, e Deus, quis que fosse verdade mais do que jamais quis qualquer coisa em toda sua vida.

Capítulo 16

O carro de ML era um vintage Aston Martin DB9 – ele colocou o a parte do conversível para cima e o calor diferenciava o fato de Wyatt e Faith terem estado na água e ambos estavam tremendo em sua roupa úmida.

Evidentemente, Wyatt não estava exatamente feliz em ter que espremer seu grande porte na parte pequena de trás do carro, mas ML tinha insistido que Faith ficasse na frente.

– O que ML significa? – Faith perguntava ao amigo de Wyatt – um homem que ele conheça desde seus primeiros dias na ACRO. Uma das poucas pessoas que sabiam que Wyatt não estava morto. Ele era um cara de fazer e conseguir qualquer coisa para seus amigos, que era um conjunto de habilidades que Wyatt sempre apreciava. Havia rumores que cercavam ML, tudo desde ele ser um descendente direto dos Rockefellers até o filho ilegítimo de Elvis.

– Você parece muito com o Elvis. – Wyatt tinha comentado com ele uma vez. ML tinha apenas sorrido, a forma como ele estava sorrindo para Faith agora, aquele cara de surfista, eu-não-dou-a-mínima-para-o-mundo sorriso que dava a ele mais bundas do que um assento de toalete. – Não significa nada.

Wyatt mordeu sua língua – porque a única coisa mais engraçada do que o fato de que ML era na verdade um garoto da fazenda Amish fugido cujo nome era Moses "Mose" Lapp, era que suas iniciais descreviam sua profissão – lavador de dinheiro⁸.

ML era o melhor no jogo. Ele tinha trinta e dois, e seu império estendia-se amplamente. Até mesmo seus inimigos não eram verdadeiros inimigos – ML tinha muita sujeira sobre todos para que eles se

⁸ Em inglês Money Launderer.

preocupem em mexer com ele. Não, todo mundo desde a máfia irlandesa para os senhores de droga colombianos, precisavam de ML, e isso estava bem por ele.

— Eu não sei quanto tempo vamos ficar com você. E nós vamos precisar de uma carona quando sairmos. — Wyatt interrompeu antes que ML pudesse levar qualquer coisa longe demais com Faith. Que estava atirando periodicamente em Wyatt raios de morte — e que porra, ele era o único que estava chateado.

— Não é um problema. Eu sugiro esperar pelo menos vinte e quatro horas, embora. — ML disse enquanto ele passava através das portas de segurança frontais. Sua mansão ficava na ilha de Marco — uma área exclusiva ao longo da costa da Flórida. A maior parte do tempo, ML se recusava a viajar com guarda-costas — ele estava portando uma Sig Sauer⁹, que Wyatt lhe deu alguns anos antes.

ML também tinha um talento para números que era quase desumano.

— Como está sua irmã? — Wyatt perguntou enquanto eles entravam na renovada como uma vila espanhola mansão.

ML deu de ombros. — Ela está fazendo sua própria coisa. Eu não a vi faz um tempo, ela ainda é um pouco selvagem.

— Sim, ela é que é a selvagem da família. — Wyatt rolou seus olhos.

— Vocês podem ter a ala oeste. — ML disse a eles. — Muita privacidade, e eu vou enviar segurança extra para aquele lado. Não que vocês vão precisar dela. — Ele olhou para Faith por um segundo. — Eu suponho que você é, ah, especial também, certo?

Ela sorriu. — Eu vou precisar de um cofre.

— Não é um problema. Eu vou encontrar algumas roupas para você também, para a noite — amanhã eu vou mandar alguém trazer algo novo para você.

⁹ Tipo de arma.

Eles seguiram até a escadaria sinuosa e longos corredores. Enquanto ML levou Faith para um dos quartos, Wyatt propositadamente entrou em outro e se dirigiu para o telefone.

Dev atendeu no primeiro toque. — Onde você está?

— Eu estou com o ML.

— Com a placa mãe?

— Sim. Está na mão, mas não destruída.

Dev pausou. — Problema?

— Há outro agente que está atrás dela — não Itor, uma agente livre. Sua irmã foi raptada.

— E eles querem a placa-mãe em troca.

— Sim.

Dev ficou silencioso. — Quando descobrimos o código que você enviou, já era tarde demais, Wyatt.

— Eu sei. Eu estraguei tudo.

— Não, você não fez, você não tinha maneira nenhuma de saber seu plano final. Nenhum de nós tinha. Está nas mãos do Remy agora. Siga o caminho, Wyatt. — Dev disse calmamente. — Siga a trilha até o fim. Nós talvez já perdemos o controle do furacão, mas nós não podemos perder de vista o objetivo final, destrua qualquer outra coisa lá fora que se assemelha a este filho da puta. Qualquer que queira a máquina é alguém que queremos conhecer.

— Certo, Dev.

— Eu confio em você, Wyatt. E eu sei que você não é capaz de confiar em si mesmo.

— Sim, bem, eu nunca conheci uma mulher como esta.

— Missão primeiro.

– Eu sei. Vai ser. Eu posso lidar com isso. – Ele apenas esperava que as fontes de ML trouxessem o pedido especial de Wyatt.

– Eu sei que você pode. Mantenha-me informado.

– Farei, Dev. – Wyatt disse ao patrão. Ele desligou o telefone, resmungando para si mesmo, tirou a roupa e se dirigiu para o chuveiro.

Plano, preciso de um plano.

De todas as vezes que não podia admitir qualquer coisa sobre o seu passado para um agente de origem desconhecida ou status, isso seria uma das vezes.

Ela tinha-lhe pelas bolas, e ele deixou que isso acontecesse.

Ele ia precisar se algemar a Faith esta noite, não havia nenhuma outra maneira.

A porta do chuveiro abriu e Faith entrou, completamente nua, exceto pela gargantilha preta com pequenas flores brancas. Suas mãos não estavam brincando com ela da forma que ela fazia sempre que ela ficava um pouco nervosa. Em vez disso, seu corpo estava solto, lânguido, como se o nado e o sexo – e a luta – tivesse colocado ela de volta a pista.

– ML me deu acesso ao andar seguro no meu quarto. – ela disse-lhe. – A bolsa não vazou. Eu coloquei para secar agora.

– Você tinha que estar nua para me dizer isso?

– Eu queria dizer-lhe que a placa-mãe está segura, sã e salva, como se costuma dizer. Mas eu não vou lhe dar a combinação.

– Eu não preciso da combinação, Faith. Eu posso arrancar a porta de suas malditas dobradiças. – Sua calma meditação tinha sido interrompida por sua entrada. Pior ainda, seu pênis agiu todo nós-estamos-muito-contentes-que-você-está-aqui, o que não era o que ele tinha planejado mostrar. – Há três outros banheiros nesta ala. Este é meu chuveiro.

Ela o ignorou e sentou-se no banco. – Temos de terminar nossa discussão. Da praia.

– Considere terminada.

– Você me diz que você foi institucionalizado, assim como a Liberty foi, e você espera que eu não pergunte sobre isso? Eu estive lá também, Wyatt.

Ele riu amargamente. – Pelo quê, uma semana? Em algum malditamente chique lugar que é mais como um spa do que qualquer coisa? Você não entende, o lugar que eles me levaram era um completo hospital psiquiátrico. Eu estava preso aos quatorze anos – com os pacientes mais perigosos.

Novamente com as confissões verdadeiras. Ele suspirou e prendeu a cabeça sob a água em uma tentativa de abafar a voz dela. O que não funcionou, já que ele tinha sido treinado para escutar sob água corrente, pelos Seals e pela ACRO.

– Eu deveria ter medo de você? Sentir pena de você? – Ela estava perguntando.

Ele saiu debaixo do chuveiro e tentou agarrá-la, mas ela o parou, o congelou no lugar como ela tinha feito na câmara de tortura na plataforma de petróleo, e estava na ponta da língua dele dizer-lhe que ele não queria que ela sentisse qualquer coisa por ele.

Mas isso seria uma mentira. – Me solte Faith. – ele disse calmamente.

– Se isso é o que você realmente quer.

– Você sabe o que eu quero. Eu lhe disse no helicóptero, eu quero que você ame, queira. Implore por isso... implore por mim.

– Você conseguiu, Wyatt, você me fez querer você. Eu estou conectada a você. Algo que não deveria ter deixado acontecer.

Ele permaneceu imóvel. Nu. Vulnerável. Ela deu um passo em direção a ele, seu corpo nu brilhando sob a iluminação suave do chuveiro, a revolta do vapor em torno deles. – Então você está conectada. E agora?

– Qualquer bom agente sabe o que deve acontecer em seguida. É a mesma coisa que você provavelmente estava pensando sobre mim quando entrei aqui, se você deveria me matar ou confiar em mim. – Ela levantou a cabeça, provavelmente porque ela sentiu a grande bucha de

banho que ele tinha pegado com seus poderes pairando na parte traseira do seu crânio.

– Como eu disse antes, Faith, em algum momento alguém tem que perder o jogo do medo.

– Eu poderia matar você onde você está. – Faith disse. – Um pensamento é tudo o que é necessário.

– Você é tão rápida que você poderia fazê-lo antes que a madeira rachasse seu crânio?

– Vamos descobrir?

Wyatt olhou para ela, sua expressão ilegível. Ela esperava que seu rosto revelasse tão pouco também, mas a maneira que seu coração estava chutando sua caixa torácica e sua adrenalina estava correndo como gasolina acesa através de suas veias, ela duvidava disso.

Ela estava totalmente excitada por este pequeno jogo de vida ou morte. Pela aparência das coisas, ele também.

– Você é uma dor no cu – ela disse, e de repente, a bucha bateu na sua bunda. Ela gritou e saltou para frente, quase se esmagando em Wyatt. – Por que diabos fez isso?

– Você ameaçou matar-me e você está ultrajada porque eu lhe dei uma pequena palmada?

Ela o empurrou contra a parede e usou seu dom para fixar os braços dele para seus lados. – Estou indignada porque você é uma complicação que não preciso.

– Que parte você está chateada? Que eu não estou deixando você fugir com a placa-mãe, ou que você está começando a sentir algo por mim?

Ele bateu dois pregos na cabeça dela, enfurecendo ela ainda mais. Ela tinha perdido o controle da sua missão e de seu corpo, e com a vida de sua irmã na linha, nada disto era aceitável. Para piorar as coisas, o homem no centro de tudo isso era um inimigo... alguém em que ela não podia confiar. Mas alguém que ela queria confiar.

Ela tinha atingido uma fase crítica, onde ela sentia muito por ele para voltar atrás e estava com raiva de si mesma por deixar isso acontecer. Ela pressentia que ele estava no mesmo barco. Eles ambos estavam em um precipício, uma borda precária, onde se eles não removessem o outro agora, não iria mais acontecer.

– Eu não preciso de outro Sean em minha vida. – ela disse, ganhando outra pancada pungente na bunda.

– Não me compare com aquele pedaço de merda.

– Oh, me poupe. Você pode honestamente dizer que você algum dia poderia confiar em mim? – Resistindo ao impulso de esfregar sua bunda, ela usou seu poder para espremer as bolas dele, suavemente, sorrindo por causa da falta de respiração dele. – O que nos faz atraentes para o outro, o que torna o sexo tão bom... é exatamente o que nos torna impossível de confiar.

– Eu confio nas pessoas com quem trabalho, e eles são como você.

– Então, se eu trabalhasse para a ACRO, tudo entre nós seria perfeito?

– Você vai enviar seu currículo? Porque eu poderia colocar uma boa palavra para você.

Ela respirou. – Obrigado, mas estou bastante feliz com a minha situação atual. – Ela se aproximou dele, observou a bucha seguindo-a. Assim o fez uma barra de sabão. Ela ignorou os itens, correu um dedo para baixo no peito de Wyatt, enquanto usava sua energia para contrair e expandir o tecido de seu pênis, criando um efeito ondulante semelhante a uma mão fornecendo suavemente, fazendo-o tremer. – Eu consigo fazer minhas próprias regras. Eu não tenho que responder a qualquer pessoa ou seguir ordens que eu não concordo.

Isso não era inteiramente verdade. Como chefe de sua própria agência, ela tinha a responsabilidade por quem trabalhava para ela e com ela.

Algo deslizou nas suas costas. O sabão. Ele caiu em torno de sua cintura e até sua barriga, para suas costelas, seus seios.

– Dois podem jogar este jogo – Wyatt murmurou.

– Quanto mais, mais alegre, eu digo.

Ela enviou uma corrente de vibração para a área sensível entre suas bolas e bunda. Ele gemeu. O sabão foi passado sobre seus seios em forma de oito, acelerando quando ela aumentou a quantidade de energia que ela convergia em sua virilha.

A barra do sabão baixou, deslizou entre as pernas e começou a trabalhar e para frente e para trás nela. Ele que se ferre, isso era bom, e ela permitiu um momento de prazer antes de voltar para o fluxo da água.

– Isso é inútil, essa batalha de vontades.

– Então me solte.

– Então o que? Você não me deixa fora de sua vista, mesmo que você tenha dito ao ML para que seus homens me vigiassem? – Era um palpite, mas era o que ela faria se a situação estivesse revertida. – Eu não gosto de ser uma prisioneira.

– Então você me mantém como um?

Com um encolher de ombros, ela o soltou. – E agora?

O homem se moveu como um relâmpago. Ela encontrou-se fixada à parede por seu corpo duro e suas grandes mãos sobre seus ombros.

– Agora nós vamos ver se você gosta.

– Gosto do quê?

– Se sentir vulnerável.

Ela riu. – Eu posso matar...

– Sim, sim, você pode me matar com sua mente, blá blá blá. – Ele deslizou uma mão para sua garganta, e por um momento, ela pensou que ele ia ameaçar estrangulá-la. Em vez disso, ele acariciou seu polegar sobre sua gargantilha. – Diga-me o que você está escondendo, Faith.

– Escondendo?

Ele inclinou-se para mais perto, colocou sua boca no ouvido dela e sussurrou – Sob a gargantilha.

Gravidade atingiu e agarrou-a, e se não tivesse sido o peso de Wyatt a segurando em pé, ela teria ido para o chão molhado. – Eu não sei o que você está falando.

– Como você se tornou um agente secreto? – Seu polegar continuou a brincar com a tira de tecido, e ela teve que se concentrar para continuar respirando. – Porque você mente mal.

Você mente mal. Falando de insultos, esse foi um dos piores. Como – Você é uma péssima atiradora – e – Você se destaca na multidão – Sua vida com frequência dependia de sua habilidade de mentir, mas com Wyatt era como se ela tivesse esquecido como. Ela raramente escorregava, e até mesmo Sean, que havia conhecido ela melhor do que ninguém, não tinha visto através de sua fachada profissional – não até que Wyatt apenas a destruiu, deixando-a fraca e exposta.

Sua voz falhou humilhantemente. – Foda-se.

– Estive lá, fiz isso e nós vamos fazê-lo novamente. Mas primeiro você vai me dizer o que você está escondendo.

– Eu não vou fazer nada – ela rosnou, colocando as mãos entre eles para mantê-lo afastado.

Ele não se moveu. – Acho que podemos fazer isso da maneira mais difícil. Ele arrancou sua gargantilha.

Instinto fez ela se cobrir, seu coração batendo, sua respiração vindo em suspiros superficiais. Wyatt bloqueou seus braços, agarrou seus pulsos.

– Me solte! Esforçando-se descontroladamente, ela colocou o pé para baixo no dele e no mesmo movimento levantou seu joelho para bater na sua área sensível, mas ele se pressionou contra ela, esmagando-a, impedindo-a de causar muito dano.

– Faith! Pare!

Mas ela não podia. Ela manteve sua cabeça para baixo, escondendo sua garganta enquanto ela se empurrava contra ele, muito agitada para até tentar alcançar seu poder. Ele tinha despojado um de seus escudos, deixando-a vulnerável, assim como ele tinha dito.

– Seu bastardo! – Ela gritou, sua luta ficando mais frenética, mais viciosa. Apesar do aperto dele em seus pulsos, ela conseguiu lançar um golpe em seu queixo e ocasionar um rastro de sangue em sua bochecha.

– Caramba. – Ele respirou. – O que há de errado com – uau – você? – Ele assumiu um risco, então, deixou o braço esquerdo dela solto e agarrou seu cabelo para inclinar a cabeça dela para trás, expondo sua garganta. Seus olhos se arregalaram. – Jesus.

– Me solte.

Ele a soltou e deu um passo para trás, mas o dano já havia sido feito. Ela não podia mover-se, suas pernas muito bambas, mas ela levou uma mão para cobrir sua garganta.

– O que aconteceu? – Ele perguntou calmamente.

Por um momento, Faith não fez nada além de tremer, de repente congelou apesar do calor. Finalmente, ela olhou para cima, viu um homem olhando para ela com preocupação. Um homem que ela poderia se apaixonar. Um homem que iria matá-la se a ACRO mandasse.

– Eu baixei minha guarda. – Ela disse. – Eu confiei no homem errado.

Com isso, ela fugiu.

Faith congelou em seu quarto, olhando para o pacote de roupas que ML tinha deixado na cama enquanto ela tinha estado no chuveiro com Wyatt. Ela ainda estava pingando, praticamente hiperventilando depois de fugir do quarto de Wyatt. Ela tinha estado com tanta pressa que ela tinha deixado seu robe no chão, tinha corrido nua para seu quarto. A equipe de segurança tinha encarado do topo das escadas, mas ela não tinha se importado.

Bem, merda.

Ela não tinha lidado bem com tudo. Ela tinha estado fora de seu jogo a partir do momento que ela tinha visto Wyatt na plataforma, tinha perdido completamente o controle quando ela tinha pisado dentro do helicóptero, e agora ela lhe permitiu ver a marca de sua vergonha.

Ela tocou a fina branca linha que circulava em torno de sua garganta, a cicatriz que nem Sean tinha visto.

Deus, quão estúpido era que ela estava preocupada sobre uma maldita cicatriz quando a vida de sua irmã estava em risco?

Imbecil egoísta.

Ela precisava verificar o cofre onde ela tinha escondido a placa-mãe e o vídeo de telefone que os captores de Liberty haviam enviado. Ela planejou fazer a ligação mais tarde esta noite, deixá-los saber que ela tinha a mercadoria e precisava de novas instruções.

Com esperança que este pesadelo estaria terminado ao final da semana.

Um punho batendo em sua porta a fez saltar. — Faith? Abra.

— Deixe-me sozinha, Wyatt. — ela suspirou, mesmo que ela o conhecesse bem o suficiente agora para saber que ele não faria qualquer coisa do tipo.

Rapidamente, ela agarrou outro robe do armário — o desonesto do ML devia manter a ala inteira estocada como um hotel — mas em vez de usar a faixa para fechar, ela envolveu-o em torno de sua garganta. Ela parecia ridícula, sem dúvida, mas ela não se importava.

— Você sabe que a tranca não vai me manter fora — Wyatt disse calmamente.

Ela se afundou na cama, completamente esgotada. — É por isso que não está trancada.

— Oh. — A porta se abriu, e ele caminhou para dentro, vestindo um par de shorts e nada mais exceto as gotas de água que diziam que ele não se incomodou em se enxugar.

A cama afundou quando ele se sentou junto dela.

– Eu não quero falar sobre isso.

– Então eu vou. – Wyatt puxou o rosto dela em sua direção com um dedo em seu queixo. – Sua garganta foi cortada, e tem algo a ver com Sean.

– Você está praticamente certo.

O olhar de Wyatt prendeu no dela, segurando ela enquanto seus dedos lentamente afastavam a faixa do roupão. As mãos delas formaram punhos em seu colo, mas ela o deixou prosseguir, cansada de lutar. A faixa caiu no chão e só então o olhar de Wyatt desceu para seu pescoço. Instintivamente, ela se encolheu, subiu seus ombros para ocultar a marca, mas os longos dedos dele acariciaram sua garganta com um cuidado tão suave que ela relaxou lentamente.

– Um fio. – ele murmurou. – Um garrote. Sean tentou matá-la?

– Um de seus homens. – Ela puxou as bordas do roupão juntos, abraçando o material elegante para seu corpo. – A equipe de Sean e eu estávamos em Paris, atrás da mesma coisa.

Ela lembrava tão claramente, o único pesadelo recorrente que ela tinha que não envolvia sua irmã ou pais.

– Eu tinha acabado de ver Sean em seu hotel. Ele jurou para mim que ele não iria interferir na minha busca. Ele nunca me deu motivo para não acreditar nele, por isso confiei em sua palavra. – Deus, ela foi tão tola. Não podia acreditar que estava dizendo isso para Wyatt. Ele ia pensar que ela era uma completa idiota. Especialmente após a sua discussão sobre Sean no helicóptero.

– Achei que o artefato, um fragmento de osso mergulhado em ouro e roubado da tumba de um monge espanhol, nas Catacumbas abaixo da cidade. Eu pensei que eu tinha sido cuidadosa, mas...

– Você confiou em Sean.

– Sim. – Ela fechou os olhos, respirou fundo antes de continuar. – Dois de seus homens me emboscaram. Eu matei um, mas o outro, Marco, ele me pegou. Ele teria me matado se eu não tivesse sido capaz de pegar o estilete na minha bota. Mas ele fugiu com o artefato. – Ela esfregou sua garganta, a dor do evento ainda remanescente. – O fio

cortou profundamente, na minha jugular. Eu mal cheguei a tempo no hospital.

– E Sean?

– Ele mandou flores. Disse no cartão que Marco não tinha sido autorizado a me matar e que ele iria ser punido. O que explica porque ele me seguiu no bar no dia que eu conheci você. Ele queria vingança.

– Aquele filho da puta foi quem quase matou você?

– O quê, você pensou que eu realmente estava correndo de um ex?

Ele deu de ombros. – No momento. Estive um pouco ocupado tentando descobrir quem você era para pensar sobre como nós nos conhecemos.

– O que você pensava que iria encontrar sob minha gargantilha?

– Uma marca de nascença, talvez. Uma pequena cicatriz. Você brinca com sua gargantilha quando você está nervosa e você nunca tirava, então eu percebi que havia uma história lá. Eu não esperava...

– Uma história de terror?

Seus olhos, tão verdes e claros, com um anel de ouro perto das pupilas, olharam para ela. Tão intenso. Tão expressivo, mas somente em tempos como este, quando eles não estavam em perigo e ninguém estava tentando matá-los. O que parecia acontecer muito.

– Sinto muito, Faith. Eu não queria...

Sorrindo, ela colocou sua palma na bochecha dele. – Sim você o fez. Nós dois estávamos tentando ganhar do outro, e nós estávamos jogando sujo. É o que nós fazemos.

– Eu não quero fazer isso mais.

– Nem eu. – ela murmurou.

Ela abriu-se para seu poder, enviando um pouco ao centro do prazer do cérebro dele enquanto ao mesmo tempo mandava uma onda de cura sobre o arranhão que tinha feito.

– Merda. – ele engasgou. – Não consigo decidir se seu dom é legal ou realmente assustador. – Ele cobriu a mão dela com a sua. – Você disse que você aprendeu a reconhecer o poder de Sean. Ele poderia fazer o mesmo?

– Sim.

– Como?

Ela balançou a cabeça, não querendo dar tais segredos cruciais, mas algo dentro dela, algo estranhamente protetor, queria se certificar que Wyatt estava armado com o conhecimento que poderia salvá-lo em uma luta com alguém como Sean. Ou ela.

– Em telecinetics que podem afetar o corpo humano, há sempre algo a dizer. Uma assinatura individual que é diferente para cada pessoa. Normalmente, é extremamente sutil, difícil de identificar.

– Antes de usar seu poder em mim, meus dentes dóem. Como quando você morde uma folha de alumínio.

Isso era como Sean tinha descrito sua assinatura também. Realmente sutil.

Quando a ferida dele estava curada, ela parou de usar seu poder. Deixou cair sua mão e seu olhar, esperando que Wyatt deixasse morrer o assunto. – Você nunca desejou... não, deixa pra lá.

– Desejou o que? – A voz dele era baixa, calmante, e quando sua mão segurou a dela, aquilo foi calmante também.

– Isso vai soar tão bobo. – Ela se sentiu corar. – Você nunca desejou que nós não tivéssemos que fazer algumas das coisas que podemos fazer?

– Você quer dizer como machucar uns aos outros quando o que queremos fazer é estar juntos?

Seu rosto tornou-se quente e algo em sua barriga formigou. – Sim. – ela sussurrou.

Ela desejava ser capaz de baixar sua guarda com alguém que sabia sobre seus dons, mas ela não podia confiar em ninguém fora de sua agência, e ela não podia namorar alguém de dentro, não enquanto ela era a chefe.

– Você pretende me machucar agora? – Ele pegou sua mandíbula e levantou o rosto para o seu.

– Não. – Engolindo secamente, como se ela fosse uma virgem intocada, ela levou-o em suas sobrancelhas grossas, escuras, seus ossos da bochecha duros, sua boca firme, que tinha dado prazer a ela bem e muitas vezes.

Seu corpo pulsava com desejo com o pensamento, com o jeito que seus músculos estavam tensos sob sua pele profundamente bronzeada, como se preparando para atacar. Enquanto ela via, a ascensão e queda do seu peito ir mais rápido, assim como o dela.

– Você não está.

– Este não é meu dom, Faith. Isso é conosco. Juntos.

Ele abaixou sua boca para ela, tocou-a com seus lábios, sua mão em seu rosto. Ela amolecia instantaneamente, transformando de dentro para fora com a ternura do beijo. A língua dele desviou sobre o lábio inferior dela, mas quando ela se abriu para ele, ele não entrou, mantendo o calor em febre baixa em vez do inferno quente que eles normalmente compartilhavam.

Isso foi requintado. Embora ela quisesse mais, tanto que ela tremia com seu sexo inundado e seios apertados, ela não avançou. Ela o deixou dar e receber, o deixou construir a maré da necessidade até que eles derreteram juntos e ela se agarrou a seu bíceps como se ele pudesse mudar de ideia.

– Por favor, Wyatt. – ela engasgou contra seus lábios, percebendo tarde demais que ela estava implorando. Mais uma vez. Exatamente como ele havia dito que ela faria.

Ainda beijando-a, ele colocou seus braços em torno dela e a abaixou para a cama.

Ar frio passou sobre sua pele quando seu robe caiu aberto. As mãos de Wyatt, quentes e um pouco rígidas, deslizaram sobre seu corpo, deixando arrepios em todos os lugares que ele a tocou. Quando ele provou seus seios, usado seus polegares, circulando seus mamilos endurecidos, ela gemeu. Ele engoliu o som com seu próprio rosnado profundo e, em seguida, interrompeu o beijo.

Seus lábios estavam vermelhos e brilhantes, levemente separados. Sem pensar, ela moveu até eles e passou dois de seus dedos. Eles eram mais suaves do que pareciam, sedosos e úmidos. Perfeitamente moldados, como o resto dele.

Ela queria passar toda a noite explorando seu corpo dessa maneira, e ela iria.

— Você é tão bonita, Faith. — Ele pegou os dedos na boca e os colocou dentro da boca, sugando-os, lambeu-os com sua língua, e ela jurou que ela podia sentir em seu núcleo.

Como se ele não pudesse mais se segurar, subiu seus quadris balançando o pênis duro contra a coxa dela. Ele soltou seus dedos em uma respiração irregular e baixou a cabeça para sugar seu seio em vez disso.

— Oh, sim. — ela respirava, mudando na cama, então ele estava entre suas pernas e seu eixo estava esfregando no lugar certo.

Eles sabiam que ambos tinham chegando ao fim da delicadeza quando de repente as mãos dele estavam sobre ela e as mãos dela estavam empurrando os shorts dele para baixo sobre seus quadris. De alguma forma os shorts acabaram no chão ao lado de seu robe, e, em seguida, Wyatt a colocou sobre os travesseiros e deslizou para baixo de seu corpo.

Ele arrastou sua língua sobre a barriga dela, bordando seu umbigo até que ela começou a choramingar e empurrar injustificadamente sua pélvis contra ele.

— Fácil. — ele murmurou. Ele abriu a boca contra seu sexo e soprou ar quente. — Você é uma pequena gananciosa.

– Sempre. – Ela mal tinha falado quando os dedos dele tocaram entre seus lábios e a fez ofegar.

– Deus, você está molhada. Tão sexy... – Ele pegou a mão dela, trouxe-a para baixo assim ela podia sentir seu próprio sexo. – Eu gosto de fazer isso em você.

Ela resmungou com prazer, deixando-o guiar seus dedos através de seus lábios e seu núcleo, espalhando sua umidade até ao seu clitóris inchado. Gemeu de prazer quando ele trabalhou sua carne delicada com a mão. Cada passagem pelo seu clitóris a fazia gemer, precisando de mais firmeza, mas ele tomou seu tempo, torturando ela lentamente.

Finalmente, ele organizou os dedos assim que ela foi forçada a espalhar-se para ele. Ela assistiu enquanto ele abaixava sua cabeça entre suas coxas, e ela gritou quando a primeira entrada firme de sua língua invadiu seu sexo.

Ele a lambeu como se ele estivesse passando fome, empurrando sua língua dentro e, em seguida, passando para cima em um traço longo e quente. Um dedo mergulhou em seu buraco molhado, acariciando seus nervos com varreduras leves, circulares. Ela se contorcia e gemia em urgência desesperada. Pequenos movimentos de sua língua na ponta de seu clitóris a enlouqueceu, mas quando ele rolou entre seus lábios e desenhou nele como uma palha, ela veio violentamente, batendo sua cabeça no travesseiro e bombeando contra a boca dele.

Um oceano inteiro de ecstasy caiu sobre ela até que ela foi praticamente afogada pela falta de ar. Antes que tivesse acabado, ele se levantou e entrou nela, alongando e preenchendo ela. Ele tomou sua boca com tanto entusiasmo quanto seu corpo, e ainda nada da ternura de antes tinha sido perdida.

Ele beijou-a como se ela fosse mais do que um desvio temporário. Ele beijou-a como se ela fosse sua missão, e seu objetivo era fazê-la sentir mais especial do que ela jamais fosse se sentir com qualquer homem.

Missão cumprida.

Algo estava mudando dentro dela, alterando ela, porque ela nunca se sentiu assim antes. Ele a desafiou, a fez pegar fogo, a fez sentir-se feminina, completa, protegida.

Ela abraçou-lhe, com seus braços, pernas, seu revestimento. Apertou tudo, travando-lhe para baixo e dentro dela, ela congratulou-se com cada impulso lento, soltou cada gemido guardado profundo dentro de seu peito.

Segurando nos ombros dele, ela se segurou na dureza de seus músculos, na força dele, em sua habilidade devastadora na cama, em batalha, em tudo o que ele fazia, de voar um helicóptero a fuder. Cauterizante prazer espalhou por ela e ela arqueou contra ele, encorajando-o a meter nela, mas ele manteve seu ritmo torturante.

O cabelo dele em seu peito arrepiava seus seios enquanto ele mexia-se contra ela. Seu ricamente texturizado pênis ia para dentro e para fora, deslizando a cabeça no anel apertado de sua entrada, de onde surgiam os nervos. Ela sentiu tudo dez vezes a sensibilidade normal, e quando outro clímax agarrou-a, ela gritou dez vezes mais alto também.

— Ah, porra. — Wyatt gemeu, desencadeando finalmente nela com uma intensidade que, para todos os seus acoplamentos selvagens, parecia ainda mais cru, mais ferozmente carnal.

Ela cavou suas unhas em suas costas e ele veio com um rugido, seus quadris martelando nela sem piedade. Um calor a encheu quando sua semente fez o mesmo. Ele respirou e desabou sobre ela, mudando seu peso para a direita apenas o suficiente para que ela pudesse respirar.

— Jesus — ela disse, quando ela pode falar novamente.

— Sim. — A respiração dele batia sobre seu pescoço, enviando pequenos arrepios agradáveis abaixo de sua espinha.

Ela sabia que o ele queria dizer. Com aquela palavra falada baixinho, ela sabia que, como ela, ele não tinha feito amor com alguém daquele jeito antes, tão intensamente.

— Nós temos toda noite, certo?

Ele assentiu fracamente. — Quer comer primeiro?

Seu estômago escolheu esse momento para rosar. — Eu poderia comer. Muita, muita comida.

– E cerveja.

– Cerveja é bom.

Ela sentiu-lhe sorrir contra a pele de sua garganta, realizando rapidamente que nenhuma vez durante isso tinha pensado sobre sua cicatriz exposta, mesmo quando ele tinha pressionado seus lábios sobre ela.

Impiedosamente, ela empurrou o significado daquilo. Isso foi bom, mas nada mais do que uma diversão, não importa quão cuidadosamente Wyatt a tinha beijado e tocado e a feito querer mais.

Tinha que ser assim, porque uma vez que eles deixassem a casa segura, a missão começava de novo, e embora ele não tivesse nenhuma maneira de saber, eles logo seriam rivais novamente.

Capítulo 17

Creed se esticou no sofá e tentou se perder no filme de terror em preto e branco até que ele tivesse que voltar para o QG para os preparativos para o furacão. Annika havia ido logo depois das dez... ela tinha uma aula noturna de artes marciais para ensinar na ACRO. Onde ela sem dúvidas toparia com o Devlin.

Os punhos dele se apertaram involuntariamente com o pensamento do nome do Devlin, e sim, isso ainda era um ponto doído entre eles.

Era uma das muitas razões por que eles não conseguiam entrar num acordo sobre se Creed deveria ou não desistir da Kat. Apesar da admissão de Annika na Grécia na outra noite, ainda havia muito caminho a percorrer no processo de decisão de Creed.

Ele só precisava falar com o Oz sobre isso.

Oz. Só de pensar no nome dele o fez dobrar com uma dor súbita e intensa. Ele rolou para fora do sofá e se encontrou rastejando na direção da porta, respirando pesadamente como se ele estivesse arrastando uma tonelada atrás dele.

Kat estava literalmente nele, quase o sufocando, tentando tirá-lo para longe da porta. E ela estava quase tendo sucesso em fazer isso.

O rosto do Oz lampejou na frente de seus olhos... seu amigo, seu irmão nas caçadas aos fantasmas... e a dor ficou pior. Ele conseguiu ficar de pé, se apoiando numa mesa enquanto Kat tentava trazê-lo ao chão novamente.

– Dá um tempo, Kat. – ele sussurrou, suas entranhas dando câimbra como se ele tivesse se quebrando em dois. Era como lutar com um furacão, e ele estava perdendo. – Pare de lutar comigo.

Mas Kat começou a gritar e Creed sentiu a dor aguda súbita em seu coração, uma premonição de algo que ele não conseguia compreender.

Ele precisava ir até o Oz, até o Dev. Algo estava muito, muito errado.



Dev encostou a cabeça contra o peito de Oz, escutando o batimento regular do homem, e pensou sobre o quão era bom finalmente estar em casa.

Havia muita coisa para lidar, na ACRO e além, especialmente no que se dizia respeito a sua própria linhagem como o relutante filho de Itor, mas no momento ele se sentia no topo do mundo, como se ele pudesse lidar com qualquer coisa. E esta noite ele não queria pensar em nada que fosse relacionado a ACRO, que era por isso que ele não se incomodou em pegar o telefone quando ele o ouviu tocar no andar de baixo.

– Você realmente não vai atender? – Oz perguntou.

– Eu vou voar novamente, sabia. – Dev disse ao invés de responder à pergunta do Oz. Ele falou para o escuro e sentiu o Oz se mexer embaixo dele.

– Eu imaginei que não teria como parar você.

– Você virá comigo, certo? – ele perguntou, imaginando a visão do horizonte que ele havia tido no cockpit um pouco antes do Darius possuí-lo pela segunda vez, onze anos atrás, a possessão que levou embora sua visão. E ele estava bem em lembrar daquele horrível dia, todos os dias terríveis quando o Darius tentou possuir a alma dele para usá-lo como veículo na vingança contra a Itor... as memórias, melhores

ou piores, estavam todas de volta. Ele estava se curando. Sem mais surpresas, e isso o fez sorrir... até que ele sentiu o frio.

Ele sentou-se rapidamente, braços cruzados no peito. – Merda, Oz, você sentiu isso?

Oz estava levantado próximo a ele em um segundo, uma mão protetora no ombro do Dev. – O que você sente?

– Congelando. Eu estou congelando. – Ele mal podia pronunciar as palavras. A garganta dele se contraiu com a sensação de uma mão apertando-a. – Machuca, Oz.

O corpo dele estava sendo invadido novamente, com muito mais força do que da última vez... e oh, Deus, isso não podia estar acontecendo de novo. Eles haviam se livrado disso...

Nunca vai se livrar de mim, Darius sussurrou, e o aperto na traquéia do Dev aumentou. *Meu*.

– Não... seu. – ele resmungou, lembrando-se de quatro meses antes, quando Darius havia invadido o seu corpo, com a intenção de tomar plena posse. Oz havia se livrado do fantasma então... ele podia fazer isso desta vez também. E então Dev esticou sua mão até o Oz, mas a mão do seu amante não estava mais no seu ombro. – Oz, por favor.

– Estou aqui, Dev. – A voz do Oz soava certa e forte, muito mais forte do que o Dev já havia ouvido-a antes. – Darius, tire suas mãos sujas dele. Ele não é quem você realmente quer.

Do que o Oz estava falando? Ele lutou para ver o Oz, mas percebeu que ele estava cercado pela escuridão. – Não. – ele sussurrou, esfregando seus olhos desesperadamente. Darius havia tirado sua visão novamente.

Eu quero o Devlin, Darius sussurrou.

– Devlin não tem os meios necessários para conseguir o que você quer. Mas eu tenho... eu sei um jeito de derrubar o pai do Devlin de uma vez por todas. Mas para que você ganhe essa informação, você tem que vir a mim.

A *você*, Darius repetiu, libertando um pouco do aperto na garganta de Dev. Dev tossiu e engasgou e tentou ligar o seu CRV para ver o que estava acontecendo, mas ele não conseguia... ele estava preso no escuro e no frio e o Oz estava fazendo algo que ele não deveria estar fazendo.

— Venha para mim. — Oz comandou. — Se mova para dentro de mim, e eu te garantirei cada fodido desejo, Darius. Cada desejo seu por vingança... eu realizarei. Juntos, nós vamos derrubar Itor. Eu sei o que precisa ser feito.

Você realizará, Darius repetiu as palavras do Oz novamente, parecia que o Oz estivesse hipnotizando o fantasma, e Dev sentiu um pouco do calor voltar para o seu corpo.

— Eu sou mais forte que o Devlin, sempre fui. Eu tenho mais recursos. Você não precisa do sangue do Dev para derrubar o Alek... você precisa dos recursos do meu mundo espiritual.

— Oz, não. — Dev sussurrou quando uma sensação mortal de pavor subiu sua espinha. O seu amante estava empurrando os limites, fazendo um jogo muito perigoso com o Darius... um que poderia potencialmente deixar Oz preso.

— Você venha até mim, somente eu. Este é o trato. — Oz continuou. — Me possua, se ligue a mim. Sem fuga para nenhum de nós, Darius, sem saída.

Você irá longe para salvar o seu amante, Darius disse. Uma ligação era muito mais forte do que uma possessão... uma vez que você convidasse um fantasma para dentro, tirá-lo normalmente requeria a morte do humano.

Morte do humano. Devlin começou a hiperventilar.

— Eu irei mais longe para destruir Itor. — Oz disse. — Eu vou mais longe do que o Dev jamais foi capaz.

— Não. — Dev queria gritar a palavra, mas saiu como um sussurro. Dentro de segundos, o corpo dele era dele mais uma vez, e sua visão voltou no lugar, bem na hora de ver Oz caindo de joelhos, rosto contorcido de dor.

Ele estava tomando o Darius dentro dele, se ligando com um fantasma vingativo. Dev assistiu indefeso enquanto o homem que ele amou desde que ele tinha dezessete anos permitia que isso acontecesse.

Darius se foi, certo, Oz?

Você está seguro, Devlin.

Foi somente agora que Dev percebeu que Oz não havia mentido... ele somente havia evitado a pergunta do Dev.

Darius nunca morreria de verdade, nunca iria até que o espírito morresse depois da ligação com o humano.

Oz estava prestes a se sacrificar.

Quando os olhos do Oz encontraram os dele, Dev sabia exatamente o que ele precisava fazer para salvar o Oz, sabia o que ele precisasse para trazer o Darius de volta para dentro dele para parar Oz e o plano dele.

Devlin também sabia que o Oz nunca, nunca iria permitir que isso acontecesse. Como se estivesse lendo a mente do Devlin, Oz lutou para ficar de pé e foi na direção da porta. Dev voou para fora da cama para pará-lo, mas se encontrou preso por fortes mãos... não a de Darius, mas de outros, o pelotão de espíritos do Oz, apesar do aperto não ser rude ou doloroso, somente o necessário para manter Devlin no lugar.

– Não ouse fazer isso comigo... não assim, Oz. – ele chamou, porque Oz estava procurando no armário freneticamente quando o chão começou tremer.

Quando Oz virou-se para encarar Devlin, ele segurava uma pistola prateada em suas mãos, aquela que Devlin havia pego de seu pai quando ele tinha dezoito e havia acabado de ser aceito na Academia da Força Aérea. Oz acenou com a cabeça como se para tranquilizá-lo, e então ele apontou a arma para dentro, em direção ao seu peito.

Fotos saíram da parede, a casa inteira parecia uivar com pesar e Oz lutou para manter sua arma firme.

– Não! – Dev escutou a si mesmo rugir, mas Oz atirou, dois tiros, que Dev sabia que iria ecoar em sua mente para o resto de sua vida, e

ainda assim, Oz manteve seus olhos no Dev, até mesmo quando ele começou a deslizar para o chão.

– Ele ainda está vivo... deixe-me ir. – Dev gritou enquanto gritos pesarosos encheram seus ouvidos, e o pelotão de espíritos não teve escolha a não ser soltá-lo.

Eles estavam morrendo também... de novo... igual o Oz estava.

– Deus, não. – Dev estava de joelhos, embalando a cabeça de Oz em seu colo, colocando sua mão em cima do ferimento borbulhando no peito em uma tentativa fútil de estancar o sangue. Ele podia ligar para a ACRO, chamar um de seus curadores aqui... isso iria cuidar de tudo.

– Eu vou te salvar, Oz. – ele sussurrou. – Não ouse desistir de mim.

– Eu não estou desistindo. – As palavras saíram de Oz com grande esforço enquanto ele encarava os olhos do Dev.

– Por que você fez isso?

– É a única maneira do Darius te deixar em paz, Devlin. Ele está preso comigo. Ele está morrendo. E ele não pode mais te machucar.

– Deixe-me ajudar.

Oz balançou sua cabeça, fracamente. – Não funcionará. É desta maneira que tem que ser. A maneira que eu sempre soube que seria.

O sangue do Dev ficou gelado. – O que você quer dizer?

– Do dia que eu te conheci, eu sabia que eu morreria por você. – Oz respirou gorgolejante. – Eu sabia que um dia que teria que morrer para te salvar. E eu me apaixonei por você mesmo assim.

Um soluço subiu na garganta de Dev, mas os uivos e gritos em seus ouvidos haviam parado e a casa havia ficado calma, e pela primeira vez eram apenas os dois na sala juntos. – Não, Oz. Nós temos que te arrumar ajuda. Por favor, deixe-me fazer isso.

– Isso aconteceu muito cedo... eu esperava mais alguns dias. – Oz afirmou. – Você tem que contar ao Creed por mim, diga para ele o que eu fiz. O Porquê.

– Sim, claro que eu vou.

– A Kat fica. – Oz disse, uma última ferocidade repentina se criando sem sua cabeça. – Eu trouxe a Kat nisso para a proteção dele... eu não posso deixá-lo no mundo sozinho, sem ela.

Dev não podia discutir... não com um homem moribundo. O coração dele começou a se despedaçar em seu peito e ele mal podia respirar, ainda mais conversar enquanto ele segurava o Oz pela última vez.

– Eu vou mandar alguém para você – Oz murmurou.

– Cala a boca. Cala a maldita boca, Oz. – Dev mal conseguia ver através das lágrimas em seus olhos.

– Me escuta... você não vai passar o resto da sua vida de luto por mim. De jeito nenhum – Oz deu uma respiração trêmula, profunda, e seus olhos fecharam-se por um segundo.

– Não faça isso comigo. – Dev implorou, mas Oz não iria ser dissuadido. Seus olhos se abriram e ele tirou as mãos do Dev de seu peito e as segurou, o sangue conectando as suas palmas.

– Depois da meia noite. Algum tempo depois que o pior do inverno passar, eu vou te mandar alguém. E você vai resistir... muito. E ele também.

– Não haverá mais ninguém para mim.

– Vou te mandar um dos homens mais bonitos. – Oz sussurrou, a voz dele diminuindo e ficando arrastada. – Você precisará dele tanto quanto ele precisará de você.

– Oz, por favor. Fique comigo mais alguns minutos.

– O amor sempre estará lá, mas o pesar não deveria.

Dev mal conseguiu fazer, mas ele se abaixou, pressionando sua boca nos lábios frios do Oz, um último adeus. — Eu te amo, Oz. Para todo o sempre. Então vá fazer o que você está destinado a fazer.

Oz agarrou a mão do Dev uma última vez. — O destino é uma vadia, Dev. Mas eu faria tudo de novo.

— Eu também. — Dev sussurrou, e neste segundo, Oz havia ido. E então ele escutou gritos... gritos horríveis.

Demorou alguns minutos para perceber que eles estavam vindo dele.



Creed escutou os gritos da entrada da garagem da casa do Dev, ele teve que praticamente se arrastar na entrada da garagem por causa da dor em seu peito. E então, tão repentinamente a dor havia começado, ela parou, e Kat estava se segurando nele.

— Está tudo bem, Kat. — ele sussurrou. — Eu acho que está tudo bem agora.

Mas os dois sabiam que ele estava mentindo. Ele bateu na porta por alguns minutos, tocou a campainha insistentemente, mas não conseguiu resposta. Sem se importar mais, somente querendo se livrar do peso em seu coração, ele contornou a parte de trás da piscina e tentou quebrar uma das portas de vidro deslizantes.

O vidro era inquebrável, à prova de balas... e o Dev ainda não havia vindo ver o que era a comoção.

Creed não parou de bater no vidro, tentando passar por ele com cadeiras do deck, até mesmo um cabo de guarda-chuva, e finalmente, finalmente, Dev estava na porta.

Ele estava coberto de sangue.

Creed correu até ele. — Merda, Dev, nós temos que te levar até um hospital.

— Não é o meu sangue.

— De quem... não, não pode ser. — Creed empurrou Dev e seguiu a trilha de sangue até as escadas para o quarto do Dev, onde ele encontrou o corpo sem vida de Oz no chão. A arma ainda estava na mão do Oz, e quando Creed se agachou, ele automaticamente pressionou dois dedos no pescoço do homem para checar. Só para verificar.

— Ele se foi, Creed. — A voz do Dev veio suavemente atrás dele.

Creed ficou de pé rapidamente, se virando para o Dev. — Que infernos aconteceu aqui?

— Darius, o espírito... ele voltou.

— Não, ele se foi. Oz cuidou dele.

Dev deu um sorriso macilento. — Oz cuidou dele para que eu pudesse conseguir ajuda. Darius iria voltar. Ele sempre soube.

Creed encarou o homem que havia sido seu mentor de tantas maneiras diferentes, e a dor em seu peito começou novamente, espalhando-se ao redor de seu coração e ficou difícil de ele respirar. Com a mão no peito, ele se ajoelhou perto do corpo e sentiu os braços do Dev puxá-lo para ele ficar de pé.

— Respire, Creed. Respire, porra, ok? Você está azul.

Respire, Creed. Respire, Kat o implorou.

— Há coisas que eu preciso te contar... sobre o Oz. Coisas que ele queria que você soubesse. — Dev disse, e Creed puxou uma respiração profunda e dolorida, várias vezes, até que a sensação de tontura parou e ele foi capaz de ficar de pé sozinho.

— Nós não vamos fazer isso aqui. — Dev disse. — Eu não posso olhar para ele desta maneira. Quando nós terminarmos de conversar, eu vou ligar para os médicos... eles virão e ajudarão.

Creed assentiu, seguiu Dev para fora da porta do quarto. Dev fechou-a atrás dele e então sentou-se no chão do corredor do andar de cima, como se estivesse traindo suas palavras antes de não querer ficar perto do corpo do Oz.

– Oz fez coisas na vida dele que ele pensou ter que fazer, coisas que faziam muito sentido. Eu sei que pode não parecer assim para você, – Dev disse, puxando uma respiração profunda e pausou. – merda, não há maneira melhor de dizer isso. Oz era o seu irmão, Creed. Seu irmão de sangue. Você não foi colocado em uma caverna para sacrifício. Foi o Oz que te colocou lá.

Creed pensou a respeito do homem que sempre foi uma versão mais limpa dele, uma versão mais velha, mais sábia, um irmão de armas... mas não era isso que o Dev estava dizendo. – Como... meu irmão de verdade?

– Sim.

– Então ele me deixou em uma caverna? Todos estes anos, aquela maldita história da maldição... ele me deixou lá?

– Sim.

– Isso é mentira, Dev. Isso é mentira. Por que se fosse verdade, os médiums saberiam, alguém teria me contado.

– Era o trabalho da Kat bloquear todos eles. Ela é quem torna sua mente ilegível.

Algo subiu em Creed, algo escuro e violento, e ele não tinha certeza se era a Kat que estava brava como o inferno ou se era ele. Mas não havia como separar o dois no momento.

– Ele queria te contar ele mesmo. – Dev começou. – Ele pensou que tinha mais tempo.

– Tempo para quê?

– A razão para o Oz ter te contado que havia uma certa janela de tempo para você se livrar da Kat era porque ele sabia, com certeza... ele sabia que ele iria morrer.

Creed encarou o Dev, que o encarou com olhos claros vermelhos.

– Ele previu sua própria morte?

– Não o dia, mas ele sabia. Sabia quando o Darius voltou depois que o espião havia descoberto o sacrifício que ele teria que fazer. Ele fez isso por mim. Ele viveu com isso desde que ele tinha dezenove anos, talvez mais cedo. Ele disse que sabia sobre mim antes de ele me conhecer, sabia que ele iria tirar sua própria vida para salvar a minha. E ele ainda me amou. Deus, ele deveria ter me odiado pelo que ele passou, a maneira como eu o afastei.

– Jesus. – Creed sentiu a dor começando novamente, e ele esfregou seu peito, percebendo que era o mesmo local onde a bala havia entrado no Oz. – Espere um minuto... a janela do tempo... porque o Oz está morto.

– A janela está fechada, Creed. Sinto muito. Sinto tanto, porra. Mas o Oz não queria tirar a Kat de você agora, não queria te tirar de sua proteção. Ele teve que tomar a decisão tão rápido... você tem que entender, ele fez isso para o seu próprio bem.

– Não. – Creed se escutou dizer. – Isso não pode ser possível. Era para eu poder escolher... tanto eu quanto a Ani, juntos. Nós estávamos tão próximos daquele compromisso total, nós precisávamos só de um pouco mais de tempo... eu pensei que nós tínhamos tempo.

– Sinto muito, Creed. Mas a única pessoa que poderia separar você da Kat era o Oz.

Creed escutou o soluço rasgar a sua garganta, e cego pelas lágrimas e raiva em partes iguais, ele sentiu o seu caminho pelos degraus e a porta da frente do Dev. Dev não se incomodou em tentar pará-lo, e Creed subiu em sua moto e saiu pela rua, em uma velocidade não recomendada para alguém que mal podia ver.

Mas naquele momento, ele não ligava para nada. Qualquer esperança que ele tivesse de viver em paz com a Annika estava acabada. Kat nunca deixaria isso acontecer e ele estaria impotente para pará-la. Oz havia assegurado a proteção de Creed... e ao mesmo tempo ele havia levado embora o amor da vida do Creed.

Capítulo 18

Enquanto o chef pessoal do ML cozinhava um pouco de comida para ele e a Faith, Wyatt caminhava junto ao deck traseiro e descendo até a praia.

Era quase meia noite... a lua, mais clara do que havia estado antes, lançava sombras na água, e seus músculos, soltos e relaxados por causa do sexo, zumbiram logo que ele viu a água.

Ele tirou sua camiseta e começou uma corrida na direção da água, arrebatando as pequenas ondas, deixando a corrente levá-lo enquanto ele ficava submerso e segurava sua respiração pelo tempo que ele conseguisse. Quando ele quebrou a superfície, ele balançou a cabeça, flutuando de costas e encarando o céu.

Ele amava a água, a ausência de gravidade, o empurrar e puxar em sua pele. Ele estava confortável aqui... podia passar horas somente flutuando, mergulhando, deixando as ondas o acariciarem como uma amante. Não havia problemas quando ele estava aqui, nada que ele não pudesse resolver.

— Wyatt!

Ele virou, viu Faith parada na beirada da água, a espuma branca cobrindo suas pernas e pés nus, e ele sorriu para si mesmo enquanto ele nadava.

— O que foi? — ele perguntou enquanto ele se aproximava dela depois de ter nadado.

— A comida está pronta.

– Excelente. Estou faminto. – O estômago dele grunhiu em resposta às suas palavras.

– Você não teve o suficiente de água antes? – ela perguntou.

– Nunca é o suficiente. – ele falou para ela, envolvendo seu corpo molhado ao redor do corpo seco dela enquanto ela ria. Juntos, eles caminharam pela praia e sentaram-se do lado de fora no deck onde a comida estava sendo servida. Uma das empregadas trouxe uma toalha ao Wyatt e ele se secou um pouco antes de sentar-se, e eles comeram em silêncio. Já haviam se passado pelo menos vinte e quatro horas desde que qualquer um deles tivesse comido... Wyatt havia aprendido a desligar sua reação a fome e dor logo cedo, mas agora que ele havia conseguido relaxar um pouco, ele estava esfomeado.

Quando sua barriga estava cheia, ele se encostou satisfeito vendo Faith comer o restante de sua comida.

– Delicioso. – ela disse. – Eu acho que eu preciso de um chef particular para mim.

– Não cozinha?

– Nem um pouco. Eu nunca tive tempo ou desejo. ML deve estar se dando bem.

– ML está bem. – ele concordou. – Ele é legal, e ele nos levará onde precisamos ir.

– Isso é bom.

Ele notou que ela havia colocado o lenço no pescoço novamente. – Então, onde exatamente nós precisamos ir?

Ela brincou com sua garrafa de cerveja por um segundo, e então decisivamente o colocou na mesa. – Eu verifiquei com os homens que estão com a Liberty. Eles querem que eu vá para Belfast. Uma vez que eu esteja lá, eu supostamente tenho que ligar para eles novamente.

Ele assentiu, drenando sua própria cerveja e tentando se livrar da sensação crescente de que nada disso iria terminar bem.

– Wyatt?

– Sim?

– Você mencionou sua família... que haviam problemas. Você tem qualquer contato com eles?

– Eles estão todos mortos. Eu nunca fui próximo a eles, de qualquer forma. Eles me colocaram em uma instituição. – ele disse baixinho, e percebeu que ele estava segurando o pescoço da garrafa de uma maneira feroz. Ele a abaixou e flexionou sua mão e desejou que a conversa terminasse. – Eles não eram tipos com habilidades especiais, eles eram técnicos de petróleo. E as minhas habilidades telecinéticas supostamente eram apenas parte de uma psicopatia adolescente... um dos médicos garantiu para o meu pai que ele podia tirar isso de mim. E eles tentaram tudo.

– Deve ter sido horrível – Faith disse. Ela se moveu para a cadeira ao lado dele, ao invés de sentar-se do outro lado, e ele olhou para ela antes que ele continuasse.

– Há muitas pessoas loucas neste mundo, mas isso não significa que elas necessariamente devem ficar presas por causa disso. A maioria delas não é violenta... e se elas são, elas em grande parte machucam a elas mesmas porque elas sentem-se como se fossem aberrações. Eu posso pensar em vários operativos que já pensaram serem aberrações em algum ponto também, mas sem eles por aí, o mundo seria um lugar realmente inseguro.

Ela assentiu. – Mas então, alguns deles podem causar dano para o resto do mundo. Eles precisam ser ajudados... controlados.

Ele riu, não conseguiu evitar, porque era algo que ele havia ouvido várias vezes dos psiquiatras. *O seu garoto precisa ser controlado. O seu garoto tem um problema mental severo. O seu garoto não deveria ser permitido sair em público.* – Sim, como se você não pudesse causar uma porra de dano, certo, Faith?

– Eu te magoei. De novo.

– Não se preocupe com isso. Nada que eu não tenha ouvido antes. Todo mundo que possui super poderes paga um alto preço por eles... algumas vezes quase não parecia valer a pena. – Ele pensou lá atrás no tempo, meses mais cedo, quando ele se encontrou com Remy... naquele

tempo simplesmente um homem que a ACRO estava recrutando. Remy estava tentando tomar uma decisão se ele deveria continuar vivendo, tendo percebido que seus poderes o tornavam uma ameaça se eles alguma vez caíssem em mãos erradas. Wyatt lembrou-se de contar para ele, *Não é a sua hora, Remy*, e Remy havia perguntado, *Como eu vou saber?*

Wyatt disse para ele, *Você saberá*. Todo agente dava de cara com essa pergunta em algum ponto de suas carreiras... alguns, mais do que uma vez. Horas quando a escolha de acabar com suas próprias vidas para o bem do mundo parecia como a única opção.

Não era nada novo para o mundo militar... operadores especiais fizeram escolhas assim as vezes, também, falaram sobre o que aconteceria se e quando eles fossem capturados.

Se Remy tivesse feito a escolha errada então, ele não teria sido capaz de ajudar lidar com um importante furacão que estava ameaçando Nova Iorque agora. Então sim, Wyatt havia estado certo sobre isso.

E agora ele estava se arriscando de uma maneira que o Dev iria chutar a bunda dele... de uma maneira que somente Dev poderia entender. A mulher sentada ao lado dele era sua inimiga, sua kryptonita, e a única mulher que ele havia conhecido que podia lidar com todas as suas merdas... e gostava disso. Talvez até amasse.

– Como você finalmente foi solto? – ela perguntou.

– Eu fingi que era normal. – ele disse. – Vedei a mim e aos meus poderes para conseguir voltar para o mundo real. Fiquei no negócio da família por um tempo e então entrei para o exército. Escolhi a marinha porque eu amo a água.

– E você nunca usou seus poderes.

Ele deu de ombros. – Raramente. Alguns deles salvaram o meu traseiro, mas eu não queria depender deles. Eu estava finalmente em um lugar onde eu era aceito como normal... tão louco como eu pudesse ser, tão louco como eu me sentia, havia outros caras normais ao meu redor que eram tão loucos quanto, por diferentes razões.

– Você já... tentou machucar alguém? – ela perguntou tentativamente. – Quer dizer, sem perceber que você estava fazendo isso?

Aquela pergunta atingiu muito perto de casa. – Eu não quero falar sobre isso mais, Faith. – Ele ficou de pé e sentiu a terra se mexer embaixo de seus pés. Faith estava ao lado dele em segundos.

– Wyatt, o que está errado... você está bem?

– Estou ótimo. – ele disse para ela através de dentes cerrados, enquanto outra onda de tontura o atingia. – Merda.

– Vamos, vamos te levar para dentro.

Ele se inclinou nela enquanto eles faziam o caminho pela casa do ML, subindo as escadas lentamente e entrando no quarto da Faith, que estava mais próximo.

Wyatt afundou-se na cama e esfregou seu rosto com as mãos. – Algo estranho está acontecendo comigo.

– Você pode explicar mais?

– Coisas dentro de mim estão mudando de lugar. Se transformando.

Faith sentou-se ao lado dele. – Quando você primeiro notou isso?

– Os meus poderes estão ganhando força, com mais rapidez nos últimos meses do que eles haviam ganhado nos últimos anos na ACRO. Mas eles também falham às vezes. Algo que nunca aconteceu antes. – Ele havia ido até a Sam depois de auxiliar no resgate do Remy... quando ele havia tentado derrubar um helicóptero durante aquela operação, ele não podia fazer mais do que fazer o pássaro oscilar e ele teve que recorrer a jogar merdas nele no lugar.

Foi malditamente humilhante.

– O que aconteceu quando você tentou derrubar o helicóptero? – Faith perguntou, e ele percebeu que ele deve ter expressado seus pensamentos em voz alta.

– Eu sabia que era algo que eu deveria ter sido capaz de fazer... eu sabia que eu era capaz, – ele disse correndo suas mãos pelo cabelo em uma extrema frustração. – Eu tentei e eu não podia fazer merda nenhuma.

– Como você se sentiu?

– Malditamente puto. Agitado. Tenso.

– Você provavelmente esteve sub-utilizando seus poderes por muito tempo. Eles não gostam disso... você deve ter lutado para consegui-los de volta.

Sim, ele lutou. Com a prática, viu seus poderes voltar. – Meus poderes pareciam desiguais, como se eu estivesse constantemente desequilibrado de tantas maneiras diferentes, sempre tentando me ajustar. Mas quando você me tocou, quando as suas mãos estão em mim... mesmo que seja apenas um toque de leve... eu me sinto melhor. Inteiro. Como se as coisas estivessem se conectando.

– Você disse algo quando nós estávamos na praia, sobre entender como é se sentir culpado sobre a família. Esta não é a primeira vez que você mencionou a sua família para mim em um contexto infeliz. – As mãos dela cobriram as dele gentilmente, mãos que eram capazes de matar um homem ou mulher. Mãos que percorreram seu corpo como se estivessem reivindicando-o para ela... mãos que conectam-no.

– Eu não vejo o que isso tem a ver com os meus poderes. – ele disse para ela.

– Pode ser que não. Eu acho que posso te ajudar, mas se você não me contar, se você não me deixar entrar, eu não vou ser capaz de fazer isso.

Ele queria estourar com isso, de tantas maneiras, ela *não* havia ajudado-o... ela havia deixado-o fora de jogo, colocando-o em uma posição arriscada, com o destino do mundo literalmente nas mãos dela. Mas ela havia se soltado ontem à noite, havia dividido a sua memória mais dolorosa. O mínimo que ele podia fazer era igualar as coisas.

– Eu posso ter matado o meu meio irmão.

Ela piscou. – Eu não entendo... como você não sabia?

— Eu não lembro. Eu bloqueei tudo. ACRO me pegou antes do MP. Me salvou, me renomeou e me deu uma nova vida. E eu não consigo me lembrar de qualquer coisa sobre a noite que o Mason foi encontrado morto. Então quando eu te contei que eu entendia sobre culpa, Faith, que eu entendia o que significava querer ajudar a família... bem, se a placa-mãe segurar a possibilidade de ter a minha memória de volta, eu a usaria de qualquer forma que eu pudesse, até o ponto de ela realmente cair nas mãos dos inimigos.

Ele abaixou a cabeça, sentindo como se a confissão tivesse sugado a vida para fora dele. Mas Faith estava lá, ao seu lado, encorajando-o a sentar-se no colchão macio com as mãos firmes em seus ombros.

— Não há vergonha em pedir ajuda... em precisar de ajuda, sabia?

Ele riu um pouco. — Sim, você é realmente boa nisso.

— Estou tentando, Wyatt. Com você, estou tentando.

— Eu sei disso.

— Não, você não sabe, ainda. Mas você saberá. — Ela falou lentamente, encarando o chão ao invés de olhar para ele. — Deite-se, fique à vontade. Eu estarei aqui o tempo inteiro contigo, te mantendo seguro.

— Você está com medo de que eu vá me machucar?

— Eu tenho medo que você não vai se deixar curar. E você precisa se curar.

— Nem me fale. — Wyatt murmurou, deixando-se relaxar na cama. — Olha, estou cansado... talvez eu possa descansar um pouco e nós podemos deixar essas merdas sentimentais para depois...

— Não. Não depois. Nós temos que entender isso, Wyatt. De outra forma, você irá se tornar canhão solto.

Ele sentia-se como um já. — Tudo o que eu consigo me lembrar é estar de pé no escritório da plataforma de óleo onde eu cresci. O Mason lá... meu meio irmão. E ele está rindo.

— Você está?

Wyatt fechou seus olhos, balançou sua cabeça com força e as cores na cena em sua mente começou a mudar para vermelhos e laranjas. – Não, eu não estou rindo nem um pouco.

– E então o quê?

– A próxima coisa que eu me lembro, minhas mãos estão uma em cada lado do rosto do Mason. – Wyatt sabia que era somente uma questão de uma virada brusca para quebrar o pescoço do homem de maneira limpa. – Eu o matei, Faith. Não há outra explicação. Há uma fita mostrando eu saindo de fininho da plataforma. Por que mais eu estaria lá?

Faith descansou suas mãos no peito dele e imediatamente a agora familiar invasão de conforto o invadia. O quarto parou de rodar, seu cérebro parou de girar e ele a escutou dizer: – Pense, Wyatt.

Ele fechou os olhos e pensou sobre aquele dia em setembro. Ele estava de férias, havia ido para a plataforma... mas para quê? Ele não tinha mantido contato com sua família a partir do momento que ele havia deixado os militares aos dezenove. Então para ele voltar lá, algo grande deve ter acontecido.

– Quem mais estava na plataforma naquele dia?

– Meu pai.

– Você viu o seu pai, você falou com ele?

– Não até depois de o Mason estar morto. Ele entrou, me encontrou em cima do corpo.

– Onde estava a sua mãe?

– Ela morreu logo depois de eu entrar para Exército.

Ele não havia sido muito próximo de sua mãe... havia respeitado-a de uma maneira que um filho deveria, mas sempre havia vivido com a ferroadada de sua traição por não entender os seus dons. Ele os mostrou para ela quando ele era mais novo, em particular... e enquanto ele aprendia cada novo truque, ele havia compartilhado-o com ela.

E ela havia entregado-o para o seu pai quando ele era um adolescente, o prego final em seu caixão que o mandou a caminho do hospital.

– Como ela morreu?

– Eles falaram que foi um ataque cardíaco. Eu não estava na plataforma quando aconteceu. – Um calafrio começou nos pés de Wyatt, e dentro de segundos ele estava tremendo e enrolado em uma posição fetal. Tudo ao redor dele, ele podia ouvir coisas quebrando, seus poderes telecinéticos ficando fora de controle.

– Escute-me, Wyatt, você precisa se acalmar. O que o Mason tem a ver com isso?

– Eu não sei. – Seus dentes estavam batendo com tanta força, ele mal podia se entender.

– Wyatt? – Ela colocou sua mão em seu bíceps e apertou. – Você vai sentir um formigamento na sua cabeça. É somente eu. Estou acessando o seu hipocampo, o seu centro de memória.

Instantaneamente, um calor fluiu por ele, acalmando os tremores que destruíam seu corpo, e um formigamento se espalhou pelo seu escalpo. – Eu estou sentindo. – ele sussurrou.

– Bom. Agora, por que você foi até a plataforma?

– O Mason ligou. Disse que ele tinha algo importante para conversar comigo. – Estranho. Este pequeno detalhe esquecido havia aparecido de repente em seu cérebro e saído pela sua boca.

– Quando você chegou lá, o Mason estava sozinho no escritório?

– Sim. – ele falou roucamente, porque agora as memórias não eram um formigamento agradável. Deus, doía, o fazia se sentir como se seu cérebro estivesse estalando e rasgando, e seu corpo inteiro queimava. Mas ele ficou no flashback e se assistiu segurando a cabeça do Mason.

Mason estava deitado na mesa. – Minhas mãos estão no rosto dele.

– Olhe mais perto, Wyatt. Algo não está certo.

Wyatt se forçou a olhar nos olhos do Mason, para sentir. A fita na mente dele começou a tocar no reverso, dolorosamente devagar.

Mason, morto na mesa, Wyatt segurando seu rosto. E então, Wyatt foi puxado para trás, gentilmente colocando a cabeça do Mason na mesa e recuando.

– Eu não fiz isso. – ele se escutou dizer suavemente. – Não fui eu.

– Volte mais, Wyatt... saia do quarto.

Em sua mente, ele fez isso... ficando com a visão de uma forma que ele nunca havia feito. Quando ele estava completamente fora do quarto, ele viu o que realmente aconteceu... Mason estava rindo, rindo de algo que o seu pai dissera.

– *Eu tenho prova, meu velho. E Wyatt terá também. Ele tem todo o direito de saber o que você fez.* – Mason disse.

E então de repente o pai de Wyatt estava quebrando o pescoço do Mason, de modo limpo, enquanto Wyatt ficou lá parado, aturdido. E o choque somente ficou pior quando o pai dele revelou tudo... que o Mason estava prestes a entregar o velho deles por matar a mãe do Wyatt.

– Ele a matou.

– Quem?

– O meu pai. Ele matou a minha mãe. Ela estava se divorciando dele... ela tinha prova que ele estava desviando dinheiro de seus investidores e ela iria se apresentar. Ele ficaria arruinado. Então ele a matou, e Mason sabia disso.

– *O que você vai fazer a respeito disso, garoto? Todo mundo sabe que você é louco. Todo mundo sabe que você tem o treinamento para matar com as suas próprias mãos. Se eu contar aos policiais que você o matou, você acha que alguém acreditará que você não matou? Você, que foi internado em um hospício? Que mentiu sobre isso para entrar no exército?*
– O pai dele apontou para o corpo sem vida de Mason. – *Se você ir embora agora, talvez a polícia não te pegue.*

– Eu não fiz nada, Faith.

– Você não fez. Você sabe disso agora.

– Quer dizer, eu não fiz nada sobre o Mason, eu não entreguei o meu pai. Eu... apenas fui embora.

– Você estava com medo e em choque. A sua família fez você passar por um inferno e você apenas descobriu agora sobre a sua mãe.

– Faith pausou. – Onde o seu pai está agora?

– Ele está morto. Morreu em uma plataforma há uns dois anos atrás.

– Então ele já está sendo punido no pós-vida. E você tem que parar de se punir.

Tudo o que Wyatt podia fazer era não chorar agora. – Só me deixe em paz. Deixe-me em paz, porra.



Sentindo que Wyatt precisava de tempo, Faith o deixou, mas ela não gostava disso. Principalmente porque ela não queria pensar sobre as revelações que haviam saído da sessão com ele... as coisas que ele se lembrou eram somente uma pequena parte do que ele havia revelado.

A maior parte, a parte que a deixou aturdida, era a sua revelação involuntária.

Ele confiava nela.

Ele podia não admitir isso para si mesmo, mas em algum nível ele confiava nela. Ele abriu a si mesmo e compartilhou o seu passado, tinha até mesmo confiado que ela entrasse em sua cabeça, dentro de seu centro de memória... onde, se ela decidisse fazer isso, ela poderia ter embaralhado-o tanto que ele mal se lembraria do seu próprio nome.

O nível de confiança que ele deve ter sentido a abalou... deixou-a em terreno trêmulo, quando ela estava acostumada a andar com confiança em qualquer situação.

Ele havia percebido muito tarde que a sua franqueza havia abandonado-o, e ela não tinha dúvidas de que ele estava se arrependendo de dividir tanto com ela. Ele estava reconstruindo suas defesas despedaçadas neste exato momento, e ela tinha que decidir se ela ia deixá-lo fazer isso, ou se ela deveria interromper e fortalecer a ligação que ela havia começado a formar entre eles.

Um agente sábio iria escolher o último; alimentando a confiança para a sua vantagem, no que se dizia respeito à missão. Mas a nível pessoal, isso seria desastroso. Ela já estava perigosamente perto de se apaixonar por ele, e não levaria muito para empurrá-lo para o precipício.

Xingando baixinho, ela limpou os pensamentos do Wyatt de sua mente, precisando limpá-la, precisando ganhar um pouco de perspectiva. Por força de hábito, ela perambulou pela grande mansão, mapeando as saídas, os telefones, os quartos trancados, a localização das câmeras.

Ela deu de cara com ML, quase literalmente, na cozinha. Ele estava encarando a geladeira, vestindo nada mais do que um short, e um cigarro pendurado em seus lábios.

– E aí, Faith. – ele disse, sem olhar para ela. – Quer uma cerveja?

– Obrigada, não. No entanto, eu quero uma coca se você tiver uma.

Ele jogou uma lata de coca para ela, fechou a geladeira e se inclinou contra ela, braços cruzados no peito, pernas cruzadas nos tornozelos. – Você pegou tudo o que você precisa para a noite?

– Estou muito confortável. Obrigada.

Ele a assistiu enquanto dava um trago de seu cigarro e soprava a fumaça. – E quanto ao Wyatt?

– Tenho certeza que ele está bem.

– Ele é um bom amigo. Um bom homem. – O aviso em sua voz era somente um pouco mais sutil do que subtexto flagrante em suas palavras. *Não machuque o meu amigo ou você terá que lidar comigo.*

– Sim, ele é. – ela disse, se virando para se retirar. – Obrigada pela bebida.

– Ele salvou a minha vida uma vez. – ML disse baixinho, e ela parou, como ele sem dúvidas sabia que ela faria. – Foi uma coisa estúpida. Eu encontrei com as pessoas erradas no iate errado. Não sabia que a ACRO estava monitorando-o. Não sabia que era um alvo de piratas. A merda aconteceu mais rápido do que uma tempestade de verão. De repente Wyatt estava lá com mais dois caras fodões com habilidades especiais e Wyatt estava me arrastando para fora do oceano, balas voando e a água ao redor de nós queimando por causa do combustível. Se ele tivesse sido esperto, ele teria salvado o próprio traseiro e deixado eu me afogar. Mas não, ele tomou uma bala e ainda tirou o meu traseiro quase morto para fora da água. Teve problemas por causa disso depois. O chefe disse que ele sofreu um risco desnecessário.

Como ele havia feito na plataforma quando ele resgatou o mergulhador. Por fim, a escolha havia levado ao confronto com o Sean que o deixou na câmara de tortura. Não, Wyatt não era um homem de deixar uma pessoa inocente morrer se ele pudesse ajudar... nem era alguém que havia matado escapar.

O incidente com o pai dele não havia feito sentido quando ele se lembrou, e quanto mais ela pensava nisso, mais ela estava convencida que algo não estava certo. O Wyatt que havia salvado ML e o mergulhador a custo de um grande risco não teria fugido de um homem que havia cometido assassinato na frente de seus próprios olhos.

– Por que você está me contando isso, ML?

– Eu acho que você sabe.

ML devia ao Wyatt a sua vida, e ML estava disposto a retornar o favor a qualquer custo. Novamente com a mensagem não-mexa-com-o-meu-amigo. ML era um bom amigo.

– Eu tenho certeza que ele aprecia a sua lealdade. Boa noite, ML.

Ela se apressou para o seu quarto, ansiosa para testar sua teoria. Wyatt ainda estava deitado na cama, com o braço em cima dos olhos.

– Vá embora, Faith.

– Esse comando funciona tão bem para me manter fora de um quarto como uma fechadura funciona contra você. – Ela afundou-se ao lado dele na cama, colocando a bebida na cabeceira. – Com sede? Eu trouxe uma coca.

Ele abaixou seu braço para o lado e a encarou. – O que você quer?

– Eu quero entrar nas suas memórias de novo. Eu acho que há algo que você não está vendo.

Uma risada áspera balançou seu corpo. – Eu corri como um maldito frango dos assassinatos do meu irmão e da minha mãe. O que eu não estou vendo são as minhas bolas.

– Teimoso. – Ela fuçou a aura dele com seu poder, deslizando facilmente pela barreira danificada. Ele endureceu no momento que ela entrou em seu cérebro.

– Pare com isso. – ele grunhiu, mas ela não fez tal coisa. Ela furou seu hipocampo, desencadeando algumas vias ao fogo.

– Volte para a cena, Wyatt. Volte para quando o seu pai te contou que ele matou a sua mãe.

Ele xingou ela, mas fechou seus olhos. Embaixo de suas pálpebras fechadas, seus olhos se moviam, como se ele estivesse vendo tudo como um filme. – O filho da mãe apenas riu. Ele havia ficado impune de ter matado-a. – Ele fez uma careta. – Ele disse... merda. Ele disse que eu fui um acidente que não deveria ter acontecido. Que o único filho que havia valido alguma coisa era aquele que morreu quando eu nasci. Tim.

– O que você fez?

As mãos dele formaram punhos em cada lado dele. – Eu estava puto. – Ele engoliu, abriu sua boca como se estivesse surpreso. – Merdas começaram a voar. Meu pai pegou uma pistola de sua mesa e... oh, *porra*.

– O que foi Wyatt?

Seus olhos se abriram e ele sentou-se tão rapidamente, que ela quase caiu da cama. – Ele começou a engasgar. Deus, ele ficou azul. Os olhos se esbugalharam para fora da cabeça. Ele estava agarrando sua garganta e eu apenas fiquei lá, assistindo. Ele desmaiou. Eu acho... eu pensei que ele havia morrido. Foi aí então que eu fui embora. – Ele esfregou uma mão em seu rosto. – Eu não me lembrava de nada disso. Deus, eu fiz isso com ele?

Ela viu o arrependimento, confusão e dor em seus olhos. Ela fechou uma mão por cima da dele. Ele pulou, como se o contato tivesse assustado-o. – Está tudo bem.

– Tudo bem? – ele ecoou incredulamente. – *Tudo bem?* Como infernos eu pude ter feito isso?

– Eu não sei, mas se você fez, isso iria explicar a sua perda de memória. Outro poder se manifestando dessa forma... uau. Pode ter sido traumático. – E Cristo, se ele fosse biocinético em adição à sua já extraordinariamente poderosa telecinese... – Wyatt? Eu vou entrar no seu cérebro e no neocórtex. Estes são os seus centros psíquicos. Eu quero ver o que tem lá.

O olhar dele pegou o dela, e por um momento ela pensou que ele se recusaria. Uma batida de coração depois, ele deu a ela um lento aceno.

Ela entrou, facilmente localizando sua telecinese. Aquela parte do cérebro era como um mapa topográfico, algo que ela podia visualizar em sua mente. Cientistas haviam determinado que os humanos usavam cerca de dez por cento de seus cérebros, mas psíquicos facilmente usavam vinte, e psíquicos muito poderosos usavam até trinta por cento. O centro telecinético do Wyatt se espalhava como um campo pelo seu cérebro, tomando mais do que trinta por cento de sua matéria cerebral.

Incrível. Ela sondou mais de perto, procurando a bolsa que provavelmente abrigava a parte sexual de seu dom... um poder menor como esse deveria estar conectado a um poder irmão... Mas estranhamente, ela não podia encontrá-lo. Expandindo a sua busca, ela vasculhou os emaranhados de células nervosas, viajando ao longo das vias neurais... e descobriu um feixe de energia que pode ser a área responsável pela saída sexual. A princípio, parecia ser a sua própria

pequena ilha no meio da matéria cerebral, mas com uma inspeção mais próxima, ela descobriu uma série de células conectadas a uma área que ela não conseguia acessar. Uma grande porção do cérebro dele havia sido particionada por um escudo invisível que o poder dela só conseguia bater contra.

Fechando seus olhos, ela se concentrou, deixando seu poder sentir as fissuras. A assinatura de energia ao redor do escudo parecia familiar, vibrava em uma frequência idêntica à dela. Seu pulso acelerou. Wyatt definitivamente era biocinético, e a área do poder dele era enorme. Deus, se ele acessasse essa seção, seu potencial psíquico total seria quase ilimitado.

Ela empurrou contra a parede que cercava o poder. Com mais força. Mais força... e Wyatt gritou, agarrando sua cabeça. Imediatamente ela se retirou.

— Você está bem? — Ela tirou uma mão do escalpo dele. — Sinto muito, Wyatt?

— Sim. — ele falou roucamente. — O que você encontrou?

Alívio fez ela despencar um pouco. — Tudo está tão espalhado lá dentro... é incrível que você pode controlar os seus poderes. — Ela limpou a garganta e derramou o resto. — Mas sem dúvidas sobre isso; você definitivamente é biocinético.



Wyatt soltou uma respiração longa e lenta enquanto sua mente tentava processar a avalanche de informações que Faith havia desenterrado. Seu primeiro instinto era questionar ou negar, mas inferno, ele havia visto a verdade em suas memórias. Tudo o que ela havia dito tinha feito tanto sentido, e mesmo assim, o alívio que ele sentiu ao finalmente saber o que acontecera na plataforma na noite em que Mason morreu durou pouco.

— Eu poderia ter matado-o, Faith. Eu poderia ter matado o meu pai. E apesar de eu não ter tido um relacionamento com ele... merda, isso significa que eu perdi o controle.

– Wyatt, não teria sido culpa sua. Você não sabia o que você estava fazendo ou do que você era capaz.

– Eu ainda fugi, Faith.

– O seu pai teria te trancado por tentar matá-lo... de alguma forma, você sabia disso. Foi auto-preservação, não covardia.

– Isso provou que tudo o que o meu pai dissera sobre mim estava certo... a razão para ele ter me colocado numa instituição mental foi porque ele disse que eu não conseguia me controlar. – Frustrado, ele enfiou suas mãos pelo cabelo.

– Lembre-se que você era mais novo... provavelmente era difícil para você controlar a telecinese, mas você aprendeu. Você pode aprender a controlar isso.

– Me fale a verdade, Faith, quanto aprendizado nós estamos falando aqui?

Ela suspirou, um som suave de simpatia. Sua mão se entrelaçou com a dele e a inclinação de sua cabeça imediatamente se endireitou. Ele tinha uma sensação que até que ele aprendesse a combinar os seus poderes, aquela sensação familiar disseminada iria permanecer.

– Há uma grande curva de aprendizado. – ela disse. – Os seus dons são todos fortes e você esteve negando a biocinese por tanto tempo que eles naturalmente estão um contra o outro ao invés de se integrarem. Vai levar prática e paciência.

– Até lá eu sou uma bomba prestes a estourar. Como sempre.

– Você tem controle, Wyatt, muito controle. Até porque, até que você aprenda a trabalhar o seu poder, a pessoa que você poderá machucar mais é você.

Sim, ele entendeu isso. – O negócio do sexo está atrelado a isso?

– Sim. Explica bastante, na verdade. Até porque eu me lembrei de ter feito sexo com você. A minha própria biocinese deve ter agido com um escudo.

– Por que eu não soube sobre a biocinese mais cedo? Enquanto criança?

– Eu acho que você a suprimiu. E agora você tem essa parede ao redor dela. Subconscientemente, você provavelmente esteve construindo barreira após barreira para mantê-la escondida. Eu tenho um pressentimento que a telecinese e o sexo era tudo o que você podia lidar, então sua mente arquivou a biocinese. Você sempre teve controle sobre a telecinese?

– Na maior parte do tempo sim, exceto quando eu era mais jovem e o meu temperamento acabava me batendo. Ou quando eu estava machucado. Eu tenho sorte que eu fui uma criança bem tranqüila. Eu somente tentava esconder a telecinese. Merda, já era ruim o bastante esconder um poder. Se os meus pais tivessem descoberto sobre esse? – Ele balançou a cabeça.

– É *este* que fez a Liberty ser mandada para uma instituição mental.

Ele finalmente pegou a lata de coca e a abriu, e odiou a maneira como a mão dele tremeu um pouco. – Como os seus pais explicaram isso para você?

Ela deu de ombros, mas ele sabia que não era um assunto comum para ela nem um pouco. – Eles tentaram fingir que tudo estava normal... me disseram que a Liberty estava doente, em um hospital normal, com médicos que fariam ela ficar melhor. Eu era muito jovem para perceber, mas quando os meus poderes começaram três anos depois, algo me disse para não contar para ninguém. Eu descobri a verdade depois que os meus pais foram mortos e eu terminei no hospital onde a Liberty havia sido mandada.

O som do oceano veio em uma brisa pela porta aberta de sua varanda enquanto ele tomava o resto do refrigerante. Ele precisava voltar para a terra firme, volta para o modo missão. Não havia nada que ele podia fazer agora sobre a integração de seus poderes... ele apenas teria que seguir em frente, da maneira que ele esteve fazendo por anos, até que a missão estivesse completa.

E ele devia a Faith. Droga, ele a devia tanto. Ela havia dado a ele de volta uma parte dele que ele pensou que nunca recuperaria. Ele não tinha que ter medo de suas memórias mais.

Mas ele tinha uma sensação que as memórias de Faith da irmã dela não estavam tão claras. — Escuta, Faith, o que você disse antes, sobre eu ter construído barreiras sobre as coisas enquanto criança, para me ajudar a lidar... bem, eu não consigo evitar e pensar na sua irmã.

— O que tem a Liberty?

— Você não a vê em anos. E agora ela foi seqüestrada, e de repente os sequestradores vem até você para encontrar a máquina do clima.

Ela endureceu. — O que você está dizendo?

— Você não foi capaz de rastrear a sua irmã desde que os seus pais foram mortos.

— Houve rumores que uma enfermeira irlandesa do hospital teve um interesse especial nela. A enfermeira desapareceu do hospital na mesma época que a Liberty sumiu.

— E a Liberty tinha um sotaque irlandês no vídeo que você me mostrou. Então os seqüestradores... — Ele manteve o seu tom baixo, gentil, apesar de que ela ficaria chateada com a sua próxima pergunta não importa o quê. — Como você sabe que a Liberty não está nesse esquema todo?

— Como você sabe que ela está? — ela estourou. — Só porque eu não pude seguir o seu rastro não significa que outra pessoa, um inimigo meu, não poderia tê-la rastreado. Ela poderia estar vivendo uma vida normal, talvez nem se lembrasse de seu passado, mas foi seqüestrada e forçada a ajudar as pessoas que a pegaram.

— Talvez. Mas e se a enfermeira que a levou fez isso só por causa dos poderes dela? E se a enfermeira pertence a alguma organização terrorista? Liberty poderia ter crescido numa vida de uma terrorista, e uma vez que você apareceu no radar deles, ela poderia ter encontrado o uso perfeito para você.

— Ela não faria isso!

– Por quê? Porque você é a irmã dela?

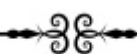
– Sim! Minha irmã não daria informação sobre mim. – ela insistiu.

– Como ela teria informação a respeito de você para começar? – ele perguntou baixinho. – Se tudo o que ela soube sobre você o tempo inteiro, se ela tivesse qualquer informação a dar, por que ela não teria entrado em contato contigo de novo? Por que esperar até agora?

– Você não sabe de nada, Wyatt. Você não tem idéia do que você está falando.

– Faith...

– Não. – Ela fez uma linha reta até a porta deslizante de vidro que abria para o deck. – É a minha vez de ser deixada em paz.



Wyatt, claro, a ignorou. Ela teve cerca de trinta segundos de paz quando ela se virou da grade do deck para vê-lo aparecendo na porta. Atrás dele, a luz do quarto delineava-o em um brilho quente e dourado, enquanto que pela frente, a luz da lua o banhava em uma luz prata fresca.

Ele era bom e ruim, um anjo e um demônio... e céu e inferno para ela.

– Desculpa. – ele olhou para a noite escura. – você me ajudou mais do que eu posso te agradecer, e eu me viro e acuso a sua irmã de ser uma terrorista.

Um caroço de emoção se formou em sua garganta. A mesma coisa havia passado pela cabeça dela, mas para alguém que nunca havia conhecido Liberty, que não sabia nada sobre a doce criança que havia usado o seu dom para curar os arranhões e contusões de Faith, para ele fazer esta acusação... havia acendido-a como um fósforo. As perguntas dele eram como farpas, machucando ainda mais porque as preocupações

dele eram válidas. Mas o tempo deles juntos era limitado, ela não queria passá-lo brigando. Com um suspiro, ela caiu em uma das cadeiras acolchoadas do deck.

— Está tudo bem. Você não disse nada que eu não havia pensado antes. E se você não tivesse pensado nisso, você seria bem inválido para a ACRO.

— Então quem você acha que está envolvido?

Ela fechou seus olhos e deixou a brisa salgada lavar o seu rosto. Que pena que não levava embora o ferrão do possível envolvimento de Liberty. Deus, ela não podia agüentar alguém mais que ela amava se virando contra ela.

— Poderia ser qualquer um. — ela disse finalmente. — Poderia ser uma organização como o Hamas ou Al-Qaeda, usando um disfarce de perfil menor, como o Exército Nacional de Libertação Irlandês, para adquirir a máquina do clima. Ou pode ser um grupo nascido na Irlanda que o quer para eles mesmos. A minha aposta está na Força de Libertação Irlandesa.

Ele assentiu. — O ELI possui negócios com Itor de antes. Então eles podem ter aproveitado a situação com a máquina através de seus contatos.

— É isso que eu estava pensando. Eles podem ter tentado legitimamente obter a máquina, e quando isso falhou, eles decidiram uma medida mais drástica.

— Eu espero que a Liberty não esteja envolvida. — ele disse baixinho.

— Eu também. — Ela sorriu fracamente. — Nós podemos parar de falar sobre isso agora?

Ele se moveu até ela, se abaixou e a prendeu no lugar com seus braços em cada lado dela. — O que você me diz de irmos para dentro e esquecer sobre tudo isso?

Ela ergueu sua boca na dele. O beijo foi fugaz, apenas um roçar de seus lábios contra os lábios firmes dele. — Por que ir para dentro?

– Outro jogo de frango? – ele provocou. – Você acha que eu não te possuiria aqui mesmo no deck?

O pensamento enviou um baita surto de calor diretamente para o seu centro. – Você acha que eu me oporia?

Um sorriso lento ergueu sua boca, tirando seu fôlego. Ele era tão malditamente lindo, uma ameaça a tudo que a tornava mulher. – Você gostaria disso não é? – As sobrancelhas se juntaram. – Mas seria por causa do jogo ou porque você quer?

– Isso dependeria de você. – Ela colocou as palmas nas bochechas dele, usando seu polegar para acariciar sua mandíbula. – Eu faria sexo contigo em qualquer lugar. Você tem que saber disso já. – Sua expressão se tornou fechada, e ela sentiu a perda de seu calor em sua entranha. – Wyatt? O que está errado?

Ele se empurrou para longe, caminhou até a grade do deck e encarou o oceano. A brisa bagunçou seu longo cabelo, trazendo cheiro dele, terroso e masculino misturado com o oceano, até ela. Ela amava o cheiro dele, amava a maneira como ele às vezes ficava parado daquele jeito, sem se mover, porém alerta. Os pequenos músculos em suas costas cortadas afiadamente se contraíram, o único sinal de que ele não era uma estátua.

– Você irá se sentir da mesma forma quando tudo isso acabar? – ele perguntou depois de um longo momento.

– Você está insinuando que eu estou te usando? Que eu só estou te fodendo para conseguir uma carona até a Irlanda e ajudar a minha irmã?

– Eu não estou insinuando. Eu estou perguntando.

– Isso realmente importa? – Ela ficou de pé, movendo-se até a grade ao lado dele.

Ele deu de ombros, como se não fosse grande coisa, mas ele não teria perguntado se ele não ligasse.

Este tempo com o Wyatt havia sido o melhor da vida dela. Ela não queria que terminasse. Nunca. Mas como eles poderiam ter um futuro

uma vez que ele descobrisse que ela não tinha intenções de destruir a máquina do clima?

O pensamento a atingiu como uma bala. Desde quando ela conheceu Wyatt, ela intencionalmente evitou pensar sobre a segunda fase da sua missão, que era assegurar a máquina para a sua própria agência depois que Liberty estivesse segura.

Pensar sobre isso significava perceber o quão mal Wyatt iria receber a verdade, e ela não podia lidar em ficar preocupada em como ele reagiria – não quando, já que desde que ela descobriu a existência da máquina, ela esteve obcecada com o conhecimento de que se ela pudesse entregar a máquina para os cientistas da TAG, nenhuma outra criança precisaria passar pelo que ela tinha passado na noite que os pais dela se perderam.

Ele virou para ela, apoiando o quadril na grade. – Uma vez que nós conseguirmos sua irmã de volta, vamos tirar umas férias. Eu conheço uma ilha tropical particular onde a areia é branca, a água é azul e as noites são feitas para uma coisa.

– Soa lindo. – ela suspirou. – Mas e daí? Nós vamos para o trabalho, a um oceano de distância? Nos veremos nos feriados e quando nós nos trombarmos em outras missões, com objetivos contrários?

– Isso não tem que acontecer.

– Ah sério. Eu já fiquei contra a ACRO antes. Se acontecer de novo... e se eu matar um de seus operativos? Você vai apoiar isso? E se a ACRO colocar uma ordem para a minha captura ou morte? Ou se um dos agentes me matar? Você vai dispensar esse fato como parte do trabalho?

Wyatt enfiou sua mão pelo cabelo. – Eu não sei, Faith. Mas não tem que ser dessa forma. Você não está cansada de ficar sozinha? De não ter apoio? Recursos limitados? Venha para a ACRO.

– Eu não posso.

– Por que infernos não?

Deus, ela queria contar a verdade para ele, que ela tinha apoio e recursos. Antes, a omissão havia sido para proteger a sua agência, mas

agora... agora parecia apenas como uma mentira. Uma mentira que ele entenderia em um nível profissional, mas provavelmente veria como uma traição em um nível pessoal.

Mas então, ele se abriu para ela, havia colocado sua confiança nela, então talvez fosse hora de ter um pouco de fé nele. Seria um grande passo para ela, confiar nele com a verdade, mas quanto mais ele soubesse melhor seria a chance de sobreviver em um encontro com os seqüestradores da Liberty.

Sequestradores, porque ela se recusava a acreditar que Liberty fosse uma terrorista.

– Faith? Por que você não pode vir para a ACRO?

– Por que eu tenho a minha própria agência. – Ela respirou fundo. – Pronto. Eu disse.

Até mesmo na pálida luz da lua ela podia ver o sangue sendo drenado do rosto dele, e ela sentiu e viu a mudança nele, a tensão sutil em seus músculos, a cortina que cobriu o seu olhar.

– Se você me disser que você realmente é Itor... – ele grunhiu, – que o Sean se tornou rebelde e você está conseguindo a máquina de volta ou alguma merda...

– Não. *Não*. Deus, eu não sou Itor. – Ela esticou a mão até o pescoço, percebeu e derrubou sua mão. – Eu tenho minha própria agência. O Grupo Aquário. Nós não somos particulares como a ACRO e Itor. Nós somos bem pequenos, pagos por um departamento secreto do governo Britânico, que nos entrega a maior parte das nossas ordens.

O xingamento dele queimou seus ouvidos. – Eu ouvi rumores de uma misteriosa terceira agência, mas ACRO nunca descobriu evidências sólidas. Por que você não me contou isso antes?

– Porque eu coloquei tudo na minha agência. É tudo que eu tenho, e eu não vou arriscá-la. Nós não temos os recursos que vocês têm. Nós não temos os números, e nós certamente não temos a habilidade de procurar operativos habilidosos. Nós temos uma equipe simples, muitos dos quais estão severamente limitados em seus poderes. Nós aceitamos pessoas que não são poderosas o bastante para a ACRO e Itor. Eu não posso colocá-los em risco.

– Você deveria ter me contado.

– Você sabe o que nós somos, Wyatt. Você sabe que nós não podemos ir por aí contando segredos para todos que nós conhecemos.

– Eu não sabia que eu era ‘todos’.

– Você não é. Por isso que estou te contando agora.

– Merda.

Ela o deixou processar tudo por alguns minutos antes de dizer: – Eu acho que é minha vez de pedir desculpas.

– Nós fazemos muito disso. – Ele suspirou. – Eu entendo por que você não me contou nada.

– Então você entende por que eu não posso ir para a ACRO.

– Sim. Mas talvez você pudesse...

– Pudesse o quê? Desistir da minha vida? Vir para a América e ganhar uma mesa legal no escritório enquanto você e eu brincamos de casinha? Ou você quer mais do que isso? Você quer casar e ter eu descalça e gorda e grávida de seus filhos?

O olhar dele escureceu enquanto ele olhava para ela de cima a baixo e então se focou em sua barriga, como se ele estivesse medindo-a exatamente para isso.

– Eu não sou uma égua de cria – ela retrucou.

– Todo aquele negócio de brincar de casinha e bebês não era o que eu iria sugerir. – Ele a tocou no estômago, ele espalmou os dedos. – Mas seria tão ruim?

A voz dele estava rouca e embargada, e ela engoliu com dificuldade por causa da repentina consciência sexual que estremeceu o seu corpo. Seus mamilos se endureceram, seu sexo se umedeceu, e infernos, ela sentiu uma compressão no seu abdômen como se ela tivesse começado a ovular só de falar sobre isso.

O olhar dele penetrou no dela, intenso e magnético, mas mesmo enquanto ela começava a se inclinar na direção dele, ele xingou e se afastou.

— Jesus. Eu não posso acreditar no que você faz comigo.

— *Eu?* É você que tem um superpoder afrodisíaco louco.

— Eu estou começando a pensar que você tem um toque disso também. — ele murmurou.

Ela suspirou, virando-se para ver a lua iluminando as ondas do oceano. O braço do Wyatt veio ao redor dos seus ombros, um toque casual, confortante e familiar que deveria ter feito ela se sentir fraca por querer isso, mas somente a deixou mais forte.

O que realmente assustou os infernos nela.

Ela tinha que sair de perto dele antes que ela cometesse um grande erro. Como dizer a ele que ela estava se apaixonando por ele. Já era ruim o bastante que isso estava acontecendo, mas ela precisava manter algumas verdades para si, especialmente aquelas que tinham o poder de cortá-la profundamente.

Ela começou a se afastar, mas o aperto dele se intensificou, e ele a puxou para a proteção de seu grande corpo. — Não vá. — ele sussurrou contra o topo da cabeça dela.

— Wyatt...

— Shh. — Ele manobrou atrás dela, deslizando as mãos para cima e para baixo nos braços dela enquanto ele roçava o seu ouvido. Ela fechou os olhos, deixando-se absorver o calor, deixado a força dele e a masculinidade avassaladora consumi-lo.

Não era o bastante senti-lo do lado de fora. Ela queria-o dentro dela. Enterrado até as bolas, possuindo-a, derramando tudo o que ele tinha dentro dela.

Aparentemente, ele queria a mesma coisa, porque as mãos dele foram até seus quadris. Agarrado-os firmemente, ele puxou o traseiro dela contra a sua ereção.

— Talvez nós deveríamos nos retirar para o quarto? — ela ofereceu, esperando que ele não notasse a pegada em sua respiração quando ele começou a esfregar seus quadris.

— Tão comportada. — Ele roçou o cabelo dela para o lado e pressionou um beijo quente em sua nuca. — Torna tudo tão quente quando você se solta e fala sujo comigo.

— Você quer que eu fale sujo?

O som dele enfiando seu short para baixo fez o coração dela parar uma batida. — Não. Eu quero que você faça outros barulhos. — A mão dele deslizou para debaixo de sua saia. Ele puxou de lado a virilha da calcinha e entrou nela de maneira suave e firme.

Ela mordeu seus lábios para não gritar. As suas unhas marcaram a grade de madeira, suas juntas estralando sob a força do seu aperto.

As mãos dele desceram ao lado das dela para que seus corpos apenas se tocassem quando seu pênis deslizasse para dentro e para fora de seu interior escorregadio. O som do oceano se misturou com as batidas eróticas da pele na pele, e das puxadas de suas respirações ofegantes.

Penetrando-a com estocadas brutais, Wyatt encorajou-a ao clímax com pura força. Nos primeiros tremores, ele parou, apertando seus quadris para evitar a liberação dela.

Mesmo assim, ele não a tocou. Era tortura e provocação e de longe a sensação mais maravilhosa no mundo. Ela gemeu, tentada a implorar.

— O que você quer, Faith?

— Eu quero gozar antes que um dos empregados olhe para fora da janela e nos veja. — Sua voz era um pouco mais do que um gemido, certamente tão grave como a dele.

— Provavelmente tarde demais. — Ele disparou meia dúzia de estocadas rápidas dentro dela, mantendo-a à borda de erupção. Ela sentia como se uma granada estivesse sido ativada, mas ainda não tinha explodido. — É por isso que eu não estou de joelhos fazendo o que eu realmente queria estar fazendo contigo, lambendo você de dentro para

fora, fazendo você gozar na minha boca. Você sabe o quanto eu gosto de fazer isso, certo?

Luxúria entupiu a garganta dela, e ela não conseguia responder.

– Sim, você sabe. Mas eu não quero dar aos empregados um show tão grande. Lembra-se de quando eu disse que ninguém vê a minha mulher nua a não ser eu?

Engolindo o caroço de luxúria, ela conseguiu falar roucamente, – eu me lembro de ter te falado que eu não era a sua mulher.

– Sim, você é.

Ela não teve tempo de protestar, nem sabia com certeza que ela teria feito isso, porque ele começou a bombear dentro dela com vontade, possuindo-a exatamente da maneira que ela queria que ele fizesse. A mulher das cavernas dentro dela se alegrou com a rotina mim-homem-você-mulher. O eu-não-preciso-de-um-homem-para-me-completar dos dias modernos se irritou um pouco, mas com cada estocada implacável, a mulher das cavernas ganhava da Srta. Certinha dos Dias Modernos.

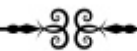
– Minha. – ele grunhiu. – Você é minha, Faith.

– *Sim.*

Êxtase rasgou através de seu núcleo e disparou pela sua coluna até o seu crânio. Um gemido escapou dela, um grito de prazer e dor e tudo mais. O clímax diminuiu, mas quando Wyatt endureceu, seu pênis inchando dentro dela e atingindo aquele ponto que a deixava louca, outra orgasmo explodiu dentro dela. Sua vagina ordenhou-o, apertando até que ele começou a recuar reflexivamente da sensibilidade pós-clímax, suas maldições entrecortadas fluindo livremente igual aos fluídos dele dentro dela.

Quando ele terminou, somente então os braços dele vieram ao redor dela, abraçando-a tão ternamente, ninguém pensaria que ele tinha fodido-a dentro do limite de sua sanidade.

Ela se quebrou, explodiu em um milhão de pedaços, e como qualquer explosão poderosa, ela agora tinha os estilhaços emocionais para lidar.



— É isso. — Annika disse calmamente, enquanto seu pé esmagava a traquéia de seu adversário — é por isso que você nunca, nunca vai usar este tipo de golpe, não importa o que os seus antigos treinadores da SWAT te disseram.

Seu oponente, um pirocinético corpulento chamado Chad, estava de costas, procurando ar. Ele passou as mãos em torno do tornozelo dela para deslocá-la, e ela estava prestes a fazer ele se arrepender dessa decisão quando um zunido estridente do seu celular mudou sua idéia. Chad poderia ficar consciente por enquanto.

— Salvo pelo celular. — Ela caminhou pelo ginásio até onde sua mochila estava fora do círculo de estudantes que ela estava ensinando em seu curso avançado de luta. As aulas tardias semestrais foram especialmente adaptadas para o Mês do Inferno onde os agentes eram obrigados a passar quatro semanas inteiras treinando constantemente com apenas algumas horas de sono por dia.

— E aí, Dev? — ela disse no telefone.

— Algo aconteceu...

— Você está bem? — Annika interrompeu, porque ela conhecia o Dev por dentro e por fora, e ela nunca ouviu a voz dele soar da maneira que ela soava agora, tão... devastada. A longa pausa fez uma pedra se formar na boca de seu estômago.

— Nem se preocupe comigo. Onde está o Creed?

— Eu presumo que ele esteja na casa dele. Por quê? O que está acontecendo?

— Você sabe onde encontrá-lo? Onde ele iria?

— Droga, Dev, me diga o que está acontecendo?

— Só encontre-o. Ele precisa de você. — Dev desligou.

Isso era tão estranho. Ela enfiou seu telefone na mochila e colocou-a em cima do ombro. — A aula acabou. — ela gritou para os

alunos, que pareceram aliviados. Para a maioria deles, a aula não era voluntária.

Ela saiu correndo, chegando à noite fria com nada mais do que shorts e um sutiã esportivo para treinamento que ela usava nas sessões. Adrenalina fez suas mãos tremerem quando ela ligou seu velho jipe. Ela nunca tremeu desse jeito. Nunca. Mas a idéia de que o Creed possa estar sofrendo e triste...

Ela arrancou do estacionamento e saiu da base. O rádio, sintonizado na estação de rock favorita do Creed, continuou falando sobre o furacão Lily e sua iminente batida na costa, mas ela não queria ouvir. Lily não era sua missão. Remy e Haley iriam lidar com isso.

O jipe sacudiu com a velocidade enquanto ela atravessava as estradas secundárias para a casa do Creed... onde sua Harley estava faltando.

Xingando, ela acelerou até o bar de motoqueiros onde ele gostava de relaxar, e com certeza, a moto estava lá, estacionada perigosamente próxima à porta. Alívio a fez começar tremer novamente. Que irritante.

AC/DC explodiu em seus ouvidos quando ela entrou no lugar. A primeira coisa que ela viu foi uma parede de couro e tatuagens, e nenhuma delas pertencia ao Creed. Havia muitos motoqueiros para o gosto dela.

A segunda coisa que ela viu era uma parede de peitos e muita pele feminina, todas cercando Creed, onde ele sentou-se espalhado em uma cabine do canto, uma garrafa de whiskey e um copo de dose em suas mãos. Ele tomou um gole da garrafa e ela se perguntou por que ele se incomodou com o copo.

Uma das vagabundas sentadas ao lado dele na cabine colocou sua mão na coxa dele, e o ciúme de Annika guerreou com o divertimento quando ele girou o copo de dose pela mesa e rudemente removeu a mão da mulher. Ela não foi dissuadida, no entanto, e ela se inclinou, disse algo em seu ouvido que o fez fechar os olhos e balançar a cabeça.

Annika cortou pelo meio da multidão como uma faca corta a carne. Duas mulheres a viram antes que ela chegasse à mesa e sabiamente foram embora. Duas outras estavam ocupadas demais se aproximando o tanto quanto fosse possível do Creed, mas elas olharam para cima quando Annika parou na cabine, com os braços cruzados no peito.

– Vão embora. Agora.

A mulher murmurou algo, mas saiu da cabine, e Creed, sem abrir seus olhos, esticou sua mão para alcançá-la. – Ei.

Deus, ele estava uma merda. Ela nunca havia visto-o bêbado, mas ele estava bem, além disso, nesse momento. – Ei, garoto fantasma. – ela disse suavemente.

– Não me chame assim. – ele rosnou, seu aperto aumentando na mão dela com tanta força que ela quase gritou, mais de surpresa do que de dor. Seus olhos, que estavam avermelhados e injetados, a perfuraram como duas brocas.

– Ok. – ela se aproximou dele na cabine. – Ok, baby, sinto muito. – Que inferno estava errado com ele?

Ele xingou e deu outro longe gole na garrafa de whisky. Antes que sua garganta parasse de trabalhar para engolir, ele enfiou a garrafa na mesa e a puxou para os seus braços, para o seu colo.

– Não. – ele falou arrastadamente. – Sinto muito. Ah, porra, sinto muito.

– Creed, você está me assustando. O que está errado?

– Não aqui.

Lentamente, ela se desvencilhou de seu aperto, pagou o garçom e ajudou o Creed a ir tropeçando até o seu jipe. Quando ele estava sentado e afivelado, ela caiu na estrada, indo em direção à casa dele.

Creed apoiou sua testa contra a janela do lado do passageiro e apenas encarou a noite.

– Creed? O que é?

– Oz. – ele retrucou.

– O que ele fez para você? – Deus, ela sempre havia odiado aquele cara. Ela estava querendo arrancar os dentes dele há anos, e se ele tivesse machucado o Creed, ela não se seguraria mais, nem mesmo pelo bem do Dev.

– Ele é um cuzão. – ele bateu seu punho contra a porta, assustando-a.

Ela queria perguntar mais, mas ela esperou até eles chegarem à casa dele, e uma vez que eles estavam dentro, ela ligou para o Dev, deixando uma mensagem na secretária eletrônica dele dizendo que o Creed estava com ela. Quando ela desligou, Creed estava encarando-a do sofá.

– Ele estava metido nisso. Os meus pais provavelmente também.

– Nisso o quê? – Ela sentou-se ao lado dele, esfregando suas costas quando ele se inclinou para frente, segurando sua cabeça em suas mãos.

– A mentira. Eu entendo agora, Annika. Eu entendo por que você está tão puta a respeito das mentiras. Por que você quer vingança. Bastardos da CIA.

Uma sensação doentia se caiu sobre seu intestino. Ela odiava que ele estava sofrendo, mesmo ela não tendo idéia do que estava lhe causando dor. E ela realmente detestava que alguém havia o machucado tanto que ele entendia a dor *dela*. Ele era muito bom, muito decente para estar tão bravo. Ele não merecia isso, e ela iria matar quem fosse que havia feito isso com ele.

Porque ela *não* era decente, e ela não tinha problemas a respeito de servir de juiz, júri e executor.

Ela esticou a mão, tirando a mão dele de seu rosto e forçando-o a olhar para ela. – O que aconteceu esta noite?

– Oz. – Ele fechou suas mãos em punhos, e fúria queimou em seus olhos vidrados. – Ele é meu irmão.

O choque tirou o seu fôlego. – O quê? O seu irmão irmão? Tipo, vocês têm os mesmos pais?

– Engraçado, hã? – Ele se afastou dela e ficou de pé. Ele não chegou muito longe, no entanto, chegou a um descanso com o ombro encostado na abertura entre a cozinha e a sala de estar.

Ela iria cortar o Oz ao meio. Dev teria apenas que lidar com isso. E então ela se perguntou se Dev sabia sobre o Creed desde sempre, e a raiva se inflamou.

— Eles mentiram para mim, Ani. — Creed sussurrou, sua cabeça baixa, ombros caídos.

Ela foi até ele, puxando-o para os seus braços. — Você precisa falar com ele. — ela disse, surpreendendo-se. Deus, ela estava ficando mole. — Amanhã. Depois que você dormir um pouco.

— Eu não estou bêbado. E ele está morto.

— Você está muito bêbado. E não diga isso sobre o Oz. Vocês conversarão, vocês farão as pazes, vocês ficarão próximos.

— Não, Ani. Ele está *morto*. O porra se matou. Se matou sem nem me dar uma chance de conhecê-lo.

O tempo parou. Os joelhos de Annika quase caíram. —Mas... Oh, Deus.

Creed caiu em cima dela, seu peso quase muito para ela agüentar. Seu grande peito elevava-se, seu corpo destruído por soluços. Ela lutou para levá-lo até o sofá, onde ela o segurou até que ele desmaiou. Então, desejando que ela pudesse estar em dois lugares ao mesmo tempo, ela o cobriu com uma coberta e seguiu para fora.

Ela estaria de volta antes que ele acordasse.

Capítulo 19

Annika fez um tempo recorde para chegar à casa do Dev na base. Ela praticamente voou do Jipe até a porta da frente dele, surpresa por encontrá-la trancada.

Ela o encontrou em seu quarto, parado em frente à lareira acesa. Atrás dele, uma mancha escura no tapete a contou tudo o que ela precisava saber. Lágrimas queimaram seus olhos quando ela colocou seus braços ao redor dele e pressionou sua bochecha às suas costas.

Por diversos minutos, eles ficaram parados dessa forma, o suave estalar das chamas o único som no cômodo. Eventualmente ele se virou para ela, seus olhos vermelhos cheios de dor.

– Como está o Creed?

– Nada bem. Ele está sofrendo. Com raiva.

Dev fechou seus olhos, e ela sabia que ele estava se mantendo por um fio. – O negócio com a Kat não deve ter ajudado.

– Kat?

– Oz podia ter se livrado dela. Agora... – ele engasgou um meio soluço... – agora é tarde demais.

Filho da mãe. *Aquele filho da mãe!* Ainda bem que ele estava morto. Ela esperava que ele voltasse como um fantasma, porque ela planejava dar choque nele até não querer mais.

– Vamos lá, Dev. Vamos te tirar daqui.

— Não. Eu não posso deixá-lo. — O olhar dele caiu em um ponto do chão, e ele começou a tremer. Então, como se uma maldita represa tivesse quebrado, ele desabou da mesma forma que o Creed. Ela o pegou, agradecida por ele pesar menos que o Creed, e o ajudou a chegar na cama, dando um grande espaço entre a mancha de sangue.

Amanhã, ela se certificaria que uma equipe viesse trocar o tapete.

Afundando-se na cama, ela o puxou ao lado dela. Eles dormiram juntos mais vezes do que ela conseguia contar, totalmente vestidos, mas sempre antes ela era quem precisava de conforto. Pela primeira vez desde que o Dev havia resgatado-a de sua vida odiosa de fugitiva da CIA há seis anos, ela retribuiu o favor. Ela o abraçou enquanto ele se desmanchava.

E ele a abraçou enquanto ela estava dilacerada, sendo puxada em várias direções diferentes. Ela tinha que voltar ao Creed, mas Dev precisava dela também.

Com os olhos lacrimejando, ela acariciou seu cabelo, fazendo o que ela podia para confortá-lo, e desejando que ela tivesse matado o Troy na Grécia, porque este negócio de se importar com as pessoas realmente era uma merda.



Creed acordou com a pior dor de cabeça — ressaca — de sua vida inteira. Levou apenas um momento para que as memórias da noite anterior voltassem de supetão para ele e oh, Cristo, ele se curvou e correu para o banheiro para se livrar do veneno — na forma de whiskey que ele havia jogado em seu corpo em uma tentativa de exorcizar a dor.

Não havia funcionado nem um pouco.

Ele se arrastou de volta para a cama e subiu, entrando em colapso sob o peso dos eventos da noite passada.

Mas Ani, ela havia vindo por ele — ele a chamou agora, mas ninguém respondeu. Ele se ergueu nos cotovelos para checar a entrada da garagem da janela ao lado da cama; o carro dela havia sumido. Era

seis da manhã — ele não achou que ela dava aula tão cedo, e ele precisava dela. Precisava contar a ela sobre a Kat, o fato de que, com o Oz morto, nunca haveria um jeito para Creed se separar do espírito que o protegia.

Falando na Kat, o espírito estava em nenhum lugar para ser visto, o que era incomum. Sempre que Annika não estava por perto, Kat estava toda em cima dele, como se para compensar o tempo perdido.

Ele esperava que ela estivesse aqui agora, da mesma maneira que ele esperava que a Annika estivesse aqui, abraçando-o. Confortando-o. Ajudando-o a descobrir o que infernos fazer agora.

A dor em seu peito retornou e ele se perguntou se a dor fantasma, centrada em seu coração no exato lugar que o Oz havia atirado em si mesmo, iria permanecer para sempre.

Ele rolou para fora da cama e entrou no chuveiro, para que as lágrimas pudessem se misturar com a água corrente e ele pudesse ignorá-las, empurrando-as para fora.

Oz era o meu irmão. E agora ele havia morrido.

Ele se vestiu rapidamente, e escutou Annika passar pela porta traseira. Ele a encontrou na cozinha, onde ela estava desempacotando um grande café-da-manhã da lanchonete favorita deles na cidade.

Ela parou quando o viu, foi imediatamente ao seu encontro e colocou seus braços ao redor dele. — Ei, bebê, você dormiu o suficiente?

Como ele podia contar para ela que parecia como se ele nunca mais fosse conseguir dormir?

Os braços dela davam uma sensação boa para ele, seu corpo sempre trazendo um ar fresco e frio para o seu corpo superaquecido, e por um segundo ele a segurou e lutou contra as lágrimas que ameaçavam novamente. — Sim, eu dormi o suficiente. — ele se escutou murmurar, sem ter certeza do motivo pelo qual ele estava mentindo para ela. — Eu nem ouvi você sair esta manhã.

Ele se afastou e pegou um lampejo de algo em seus olhos que não dava uma sensação boa para ele. Ela sorriu, esfregando o braço dele e

então retornou para desempacotar as sacolas que continham as comidas e o café.

— Venha comer algo. — ela pediu.

— Eu sou o único que você fez entrega esta manhã? — ele perguntou, sem querer entrar no assunto de novo, mas sem conseguir evitar.

— Eu fui ver o Dev, sim. Eu estava preocupada com ele também... apesar de eu não ser tão próxima do Oz, ele e o Dev estão juntos desde sempre. E quando ele se recusou a dormir ontem à noite...

— Ontem à noite. — Ele escutou a raiva em sua própria voz e desesperadamente desejou que ele pudesse voltar até ontem à noite, antes de tudo isso acontecer. Mas não havia como voltar atrás e ele estava muito velho para acreditar que os desejos se tornavam realidade.
— Você estava com o Dev ontem à noite.

— Creed, você estava dormindo.

As mãos de Kat vieram reconfortantes em seus ombros, nenhum sinal de *Eu te avisei* sobre a Annika em seu toque. Ele estava grato por isso. — Eu precisava de você. Eu não acredito... — Ele deu um passo para longe dela. — Eu preciso sair desse lugar da porra. Eu preciso de ar.

— Eu não acredito que você vai fazer isso agora. — O braço de Annika se lançou para agarrar o pulso dele, mas ele se contorceu para longe. — Eu quero apoiar vocês dois. Você não consegue entender isso?

— Eu entendo, Annika. E esta é a maior parte do problema. — Ele saiu, seus olhos quase fechando em resposta a brilhante luz do sol... e droga, não deveria haver luz do sol hoje, não quando alguém que você se importava, alguém que você amava, nunca mais estaria lá novamente para aproveitar.

Ele colocou seus óculos de sol, pulou em sua Harley e tomou as estradas sinuosas para a base e pela longa colina até o Dev.

Uma caminhada ao redor da casa o mostrou que as portas deslizantes de vidro ainda estavam abertas desde ontem à noite, e ele se imaginou entrando, vendo o Dev...

Se perguntando o que diabos isso iria resolver. O corpo do Oz com certeza já não estaria mais lá... somente uma mancha de sangue no tapete ainda estaria lá, um lembrete doentio. E com a raiva, o pesar transbordando dentro dele até o ponto onde nem mesmo a Kat conseguiria contê-lo ou confortar a sua raiva, ele poderia fazer ou dizer algo ao seu amigo e chefe que ele nunca seria capaz de voltar atrás.

Não havia nada sexual entre Devlin e Annika... Creed sabia disso. Ele não tinha certeza do motivo que de alguma forma isso tornava tudo pior, que a Annika tinha uma ligação emocional tão forte com o Devlin, uma conexão que ela não conseguia e nem queria quebrar.

Creed seria aquele que faria a quebra agora.

Ele se virou e saiu pelo caminho que ele entrou, andou com a sua Harley até o quartel general do ACRO e encontrou Dylan, o responsável pelo seu departamento, praticando técnicas de meditação, como Creed sabia que ele estaria.

– Creed. – Os olhos do homem se abriram.

– Eu quero ser mandado em uma missão. Eu pego qualquer coisa.

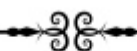
Dylan o encarou e Creed tentou parecer normal. – Creed, eu sinto muito sobre o Oz.

– Sim, eu também. Agora, e quanto à missão? Tenho certeza que você tem algo bom em sua mesa que eu posso meter as minhas mãos. – Creed agarrou uma das pastas de papel pardo simples na mesa de Dylan e as folheou. Dylan sentou-se e esperou pacientemente, até que Creed fechou a pasta e suspirou. – Por favor, Dylan.

– Eu tenho ordens do Devlin. Ele não quer você em uma missão. Ele quer você aqui. E ele está certo.

– Foda-se o Devlin, e foda-se você, Dylan. Nenhum de vocês sabe o que está certo. – Creed cuspiu, e saiu furioso do escritório, de volta para a luz solar.

O único problema era, Creed também não sabia mais o que estava certo.



Annika tentou por quase duas horas entrar em contato com Creed em seu celular. Ela não podia perder tempo fisicamente caçando-o porque ela estava muito ocupada preparando kits de sobrevivência para as equipes de resgate entregarem para as vítimas imediatamente após o desembarque. Mas droga, ela sabia como funcionava o botão de discagem rápida do seu celular, e ela usava-o a cada cinco minutos.

Seu telefone tocou logo que ela estava pegando-o novamente pela 800ª vez. – Creed?

– Dev. Eu preciso te ver. Minha casa. Agora. – Ele desligou, e ela saiu correndo do ginásio, que havia sido transformado em uma área de preparação de emergência.

Ela chegou à casa dele em sessenta segundos cravados, encontrando-o na cozinha, vestido nas suas roupas militares pretas de sempre, e encarando a geladeira aberta.

– Dev? Você está bem?

Ele olhou para cima e fechou a porta. – Não, mas eu tenho uma agência para comandar, e há um furacão prestes a destruir Nova Iorque. O meu colapso terá que esperar.

Ela queria abraçá-lo, mas ele estava indo bem, considerando tudo, e ela não queria levá-lo novamente para um estado vulnerável. – Eu não consigo localizar o Creed. – ela falou de uma vez. – Não desde esta manhã.

– Dylan ligou. Creed tentou pegar uma missão a cerca de três horas atrás.

– Uma missão? Por quê?

– Eu estava esperando que você pudesse me dizer.

– Ele não estava pensando direito. – ela disse. – Ele está magoado e bravo. Com o mundo, comigo... Deus, ele deve ter ficado

realmente puto com você e com o Oz se... – Ela xingou baixinho quando Dev titubeou.

Desta vez ela o abraçou, afundando-se nele enquanto ele colocava os braços ao redor dela. – Eu tenho que te mandar em uma missão, – ele disse.

Ela balançou a cabeça. – Eu não posso. Eu não posso te deixar assim.

Dev deu um passo para trás. – Você tem que ir, Annika.

– Você acabou de perder o Oz, – ela sussurrou.

– Eu sei, e eu sei que você quer estar aqui por causa do Creed também, mas isso é importante. – Ele soltou uma longa respiração. – Por que ele está bravo com você falando nisso?

Ela acenou sua mão com desdém. – O de sempre. Ele estourou quando eu disse para ele que eu vim ver você.

– O mundo dele acabou de virar de cabeça para baixo. Dê um tempo para ele.

Abruptamente, as emoções dela desviaram bruscamente para raiva. – Ele nunca entendeu a nossa relação. Ele nunca quis entender. Ele é completamente irracional no que diz respeito à você.

– Ele é? – Dev perguntou baixinho.

– Ele é o quê? Irracional? Incapaz de dividir? Sim e sim! – Ela bufou. – Você ainda acha que eu sou muito imatura para um relacionamento, não é? – A conversa que eles tiveram na primavera passada trouxe calor às suas bochechas, mas Dev balançou a cabeça.

– Eu acho que o Creed é exatamente o que você precisa.

Não foi isso que ela havia perguntado, mas ele estava certo. Ela sabia disso, mas agora não era hora de falar sobre isso. Não com a idéia louca do Dev de mandá-la em uma missão no pior hora possível. – Eu pensei que você queria todos os operativos disponíveis para lidar com o furacão. O que é tão importante que eu tenho que sair agora?

Ele enfiou a mão pelo cabelo, e ela sabia que a razão iria ser bizarra. — Wyatt precisa de apoio.

Sim, ela havia atingido o chão se não fosse pelo fato de que ela havia apoiado o quadril no balcão. — O Wyatt está vivo?

— E muito bem, como uma maldita mula.

Alívio guerreou com irritação que ela não havia sido informada do grande segredo, mas ela se desfez do aborrecimento rapidamente. Ela já estava há muito tempo nessa vida para saber que tudo que uma agência fazia era por uma razão, e Dev não fazia merda nenhuma de graça.

— O que ele precisa?

Dev explicou a situação para ela, e quando ele terminou, ela entendeu a necessidade do segredo.

— Então basicamente, eu vou entrar no escuro?

— Sinto muito, mas o Wyatt não sabia ainda quem quer a placamãe ou aonde eles vão se encontrar para a troca. Tudo o que eu tenho para te dizer é que você pousará em Dublin. Eu deverei ter mais informações quando você chegar lá. É crítico que você fique no aguardo e não seja pega em espaço aberto. Eu precisarei que você traga o operativo que está com o Wyatt se ele não conseguir.

— O que você quer dizer *não conseguir*?

— Ele pode ter se aproximado demais.

Ela fungou. — Wyatt? De jeito nenhum.

— Só fique pronta. Apoio apenas, até que a situação requeira outra coisa, entendeu?

— Alto e claro. Quanto tempo eu tenho? Eu preciso ajeitar as coisas com o Creed.

— Quanto tempo você precisa?

A sensação de naufrágio fez com que seu estômago ficasse com a sensação de cheio. Pela primeira vez, ela não tinha certeza se as coisas

iriam se resolver. Antes, a relutância dela em se comprometer havia sido um problema, mas seu relacionamento com o Dev sempre havia sido um assunto delicado e algo que se tornou um problema maior cada vez que o nome dele era mencionado. O fato de que Creed tentou sair correndo de Dodge sem nem ao menos dizer nada para ela significava que o problema havia se tornado tão grande que ele não poderia ser mais ignorado.

Creed havia chegado ao seu ponto de ruptura.

Lágrimas arderam em seus olhos. — Eu... eu não acho que eu preciso de tempo. Deixe o avião pronto.

— Você precisa tomar uma decisão, não é?

Incapaz de falar através do caroço em sua garganta, ela apenas assentiu.

— Você percebe que se você for embora sem falar com o Creed, você provavelmente já a tomou, certo? — Ele trouxe suas mãos nos ombros dela e olhou em seus olhos. — Você precisa dele.

— Eu preciso de você também. — ela sussurrou.

— Eu não vou para lugar nenhum, — ele a tranquilizou. — Mas talvez seja hora de você deixar o Creed ser aquele em quem você se apóia. — Ele se virou, apoiando seus punhos no balcão e olhando para fora da janela da cozinha. — Deus, eu deveria ter feito isso há muito tempo. — ele murmurou, tão suavemente que quase ela não conseguiu ouvir. — Lembra-se de quando eu mudei as minhas fechaduras alguns meses atrás? Não era porque eu estava tentando te proteger do que estava acontecendo na minha vida. Era porque eu estava cansado de você entrando sempre que quisesse.

— Mentira.

Ele suspirou. — Estou grato por tudo o que você fez por mim e pela ACRO, mas eu preciso de espaço, Annika. Sem mais vir até a minha casa. Sem mais invadir o meu escritório. De agora em diante, você marca horários da mesma forma como todo o resto.

Como todo o resto.

Ela o encarou, incapaz de acreditar no que ele estava dizendo. O primeiro instinto dela foi xingá-lo. Ao invés disso, ela repassou a relação inteira dela com o Dev e o Creed. Dev havia retirado-a à força de sua vida antiga, uma cheia de raiva e vingança, onde ela havia sido um pouco mais do que um animal feroz. Ele havia sido paciente, nunca desistindo dela, e havia eventualmente feito ela mudar de idéia. Dev havia dado a ela uma chance de ter uma vida real.

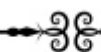
Creed havia sido infinitamente paciente com ela, dobrando-a lenta e cuidadosamente, situando-se tão profundamente em sua vida que ela não conseguia se imaginar sem ele. Ele a ensinou a amar, quando ela havia sido criada para não sentir nada.

Dev havia dado a ela uma chance de ter uma vida real, mas Creed a completava.

Com o coração em nós, ela percebeu que por mais que ela amasse o Dev, Creed era o amor da vida dela, e ela tinha colocado-o em segundo plano. Ela havia fodido tanto com as coisas, e desta ela não iria culpar a sua inexperiência com relacionamentos. Ela não iria culpar o Creed ou o Dev ou a CIA.

Ela havia feito isso sozinha, e ela iria assumir a responsabilidade. Mas isso não significava que ela não estava puta com o Dev por ser um bundão.

– Sim, senhor. – ela esbravejou. – Eu seguirei para a minha missão agora, porque Deus me livre se eu estiver na sua casa sem um convite.



Dev assistiu Annika ir, e quando ela ficou fora de vista, ele deslizou para o chão, com a cabeça nas mãos. Ele odiava que ele tinha que forçar Annika e Creed juntos como um tio intrometido, mas a coisa entre eles estava uma bagunça crítica. Ele estava ciente dos problemas do Creed com ele, mas alguma parte egoísta e obscura dele não queria desistir da Annika.

Agora ele tinha uma sensação que se tudo desse certo, ela perceberia que ela teria que fazer uma escolha entre ele e Creed, e se ela escolhesse Creed, Dev iria perdê-la.

Mas a perda seria agri-doce. Ela precisava do Creed... ele era provavelmente a única pessoa na terra que podia lidar com ela, e vice-versa.

Ele tirou seu telefone do bolso lateral da sua calça militar e discou para o coordenador de voo. A mulher assanhada, mas incrivelmente eficiente respondeu ao primeiro toque.

– Jessie? Eu preciso de um jato pronto para decolar. Ele estará indo para Irlanda.

– Sim, senhor, – ela disse. – Horário?

Dev olhou para seu relógio. Conhecendo a Annika, ela necessitaria de uma hora para se preparar, uma hora para caçar o Creed, e trinta segundos para fazê-lo ir à força com ela.

– Duas horas, três no máximo.

– Nós teremos que fazer alguns ajustes para o percurso. O furacão...

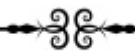
– Faça o que for necessário.

– Entendido, senhor.

Dev desligou, esfregou seus olhos e se inclinou contra o guarda-louça para encarar o teto. Ele desejou que ele pudesse fechar os seus olhos, mas havia muito em sua cabeça que ele não queria ver... Oz, Annika e Ryan, o último que ele nem podia mais ver com o seu CRV.

O que significava que o Ryan estava morto.

Nesse momento, ele tinha que se concentrar no trabalho, porque bem naquela manhã Haley havia ligado para dizer para ele que as tentativas do Remy para empurrar a frente fria haviam falhado. Eles estavam indo para a costa em uma tentativa de afetar o furacão em si. Se eles fossem bem-sucedidos, o pesar de Dev iria ser a última de suas preocupações.



Annika continuou ligando para o Creed, mesmo enquanto ela acelerava para a casa dele. Ela havia parado em sua casa para pegar a sua sempre pronta bolsa de missão, que continha roupas, armas, equipamentos e disfarces, e então ela começou a procura pelo Creed. Ela havia tentado o escritório dele primeiro, em segundo o seu bar de motoqueiro favorito, e apesar de ser uma possibilidade remota, ela tinha que ver se ele havia ido para casa.

Quando ela viu sua moto na frente, ela quase deu um pulo da vitória. Ela correu para dentro e parou no meio do caminho, ao vê-lo sentado no sofá, com a garrafa de uísque em uma mão, o controle remoto da TV na outra.

Ele estava assistindo novelas.

– Hum, baby? Você nunca vê novelas.

Ele tomou um gole da garrafa. – Toda a traição e trapaças e fodas faz a minha vida parecer normal. Eu gosto disso.

Merda. Eles nunca conseguirão falar com ele bêbado assim. Mas ela não podia arriscar deixá-lo também. Se ele ficasse sóbrio e pensasse que ela tinha saído fora por ordens do Dev sem nem mesmo tentar resolver as coisas, qualquer esperança de tudo ficar bem seria destruída.

– Ok, vamos lá. – Ela tirou o álcool dele e puxou seu braço. – Nós vamos em uma missão.

– Foda-se isso. – Ele atirou o controle remoto e agarrou a garrafa.

– É na Irlanda. – ela encorajou. – Eles têm muito uísque lá.

– Leve o seu precioso Dev. Ele gosta de uísque.

– Droga, Creed, isso não é sobre o Dev.

– Sempre é sobre o Dev.

Ela empunhou sua camiseta e ficou bem na cara dele. — Não mais. Agora, fique de pé. — Ela puxou, mas ele empacou como uma mula do caralho, e ela conseguiu nada mais do que rasgar a camiseta dele. — Eu não tenho tempo para isso, Creed.

— Então você deveria ir. — ele grunhiu. — E desta vez, fique bem longe, porra.

Ele está bêbado. Ele não quis dizer isso. Ela continuou dizendo isso para si mesma, mas não adiantou muito para evitar a dor. — Eu te levarei na força se eu for obrigada.

Porra. Ela não queria machucá-lo, mas ele não estava deixando para ela nenhuma escolha. Mas então, talvez ela pudesse pedir uma ajuda. Era outro tiro no escuro, mas nesse momento, ela estava disposta a tentar qualquer coisa.

Ela o deixou cozinhando na frente da TV e foi pisando firme até a cozinha, onde ela caminhou, tentando se recompor. Depois de um minuto, ela hesitantemente chamou, — Kat?

Não houve resposta, mas no então, o que ela esperava? Ela não podia se comunicar com o maldito fantasma.

— Kat? — Qual era o nome verdadeiro do fantasma? Quaty? — Quaty? Olha, eu sei que você pode me ouvir. Eu preciso da sua ajuda. Creed precisa da sua ajuda. Ele tem que ir para a Irlanda comigo.

Um copo no balcão da cozinha se estatelou. Claramente, Kat não gostava da idéia.

— Eu sei que você não gosta muito de mim, mas olhe para o Creed. Ele está uma bagunça. Não é nem meio dia e ele já está embriagado. Há um furacão vindo e ele está muito magoado por tudo que está acontecendo para se importar. Eu posso ajudá-lo. Colocar um pouco de senso nele. Pelo menos fazer com que ele fique sóbrio para que ele não seja um perigo para si mesmo. — Ela pausou, ainda se sentindo um pouco estúpida por falar com o ar. — Ou você prefere vê-lo miserável, bêbado e assistindo à novelas?

Não houve indicação que a Kat concordou, mas então, nenhum copo mais se estourou. Annika verificou o seu relógio. Ela precisava ir. Com ou sem a ajuda da Kat, Creed iria embarcar naquele avião.

Ela voltou para a sala, onde Creed não havia se movido exceto para abaixar o volume do líquido na garrafa. Ela tirou a garrafa da mão dele. – Você não me deixou escolha.

Ele ficou de pé com um rugido de raiva. – Eu não vou!

Annika golpeou. Ela prendeu o cotovelo dele com os dela e se virou para trás dele, mas antes que ela pudesse derrubá-lo, ele ficou de joelhos com um grito.

– Kat! Que merda você está fazendo?

Sim!

– Droga, Kat! Sua traidora! – Os xingamentos dele queimaram o ar, e apesar de ele lutar para ficar de novo em pé, ele parecia estar sendo segurado.

Rapidamente, Annika tirou vantagem da situação, colocando seu braço ao redor do grosso pescoço dele e fazendo uma chave de braço dele. Ele resistiu por um segundo, e então caiu de forma pacífica no chão.

– Sinto muito sobre isso, bebê. – ela murmurou. – Mas você irá me agradecer depois. Eu espero.

Ela engoliu com dificuldade, porque ela podia esperar o tanto que ela quisesse, mas a verdade era, ela não estava certa de nada exceto do fato de que quando ele acordasse, ele estaria *puto*.

Capítulo 20

— Legal o ML nos emprestar seu jato particular — Faith

observou como ela se empenhou em decolar às oito da manhã, suas pernas em uma sofisticada calça de um macio couro de cordeiro que o consultor pessoal do ML tinha comprado para ela. Um top preto sob uma blusa de branco puro concluía sua roupa, compondo seu look em parte super-agente, parte mamãe-gostosa.

Wyatt se sentou ao lado dela, suas longas pernas esticadas no corredor, não se preocupando em esconder o seu apreço quando sua mão acariciava a parte externa da coxa dela. — ML é um velho amigo.

— De qual lado da lei?

— De qualquer que seja o lado que ele precise estar. Essa é a beleza do ML.

— Você sabe, ele realmente se parecem muito com o Elvis.

Wyatt riu. — Não fique muito apegada a ele. Ele sabe que você é minha.

— Você precisa parar de dizer isso.

— Não posso — ele disse sinceramente. Ele não a recordou que ela havia concordado sobre isso.

Em vez disso, ele abriu o zíper da mochila que ML lhe entregara antes eles entrassem no avião. — Nós temos mais roupas para nós dois. E passaportes. — Ele tirou os pequenos livretos verdes e entregou a ela.

– Sr. e Sra. Lapp?

São os pais do ML. A verdadeira Sra. Lapp tinha dado à luz oito filhos. Bebês. Wyatt podia ver a si mesmo com bebês correndo à sua volta, um ou dois em cima dos ombros, com outro casal atrás dele tentando agarrar suas pernas.

Sim, ele seria um bom pai. – Algum problema, Sra. Lapp?

– Não, sem problemas, querido. Só estou tentando entrar no modo 'missão'.

– Temos muito tempo para isso. – Ele colocou os braços atrás da cabeça e suspirou, pensou em Remy e no furacão Lily e mentalizou o máximo de coisas boas que podia. Mesmo que Wyatt tivesse feito seu trabalho, o furacão tinha progredido muito pelo tempo que ele tinha passado o código da Haley para ACRO para pará-lo sem depender exclusivamente dos poderes de Remy. Wyatt desejava que houvesse mais ele pudesse ter feito.

Fazer só a metade sempre era uma merda.

Embora ele não tivesse destruído a placa-mãe, enquanto a Faith estava tomando um banho, ele se certificou que ela não fosse desaparecer rumo ao desconhecido. Graças à sua telecinese, Wyatt tinha sido capaz de salvar a combinação chave até que cada número atingiu o seu pino no mecanismo de bloqueio. Uma vez lá dentro, ele murmurou seus agradecimentos ao ML e sua desenvoltura em anexar um micro-rastreador, em seguida, recolocou a placa-mãe na posição exata em que a tinha encontrado. Uma chamada rápida para ACRO com a frequência o dispositivo de rastreamento, e tudo foi definido. Tanto quanto ele confiava em Faith para fazer a coisa certa, sabia instintivamente que ela faria, ele ainda tinha a responsabilidade da ACRO... para o mundo.

– Você parece muito sério. – Voz de Faith ronronou em seu ouvido, e ele se perguntou se seria sempre assim, se o seu corpo iria reagir instantaneamente ao seu toque, sua voz. – Talvez você devesse liberar um pouco de seus impulsos sexuais¹⁰ em mim e eu vou ajudar a livrá-lo das preocupações.

– Eu não preciso dele para te ter, baby. Felizmente, os pilotos vão ficar atrás daquelas portas fechadas por um tempo. – Ele sacudiu a

¹⁰ sex mojo-impulsos sexuais que dominam Wyatt

cabeça em direção ao pênis.

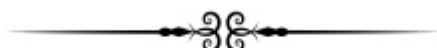
— Oh, certo, esqueci que seus impulsos¹¹ podem afetar tudo em seu caminho. E eu prefiro ter você pra mim mesma do que te compartilhar com os homens que supostamente devem estar pilotando este avião.

— Sim, eu também. — Ele a levou para seu colo. — É melhor você me acalmar rapidamente.

— Coisa boa eu ter uma cura para você. — Ela se mexeu em seu colo, sua ereção já como uma rocha nas calças largas que arrumou com o consultor pessoal do ML.

Ele observou, com grande interesse, que Faith não tinha ficado feliz quando a mulher chamada Leslie se ofereceu para ajudar a vesti-lo. Ele mal notou Leslie em primeiro lugar. Ele tinha se acostumado com a atenção extra das mulheres, pois não importa quão bom seu controle era, ele sempre teria feromônios mais fortes do que os dos outros homens. Faith, no entanto, havia notado muito.

— Tanto quanto eu amo você nessas roupas, eu vou te amar ainda mais fora delas —, ele murmurou, e esperou por sua resposta instintiva. Ele não ficou decepcionado. — Acostume-se à palavra amor, Faith.



Ela lambeu o lábio inferior levemente, como se estivesse tentando decidir como lidar com a situação. Ela finalmente tomou sua decisão, inclinando-se para beijá-lo com uma ferocidade que não esperava, as mãos torcendo em seus cabelos para puxá-lo ainda mais perto dela e oh, sim, ele não conseguia o suficiente dela. Enquanto eles estavam aqui, com nada mais para se preocupar, ele iria aproveitar ao máximo este tempo sem interrupções.

Ele desfez os botões da camisa dela, um a um, se certificando que seus dedos roçassem nos mamilos enquanto ele a abria, então deslizou o tecido macio por seus ombros e se inclinou para beijar seus os seios através do top preto.

¹¹ referencia ao sex mojo

Ela respirou fundo quando ele puxou o mamilo através do tecido, absorvendo o algodão enquanto acariciava -a de forma mais intensa, com sua língua e dentes. Ela estava ocupada tentando arrancar a parte superior do top e ao mesmo tempo, tirar a camisa dele. Em poucos segundos, era pele sobre pele, suas bocas se juntaram em longos e calorosos beijos, do tipo de beijo que contorcia os dedos dos pés dele e o fez pensar sobre o amanhã e todos os amanhãs depois.

Ele nunca se considerou um cara fácil, ele sempre foi auto-reflexivo, ainda mais depois de passar um tempo com as pessoas boas no ACRO, e chegou à conclusão de que ele nunca poderia encontrar alguém que ele gostaria de estar por um longo prazo. Sam o lembrou que com sua atração sexual, nunca poderia ter certeza se as mulheres foram atraídas pelos feromônios ou pelo Wyatt.

Mas isso, isso foi tão diferente, que ele teve que se perguntar se ele sentiria o mesmo se estivesse possuído pelo seu impulso sexual, já que ele não estava. Ele teria que dizer sim, sentiria o mesmo, porque a intensidade entre eles, mesmo quando eles falavam sobre o tempo, estava fora das paradas.

Faith já estava puxando para baixo suas calças, ele fez o mesmo, e uma vez que ambos estavam nus, ele a teve de costas no sofá próximo, que estava disposto ao longo da parede de bordo da aeronave.

—Você está ferida, baby? —Perguntou ele antes de entrar nela. — Nós tivemos uma noite bastante movimentada. Eu não quero te machucar.

— Me machuque, Wyatt, seria muito bom para você não fazer. Eu posso lidar com feridas.

— Eu prometo que vou passar o tempo beijando-a e tornando isso melhor—, ele murmurou enquanto ele se deslizava dentro dela, seu pau pulsando em prazer quando ela se contraiu forte em torno dele. Suas coxas apertadas ao redor da cintura dele, forçando-o a ir ainda mais profundo dentro dela, e ele não se preocupou em reter seu gemido quando começaram a balançar junto com o ritmo turbulento do jato.

O hotel tinha sido fechado para evacuação pelo furacão, mas,

aparentemente, alguém tinha puxado algumas cordas na ACRO, alguém chantageou ou, diabos, tinha descartado alguém. Haley não dava a mínima. Ela e Remy tinham tomado uma sala no piso superior, lado leste, onde de alguma forma eles tiveram que parar um furacão.

O tempo havia flutuado freneticamente, com as faixas do furacão tivessem girado suas células até formar uma tempestade ao longo de toda Costa Leste, o que naturalmente causou estragos na libido de Remy. Por duas vezes na unidade da ilha de fogo eles tiveram que ir para o lado da estrada. Eles tinham só seu equipamento de clima na suíte quando ele a jogou na cama para tomá-la com uma ferocidade que ela não tinha visto desde aquela primeira noite no igarapé um ano atrás.

Agora eles ficaram do lado de fora na varanda, onde às duas da tarde era tão escuro como a noite, Remy comocionava as grades de ferro com tanta força que as juntas dos dedos tinha ficado brancas, ambos vestindo roupas do hotel porque era inútil se vestir.

—Você pode fazer isso—, ela disse, sua voz quase inaudível sobre as rajadas de vento uivante.

A garganta de Remy se secou quando ele olhou para o oceano revolto. — Eu não sei, bebe. Este é ... Porra, eu não sei.

—Você veio até aqui, Remy.

Ele se virou para ela, seus olhos escuros piscando. —Ela já está fodendo comigo, e ela está a mais de 200 milhas de distância. — Ao longe um trovão soou, e todo seu corpo se convulsionou.

Haley puxou-o em seus braços, seu coração dolorido. A tempestade o perturbou, fez seu corpo reagir tão violentamente que ele mal conseguia controlar sua luxúria, e ele sabia que ela poderia lidar com o que ele a desse, ele nunca tinha superado o medo de que pudesse machucá-la no auge da sua tempestade de luxúria.

— Isso pode ser ruim. — Ele acariciou os cabelos dela suavemente. — Como nada com o que temos tratado antes.

Eles haviam tratado muito no ano desde que se conheceram, mas não importa o que o furacão Lily fez, ela não podia se entrever do fato de que durante os últimos sete meses Haley e Remy tinha tentado engravidar, mas falharam. Haley estava atrasada por um dia a partir de

hoje, mas isso não era incomum, seus períodos foram desregulados desde que ela parou de tomar anticoncepcionais há nove meses. Ainda assim, ela trouxe um teste de gravidez com ela ... só para ter certeza.

— Nós vamos lidar com isso— disse ela. — Juntos.

Um estrondo começou no fundo do seu peito, juntando-se ao trovão sobre o oceano. — Vai montar o seu equipamento. Vou começar a trabalhar. — Seus braços se apertaram em volta dela, puxando-a firmemente contra a sua ereção. — Mas não demore muito. Eu vou precisar de você. Em breve.

Ela correu, a tatuagem que os ligavam formigava como uma picada de abelha. Seu equipamento consistia principalmente de computadores, radares portáteis e gravadores de clima, todas com massivas reservas de bateria. Seu celular tocou exatamente quando ela estava pegando seu laptop.

Foi Dev, querendo um relatório de status. Ele parecia o inferno, mas não acho que ele a apreciaria se perguntasse sobre isso.

— Não se coloque em perigo, Haley. Eu quero dizer isso. Se as coisas ainda sugerirem que eles podem ir para o sul, saia daí.

— Sim, senhor.

Dev amaldiçoou como se ele não acreditasse nela. Ele não deveria. Ela e Remy não poderiam sair agora. Eles estavam aqui para ficar durante o tempo que fosse preciso, e todos sabiam disso.

— Eu deveria ter te enviado no avião caça-furacão.

— Dev, discutimos isso. — Pegar uma carona com o 53º Esquadrão de Força Aérea do Tempo teria os levado para perto e pessoalmente para o olho da tempestade, mas não teria havido privacidade e questões de segurança. Ela olhou para Remy, que estava na varanda, cabeça para trás, punhos cerrados, o peito arfando. — Eu tenho que ir. Eu vou atualizá-lo de hora em hora.

Ela desligou e verificou o último satélite e imagens de radar. Lily estava se fortalecendo, tem sido assim desde que Haley havia deixado o seu laboratório de volta a ACRO. Seria um milagre se Remy pudesse empurrar a tempestade para longe da costa, quanto mais enfraquecê-la.

Esta menina era um monstro, uma tragédia se formando.

Bastardos de Itor. Wyatt os tinha impedido de tornar a tempestade pior, mas como um furacão de categoria cinco, ela estava vindo para causar destruição em massa, mesmo sem interferência do Itor.

Um ruído a assustou, o som de algo batendo a porta do pátio de vidro. O Punho de Remy. Seu coração saltou em sua garganta ao ver o olhar dele, o relâmpago piscando em seus olhos. Ele perdeu o robe. A chuva o encharcou rudemente, a seu poderoso corpo, sem a menor resistência, a água delineava os vales profundamente marcados de seus músculos. Sua ereção se projetava para cima, em um estado que ela sabia que era o ponto de agonia para ele.

Com um lado, enrolado em um punho, preparava-o contra o vidro. Pelo o outro, deslizou sua mão pelo abdômem, lentamente, propositalmente, até que ele envolveu seu pênis.

Seu útero se contraiu e seu sangue correu quente nas veias. Deus, ela adorava quando ele fazia isso. Quando ele acariciou a si mesmo enquanto olhava somente a ela, com um calor de tal intensidade que ela não conseguia desviar o olhar.

Sua mão bombeando o pênis, cada curso ascendente atingindo a cabeça pulsante, ela sabia exatamente como lambe para fazê-lo gemer. Cada curso descendente levando a seu grande e escuro saco uma nova onda de sangue. A boca dela estava tão molhada quanto seu sexo e seus líquidos escorriam por suas coxas.

Esponaneamente, seus dedos encontraram seus salientes e rijos mamilos através do tecido de seu manto. Como Remy impulsionava com a palma da mão, ela desatou sua faixa, permitindo que o manto caísse aberto e expôs seu corpo ao olhar faminto dele. Sua tatuagem, um punho segurando um raio em seu quadril, latejava, como sempre, quando a excitação Remy excedia os níveis normais.

Ainda olhando para ele, ela deslizou a mão para baixo entre as pernas. Prazer chiava por ela no primeiro contato de seus dedos sobre o clitóris. Ela fez um círculo lento em torno da carne inchada, e Remy se sacudiu como se tivesse sido queimado, o lábio superior enrolado em um rosnado carnal.

— Vem cá. — ele formentou. — Agora.

Haley nunca tinha sido aquela de seguir ordens, mas ela nunca poderia resistir aos comandos eróticos de seu marido. Sempre.

Ela correu até a porta, mal a tinha aberto quando ele puxou-a para fora e empurrou-a contra a construção encharcada de chuva. Em um instante ele estava dentro dela e os dentes dele se travaram sobre seu ombro, e ela estava chegando ao orgasmo do mesmo jeito que ela sempre fez enquanto faziam sexo durante uma tempestade.

Imediatamente. Em voz alta. Intensamente.

Ele socou dentro dela, seu corpo impulsionando, batendo a coluna dela contra a parede. Ela deve ter clamado, porque embora ele não retardou ou se libertou, ergueu a cabeça para olhá-la, e o que ela viu em seus olhos partiu seu coração. Lágrimas.

– Sinto muito, Haley. Eu sinto muito ...

Em torno deles, o vento uivava e a chuva reduziu por eles. Ela tomou seu rosto entre as mãos e travou seu olhar sobre o dele. – Não se preocupe comigo, maldição. Pare a tempestade.

– Eu não vou ganhar dessa vez, bebe, – ele sussurrou, e então atingiu o pico, rugindo para o tumulto ao redor deles.

Quando ele contrariou contra ela, ela se enrolou apertada em torno dele. Eles iriam ganhar dessa vez. Eles precisavam. Isso era o que a ACRO fazia. Eles salvavam o mundo.

Capítulo 21

— Nós não podemos ser redirecionados... nós precisamos chegar na Irlanda o mais rápido possível.

O tom firme da Annika perfurou o crânio de Creed como uma faca. Ele estava vagamente consciente de que a sala parecia... instável. E quando ele esfregou o sono de seus olhos, ele percebeu que ele não estava em uma sala, ou na casa dele, mas sim em um jato da ACRO que parecia estar no meio de um furacão.

Ele também estava malditamente cansado de acordar de ressaca; ele murmurou enquanto ele se forçava a ficar de pé e entrar no pequeno banheiro na parte de trás do jato antes que Annika pudesse chegar até ele. Ele jogou um pouco de água na cara e gargarejou e tentou manter uma rédea no seu temperamento enquanto ele se lembrava da dupla que a Kat e a Annika formaram mais cedo.

Kat tocou o seu braço, como se fosse para acalmar os seus nervos.

— Sim, nem se incomode com essa merda. — ele disse ferozmente.
— Desde quando você e a Ani se tornaram amigas?

Kat não respondeu, meramente bufou.

— Creed, você está bem? — Annika chamou, e ele suspirou e abriu a porta com um peso em seu coração que ele não pensou que teria novamente depois de ter estado com a Annika.

Ela esperou por ele do outro lado do avião, e ele não disse nada de cara, apenas sentou-se num dos bancos longos e esticou as pernas e tentou se sentir humano.

Ela sentou-se em frente a ele, tentando parecer constrita, que nunca, nunca funcionava. E ele estava bravo consigo mesmo que ele pensou sobre como ela estava bonitinha quando ela tentava parecer assim. — Você irá me contar o motivo pelo qual você me seqüestrou?

— O Wyatt está vivo. — ela falou sem rodeios, e isso o calou. Ele ficou sentado lá, a boca escancarada por um segundo, até que ele sorriu... seu primeiro sorriso verdadeiro em dias.

— Você tem certeza?

— Aparentemente ele estava em uma missão invisível este tempo todo... lidando com uma máquina que iniciou este estúpido furacão que está nos redirecionando da nossa missão. — Sua voz subiu quando ela virou a cabeça para a porta fechada da cabine do piloto. — Nós iremos ajudá-lo.

Ele a observou cuidadosamente por um segundo. — E o Dev pensou que eu seria o melhor para ajudar ao invés de, digamos, o Ender?

— Dev não queria exatamente você nessa missão. Ele queria você em casa... te dar um tempo para ficar de luto. Mas eu não queria te deixar para trás... não da maneira que nós deixamos as coisas. — Ela jogou para ele uma garrafa de água e então olhou para fora da janela enquanto o jato era lançado pela turbulência.

— Está tudo tão fodido, Ani. — Ele tomou metade da água.

— Eu fodi tudo, não é? Eu esperei muito para tomar a minha decisão sobre nós ficarmos juntos. Se eu dissesse algo antes, te dissesse o quanto eu gostava de você, então o Oz teria te ajudado a libertar a Kat.

— Eu não sei. — ele disse honestamente. A cabeça dele estava martelando... a mudança na pressão não estava ajudando muito e ele esfregou suas têmporas em uma tentativa de limpar a cabeça. — O Oz não me contou muito sobre o processo, o que liberar a Kat envolveria. Oz não me contou muita coisa de nada.

Oz amava você, Kat disse para ele, mas Creed dispensou este pensamento. — Kat não nos deixará em paz agora.

– Ela tem sido manejável, Creed. Ela não nos impediu de ficar juntos.

– Ela pode, no entanto, e ela irá. – Em realidade, Kat havia sido incrivelmente frouxa em seu tratamento com a Annika... parcialmente devido ao respeito pelo amor do Creed e parcialmente porque ela sabia que os choques elétricos da Ani a mantinha longe. – Ela nunca me deixará em paz, Annika.

– Mas ela te ama. Como ela pode fazer isso com alguém que ela ama?

– É tudo que ela sabe. Você não entende, ela fará qualquer coisa para me proteger. Se você fizer qualquer coisa que ela entender que esteja me machucando...

– Eu te machuquei para te trazer para o avião, e ela me ajudou. Você me ajudou, Kat... você pode, por favor, falar com ele?

Ele sentiu o silêncio pesado como uma rajada de ar gelado. Ele esfregou seus braços e desejou que ele pudesse fechar os olhos e dormir durante tudo isso.

Mas ele sabia que quando acordasse, os problemas ainda estariam lá. – Kat te ajudou porque ela estava preocupada comigo... ela não queria que eu bebesse mais. Mas isso não significa que ela está feliz contigo... conosco. Apenas não é como deveria ser.

– O que você está dizendo?

– Está acabado. Nós precisamos terminar tudo agora.

– Supondo que o Oz nunca tivesse voltado para te dar esta opção... o que iria acontecer então? Nós estaríamos no mesmo lugar?

– Talvez. Provavelmente. Merda, eu não quero fazer isso. É muita coisa... eu não quero lidar com isso. – Ele encarou o frigobar enfiado no lado da cabine e me perguntei se estava estocado com qualquer coisa que ele pudesse usar para amortecer-se novamente.

Antes que ele pudesse chegar, Annika estava ao lado dele.

– Creed, antes de você, eu não tinha esperança de ficar próxima de ninguém. Eu não quero te perder. Eu não posso te perder agora.

– Olha, eu entendo, tudo bem... o negócio do sexo. E eu estarei lá por você quando você precisar de sexo, até que você encontre outro cara que não possa dar choque até a morte.

– Vai se foder, Creed. Foda-se você se você realmente acha que é por isso que eu estou contigo. – Ela deu uma respiração irregular, e quando ela falou novamente, sua voz havia amolecido. – Você é muito mais para mim do que um orgasmo.

Creed não disse nada, parece que talvez, entre o estresse e a turbulência, ele poderia vomitar a qualquer segundo. – Então é isso... o fim? Eu não tenho direito a dizer nada? – ela exigiu.

– Você já teve a sua opinião. É por essa razão que eu estou terminando as coisas. É o melhor, para nós dois.

Ela abriu a boca para dizer algo, e terminou saindo de assalto para o banheiro... o único lugar privado no avião. Creed pensou em ir atrás dela, mas o corpo dele estava devastado pela dor, pelo pesar e pela culpa, e ele estava com medo de que ele perderia a sua determinação se ele tentasse confortá-la.

Kat esfregou seus ombros, a preocupação dela por ele saindo alto e claro.

– Estou bem, Kat, – ele disse cansado, apesar de que os dois sabiam que isso era uma completa mentira.

Engula tudo. Concentre-se. Um agente não deixa que nada fique no caminho de sua missão.

No entanto, havia tanta coisa no caminho.

Mas Creed disse a si mesmo que isso não seria tão ruim, que as coisas ficariam do jeito que elas eram antes.

Você e eu, Creed, Kat sussurrou.

– Sim, você e eu, Kat, e você não está aqui por escolha própria também. – ele murmurou. Se não tivesse sido pelo Oz lançar o feitiço e

chamado a Kat para o Creed, Kat poderia ter cruzado para o outro lado. Ter sido feliz. E quando ele pensava dessa maneira, o deixava mais triste do que nunca.

Mas algo estava deixando Kat inquieta... Creed a conhecia tão bem quanto ele conhecia a si mesmo, e mesmo assim, ele não conseguia descobrir de onde o desconforto dela estava se originando.

Nesse momento, o avião saltou e sacudiu, indo para cima e para baixo em um movimento nauseante, e não tinha jeito de que este redirecionamento iria acontecer.

Para confirmar, a voz do piloto surgiu nos alto-falantes. – Nós teremos que posar e tentar novamente ir para a Irlanda quando a tempestade passar. Nesse momento, preparem-se para um pouso forçado.

– Merda. – Annika bateu a porta do pequeno banheiro, não olhou para Creed enquanto ela colocava o cinto de segurança. Creed fez o mesmo. Voar nem era a sua coisa favorita, especialmente não neste tempo pesado, e ele apenas se concentrou no fato de que o Wyatt, seu amigo, estava vivo. Algo para celebrar. Algo para se concentrar para fazer ele passar as próximas horas e os próximos dias.

Depois disso, ele tinha que esperar que algo mais pudesse fazer isso por ele.



Annika permaneceu com o cinto de segurança preso por cerca de dez segundos. Ela não conseguia ficar parada e ela não estava nem aí se o maldito avião estivesse pulando como se fosse purpurina em um globo de neve, e, além disso, eles estavam pelo menos a diversos minutos de pousar.

Eu estarei lá por você quando você precisar de sexo, até que você encontre outro cara que você não eletrocute até a morte.

Sério? Ele seriamente pensava que era só isso que ela queria dele? Cara, doía ouvir ele dizendo isso. Doía tanto que ela não sabia como lidar

com isso. Confrontar emoções sozinha havia sido algo que ela nunca teve que fazer. Ela sempre engolia-as implacavelmente e depois as despejava no Dev.

— Volte para o seu assento e coloque o cinto. — Creed gritou... mas, desafiadoramente, ela marchou de volta até ele.

— Não até que você me escute. — Ela colocou suas mãos nos quadris, o que deveria ter sido mais impressionante se ela não tivesse que continuar mudando de um pé para o outro para não cair. — Eu sinto muito que eu coloquei Dev na sua frente. Você tem que acreditar em mim. — Isso soava tão podre, mas ela nunca havia sido boa nas desculpas.

Ele endureceu, como se ele quisesse ficar bravo, mas então, na luz difusa, ela viu o cansaço em seus olhos. — Esse que é o negócio, Annika. Você não precisa sentir muito por ser quem você é. Apesar de eu não poder lidar com isso, como eu posso te culpar pela sua lealdade com o Dev?

— Você pode me culpar porque eu dei a ele o que eu deveria ter dado a você. — Ela ignorou o tapa de uma mão invisível em seu rosto, sem dúvidas era a maneira da Kat dizer que ela concordava. — Eu me senti dividida em duas por tanto tempo, e quando eu tive que seguir por um caminho, eu quase sempre tomava a decisão errada.

— Eu não te forcei a escolher.

— Não, você não o fez. Mas eu estou fazendo esta escolha agora. Eu te escolho, Creed. — Ela jogou a mão para firmar-se na parte traseira do assento, quando uma rajada particularmente ruim da turbulência estremeceu o jato. — Você tem sido tão paciente comigo. Muito mais do que eu mereço. Eu fui cega e burra. Eu não te coloquei em primeiro lugar, e deveria ter feito. Eu farei qualquer coisa para te compensar. Qualquer coisa. Até mesmo se você disser não, eu não vou desistir.

Seu rosto caiu, como se ele estivesse querendo acreditar, mas não pudesse se permitir a fazer isso. — É tarde demais.

— Nunca é tarde demais. — ela disse ferozmente. — Eu te amo. Você é tudo o que eu quero, e eu farei o que for necessário para fazer o nosso relacionamento funcionar. Eu diminuirei as minhas horas de trabalho para passar mais tempo contigo. Eu morarei contigo. Eu...

Um guincho quase perfurou seus tímpanos. Parecia como se punhos estivessem batendo em seu peito e fazendo bater contra o anteparo na frente.

Creed xingou e soltou o seu cinto. — Kat! Pare!

Annika teve que se segurar para não se carregar com um milhão de volts e transformar aquele biscatezinha espectral em uma gosma defumada de ectoplasma. Em vez disso, ela ficou parada, deixou o fantasma a esmagar contra a parede com tanta força, que Annika mal podia respirar.

— Deixe-a ir, Kat. — Creed grunhiu. — Viu, Annika? É por isso que é tarde demais. — O olhar vazio em seus olhos a penetrou como uma bala. — Oz morreu antes que ele pudesse...

Se livrar da Kat.

Era realmente tarde demais. Um ruído agudo cru rasgou sua garganta, ecoando pela cabine sepulcral, que nunca pareceu ser tão espaçosa. — Esperei muito tempo para decidir, não é? — Ela sussurrou, em parte porque a Kat estava estrangulando-a.

Ele não falou isso, mas ela sabia. Isso não era culpa dela. Completamente, totalmente. Ela havia enrolado isso por meses, levando o Creed junto, porque ela não conseguia se decidir, e agora ela havia realmente perdido-o, apesar de ela não ter dúvidas que ele os queria juntos.

— Está acabado, Kat. — Ele soou resignado. Vazio. — Libere a Annika.

A pressão desapareceu, mas Annika permaneceu onde ela estava, caindo agora que a Kat não estava mais segurando-a. Os braços fortes do Creed a içaram contra ele, indo ao redor dela.

— Eu te amo. — ele disse roucamente. — Eu sempre te amarei. — Ela o sentiu vacilar, ela sabia que a Kat havia feito algo com ele, e ele se afastou. Não a olhou nos olhos. — Nós precisamos voltar para os nossos assentos.

– Não. Não, droga. Não vai terminar desse jeito. – Endireitando seus ombros, ela se preparou para o que ela tinha certeza ser o mais estranho e humilhante trabalho de puxar o saco que ela já havia feito. Inferno, a única vez que ela puxou o saco de alguém.

– Quaty, – ela começou, e viu o Creed piscar em surpresa. – Eu sei que você não gosta de mim, e honestamente, o sentimento é bem mútuo. – Essa provavelmente não era a maneira de começar a bajulação, mas Kat não acreditaria em outra coisa. – Mas eu sei que você ama o Creed. E eu sei que você é grande parte de quem ele é. Você também me ajudou a trazê-lo para este avião, então obviamente você quer que ele seja feliz.

Annika pausou. – Ela está ouvindo?

Creed deu um aceno aturdido.

– Ok, bom. – Ela fechou os olhos. Abriu-os e fechou o olhar com o homem que ela amava. – Quaty? Creed precisa de você. Isso nunca mudará. Você o protege. O mantém seguro. Mas pense no quanto mais seguro ele estará se eu estiver por perto. Eu o amo, tanto que dói. Você sabe a sensação disso, não é? Quando nós falamos em nos livrarmos de você, isso te machucou.

– Nós estávamos errados. – Annika disse, olhando ao redor como se talvez ela pudesse pegar um lampejo do fantasma. – Ele precisa de você na vida dele. E eu preciso dele. Eu o quero seguro; eu também quero que ele seja feliz. É isso que você quer também. Eu posso fazer o Creed feliz. Eu sei que eu não fiz um ótimo trabalho até agora...

– Isso não é verdade, – ele disse em um sussurro gutural. – Eu nunca fui mais feliz. Eu odeio estar longe de você. É como...

– Como se parte de você estivesse faltando, – ela terminou, e ele assentiu. Lágrimas surgiram, deixando a visão dela embaçada. – Eu não gosto dessa sensação. Eu odeio. Eu não posso... eu não posso viver assim. Eu não posso viver sem você. Eu não quero viver sem você. – Um soluço enorme estremeceu todo o seu corpo. – Por favor, Quaty. Estou implorando que você o compartilhe.

Deus, se alguém dissesse para ela um ano atrás, que em lágrimas, ela estaria implorando para um fantasma deixá-la fazer parte de um ménage distorcido, Annika teria forçosamente internado essa pessoa em

um hospício. Ela certamente não teria pedido a ninguém ou a nada para dividir qualquer coisa dela. Uma das poucas coisas que a Annika não fazia bem era dividir.

O ar se silenciou. Ficou gelado. Um silêncio fúnebre estava grosso como névoa em volta deles.

– Que tal, Quaty? – O desespero fez a voz da Annika ficar instável. – Você me deixará ficar com o Creed?

De repente, uma buzina de aviso encheu a cabine com guinchos ensurdecedores, as máscaras de oxigênio caíram e a voz do piloto soou pelo interfone. – Se preparem para uma aterrissagem difícil.

Creed agarrou a mão dela e a puxou na direção dos assentos. Ela nunca havia visto ele tão pálido quanto ele estava agora, e ele ficou ainda mais branco quando o jato teve um pouso duro e os fez bater na porta do anteparo. – Merda. – ele disse roucamente. – Obrigado por me arrastar junto.

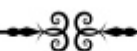
Eles se arrastaram até os assentos mais próximos. – O sarcasmo foi prontamente notificado. – Ele realmente não devia gostar de voar.

A mão dele se apertou na dela, a parando no meio da corrida louca deles para se sentarem. – Eu estava falando sério. Se algo acontece contigo, eu quero estar lá. Nós estamos nisso juntos.

– Oh, Creed. – ela sussurrou. – Mas e quanto à Kat? Qual a resposta dela?

O avião começou a tremer. Um golpe como uma batida de bastão de beisebol se conectou com a parte de trás de nunca de Annika. Dor explodiu em sua cabeça e ela caiu como uma pilha de agonia no chão, o sangue brotando do canto de sua boca.

Parecia que Kat havia dado sua resposta a ela.



— Annika, merda. — Creed correu para o lado dela e a ajudou a se sentar, mesmo enquanto ela resistia sua ajuda. Aparentar fraqueza não era algo que a Annika fazia bem... ou melhor, nem fazia... e ela tentou dispensar a sua preocupação.

— Eu acho que isso é um não. — ela murmurou enquanto o polegar dele gentilmente limpava um pouco do sangue do lábio dela.

— Isso não foi a Kat. — ele disse para ela. — Nós fomos jogados... uma caixa no compartimento de bagagem te pegou de jeito. Você está bem?

— Estou ótima. — Ela o empurrou mas permaneceu ao lado dele, os olhos observando as janelas. — Nós pousamos... onde diabos estamos? — Agente Annika estava no alerta máximo.

Kat também estava ao lado dele, à sua direita, onde ela sempre esteve.

Flanqueado pela duas mulheres em sua vida mais uma vez, e nenhuma delas parecia estar muito contente com ele.

De repente, Annika invadiu a cabine do piloto, e um minuto depois entregou a má notícia para o Creed.

Eles pousaram na porra da Nova Escócia. Annika havia dito poucas e boas para o piloto, mas ele havia estado tão puto quanto qualquer um. Aparentemente, o curso que o avião deveria ter tomado levaria para longe do furacão Lily, mas a tempestade havia causado uma repentina oscilação que os pegou na beirada.

Remy estava trabalhando a sua mágica do tempo, provavelmente.

O piloto calmamente disse para Annika que o jato havia sofrido pouco dano, então agora eles estavam sentados em um miserável asfalto e esperavam os reparos. — Poderia levar horas. — o piloto disse.

Horas. Horas de sentar aqui ao lado da mulher cujo coração ele havia acabado de quebrar, horas de sentir-se como se seu próprio coração fosse explodir para fora de seu peito. Ele permaneceu no chão, enterrando sua cabeça contra seus joelhos e tentou respirar.

Oz teria batido nele por agir desta forma... o Devlin também, sem dúvidas.

A mão fria de Annika acariciou a nuca dele... acalmando, confortando, tudo que ele não merecia. E ela ainda estava aqui. Droga, isso significava algo... isso tinha que mostrar algo a Kat também.

– Você passou por tanta coisa, Creed. Eu sei que você provavelmente ainda está bravo comigo, mas, você pode me deixar te ajudar? Você ainda pode ficar bravo e...

– Eu não estou bravo, Ani. Eu não estou. – Ele ergueu sua cabeça e a puxou até ele para que ele pudesse se aconchegar ao pescoço dela, respirar o aroma único que ele reconheceria no escuro e de quilômetros de distância. – Você chamou a Kat de Quaty. Ela gostou disso.

– É hora de começar a mostrar um pouco de respeito à outra mulher em sua vida. Eu deveria ter feito isso há muito tempo atrás... mas eu não gosto de compartilhar. Agora eu vejo que eu terei que fazê-lo se eu quiser estar contigo. E eu quero estar contigo.

Ele se afastou. – Eu não posso fazer o mesmo com o Devlin... não do jeito que éramos, Ani. Você tem que entender isso. Eu amo o cara e eu o respeito, mas...

– Mas ele não é um fantasma.

– Tudo que eu sei é que quando eu estou contigo, tudo mais desaparece. Eu quero que seja o mesmo com você.

– É, Creed. É a mesma coisa.

– Há ainda tanto para integrar, para lidar. – ele disse suavemente. – Ainda tanto que eu quero saber.

– Sobre o Oz? Ele fez o que ele pensou ser o melhor. – Annika disse para ele. – Eu não gostava do Oz, isso não é segredo. Ele era intenso e sério. Eu acho que com um dom como o dele, ele não foi capaz de ser qualquer um dos dois.

– Comunicar-se com o pior dos piores espíritos era difícil para ele. – Creed admitiu. – Ele não gostava de demonstrar isso, mas estava começando a cobrar demais dele.

– Ele e o Dev sempre tiveram um relacionamento turbulento, e tudo que eu vi foi o Oz ir embora e o Dev magoado.

– Mas talvez não é dessa maneira que realmente era. – Ela sorriu fracamente. – Me mata admitir. Oz nunca realmente te deixou. Ele pode ter te deixado pela Martha e o Dave encontrar, mas ele ficou próximo. Você sempre estava na visão dele.

– Ele era tão pequeno quando ele me deixou lá. Ainda uma criança ele mesmo.

– Oz nunca foi realmente uma criança, Creed. Ele nasceu diferente.

– Eu sei como o Oz cresceu. Eu sabia. Ele me contou sobre o passado dele, a sua infância. Ele apenas deixou de fora uma parte sobre mim. – Ele se virou para Annika e limpou seus olhos com raiva. – Ele poderia ter vindo até a mãe e o pai. Eles teriam entendido.

Annika meramente assentiu.

– Sinto muito, Ani. Eu sei que falar sobre os seus pais podem ser duros contigo...

– Está tudo bem. – Ela suspirou. – Olha, Dev me contou algumas coisas... ele queria que eu as dividisse contigo. – A voz dela era baixa, como se ela não soubesse se mencionar ou não o Dev iria fazer o Creed perder as estribeiras.

– Estou ouvindo. – ele disse no lugar, e ela segurou a mão dele e olhou em seus olhos.

– Dev não sabia há muito tempo sobre o Oz ser o seu irmão, Creed. Não até que o Oz voltou da última vez. Dev disse que era quase como se o Oz soubesse que era hora de parar com os segredos, mas nesse ponto, Dev não percebeu que o Oz conhecia o seu próprio destino, que o Oz sabia que ele tinha que revelar o fato de que ele era o seu irmão antes que ele morresse. E o Oz estava tão preocupado sobre te deixar sem proteção que a decisão que ele tomou no seu leito de morte não foi fácil.

– Você quer dizer a Kat.

– Sim. Ele não fez isso para te amaldiçoar. – Dev disse. – Ele apenas nunca confiou bem.

– Ele confiava no Dev.

– Sim. Ele salvou a vida do Dev, Creed. E ele se certificou para que você crescesse com segurança, com pais que amavam você. Não tire isso dele porque você está bravo. Ele ainda é sua família. Quer dizer, eu não tenho uma família, mas eu sei o bastante agora para entender que há bem legais por aí.

Ele a pegou nos braços antes que ela pudesse se engasgar com um soluço. – Você encontrou uma família, Ani. Você tem eu e os meus pais agora.

– Mas e a Kat? – A voz da Annika estava abafada contra o peito dele, e sim, e quanto a Kat? Ele não havia sentido-a desde que ele pegou Annika em seus braços... ele presumiu que ela estava fazendo o de sempre, dando a eles alguns minutos de privacidade antes que ela viesse com tudo.

Ele a chamou silenciosamente e ela veio quase imediatamente, pairando sobre ele com o aroma familiar de terra que ela sempre trazia consigo.

Você a encontrou, Kat disse.

– Eu sei disso. Você sabe disso. – ele respondeu. – Estou falando com a Kat. – ele falou para Annika quando ela ergueu seu rosto do peito dele.

– Eu sei. – ela disse. – Quer dizer, eu posso ouvi-la.

– O que você quer dizer com ouvi-la? – ele exigiu. Porque até onde ele sabia, as únicas pessoas que já ouviram a Kat além dele haviam sido seus pais e o Oz.

Família. Sempre limitado à família. Seus olhos se encheram de lágrimas e tanto Annika e Kat estavam secando-as.

Era dessa maneira que deveria ser. Você não entende, Creed? Era o seu destino lutar pela mulher que você precisava... e eu tinha que ter certeza que ela fizesse o mesmo por você.

— Eu sempre lutarei por ele, Kat. Mas eu nunca vou brigar com você, não de novo. — Annika sussurrou.

— Você planejou tudo isso... desde o início, você sabia que deixaria a Annika entrar?

Nenhum plano. O universo tem sua própria maneira de fazer as coisas acontecerem. Mas veja como facilmente aquelas outras mulheres fugiram de você.

— Eu ficava longe delas... você tornava tudo muito difícil.

Eu tornava tudo difícil quando você estava com a Annika também. Você apenas estava apaixonado demais para notar. Diga para ela, Creed. É hora.

— Me diga, Creed. Por favor.

— Você tem certeza que está pronta para tudo isso... uma família pronta consistindo em pais caçadores de fantasmas e um fantasma de verdade? E eu?

— Estou pronta. Eu finalmente estou pronta... e é tudo por tua causa.

— Eu finalmente estou pronto, e é tudo por *sua* causa. — ele disse para ela. — Eu te amo, Annika.

O chão do avião começou a tremer. Annika sorriu, seu rosto totalmente aberto. — Eu te amo também, baby. Tanto.

Eu amo vocês dois, irei proteger vocês dois. É a maneira que o Oz queria, Kat sussurrou, e então houve um toque gentil em suas costas. Ele escutou Ani respirar com força e percebeu que Kat estava tocando-a também. Aceitando-a. Aceitando aos dois.

— Nós também te amamos, Kat. — ele sussurrou, enquanto o seu passado e presente se misturavam com uma força que estremeceu o jato inteiro... e a alma dele.

O seu futuro estava à mercê de duas mulheres, uma cuidando de suas costas e uma em seus braços, abraçando-o com tanta força que ele mal podia respirar.

Capítulo 22

Wyatt e Faith fizeram check-in em uma pousada nos arredores de Belfast, uma pequena e isolada mansão, onde ela já havia ficado antes e sabia dos proprietários bem o suficiente para confiar neles para alertá-la no caso de problemas. Depois de se estabelecer em seu quarto, ela e Wyatt foram andar sob o luar, passeando de mãos dadas ao redor do perímetro, fingindo ser recém casados, enquanto mapeavam possíveis rotas de fuga.

ML teve a intuição de incluir uma peruca e maquiagem nas compras que tinha feito para eles, então ela disfarçou o cabelo escuro com uma juba encaracolada loira clara, tinha usado base pálida e rouge para criar uma pele avermelhada. Embora fosse improvável que os raptos de Liberty saberiam onde estava hospedada, Faith não queria ter a chance de alguém a reconhecesse, não queria especialmente sugerir aos bastardos que houvesse alguém com ela.

Depois de jantarem em um pub local, eles voltaram para seu quarto, sentindo-se descansados apesar da viagem. Entre as séries de sexo furioso, os dois conseguiram tirar alguns cochilos no voo.

Faith nunca tinha tido tanto sexo em sua vida. Ela estava um pouco dolorida, mas era uma dor boa, do tipo que a lembrava que com Wyatt ela conheceu o sexo de todas as formas. Por um tempo, ela quase podia fingir que eles eram amantes de férias. Como se fossem pessoas normais que não tinham a vida de outros nas mãos. No pub eles riram e compartilharam histórias de lugares que tinham estado, e quando os músicos tocaram, Wyatt a havia arrastado para a pista de dança.

Embora tivesse mantido instintivamente consciência da situação, sabendo que Wyatt também tinha, ela se permitiu relaxar e divertir pela primeira vez em anos. A caminhada de volta para a pousada com Wyatt

tinha sido o momento mais agradável e tranquilo de sua vida. Eles não tinham falado uma palavra, mas esse incrível e mágico silêncio havia dito mais do que qualquer conversa poderia ter.

A realidade a invadiu, no entanto, quando ela usou o telefone que os raptos de Liberty deram para contactá-los.

A voz masculina tinha enviado um frio em sua espinha. – A reunião terá lugar em quarenta e oito horas. Nós entraremos em contato imediatamente antes, com mais instruções.

O momento era besteira. Queriam que ela achasse que tinha tempo para se preparar. Sem dúvida, eles arrumariam um outro encontro antes disso. Em qualquer caso, teria Liberty em breve, mas talvez teria perdido Wyatt. A menos que... a menos que ela pudesse arranjar algo com ele. Ela teria que testar a maré.

– Diga-me novamente porque a ACRO não quer a máquina do tempo – disse ela, quando ele se serviu de um copo de água do jarro que estava na mesa de cabeceira.

– Nós não queremos arriscar que ela caia nas mãos erradas.

Ela mordeu o lábio, se preparou. – E se você soubesse que ela estaria nas mãos certas?

Ele estava prestes a tomar outro gole, mas ele abaixou a mão e lançou-a um olhar sombrio. – Não existem mãos certas. Por quê?

– Eu só estava pensando que se na ACRO, ou talvez na TAG – os cientistas estudassem essa tecnologia, poderíamos aprender como impedir outras de serem construídas, ou como neutralizar as que já existem.

– Não. Se você está sugerindo o que eu acho que você está...

Ela balançou a cabeça, tentando não deixar sua decepção aparecer. Não havia como ele aceitasse ideias sobre isso, e qualquer conversa a mais seria suspeito. Seu trabalho agora era salvar sua irmã e depois levar a placa-mãe para os cientistas da TAG para estudá-la e seus sentimentos por Wyatt não poderiam ficar no caminho, não importava o quanto doesse.

E Doíam. Muito.

– Foi apenas uma idéia – disse ela com um encolher de ombros.
– O que vocês Yanks dizem? Grande 'Não'?

Ele sorriu. – Os adolescentes diziam. Cinco anos atrás, talvez.

– Sim, bem, às vezes leva um tempo para americanismos saírem de nós.

Ele a beijou na testa e pediu licença para ir ao banheiro no corredor. Rapidamente, ela aproveitou o momento privado para entrar em contato com sua agência. Discou, agradecendo a Deus que Paula respondeu ao primeiro toque.

– Faith! É um tempo bem sangrento para você nos contactar. Onde está você? Deram-lhe o...

– Eu não tenho tempo – Faith interrompeu. – Eu estou em Belfast. A troca ocorrerá no prazo de quarenta e oito horas. Eu estou supondo que seja muito mais cedo.

– Onde?

– Desconheço. Eles vão ligar com as instruções. Eu preciso de você para reunir uma equipe e uma estação nas proximidades para que você possa estar no local quando eles chamarem.

– Eles estarão esperando isso.

– Eu sei. E eu não posso me arriscar a estragar a missão, então você vai me dar cobertura. Ligo de volta. E alerte a Hatter Brigade também.

– Feito. Você sabe quem são esses bastardos?

Faith esfregou os olhos, de repente sentindo o cansaço do voo. – Eu suspeito que a ILF.

– Jesus. Será que eles não tem relações com Itor?

— Sim. Poderíamos estar diante dos desertores de Itor, ou agentes livres que querem um pedaço da ação da máquina do tempo.

Paula amaldiçoou. — Eu não gosto disso. Não gosto que você esteja nisso sozinha.

— Eu já estive em situações piores. — Faith hesitou, e então deixou escapar: — Tenho ajuda, em qualquer caso. Um agente da ACRO.

Houve silêncio durante uma batida de coração, e então um grito — Você está louca? Você acha que este agente ACRO só vai deixar você ir embora com a placa-mãe?

— Com quem você está falando?

Faith pulou, girou para a porta, onde Wyatt estava observando com olhos cobertos, ombro apoiado contra a ombreira da porta e os braços cruzados sobre o peito largo, como se ele não tivesse nenhuma preocupação em sua mente.

Faith sabia melhor. E merda, como é que ela deixou que ele pegasse ela assim?

Ela falou rapidamente ao telefone, mantendo um olho em Wyatt. — Eu tenho que ir. Vou telefonar-lhe mais tarde. — Ela desligou. — Eu estava conversando com minha agência — disse ela. — Estamos em meu território agora. Você tem os seus recursos, eu tenho os meus.

— Qual é a hatter brigade?

— Equipe de limpeza. — Não era uma mentira, exatamente, mas não era a verdade. Na batalha contra os raptos de Liberty, ela e Wyatt poderiam ter que lidar com pessoas com poderes especiais, e a hatter, como em "Mad Hatter"- era a brigada especializada em lidar com as pessoas com habilidades especiais.

Eles também continham instalações com as quais Wyatt tinha muita experiência, e ela definitivamente não queria assustá-lo.

— Diga-me o que está acontecendo, Faith. Se eu estou indo para a batalha, eu mereço saber tudo. Eu estou disposto a confiar em você, mas eu não sei da sua agência, e eu não vou colocar uma de nossas vidas, ou

a placa-mae, nas mãos de pessoas que não conheço.

– Como eu fiz com o ML? – Ela perguntou em voz baixa.

– Você não tinha muita escolha.

– E você?

– Eu poderia ter o apoio total da ACRO e uma dúzia de agentes no terreno em questão de horas. Então, sim, eu tenho uma escolha.

– Você está me ameaçando?

Wyatt bufou. – Estou expondo minha garganta, Faith. Eu estou lhe dizendo como eu posso lidar com isso, e estou lhe pedindo para me jogar um osso e me dar uma razão para não me sentir como um idiota por ir contra cada instinto que está gritando dentro de mim.

Ele estava certo. Se a situação se invertesse, ela estaria pedindo a mesma coisa. Mas ela não podia dizer-lhe que pretendia manter a placa-mae. Ele a tinha parado, e ela teve o pressentimento de que ele faria o que fosse preciso.

– Minha equipe estará a postos. Vão estar perto, mas não vão interferir, a menos que seja necessário. Eu não posso arriscar que sejam vistos e comprometer a missão. É por isso que eu não quero que você traga a ACRO nisto. Coordenar a minha agência e a sua enquanto tentamos lidar com as pessoas que detêm Liberty pode acabar em desastre.

– Quando você iria me dizer que a sua agência estava vindo para ajudar?

– Estou dizendo a você agora. Você expôs sua garganta. Estou expondo a minha. – Sua mão subiu para acariciar a garganta. – De novo.

Ele cruzou o espaço entre eles em três passos, pegou o rosto dela em suas grandes mãos e a beijou sem fôlego. Quando finalmente quebrou o beijo, ela descobriu que havia cedido contra ele, precisando dele para apoiar seus joelhos vacilantes.

– Para que foi isso? – Ela sussurrou.

— Porque eu não quero brincar de agente secreto agora. Eu quero brincar de recém-casados que não acreditam que o mundo fora do quarto exista.

Lágrimas brotaram em seus olhos. — Isso soa maravilhoso.

Ele girou o dedo em um dos cachos de sua peruca. — Quando isso acabar, e quando essa maldita placa-mãe estiver em pedaços, nós não teremos que fingir ser um casal. Nós vamos ser um de verdade.

O coração dela deslizou em uma batida tão rápida, que ela sentiu uma queimação no peito. Isso deixou marcas em sua alma.

Eles não poderiam ser um casal de verdade. Nunca. Porque a placa-mãe não seria destruída, pelo menos, não até que a TAG tenha estudado o inferno pra fora dela. E uma vez que Wyatt percebesse que ela nunca tinha tido a intenção de destruí-la, a única coisa real entre eles seria o ódio.



Tinham se passado oito horas desde que Remy e Haley haviam chegado ao hotel. Oito horas de agonia para Remy. Ele tropeçou fora do pátio apenas uma vez para ir ao banheiro e comer, e Haley havia perdido a conta do número de vezes que eles tiveram relações sexuais. Remy estava exausto, andando no pátio como um animal enjaulado enquanto se concentrava na tempestade.

Que continuava em fúria.

Ele tentou recuá-lo, mas o monstruoso furacão não tinha enfraquecido, e não tinha recuado. Nesse ritmo, ele teria Remy caído e queimado muito antes que se estinguísse.

Haley tinha que fazer algo, e ela tinha que fazer isso rápido.

Ela abriu a porta de vidro deslizante e foi imediatamente bombardeada pela chuva. — Remy. Vem para dentro. Você precisa de uma pausa.

— Não. — Sua voz soava como se tivesse sido raspada em um

ralador de queijo. – Quando eu fui para dentro comer, ela chegou mais perto.

Ele estava certo. Com sua concentração quebrada, a tempestade tinha se lançado para o oeste como se tivesse deixado de fora uma brecha, trazendo um furacão de categoria 2 para o litoral. Haley nunca tinha visto uma tempestade se mover tão rápido.

– Você não pode continuar assim.

– Eu tenho que...

Homem teimoso. Ele certamente não havia mudado no último ano.

– Droga, Remy. Venha aqui. Apenas por uma hora.

Segurando o trilho, ele rugiu para a tempestade. Ignorando-a.

Haley murmurou palavrões em voz baixa e bateu a porta. Ela o conhecia, sabia que não ia parar até que ele ou a tempestade se desfizessem. O telefone tocou, e uma rápida olhada em seu relógio lhe disse que era Dev. Bem na hora.

– Nenhuma mudança, Dev – disse ela para dentro do celular.

– Como Remy está segurando?

– Ele não esta.

Houve uma longa pausa. – Haley? O que você está dizendo?

Ela não podia ajudá-lo. Lágrimas brotaram de seus olhos. – Isso pode ser grande demais para ele.

– Tire-o de lá – Dev rugiu. – Agora. Há oito horas que ele está lá fora controlando a tempestade, salvando vidas. Eu não vou arriscar a dele. Eu não vou perder mais nenhuma pessoa.

Alguém mais? Havia uma história lá, ela não tinha certeza se queria saber. – Remy não vai escutar.

– Esta é uma ordem, Haley. Entregue a ele o telefone maldito.

Sabendo que Dev estava pedindo por algo que não ia acontecer, ela abriu a porta e forçou o telefone na mão de Remy. Ele escutou por um momento. Em seguida, soltou o telefone na escuridão.

—Haley — respondeu asperamente. —Eu vou precisar de você outra vez. Em breve. — Ele estremeceu. — Ela está realmente irritada...

Lily estava levando-o para baixo, lentamente. Deixando parte de suas paredes desmoronadas.

—É isso—ela sussurrou. —É isso aí! Remy, espere.

Haley correu para dentro. Utilizando das mais recentes imagens, projeções e observações, ela triturava números. Em seguida, usando telefone celular de Remy, ela fez uma chamada para NOAA. Até o momento que tinha sido feita, a esperança tinha se tornado vertiginosa. Depois de uma rápida visita ao banheiro, ela estava pronta.

Ela abriu a porta. — Você pode parar agora.

— Nós já passamos por isso, Haley.

– Ouça-me você, grande bufão !

Ele se virou para ela, punhos cerrados, dentes à mostra, nu e molhado e tão completamente excitado, que ela quase desmaiou, apesar das dezenas de orgasmos que ela já havia tido. — Eu. Não. Vou. Parar.

– Eu tenho um plano. Olha, se você parar, descansar um pouco, deixando a cabeça de Lily desta forma, você pode recuperar suas forças.

– Ela ergueu a mão quando ele abriu a boca para argumentar. – Os furacões têm o que é chamado de ciclo de substituição da parede do olho. Basicamente, a parede interna é estrangulada pela exterior...

— Haley... — A advertência em sua voz disse-lhe o quão perto da
borda ele estava.

— Estou chegando ao ponto. — Ela bufou e continuou. — O furacão enfraquece durante esta fase, mas uma vez que o ciclo está completo, o furacão vai fortalecer, poderia muito bem ser ainda mais forte do que antes. Mas se você descansar, esperar até que Lily atinja seu ponto mais fraco e, em seguida atacá-la quando você está no seu mais forte, poderia ser capaz de submetê-la. Isso já começou.

Relâmpagos se agitaram em algum lugar no fundo dos seus olhos, e ela sabia que ele ia recusar. Ele estava trancado em seu próprio ciclo, um vórtice de batalha e fúria, ele não iria recuar. Como o militar que ele era, ele identificou o inimigo, cercando e não cedendo até que um deles tenha vencido.

– Eu não posso deixá-la se aproximar.

– Remy. Ouça o que estou dizendo. Temos uma chance de enfraquecer a tempestade. Ela ainda vai nos atingir, mas ela vai ser um furacão mínimo. Talvez nada mais do que uma tempestade tropical.

– Você não sabe disso. Se eu continuar detendo-a.

– Você vai queimar, caramba. – Seu temperamento queimado em sua teimosia. – E onde isso vai nos deixar?

– Eu vou manter essa cadela longe da costa, Haley. Eu vou mantê-la longe de você. Eu vou mantê-la segura.

Ela engoliu o nó na garganta, sabia que tinha que desempenhar o seu às. – Eu sei que você está disposto a arriscar a sua vida, assim como eu estou disposta a arriscar a minha. Mas nós temos uma outra vida a considerar agora.

Ele piscou. – O quê?

– Estou grávida, Remy. – Ela estendeu a mão, pelo instante que ele estava ali, a chuva e o vento o varria. Ela sabia que o momento havia passado, porque de repente, o ar se acalmou em torno deles. Sem chuva. Nenhum vento. Mesmo o trovão tornou-se distante e desligado.

– Você tem certeza?

Ela sorriu. – Sim.

De repente, ela encontrou a si mesma nos braços dele enquanto giravam em círculos. Quando ele a colocou no chão, a adoração em sua expressão fez seu coração queimar. Ela nunca, nunca duvidou do seu amor por ela.

– Agora que tenho sua atenção – disse ela, – vem para dentro. –

Ela tomou sua mão e levou-o a seu equipamento, onde o ciclo mais recente de satélite mostrava um distúrbio distinto na parede do olho de Lyly. — Olhe para isso. Está começando. Vamos esperar até que ele se enfraqueça, e então você vai explodi-la.

— E se eu não puder? — Ele rosnou, e ela viu que o brilho tenaz em seus olhos começava a piscar novamente.

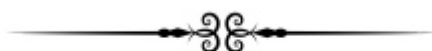
— O olho de Lily ainda está a cento e cinqüenta milhas daqui. Se o seu esforço para enfraquecê-la falhar, temos muito tempo para evacuar.

— Babe, já estamos vendo a potência desse furacão. Sair daqui não vai ser fácil.

— Nós podemos fazer isso.

Um clarão iluminou o quarto, seguido imediatamente pelo ruído ensurdecedor de um trovão. O poder piscava. Eles estavam correndo contra o tempo agora. Remy passou o braço em volta da cintura dela e puxou-a para ele, mais suavemente do que ela teria esperado, dado o tempo atual.

— Vamos fazer isso do seu jeito — ele disse roucamente, sua ereção empurrando sua barriga — mas eu não acho que o resto vai ser uma possibilidade real.



A chamada dos raptos de Liberty chegou às seis da manhã. Apenas oito horas após a conversa deles com Faith.

— Isso não foi o nosso acordo. — Faith resmungou ao telefone, porque é isso que eles esperavam. Ela saiu da cama, onde tinha feito o seu melhor seduzindo Wyatt depois de acordá-lo com sua boca, e saiu nua até a janela do quarto.

— Mudança de planos. — A voz masculina, grossa e tingida com um sotaque irlandês, soava como metal, parecendo como se ele estivesse exposto ao vento. — Vou enviar mensagens de texto com as coordenadas para seu celular. Você vai chegar, sozinha, às 9:00.

Faith varreu as delicadas cortinas e olhou para o jardim bem cuidado. — Eu quero uma prova que Liberty está viva, ou isso não vai acontecer.

— Nós vamos enviar o vídeo.

— Eu quero que ela me diga qual brinquedo ela me deu antes de ser levada.

— Basta estar nas coordenadas à tempo. Se avistar qualquer amigo seu, sua irmã morre. Não tente nada fofo, Srta. Black.

Faith desligou o celular apertando o dedo tão duro no botão "End" que ela ouviu um crunch. As mãos de Wyatt caíram sobre seus ombros, massageando com firmeza, mas os nós em seus músculos pareciam se tornar permanentes.

— Você está bem?

Balançando a cabeça, ela deixou as cortinas se fecharem. — Nós temos que sair. Agora.

Ele não se importou sobre como os bastardos haviam adiantado a data. Ele esperava isso, estava ok. Em vez disso, ele se moveu rapidamente, pegou a mochila e os pertences embalados que eles não tiveram tempo de descompactar. — Eles estão tentando nos abalar.

Ela tomou uma respiração instável. — Está acontecendo.

Sua cabeça chicoteava, e ele a manteve com a confiança de seu olhar fixo do tipo 'a merda que esse raptoreiro vão levá-la', que funcionou, apesar de sua completa nudez. — Nós vamos pegá-la, Faith, eu não vou deixar nada acontecer com qualquer uma de vocês.

A culpa a chocou com mais eficiência do que o garrote de Marco havia feito. Ela fez um som abafado e levou seu olhar para longe antes que fizesse algo estúpido e emocional, como chorar.

Ou decidir destruir a placa-mãe uma vez que Liberty estivesse a salvo.

Ela não podia desistir agora. Estudar a tecnologia da placa-mãe poderia salvar vidas. A memória de seus pais, esmagados e quase

irreconhecíveis, fortaleceu sua resolução. Talvez a construção de uma máquina própria não fosse uma ótima idéia, mas os cientistas da TAG poderiam ser capazes de usar o conhecimento adquirido a partir da placa-mãe para impedir as máquinas futuras de provocarem estragos.

O telefone buzinou, e a tela se iluminou com um vídeo entrecortado granulado de Liberty, com o rosto inchado e machucado. — Você ainda tem o Sr. Wiggums ? — Perguntou ela. — Eu o deixei com você quando mamãe e papai me mandaram embora. Eu não posso esperar para te ver, Faithie.

A tela ficou preta. Faith fechou os olhos. Respirou. Respirou um pouco mais, e desejava que o ar não parece ser tão pobre em oxigênio. Desejou que a garganta não estivesse arranhada, como se ela tivesse gritado.

— Vou tomar um banho. — A voz de Wyatt foi o bálsamo que precisava, e ela balançou a cabeça.

— Nós vamos ter que fazer isso rápido. Então vamos pegar alguns mapas e você pode estudar o layout enquanto eu dirijo.

Quinze minutos depois, eles entraram em seu Renault alugado dirigindo para a costa de North Antrim. O tráfego era leve, o clima cooperava, e dentro de duas horas eles chegaram em uma bela e selvagem parte do North Ireland que Faith havia visitado duas vezes em suas férias.

Os raptos de Liberty sabiam o que estavam fazendo, era início de outubro, e o Castelo de Dunluce estava fechado ao público às segundas-feiras, então as testemunhas e o tráfego seriam limitados. Sem dúvida os atiradores estariam estacionados entre as escarpas e as rochas. Quantos seriam eles era a questão.

Ela e Wyatt vestiram ambos uniformes pretos — ML veio a calhar mais uma vez. — e ela chamou Paula, uma vez que já estavam na estrada. Sua equipe TAG estava a caminho de Belfast, e apesar da rapidez da chamada para o encontro, eles anteciparam a chegada em tempo hábil. Eles iriam dar cobertura, assistir a uma distância discreta.

Um quilômetro a partir do ponto de encontro, Faith desviou para uma estrada lateral, posicionando o carro atrás de uma cerca. Wyatt agarrou seu braço, os dedos fortes gentilmente a levaram até ele. — Isto

irá funcionar, Faith. Eu vou estar nas suas costas.

Sua garganta parecia que tinha sido raspada com uma lixa. – Eu não mereço você.

Um sorriso presunçoso e uma piscada sensual fez seu pulso correr. – Eu sou completamente cativante.

– Pare – ela resmungou.

– Parar o quê?

– De ser tão malditamente... insuportável. – Ela não quis dizer isso, e ele sabia. Sabia com muita certeza, tanto que ele levou sua boca sobre a dela e beijou-a como tinha que ser feito. Beijou-a como se estivessem dizendo Olá e Adeus, como se ele soubesse que as coisas nunca mais seriam a mesma para eles depois desta noite.

Ele achava que as coisas seriam melhores.

Praticamente hiperventilando, ela rompeu o beijo e se retirou do veículo. Ele a encontrou em sua porta, suas mãos deslizando firmemente pelos braços dela, seu cabelo escuro agitando-se na brisa salgada do mar. – Nós vamos passar por isso.

– Nós... Nós vamos passar por isso.

Ela amaldiçoou sobre a respiração. – Eu sei.

– Então vamos lá. – Como se um interruptor tivesse sido ligado, ele entrou em seu estado de operação, passando de amante sensível para agente letal perante o olhar dela. Magnífico. Desejo, tão quente quanto o fogo a percorreu, e ao inferno se ela ficou molhada ali mesmo.

Isso era absurdamente inapropriado.

Foi com satisfação sombria que ela o viu desaparecer como quando eles haviam discutido na unidade, para os penhascos e falésias que definiam o litoral. Depois que ele desapareceu, tornando-se uma fodida sombra, isso era o mais perto que ela conseguia descrevê-lo, ela dirigiu pela distância restante para o ponto de encontro, estacionando ao lado da estrada perto das falésias. Ela não viu ninguém, mas também, essas pessoas não estariam ali com uma seta pendurada no pescoço.

Ela se perguntou como Wyatt estava se saindo, perguntou se sua equipe estava perto, perguntou se deveria ter considerado com mais seriedade as questões que Wyatt lhe perguntou, às suas costas na casa do ML.

Como você sabe que a Liberty não está em todo este esquema?

Ela assistiu a um falcão peregrino soar sobre sua cabeça, e uma vez que o pássaro majestoso desapareceu na distância, ela segurou a bolsa contendo a placa-mãe ao seu lado e começou a subir a trilha rochosa que conduzia a um platô gramado. Ela não se incomodou em ser cuidadosa, quanto mais atenção ela chamasse para si mesma, menos estaria centrada em Wyatt ou sua equipe.

Quando ela chegou no topo da subida, se encontrava em uma extensão plana de grama verde esmeralda. Logo abaixo a queda das ondas contra as falésias abafava o som de sua pulsação.

– Aqui é longe o bastante Faith!

Ela chegou a um impasse, convocou o poder que cantarolava dentro dela, pronto para ser usado em qualquer instante. O sol era uma bola brilhante no horizonte, lançando luz ofuscante sobre dois homens e uma mulher saídos de trás de algumas ruínas de pedra que revestiam o trecho de terra. Um brilho capturado em sua visão periférica fez os minúsculos e pêlos nos braços se levantaram. Ela não precisava tirar os olhos das pessoas que se aproximam para saber que ela estava na mira.

O homem parou, mas a mulher continuou andando. A cada passo o coração de Faith batia mais rápido. Cabelo escuro contornava o rosto estreito da mulher, e olhos escuros pousaram em Faith.

Liberty.

A respiração de Faith explodiu de seus pulmões. Ela nem sabia que estava segurando. Ela deu um passo.

– Pare! – Um dos homens, vestido com folgadas calças brancas de abotoar, fez um gesto para ela ficar onde estava. Ela reconheceu a voz dele como sendo do homem que tinha sido seu contato. – O que eu disse sobre vir sozinha, Srta. Black?

De uma escada perto das ruínas, Wyatt emergiu, com as mãos sobre a cabeça em sinal de rendição. Um homem com um rifle o arrebatou em direção à grama.

Exatamente do jeito que ela e Wyatt haviam planejado.

A configuração do terreno e do nascer do sol não teria permitido que ele se esgueirasse despercebido pelo local, mas desta forma, ele ganhou um convite para a festa. Sem dúvida, eles arrancaram suas armas, mas isso também fazia parte do plano.

Wyatt era mais letal sem elas.

Faith levantou uma sobrancelha para o cara de camisa branca, que ela assumiu ser o líder da operação. — Você sabe como este jogo é jogado. Você me manda vir sozinha. Eu tenho que trazer meus amigos. É uma tradição, de sorte.

—Chega! —o homem cuspiu. — Vamos fazer a troca. — Ele apontou para o homem que guardava Wyatt. — O observe. Se ele piscar, mate-o.

Faith quase riu. Esses idiotas não tinha idéia de com quem eles estavam lidando. Wyatt iria trazer pedras sobre suas cabeças.

Na cabeça dela também, uma vez que ele percebesse que ela não estava se desfazendo da placa-mãe.

Empurrando de lado a culpa que torceu seu intestino, ela gritou para o camisa branca: — O que agora?

— Dê à Liberty a placa-mãe.

— E então?

— Ela vai deixá-la no chão, e vocês irão caminhar para longe.

Faith não gostou disso, mas tinha pouca escolha. Ela caminhou para frente, vendo a mulher que o Camisa Branca alegou ser Liberty. Há dois metros de distância, Faith se deteu. A outra mulher parou.

— Faithie? Sou realmente eu.

– Eu sei. – Com um soluço de alívio, ela se jogou em Liberty, e elas se uniram em um abraço tão esperado.

Liberty não cheirava a como ela costumava, como o doce de alcaçuz no qual ela sempre se lambuzava. Seu cabelo era mais grosso. Seu corpo mais forte. O abraço foi duro, estranho.

Com uma pontada, Faith percebeu que Liberty era uma estranha.

Claro que ela era, você sabe. Em algum lugar lá no fundo, Faith havia pensado que elas se encontrariam e tudo seria como era antes de serem separadas. Ela deixou-se acreditar que alguma conexão mística de gêmeos iria renovar seu laço de sangue e nascimento.

Decepção e tristeza borbulhavam em sua garganta. Faith teve de engolir várias vezes para não chorar.

– Isso tudo é fodidamente tocante, mas vamos começar com isso.
– Camisa Branca chamou, e Liberty se afastou, parecendo profundamente afetada pelo reencontro.

– Se você entregar a placa-mãe, nós podemos sair daqui. – Liberty disse.

– Sim, claro. – Soaram alarmes internos, mas Faith não teve escolha a não ser obedecer. Cuidadosamente, ela retirou o dispositivo eletrônico da bolsa e entregou para sua irmã.

Com o coração batendo forte, ela assistiu Liberty andar alguns metros, colocar a placa-mãe no chão, e, em seguida, caminhar de volta para Faith. – Nós estamos livres para ir. – Liberty disse. – Sugiro que se apresse, antes que mudem de ideia.

Faith olhou para o chão enquanto se moviam em direção ao caminho que ela tinha tomado para subir no penhasco. – Quando chegarmos no caminho, eu vou precisar que você corra – ela murmurou.
– Eu não vou deixá-los fugir com isso.

– A luta não será necessária, Faith querida. – Faith engasgou com o toque do cano de uma arma contra sua espinha. – Sinto muito, mas não posso deixar você ir.

Lentamente, Faith levantou as mãos e se virou para a irmã, que retrocedeu e apoiou a pistola no peito de Faith.

Como você sabe se Liberty não está em todo este esquema?

A pele de Faith se retraiu. Negação violou seus lábios em um sonoro não, mas morreu em face de uma prova que ela não poderia negar. Wyatt estava certo o tempo todo, e graças a ele, ela se preparou mentalmente, mesmo enquanto ela tinha esperanças.

– Você está trabalhando com eles.

– Eu cresci com eles. Honestamente, eu não me lembro muito sobre você ou nossos pais.

Como poderia ela não se lembrar dos seus pais, quando todos os detalhes sobre eles e Liberty estavam marcados no cérebro de Faith? – Então, você realmente estava nisso.

– Desde o início.

Faith mal continha a sua raiva quando ela rosnou para fora. – Sua puta.

– Eu sabia que você não entenderia.

– Esta não é a saída, Liberty. Matar pessoas para conseguir o que quer.

– É lamentável. – Liberty quebrou. – Mas nós somos forçados a agir. Com este dispositivo, podemos levar o governo Inglês aos nossos joelhos rapidamente. De forma eficiente. – Ela fez um gesto com a arma. – Você não vê que em última análise mais vidas serão poupadas?

– Você não é melhor do que Itor. – Faith disse suavemente. – Você tem alguma idéia do que aconteceu com nossos pais? Como eles morreram? Eu passei minha vida inteira tentando encontrar uma maneira de impedir que isso voltasse a acontecer. E você não tem problemas fazendo isso? Matando famílias inteiras?

– É para o bem maior. – Liberty fez um gesto para o de camisa branca. – Leve-a. Mate o homem que veio com ela.

Raiva cauterizou em cinzas qualquer sentimento que Faith pudesse ter para Liberty. — Foda-se você.

Ela pulou, arrancando com uma série de movimentos de combate para desarmar a irmã e lhe quebrar algumas costelas.

Faith havia treinado com as Forças de Defesa de Israel, tinha aprendido significativamente devastadoras técnicas de Krav Maga para neutralizar rapidamente o oponente, e se alguma vez ela precisou incapacitar alguém perigoso, era agora.

Honra o inferno, isto era sobre sobrevivência.

Batalha explodiu ao seu redor. As armas saíram das mãos, caindo sobre o penhasco. Gritos de dor quebraram o ar, pontuados pelo ruído surdo dos corpos que atingiram as pedras quando Wyatt entrou em uma agitação.

Liberty caiu no chão, evitando por pouco um chute de Faith. Uma bala passou raspando próximo à cabeça de Faith, separando seu cabelo. Ela girou, disparou dois tiros com a arma de Liberty e levou o atirador ao chão.

Liberty jogou a mão, a mesma coisa que ela costumava fazer na infância, quando ela usava seus poderes. Faith lembrou desse sinal muito tarde. Ela suspirou quando seus pulmões se amassaram em uma bola dentro do peito.

Liberty rosnou, com foco em Faith enquanto a agarrava pela garganta, rasgando sua gargantilha de rendas.

— Eu não queria machucá-la. — Liberty, disse. — Mas você não está me dando outra escolha.

Em torno deles, ressoavam os sons da batalha. Wyatt estava travando bem a sua própria, mas os dois foram superados em números. Faith se deu conta de seu próprio poder, olhando através da aura de Liberty como se fosse manteiga. Ela não esperava por isso, mas ela não estava prestes a questionar a facilidade com que penetrou as defesas de sua gêmea.

A sensação de aperto no peito de Faith cresceu mais. Ofegante, ela reteu uma parte de seu poder, um talento que tinha tomado anos para

ser levado à perfeição. Metade da energia dela foi enviada para o interior de Liberty, pinçando sua medula espinhal. A outra metade formou um punho virtual e socou sua irmã para o chão. A pressão no peito de Faith se esvaiu quando Liberty perdeu a consciência.

Com a traqueia latejando, Faith sugou o ar com tanta força que ela ficou com a cabeça leve.

Um tiro ecoou. Sentindo sangue, Faith olhou ao redor. Aparentemente ileso, Wyatt estava manipulando aos homens como se fossem brinquedos, tanto com as mãos e quanto com sua mente. Como se sentisse os seus olhos sobre ele, torceu a cintura para olhar para ela. O sangue se drenou de seu rosto.

— Faith! — Seu grito era de medo e fúria.

Ela deu um passo em direção a ele. O chão sob seus pés pareciam ceder, e ela cambaleou, caiu sobre um joelho. Confusa, ela olhou para a mancha de umidade em sua camisa. A mesma sensação de sangue vazando, agonia latejava através dela. Cerrando os dentes, ela se dobrou, o ventre em cólicas. Pelo canto do olho, ela viu um rifle mirado para ela. Seu poder estava ali, pronto para ser usado, mas ela não conseguia penetrar a aura do atirador rápido o suficiente.

Wyatt rugiu de raiva, sua expressão com a promessa de dor. Os olhos se viraram para o atirador. Ele largou a arma, Wyatt agarrou sua garganta. Faith observou Wyatt, dobrando os olhos que brilhavam com poder. O homem tornou-se azul e seco.

O campo ficou em silêncio, exceto pelo som das elaboradas respirações de Faith. Wyatt correu para ela.

—Babe? — Ele puxou a mão dela de seu ventre, a camisa destruída. Ela não podia olhar. —Ei, não é tão ruim assim— disse ele, substituindo-lhe a mão e segurando forte sobre o buraco de bala.

— Mentiroso—ela gemeu, e depois sorriu com a visão do chefe da missão da TAG, vindo atrás de Wyatt. Perto dali, havia um outro agente TAG que assegurava que Liberty continuasse inconsciente.

— Cai fora, mate. — Gabe se ajoelhou ao lado de Wyatt, que parecia querer arrancar os braços de Gabe.

Faith tossiu, provando sangue quando ela falou com Wyatt. — Ele é um dos meus.

A voz de Wyatt latejava com aviso. — Ela precisa chegar rápido a um hospital.

— Nós vamos lidar com isso.

— Está tudo bem, Wyatt. — Ela mordeu o lábio para abafar um grito de dor quando Gabe sondou sua ferida. Wyatt ainda parecia que queria arrancar braços do outro homem com os dentes.

Wyatt hesitou. Seus olhos se estreitaram, a mensagem neles indiscutível. Machuque-a e morra.

— Ela vai ficar bem — Gabe prometeu e, finalmente, Wyatt deu um aceno cortado com a cabeça.

No momento em que ele se afastou, ela cedeu à dor se enrolou em posição fetal. Deus, isso machuca. Através da náusea e agonia, ela olhou para Wyatt ... onde estava ele?

Oh, Jesus, a placa-mãe.

— Não. — ela resmungou, mas a coisa foi arremessada para cima, voou direto para as mãos dele. — Wyatt.

Ele estava indo destruí-la.

— Já é hora, Faith.

—Você não pode... Eu não vou deixar você. —Entre a dor e as lembranças de seus pais, que Liberty tinha tão facilmente colocado de lado, Faith não considerou as conseqüências. Isso era sobre o que havia sido toda a missão. Salvar sua irmã e pegar a placa-mãe para o Grupo Aquarius, de modo que a morte de seus pais pudesse significar alguma coisa.

Ela falhou no primeiro, mas não falharia no segundo.

Seu corpo tremia, era como se cada espasmo muscular a tivesse atingido em nível celular. Ela estava à beira de perder a consciência, mas ela chamou o resto de suas forças para usar seu poder em Wyatt. Os

olhos dele se arregalaram, ele piscou para ela com uma combinação de surpresa e decepção quando ela cortou a circulação que chegava ao cérebro dele.

— Faith... Ah, Jesus... Não... — Ele caiu no chão, ainda segurando a placa-mãe. O brilho âmbar de seus olhos sinalizava o poder e ela se preparou para uma revanche.

Isso nunca veio. Wyatt caiu e ela sabia que ele poderia tê-la machucado naquele pequeno instante antes de desmaiar, mas ele não o fez.

Soluçando com uma combinação de culpa, dor e miséria, Faith agarrou a mão de Gabe quando Paula se aproximou, as mãos emitindo sinais aos agentes para assegurar aos inimigos — e Wyatt. — Liberty... perigo. Leve-a para... Hill... Hill...

— Hill Heritage?

— Sim. — O hospital psiquiátrico perto da sede da TAG foi o mesmo onde Faith e Liberty haviam sido levadas quando crianças, um lugar onde se especializaram em cuidar de pessoas que continham habilidades especiais. Faith esperava que Liberty pudesse ser reabilitada, mas a realidade tinha chutado sua bunda, e ela nunca mais se deixaria acreditar em felizes para sempre no que se tratava de sua irmã.

Ou Wyatt.

— Wyatt. Telecinético. Mande-o ... — Casa. Para ACRO. Mas ela não conseguia articular as palavras. O mundo tinha ficado escuro, e ela não podia ouvir mais.

Ela estava sangrando. Corpo e coração.

Capítulo 23

Quando Remy se juntou à ACRO, ele pensou ter finalmente entendido o poder por trás de seu dom, ele havia ficado aliviado que havia tantas maneiras de realmente ajudá-lo quando a tempestade surgia lá fora e esquentava seu sangue.

Mas isso, isso não era nada como ele havia visto antes e ele rezava que se ele conseguisse passar por essa noite, ele nunca, nunca mais iria vê-la novamente.

O corpo inteiro dele parecia estar formigando há vinte e quatro horas – ele estava vivendo na adrenalina, força bruta e força de vontade.

E agora ele estava vivendo pela Haley e o bebê deles. De qualquer coisa, isso tornava o tempo deles juntos ainda mais precioso.

Ele se forçou a comer uma das comidas desidratadas que eles trouxeram com eles, apesar de que ele estava além de sentir o gosto de qualquer coisa a não ser ozônio e eletricidade, como se eles tivessem tomado residência permanente em seu corpo e nunca mais o fossem deixar. E ele jurava que desta vez a Mãe Natureza estava realmente do seu lado, estava tão confusa quanto ele por esse sistema de tempo criado pelo homem que agora tanto ele quanto a Mãe Natureza tinham que lutar contra.

Algumas vezes ele podia ouvi-la no uivo do vento, como se ela estivesse implorando pela ajuda dele, não entendia a fúria que girava em torno deles, desesperada e fora de controle.

– Você está pronto?

Ele olhou de onde ele estava deitado na cama para ver Haley parada acima dele – ela tinha estado debruçada sobre o seu equipamento, murmurando para si mesma pela última hora, como a cientista louca mais linda que ele já tinha visto, e ele não a incomodou. Seja lá o que ela estava fazendo havia feito ela sorrir algumas vezes, e se alguém pudesse sorrir em face de toda essa merda, a Haley dele podia. Ele certamente não iria desencorajar isso, não importa o quão na merda ele se sentisse.

Ele colocou uma mão na barriga ainda reta dela. – Estou pronto. Vocês dois estão prontos?

– É hora de descobrir.

Ele ficou de pé. – Me diga o que eu preciso fazer.

– O olho do furacão se desfez. A tempestade diminuiu de intensidade – está na categoria três agora.

– Mas ainda carrega um soco destruidor infernal, no entanto.

– Ela está tão fraca quanto ela pode ficar. – Haley acariciou seu cabelo, pressionando seu rosto contra o peito dele por um segundo antes de ela falar novamente. – Você precisa quebrar o olho ainda mais, evitar que ele se forme novamente.

– E enquanto eu o quebro?

– Envie uma rajada de vento em sua parte superior. Um fluxo de nível superior do oeste irá explodi-la.

Ele assentiu. – Ok. Me dê alguns minutos lá fora sozinho. Quando eu precisar de você, eu chamo.

– É melhor que você faça isso mesmo, Remy.

Ele inclinou sua cabeça para cima quando ele viu uma chuva diagonal atingir a janela – ventos de categoria dois agora, o que colocava o olho a uns oitenta quilômetros. Relutantemente, ele deixou Haley ir, sem se incomodar em dizer para ela ficar longe das janelas.

A chuva bateu-lhe no segundo que ele abriu a porta deslizante de vidro do pátio – ele estava ensopado até a pele em segundos, o vento

tornando quase impossível respirar, muito menos se manter estável. Ele colocou uma mão nas barras de ferro ao longo do pátio para que ele pudesse estar tão perto quanto possível do céu e ainda assim não ser soprado para longe.

Lily pode ter começado como um furacão feito pelo homem, mas agora ela era natureza pura. Uma grande parte da natureza dele também – e de repente ele estava todo envolvido pela intensidade da tempestade, vendo no olho dela com uma claridade que ele não havia sido capaz de atingir antes. Somente Haley disse que ele conseguiria isso, um dia.

Tempestades estão apenas fazendo o trabalho delas – ninguém nunca fica feliz de vê-las. Pense nelas como uma criancinha fazendo birra – concentre-se em deixá-las felizes.

Ele falou para o céu fluorescente: – Está tudo bem, Lily. Tudo vai ficar bem. Você apenas precisa de uma casa nova para morar.

Decisão feita, ele chamou toda a sua força, sentindo o formigamento familiar apertar o seu corpo todo, dos pés ao couro cabeludo, e quando ele cheirou a eletricidade queimando no ar, o cheio do ozônio e água, um raio atingiu quase a frente de seu rosto, batendo no chão abaixo dele com uma intensidade que pareceu balançar o hotel em sua fundação.

Ele fechou os olhos e ergueu um punho, e em sua mente ele visualizou a tempestade, empurrando-a com cada músculo que ele tinha, para fora no mar, onde ela pertencia. – Vá, Lily, volte para a água.

Mesmo assim, ela lutou com ele, queria chegar à terra firme e fazer isso com um caminho de destruição.

Sua ereção estava esticada dolorosamente contra o algodão de seu roupão e ele iria precisar de uma liberação em breve. Entretanto, ele manteve seus olhos fechados e deixou o desejo sexual impulsioná-lo com mais força, usando a excitação para trazer sua mente para este lugar esvoaçante que ele somente poderia chegar quando a tempestade tivesse terminado de fato.

Pela primeira vez, ele realmente sentiu que a Mãe Natureza estava trabalhando com ele ao invés de contra ele, e mesmo assim a atração era torturante. E a dor de sua excitação estava nublando tudo... o vento aumentou, e merda, ele estava perdendo a batalha.

– Deixe-me te ajudar, Remy. – Haley devia estar gritando, mas as palavras em seu ouvido soavam como um sussurro, suave e doce, e a mão dela deslizou para dentro de seu roupão e desceu a pele molhada de seu abdômen.

– Haley, não... eu receio que isso só vai piorar.

– Você não pode se concentrar quando você está com tanta dor, – ela rebateu, sua mão começando uma longa e lenta massagem que quase o fez atirar fogos sozinho. Ele fechou os olhos e se concentrou e destruiu o olho, deixando um pouco do prazer para dar a ele a força para fazer isso.

E porra, estava funcionando. Ele pensou sobre a Haley e o bebê, seus amigos – e agora família – na ACRO, sobre o pântano que o furacão Katrina havia bagunçado, e ele deixou todo esse poder ser solto na Lily.

Ele conseguia visualizar os elementos individuais das nuvens como se ele estivesse no olho. Os anéis de nuvens rodopiavam ao redor dele, segurando em um vórtice giratório. Em sua mente, ele deu um soco na parede de chuva e nuvens, despedaçando-as como algodão doce.

Lily rugiu, o som de um trem se aproximando dele. O toque da Haley se tornou mais firme, mais rápido. Granizos do tamanho de bolas de golfe atiravam do céu como se estivessem sido lançados de um lança-granadas. Remy se virou, protegendo Haley com seu corpo. O granizo rachando contra o edifício, o vidro da porta, e as costas dele.

Filha. Da. Puta. Lily podia atingir *ele*, mas ela não iria tocar Haley. Enquanto a boca de sua esposa fechava-se sobre o seu pênis, ele esvaziou seus pulmões em um violento rugido de raiva e vingança e morte.

Isso terminaria *agora*.

Ele atacou com sua mente, rasgando através da parede do olho enfraquecido como uma bomba nuclear. Ao mesmo tempo, ele explodiu a parte superior com um corte de vento, cegando o furacão enquanto ela estava tentando reparar o dano que ele havia feito ao centro dela.

Ele sentiu a tempestade inteira oscilar. O granizo parou.

Por um momento, ele não estava certo se ela havia acabado. O pulsar em sua cabeça e em suas bolas dizia não, e por uma merda de certeza, os ventos de repente duplicaram, como se estivesse tentando alcançá-lo com uma última tentativa de agarrá-lo. O ar parecia como um punho ao redor dele, tentando puxá-lo por cima da grade. Remy se recusava a deixá-la fazer isso, continuando, empurrando mesmo enquanto Haley o puxava para mais perto até a beira do orgasmo.

Haley lambeu o seu comprimento, balançando sua língua sobre a ponta de seu pênis. – Você está conseguindo! Está funcionando, Remy!

Estava. Esgotamento fez suas pernas tremerem e seu cérebro virar um mingau, mas enquanto suas bolas se apertavam e sua liberação formigava na base de sua espinha, ele encontrou o poder para mandar mais uma explosão na tempestade. Um grito, um longo, e agudo lamento de morte sacudiu o hotel. Então, abruptamente, os ventos do furacão diminuíram, a pressão em sua cabeça diminuiu. Enquanto a chuva continuava, ela caía horizontalmente agora.

Estava acabado. Seus músculos pareciam aquosos e suas costas doíam por causa do granizo mas nada o manteria longe da Haley. Ele a pegou pelos braços e a puxou de pé. Ele deu um longo e lento beijo nela, saboreando a chuva e ele mesmo, antes de ele pegá-la e carregá-la para dentro para terminar o trabalho que a tempestade havia começado nele.

– ACORDE, DORMINHOCA.

Apertando os olhos contra a luz brilhante acima, Faith tentou piscar para tirar o nublado de seus olhos. Onde ela estava? Ela estava deitada, e o quarto parecia familiar.

O laboratório médico da TAG.

Sua mente parecia estar um pouco confusa igual a sua visão, porque ela não conseguia lembrar do que havia trazido-a para cá. Ela sentou-se fazendo uma careta devido à tensão em seus músculos. – Por quanto tempo? – ela falou roucamente, sua voz tão inutilizada quanto o resto.

Morgan, o oficial responsável pelo centro médico que tinha um dom para visualizar condições médicas dentro do corpo do paciente melhor do que qualquer máquina de Raio-X, ajustava seu estetoscópio ao redor de seu pescoço. – Somente um dia.

Vinte e quatro horas. O ferimento de bala deve ter sido severo. *Ferimento de bala. Wyatt.* A batalha na costa irlandesa voltou com tudo em uma inundação de visões que fez sua cabeça doer. — O que aconteceu?

— Você levou um tiro. Foi ruim, mas Gabe foi capaz de reparar grande parte do ferimento na hora. Você tem sorte que ele estava lá.

As habilidades do Gabe eram similares às de Faith, apesar de não tão fortes ou desenvolvidas. Faith esfregou sua barriga, se lembrando da dor agonizante. Ele havia feito um bom trabalho; ela não sentia nada.

— Enquanto você estava desmaiada, eu te fiz uns testes pós-missão. Você está perfeitamente saudável. Não há venenos, parasitas ou corpos estranhos em seu corpo. Não que eu esperasse algum, mas você conhece a Itor.

Bastardos. Era por causa dos métodos viscosos deles que a TAG havia sido forçada a instituir uma política de um exame médico obrigatório pós-missão.

— Eu também realizei purificação geral padrão para livrar você de monitoramentos psíquicos, doenças por vírus, gravidez...

— O quê? — Uma cortina de vermelho coloriu a visão de Faith. Sem pensar, ela pulou da cama e empurrou Morgan para a parede, seu antebraço no pescoço da doutora. — Você o matou? Você matou o bebê do Wyatt?

Morgan ofegou. — V-Você não... não estava... grávida.

Tremendo, Faith se afastou, incapaz de acreditar que ela havia atacado dessa forma. Não estar grávida era uma coisa boa, certo?

E mesmo assim, havia uma sensação vaga de desapontamento que ela não conseguia explicar.

— Sinto muito, Morgan. Eu... Eu tenho que ir.

Segurando sua garganta protetoramente, Morgan assentiu. Vestida com uma bata do hospital, Faith se arremessou para fora do laboratório,

que era no terceiro andar da sede da agência, uma mansão convertida em diversos acres de propriedade privada.

Ela deu de cara com Paula, que devia estar a caminho para vê-la.
— Paula. Onde está a Liberty? — Ela agarrou o antebraço de sua parceira. — *Onde está o Wyatt?*

— Os dois estão em Hill Heritage. — Paula disse lentamente, como se Faith tivesse levado um golpe na cabeça e não conseguisse entender inglês.

Faith entendeu tudo muito bem, e ela começou a suar frio. — Isso não está certo. Wyatt era supostamente para estar na América! — Ela sentiu sua garganta se fechar. Seus colegas haviam largado Wyatt em seu pior pesadelo. Náusea a fez ficar instável, e ela teve que se segurar contra o corrimão de ferro que alinhava a sacada do terceiro andar.

— Calma, Faith. — Paula colocou seus braços ao redor da cintura de Faith para mantê-la firme. — Vamos levar você de volta para o consultório médico.

Ela balançou a cabeça. — Por que você enviou o Wyatt para Hill Heritage, droga?

As sobrancelhas loiras de Paula se juntaram. — Você disse que ele era telecinético. Eles tem melhores equipamentos para lidar com hostis. Ele é o agente da ACRO que você me falou?

— Sim. — Faith vociferou. — Merda. — Ela arrastou uma mão pelo cabelo, que parecia um emaranhado de palha. Paula, com seus traços finos e o cabelo cor de areia batendo em sua cintura fazia Faith se sentir como se ela parecesse um rato de rua, e agora mais do que nunca.

— Ele tem sido tratado bem. ACRO não tem razão para nos atacar. Nós não tínhamos certeza o quanto ele sabia sobre nós, então nós pensamos em esperar até que você acordasse antes de fazermos qualquer coisa com ele. — Um jovem recruta passou, e Paula abaixou sua voz conspiratoriamente. — Nós também pegamos um paciente extra para o hospício.

— Não diga isso. — Faith disse, e então soltou uma risada amarga, porque educadamente chamar Hill Heritage de um hospital *não* o tornava um hospício.

Um asilo onde, graças a ela, Wyatt havia sido aprisionado.

Paula revirou seus olhos verdes. – Ótimo. Casa dos loucos então. – Ela levou Faith na direção das escadas. – Um dos homens que sobreviveu à batalha apareceu no nosso documento SAO.

Faith parou tropeçando. O SAO listava operativos conhecidos da TAG que possuíam habilidades especiais. – Quem?

– Um agente da Itor chamado William Young. Do que nós fomos capazes de descobrir, ele infiltrou a ILF anos atrás. Provavelmente passando informações para Itor.

Ela se lembrou do aviso que o Sean havia recebido sobre um espião a bordo da plataforma. O cara da Itor deve ter sabido que a ILF arranhou o roubo da máquina do clima e encontrou uma maneira de avisar o Sean. Aquele email que o Sean recebeu não havia sido sobre o Wyatt. Havia sido sobre a Faith.

– Young também falou que a ILF estava atrás da máquina do clima há muito tempo. Em um período, eles ofereceram sua irmã na troca.

Faith deixou sair um assovio aixo. Biocinéticos tão poderosos quanto ela e Liberty eram raros – talvez meia dúzia no mundo inteiro, contando o Wyatt, e deve ter sido uma decisão dura para recusar o trato.

– E quanto à placa-mãe? Onde está?

– Está no laboratório científico. Os caras do laboratório encontraram um rastreador nela, mas nós tomamos medidas preventivas, construímos escudos, e o rastreador está agora a caminho da Bélgica para despistar qualquer um que ainda esteja rastreando-o. Esperamos que quem tiver colocado-o lá – Itor ou o seu agente ACRO – não conseguiu uma localização nossa antes de nós termos levantado os nossos escudos.

Itor pode ter colocado um rastreador em todas as partes importantes da máquina para rastreá-la, mas Wyatt pode ter feito isso também. A idéia a fez ter mais náusea do que ela já estava tendo. Ele não confiava nela... e por uma razão boa. A traição dele a arrebatou, e se ela tivesse algo no estômago, ela teria perdido.

– Está demorando mais tempo do que o esperado para começar a construir uma máquina de revestimento para isso. – continuou Paula.
– Ainda assim, que golpe. A Grã-Bretanha nunca ficará vulnerável aos terroristas novamente. Se nós fizermos alguns ataques preventivos.

– Não é para isso que serve o dispositivo. Nós discutimos isso. Nós iremos estudá-lo, só isso.

Paula deu de ombros de uma maneira que ela fazia quando ela ia discutir. – E nós vamos estudá-lo. Mas se nós construirmos a nossa própria máquina, nós podemos parar climas severos que estão a caminho. Nós podemos até ajudar nossos agricultores durante enchentes e tal. E se nós precisarmos, nós podemos usá-lo contra nossos inimigos.

– Absolutamente não.

– Por que não?

– Porque nós não somos a Itor.

– Claro que não somos. – O tom de Paula era condescendente e cuidadoso, como se Faith fosse uma criança, e ela meio que esperou um tapinha amigável na cabeça. – Mas se nós podemos usá-lo com o mínimo de dano aos não-alvos, por que descartar?

– *É muito perigoso, Faith.* – Wyatt havia dito no helicóptero. – *A tentação de destruir um inimigo com ela seria muito grande. O dano colateral poderia ser catastrófico. E só ao possuir esse negócio, você estaria convidando os inimigos para tentar roubá-la. Você sempre estaria preocupada sobre alguém de dentro te traindo pelo poder ou por dinheiro.*

Em algum nível, ela concordava, mas sua vontade de fazer com que a morte de seus pais significassem algo havia consumido-a com tanta intensidade quanto sua vontade de encontrar Liberty. Agora que estava tudo acabado, sua mente parecia menos embargada por emoção. Ela realmente acreditava que TAG poderia fazer o bem com a máquina, poderia pelo menos estudá-la e destruí-la depois de descobrir como identificar e desarmar quaisquer máquinas que pudesse surgir em um arsenal inimigo.

Mas mantê-la por qualquer período de tempo não valia a pena. Que Liberty estivesse disposta a trair Faith por causa dela era uma prova disso.

E também o fato de que Faith havia traído Wyatt da mesma maneira.

E agora parecia que com o poder em suas mãos, até mesmo a equipe da TAG havia decidido que construir a máquina seria uma coisa boa nas mãos dos mocinhos. Mas quanto tempo levaria antes que os mocinhos cruzassem a linha?

Faith se forçou a não discutir mais com Paula, e ao invés disso acenou com a mão de uma maneira desdenhosa. — Você está certa. Eu mantereí a mente aberta. — Ela fechou com mais firmeza a sua bata de hospital nas costas e começou a descer as escadas até os seus aposentos, que tomava mais da metade da ala norte que ela dividia com a Paula. — Você juntará os materiais para a reunião desta noite? Eu perdi bastante nestes últimos dias.

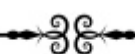
Paula assentiu. — Claro. É bom te ter de volta.

— Obrigada. Eu vou tomar um banho e então visitar Liberty. — Ela também iria pegar a placa-mãe e tirar o Wyatt daquela porra de hospital.

Uma pontada de culpa cortou sua entranha, e de repente o desapontamento que ela não estava grávida fez sentido.

Não havia dúvida nenhuma de que o Wyatt a odiava, não somente por traí-lo por causa da placa-mãe, mas por deixá-lo no lugar de seus pesadelos. Ela o havia perdido, mas pelo menos se ela estivesse carregando o filho dele, ela ainda teria algo dele.

Agora ela só poderia esperar que ele não fosse querer matá-la.



A equipe de Hill Heritage reconheceu Faith logo de cara. Eles trabalhavam de perto com a TAG, eles tinham uma ala secreta e particular montada para lidar com as necessidades especiais das pessoas com habilidades únicas. Incapaz de encarar o Wyatt ainda, ela seguiu para o quarto de Liberty, a mochila contendo o Sr. Wiggums e a placa-mãe por cima do ombro dela.

Tirar de fininho a placa-mãe do laboratório da TAG também havia sido um desafio, e apesar de ela ter conseguido tirá-la sem ser detectada, ela não voltaria da mesma forma. Ela pagaria o inferno para os seus dois colegas e para o governo britânico.

A punição possivelmente seria severa.

– Eu realmente consegui desta vez, Sr. Wiggums. – ela disse, e percebeu que ela havia deslizado sua mão para dentro de um dos bolsos da mochila e estava acariciando o bicho de pelúcia. Esperançosamente Liberty iria ficar feliz de vê-lo – presumindo que ela não estivesse muito confusa por causa dos medicamentos.

Haviam dado à sua irmã drogas de supressão psíquica, os mesmos que provavelmente haviam sido dados ao Wyatt para evitar que ele escapasse. Com sorte, ele estava sendo mantido sedado também. A idéia de que ele possa ter sido mantido totalmente acordado e preso em seu próprio inferno pessoal pelo último dia fez com que seu estômago doesse.

Liberty estava sentada em sua cama, vestindo uma bata de hospital azul e lendo uma das antigas revistas da instalação quando Faith entrou em seu quarto estéril parecido com uma cela.

– Faithie. – ela disse, deixando de lado a revista. – Maria, Mãe de Deus, você parece... *livre*.

– Não tem que ser desta maneira. – Faith sentou-se próximo da porta, na única cadeira do quarto.

– Você acha que nós podemos voltar no tempo? Ser uma família novamente?

– Talvez para começar, nós podíamos apenas tentar conversar? – Depois de um longo silêncio que não foi encorajador, Faith acrescentou. – Eu te procurei a minha vida toda, Liberty.

– E eu tenho que supostamente chorar agora? Estar grata? Por favor. Eu não tenho idéia de quem você seja. – Liberty riu, como se tudo isso fosse uma grande piada para ela. – E o meu nome é Saoirse.

– É essa a versão irlandesa do seu nome?

Puxando um pé descalço na cama, Liberty assentiu. – Muito mais bonito. Agora, porque você está aqui? E não me dê aquela bobageira de você é minha família.

Faith balançou sua cabeça nervosamente. – Eu sou sua família. Nossos pais...

– Me mandaram embora como um cachorro que eles não queriam, como lixo.

– Isso não é verdade.

– Não? Por que eles não vieram me ver? Nem uma vez. Eles me deixaram, sozinha e com medo em um mundo onde eu não conhecia ninguém. *Eles me abandonaram.*

– Eles estavam com medo do seu poder, Lib. Eles não o entendiam. Eles mudaram de idéia.

Liberty riu. – Isso não importa agora, não é? Quando Fiona me levou daqui, ela e seu marido se tornaram os meus pais. Eles me entendiam. Eles aceitaram minhas diferenças e as minhas habilidades.

– Eles a usaram. – Faith vociferou. – Te usaram para te tornar uma arma da ILF.

– Você não sabe de nada.

– Eu sei que o seu precioso ILF ofereceu te entregar para a Itor em troca da máquina do clima. – O lampejo de surpresa e mágoa nos olhos de Liberty disseram a Faith que ela não sabia sobre o acordo falho.

– Eles não fariam isso.

– A máquina traz o pior nas pessoas. – Faith disse, porque ela sabia em primeira mão o quão isso era verdadeiro. – Há algo mais que

eu sei. Eu sei que eu sinto falta da minha irmã. – Faith esticou a mão na mochila e removeu o Sr. Wiggums. – Eu o guardei para você.

O sangue foi drenado do rosto de Liberty. – Doce Jesus, você ainda o tem.

– Eu o levei comigo. Para todo lugar.

Por um momento pareceu como se Faith tivesse atingido a sua irmã. Engolindo repetidamente, Liberty parecia à beira de um colapso emocional. Uma batida de coração depois, o brilho frio e distante voltou aos seus olhos, e Faith sentiu sua pele ficar tensa.

– Você é uma tola sentimental, Faithie. Você deveria tê-lo queimado.

Faith encarou sua irmã, notando as linhas finas no canto dos seus olhos e boca que falavam de uma vida dura, a cicatriz que ia da têmpora direita até a bochecha confirmavam isso.

– Você teria me matado pela placa-mãe, não é?

– Sim.

A resposta não surpreendeu Faith, mas reforçou a sua decisão de não ter muitas esperanças sobre o potencial de sua irmã em se reabilitar e ser desprogramada. Faith carregou o brinquedo de pelúcia até Liberty e o colocou na cama ao lado dela. Ela queria dizer algo, mas o quê?

Talvez algum dia elas encontrassem a paz e uma nova relação, mas não hoje.

Silenciosamente Faith deixou o quarto e se preparou para mais uma visita.



Faith havia traído-o. Completamente, cem por cento traído-o, e Wyatt não havia feito nada a não ser cair no chão como um mariquinha

e estava agora deitado em uma cela trancada e almofadada em alguma porra de instituição mental em Yorkshire.

Machucá-la da mesma forma nunca havia sido uma opção. Ele era totalmente a favor de um joguinho, mas ela havia feito sua escolha, e ele havia terminado com os joguinhos.

Da última vez que ele havia sido colocado em um quarto como esse, ele havia sido drogado até não querer mais, tanto que tudo que ele conseguira fazer era ficar deitado lá, incapaz de mover um músculo, sua mente adolescente acelerando. Em pânico. Seus poderes estavam imaturos e ele havia se forçado várias vezes a permanecer calmo, planejando e pensando. Ninguém o ajudou então — eles haviam deixado-o totalmente sozinho naquele inferno que era sua própria mente.

Como agora, exceto que desta vez seus poderes estavam bem mais desenvolvidos, as drogas que eles haviam bombeado nele estavam quase fora de seu sistema, e ele estava farto de pensar.

Quando ele acordou, a raiva se agitou como lava derretida através de seu corpo... ele havia lutado contra o impulso de uivar como um animal ferido e em vez disso permaneceu dócil, se fazendo de bonzinho para que os homens com os casacos brancos diminuíssem as drogas. Ele ouviu os homens que haviam trazido-o aqui mencionarem Liberty, sabia que ela estava em outra ala do hospital e se perguntou se a Faith viria visitar.

Ele havia perguntado a uma das enfermeiras mais boazinhas se Faith havia sobrevivido ao tiro e a mulher havia sido legal o bastante para acenar sim e sorrir. Ele queria ter sorrido também, com alívio, mas a raiva havia passado na frente do alívio. Ela pode não ter morrido, mas ele havia. Alguma parte dele havia morrido naquela colina irlandesa.

Se não fosse pelo fato de que a ACRO sem dúvida estava agora mesmo rastreando a placa-mãe e montando uma ofensiva para pegá-la de volta, ele não sabia o quanto ele teria que lutar para sair dessa porra. Mas foda-se isso. Ele queria estar presente quando eles derrubassem a agência da Faith.

Até lá, ele apenas lembraria todos aqueles momentos tão felizes de adolescente no hospício.

O lugar era diferente, no entanto. Havia todos os tipos de pessoas com habilidades especiais aqui, o que tornava isso aqui um lugar muito

mais perigoso – e ele se perguntou quantos deles estavam internados porque pensavam que eles eram simplesmente incontrolláveis.

A ACRO estava agora cheia de tais pessoas. Ele precisava voltar lá, se livrar da traição que se grudava amargamente em seu peito. Tudo que ele tinha a fazer era pensar sobre isso e a porta de aço dupla reforçada começou a gemer em suas dobradiças.

Ele estava vagamente consciente que um telecinético havia sido posicionado do lado de fora da porta para contra-atacar os próprios poderes do Wyatt.

Não importava... Wyatt era mais forte, seus poderes inflaram com raiva.

Seu coração estava quebrado, sua fé traída.

Faith.

Foda-se tudo... isso era irônico como uma merda.

A porta estourou suas dobradiças com pouco esforço de sua parte além da raiva interna da traição, um pedaço de metal retorcido que tirou as pessoas de seu caminho.

– Movam-se, seus filhos da puta. Estou saindo fora. – ele disse para eles calmamente, coração batendo de maneira dobrada em sua garganta.

Alguém atirou um dardo tranquilizador nele... ele usou sua telecinese para pará-lo no meio do ar, e o mandou de volta na direção do homem que havia atirado-o, atingindo-o no peito e derrubando-o dentro de segundos.

Ele deixou de lado a dor e o pânico que ele sentiu ao ver todos aqueles jalecos brancos cercando-o, tentando empurrar para longe todos aqueles dias horríveis e meses e anos quando ele estava indefeso e com medo... e merda, ele tinha que sair e encontrar a placa-mãe, ele tinha que completar sua missão.

Ele trabalhou a telecinese com toda a força possível, jogando o que fosse que não estivesse pregado para que ele pudesse tentar escapar, mas ele sentiu mãos nele e ele começou a lutar.

Pessoas voavam para longe dele como objetos. Merda, algo estava acontecendo.

– Não o machuque.

A voz de Faith quebrou sua consciência e exigiu tudo que ele tinha dentro dele para acalmá-lo completamente antes que ela se machucasse.

Mas os silêncios, o vórtice interminável encheu todos os cantos do seu ser e seus olhos se voltaram para ela.

Ela usava couro, como ela havia vestido naquela primeira noite que ele havia a ajudado. A primeira noite que ela havia mentido para ele.

Não que ele havia sido completamente honesto com ela, mas mesmo assim, ele não havia traído-a... havia saído de seu caminho para não fazê-lo. Isso não aconteceria de novo.

Ele mostrou os dentes. – Eu não preciso de sua ajuda. Eu não preciso de nada vindo de você.

– Eu tenho algo para você. – ela disse baixinho, o aroma familiar que ele havia acostumado a desejar nos últimos dias acalmando seus nervos fodidos.

– Sim, eu aposto que você tem algo para mim, Faith.

Ele ficou de pé, flexionando seus punhos nas suas laterais, esperando pela sua próxima jogada. Aconteceu, mas não envolvia seus poderes.

– Estou tirando o Wyatt daqui. – ela disse para a multidão de médicos e seguranças que agora cercavam-nos na bagunça do corredor. – Ele não pertence aqui. Ele nunca pertenceu aqui.

Ele quase cuspiu um *Foda-se, amor* para ela, mas ele não conseguiu – ele não queria dividir essa dor particular com um lugar cheio de estranhos da maneira como ela havia acabado de fazer.

Ele já havia revelado muito aqui com sua demonstração de raiva.

Ao invés disso, ele passou por ela, pegou sua roupas da enfermeira que as segurou para ele nervosamente. Ele tirou a sua bata de hospital roxa que eles haviam o vestido, se vestiu novamente com um silêncio mortal ao redor dele. Quando ele terminou, ele passou pela Faith e seguiu em direção à saída mais próxima.

Ela estava segurando a mochila na qual eles haviam trazido a placa-mãe quando saíram da plataforma.

Ele a sentiu seguindo-o todo o percurso para fora.

Ela queria jogar... ela conseguiria o jogo. Ela conseguiria mais do que ela havia barganhado.



Eles pararam na borda mais distante do terreno arborizado das instalações. Pássaros contavam no ar vivo de outono e os coelhos pulavam no campo e tudo isso parecia tão malditamente feliz que Faith queria gritar. Ao invés disso, ela alcançou a mochila. Seus dedos encontraram a placa-mãe, e por apenas um momento ela se deixou tocá-la, imaginar mais uma vez o quanto ela ajudaria a salvar vidas. Mas a que custo?

Lentamente, ela retirou o pedaço de equipamento. Wyatt ficou tenso, o movimento tão sutil que ela poderia não ter notado se ela não tivesse o conhecido tão bem. Ela olhou para ele, para o olhar completamente sem expressão em seu rosto, e um frio tremeluziu em sua espinha. Ela podia lidar com ele bravo; mas essa falta de emoção a deixou em terreno instável.

— Estou um pouco atrasada em manter essa promessa — ela disse, — mas aqui está.

Ele pegou a placa-mãe, e se ela esperava ver uma suavização em sua expressão, ela estaria muito enganada.

— Wyatt... — Ela respirou fundo, se preparando. — Eu sei que não há nada que eu possa dizer para consertar o que eu fiz contigo. Eu nem

acho que posso explicar o motivo, exceto que eu honestamente achei que eu estava fazendo a coisa certa. Eu queria salvar vidas.

Ele fez um som de nojo. – Você queria brincar de Deus.

– Sim. – ela sussurrou. – Você esteve certo o tempo todo. Esta máquina traz consigo muita tentação. Se vale de alguma coisa, eu sinto muito. E... eu te amo.

Nada. Não havia nada em seus olhos, a não ser pura escuridão e desprezo.

Ela cambaleou para trás em face de seu ódio, atingida pela força dele. Sua garganta se fechou, tanto que ela mal soltou um abafado: – Se cuide. Por favor. – Ela se virou-se e fugiu através de um buraco nas sebes.

O som da placa-mãe sendo amassada embaixo da bota dele a sacudiu, o som de seu coração se quebrando.

Então, de repente, Wyatt a atacou, derrubando-a no chão em uma bagunça de membros. Ele deitou em cima dela enquanto ela ficava de costas. – Eu acho que não. – ele grunhiu. – Você não vai sair tão fácil dessa.

Lágrimas queimaram seus olhos. – Fácil? Você acha que isso é fácil? Eu me tornei o que eu mais temia. Eu traí o homem que eu amo. Estou no inferno, Wyatt!

Ele riu, um som amargo e seco. – Inferno? Amor, você não tem idéia do que é o inferno. Inferno é quando alguém que você confia pega os seus piores medos e os torna realidade. Inferno é estar preso dentro de sua própria cabeça porque ninguém se importa o suficiente para ajudá-lo a sair. Inferno – ele falou roucamente no ouvido dela – é estar morto por dentro em um corpo que ainda funciona.

Ele esfregou os quadris contra ela, e ela estremeceu, porque sim, seu corpo funcionava sim. Sua ereção estimulando a pélvis dela, uma presença insistente e brutal. Ele a queria. Deus, ele ainda a queria. Talvez eles tivessem uma chance. E se não... ela receberia o que ela conseguisse agora.

– Wyatt. – ela gemeu, arqueando para cima para que ela pudesse sentir mais do seu corpo duro. A mão deslizou entre suas pernas, embaixo de sua saia. O som do tecido se rasgando enquanto ele arrancava sua calcinha era céu para seus ouvidos.

E então ele estava dentro dela. Ela gozou na primeira estocada. Ele a trabalhou inteiramente, sabendo exatamente como seu corpo reagia ao dele, e quando ela gozou, ele enfiou com mais força. Poderosas estocadas que a deixava em brasas, queimando-a de dentro para fora.

As palavras dele sobre inferno e estar morto percorreram dentro dela, mas a conexão física que eles dividiam era muito mais poderosa. Isso iria funcionar entre eles. Isso iria curá-los, ou pelo menos começar o processo de cura.

Oh, ela amava esse homem.

Uma sensação ondulou através dela, e a explosão a tomou com força, acendendo todas suas terminações nervosas. Um grito rasgou sua boca antes que o Wyatt a cobrisse com seus lábios enquanto ele estocava dentro dela.

Quando acabou, ele imediatamente se retirou. Ela tateou buscando-o, querendo mais... não mais sexo, mas simplesmente abraçá-lo. Ele se esquivou de seu toque. Confusa, ela se esticou até ele de novo, mas recuou com um suspiro quando ele olhou para ela. Seus olhos ainda estavam frios, sua respiração lenta e rasa, como se ele não estivesse fazendo nada mais esforçado do que ler um livro.

E ele ainda estava duro.

Ela piscou, confusa ainda por causa do orgasmo. – Você não terminou.

– Ah, eu terminei. – Ele se abotoou e levantou. – Como você se sente, Faith? Ser fodida por alguém que deveria se importar... mas não se importa?

Humilhação e mágoa se rastejaram por sua pele. A maneira como ele estava olhando-a, como se ela não fosse nada, como se a qualquer segundo ele estaria jogando um maço de notas nela, era um golpe que não poderia ser mais doloroso se fosse físico. – Wyatt, por favor. Você não está falando sério.

– Não estou? Só veja o quanto eu estou falando sério. – Ele se virou e caminhou para longe.

– Wyatt, espere! – Sem pensar, ela o alcançou com sua mente, perfurando os pontos desprotegidos de sua aura, incerta do que ela iria fazer para pará-lo ou que ela deveria dizer quando ela o fizesse. Mas Deus, a aura dele mal estava lá, mais fina do que havia sido antes. Se ela pudesse apenas repará-la...

Ele parou, ficando completamente parado. Ela havia se esquecido de ele havia aprendido a sentir o seu dom. – Mesmo depois de tudo – ele disse numa voz grave e baixa – você ainda vai tentar me manipular?

– Eu só quero te curar. – ela sussurrou.

Ele não olhou para ela. – Curar? Você quer dizer ressuscitar. E é muito tarde para isso. Morto em Combate, Faith.

E então ele se foi. Agonia a sobrecarregou com tanta força que ela apenas conseguiu sentar na floresta e soluçar, até ela se sentiu morta por dentro como o Wyatt clamava estar.

Capítulo 24

A dor foi tão forte, que ameaçou quebrar Devlin quase a cada momento de cada dia, mas ele não iria deixar que isso acontecesse. Oz teria odiado se ele deixasse que isso acontecesse, e em deferência à memória do homem, Dev realizava quando eles estavam juntos na ACRO.

Mas quando ele estava em casa, era uma história diferente. Ontem à noite, Marlena teve que buscá-lo a partir do piso do chuveiro, onde ele tinha sido enrolado sob uma avalanche de água gelada, uma vez que foi o único lugar que ele poderia gritar e gritar e não ser ouvido.

A parte solitária foi que Dev não sentiu Oz à sua volta, Oz estava naquele lugar especial. Atravessado. Feliz.

– Devlin, há uma chamada para você.

Ele olhou para os belos, cabelos escuros da mulher, que tinha sido sua assistente pessoal durante os últimos oito anos. – Obrigado, Marlena. Você pode colocá-lo na linha.

– É isso aí. Eu também pedi o almoço para você, eu vou trazê-lo quando ele chegar. – Ela fechou a porta antes que ele pudesse dizer-lhe para não se preocupar, e ele balançou a cabeça. Ela é provavelmente uma das poucas pessoas aqui no ACRO que ele permite mimá-lo.

Ele apertou o botão piscando em seu telefone. – Devlin falando.

– Ei é o Wyatt.

– Wyatt, graças a Deus. – Dev esfregou os olhos e tentou descobrir sobre o paradeiro de seu agente.

– Missão cumprida – Wyatt disse em uma voz que lhe disse a Dev que algo não estava bem com ele.

Embora Dev tenha tratado com alguns dos mais fortes homens e mulheres em todo o mundo, eles também podem ser alguns dos mais vulneráveis. – Fale comigo. O que você precisa?

– Apenas de uma carona para casa.

Dev abriu os olhos. – Você precisa de mais do que isso.

Houve uma longa pausa. – Preciso voltar para casa. E você vai precisar enviar Annika para coletar Faith Black.

– Wyatt, ouça atentamente – Creed e Annika já estão na Irlanda. Não devem demorar muito tempo para chegarem até você.

– Diga-lhes para se apressar – disse Wyatt, e desligou o telefone... E Dev teve uma estranha sensação de mau agouro. Ele fechou os olhos antes de discar para Creed, tentou o CRV de Ryan uma última vez e de novo não tem nada sobre o agente ACRO, único que tinha se infiltrado com sucesso na Itor.

Um problema de cada vez. Pelo menos o furacão tinha sido evitado. Foi um alívio enorme, mas suas mãos ainda tremiam quando ele discou o telefone de Creed.



Ryan Yan Malmstrom estava com uma enxaqueca do inferno. Sua cabeça não era ferida assim desde o tempo que ele bateu com uma garrafa de uísque ... quando? Ele não conseguia se lembrar.

Ele também não podia ver.

O quê. Diabos estava acontecendo?

Escuridão o cercava, ou pelo menos, era assim que parecia. Seus olhos estavam fechados, não iria abrir. Pregado fechado, talvez?

O som de bipe dos equipamentos hospitalares passou penetrado sua dor. Ele tinha sofrido um acidente?

Ele levantou o braço ou tentou. Algo estava segurando-o para baixo. Seu outro braço e as duas pernas também. Correias.

Novamente, que porra é essa?

Uma mão apertou seu bíceps esquerdo. – Ryan?

Ryan? Ele abriu a boca para responder ao alto-falante, mas sua garganta estava seca. Ele engoliu em seco. – É... Ryan é meu nome? – Ele resmungou.

– Sim. Sim, muito bom. Ryan, você se lembra de alguma coisa? Qualquer coisa?

Seu cérebro estava doendo, mas a única coisa que me veio à mente foi a garrafa de uísque no bar. – Eu me lembro de um bar. Eu fui atingido na cabeça com uma garrafa de uísque. É por isso que eu estou aqui?

Houve uma pausa. – O que mais?

– Isso é tudo. Todo o resto está em branco. – E ele estava apavorado.

– Você tem certeza?

– Claro que eu tenho certeza! Eu acho que eu saberia se houvesse mais alguma coisa neste buraco negro dentro do meu crânio, porra!

A mão soltou, e duas vozes abafadas juntaram-se à primeira.

– Hey – Ryan apertou as mãos em punhos, a única ação que podia ter. – O que está acontecendo?

Os homens, presumivelmente médicos, o ignoraram.

– Droga! Diga-me o que diabos está errado comigo! – Ele lutou contra as suas amarras, sua respiração vinda em furiosas lufadas de ar, que fizeram seu peito preso em tiras prendê-lo.

Ele tinha uma história de cerca de cinco minutos de ser amarrado a uma espécie de tabela difícil, mas ele estava muito danado, certeza que ele nunca tinha estado tão impotente ou chateado. Então, novamente, houve Coco.

Coco?

Quem era Coco?

— Ryan, você precisa se acalmar. — O dono da voz original se virou para ele, seguido por uma picada no braço. Instantaneamente, seus músculos pareciam derreter. — Agora, eu vou perguntar mais uma vez: Você não se lembra de nada mais do que você me disse?

— Não — ele mentiu, porque algo lhe disse para manter a coisa de Coco para si mesmo.

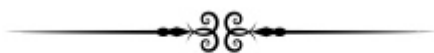
— Nós ainda precisamos fazer uma esfoliação a mais de sua memória. — a voz de uma segunda, mais profunda do que a primeira, disse.

Pânico estrangou Ryan porque ele não podia falar. Esfregar. Puta merda.

O primeiro homem suspirou. — Ryan, isto só vai doer por um minuto. Mas vai doer muito.

A agonia começou instantaneamente, como se sua cabeça estivesse sendo passada sob um rolo compressor. A dor tomou conta dele, tanto que ele não conseguia nem gritar. Mas dentro de sua mente, ele podia gritar, porque essas merdas não iriam apagar a memória, uma que parecia ser importante. Assim, mais e mais, ele gritou em silêncio, rezando que uma coisa iria ficar:

Coco... Coco... Coco...



Marlena ouvia Devlin falar com o Creed, pela primeira vez desde que o fantasma sussurrando-operatório tinha deixado-o composto, depois da morte de Oz.

— Temos que conversar quando você voltar aqui, Creed. Depois de coletar Wyatt. Temos que falar sobre Oz. — A dor na voz de seu chefe era evidente; E percorreu-a em muito da mesma forma que fez Devlin. Ela tinha estado com ele tempo suficiente para que a transferência de sentimentos fosse inevitável e destinada.

Ela havia sido destinada a amar os homens que não a amavam. Como um conto de fadas fraturado, ela foi amaldiçoada desde o nascimento por uma irmã ciumenta que queria permanecer apenas uma criança, mas descobriu que Marlena ligando-se a um homem, Devlin O'Malley, ajudou a aliviar um pouco a dor.

Ele nunca a fez se sentir amada, apesar do fato de que seu coração seria sempre com o outro. E, em troca, ela encheu-o com todo o conforto e carinho que ele aceitaria.

Alguns dias, ele permite uns mais do que outros. Hoje, quando suas mãos se moveram sobre os seus ombros para uma massagem, ela sabia que ele iria permitir qualquer coisa que ela quisesse dar para ele.

— Isso é bom — Dev murmurou, fechando os olhos e inclinando-se para frente, com os cotovelos sobre a mesa para que ela pudesse ter acesso à sua volta muscular. Como ela massageou as tensões familiares em seu pescoço e ombros, ela notou uma nova força — ele vinha treinando, longa e duramente, durante o tempo em que ele teve que ser protetor nas atividades do dia-a-dia da ACRO. Tinham sido longos quatro meses que ela não tinha sido permitida ter acesso a ele, e tinha sido tão assustador para ela como tinha sido para ele.

Ela era uma mulher bonita, não tinha como negar. Tanto que ela tinha sido procurada pela ACRO depois que tinham visto algumas das suas fotos de modelagem em uma revista de moda. A posição original para eles lhe entrevistarem era de um trabalho de Sedutora, tão poderoso, tão importante, ela quase pegou. Ela sempre foi uma mulher sensual, sempre gostou e entendeu que o sexo era nada mais do que um jogo de poder, seja por amor ou por dinheiro ou algo completamente diferente. Ela percebeu que o trabalho lhe permitia cortar seus sentimentos, para se impedir de se apaixonar e de aprender como tratar homens e sexo como meros empregos.

Mas isso não teria funcionado, ela não tinha poderes especiais, e ela teria caído de amor com cada homem que tentasse, se ela tivesse aceitado uma posição como Sedutora treinada. Ele teria sido

insuportável, e quando ela recusou o trabalho, Devlin já tinha chegado a seu quarto de hotel, logo antes de ela ter se preparado para deixar o Catskills¹².

Ele era o único homem em sua vida, a única pessoa fora de sua família que conhecia sua história.

Sua irmã tinha morrido em um acidente de carro, acabando toda pequena faísca de esperança que havia de reverter a maldição. De acordo com a ACRO, quando a pessoa que colocou a maldição cruzasse, a maldição ganhava força e nunca poderia ser quebrada. E, até agora, ninguém na ACRO tinha sido capaz de ajudá-la. Mas Dev havia prometido a ela, e ele nunca iria voltar atrás em sua palavra.

Ela estava segura aqui. E Devlin era seguro com ela, nunca perdeu o seu coração para ela, e, portanto, poderia, com efeito, em última análise, dar-se com ela sexualmente, sem culpa.

Ela também sabia que, se o que Oz dissera era verdade, Dev iria encontrar um outro amor, que seu tempo com ele seria limitado.

Mas o que tem ela? Teria que ser alguém longe da ACRO, um homem que não sabia que ela estava dormindo com seu chefe por anos por preenchimento de uma função necessária para o seu corpo em troca de proteção emocional.

Que tipo de homem iria querer a ela para qualquer coisa a mais do que sexo, sabendo de tudo isso?

—Eu não vou deixar você ir, Marlena. — Dev disse a ela, e ela balançou a cabeça, porque ela ficou tão confortável em torno de Dev que tinha esquecido que ele podia ler sua mente.

—Eu não posso ficar com você para sempre, Dev.

—Eu odeio isso, que eu tenho que ser a pessoa que te machuca, mas eu não vou deixar o resto do mundo fazer isso — disse ele.

—Você não pode ter o peso do mundo sobre seus ombros. Oz sempre costumava dizer-lhe isso, e ele estava certo — disse ela, e ele sorriu. Ela era realmente a única que ele tinha falado acerca de Oz.

¹² As Montanhas Catskill são uma cadeia dos Estados Unidos da América, no estado de Nova Iorque. Ponto turístico, a cadeia culmina no Monte Slide.

—Talvez um dia eles vão ser capazes de reverter a maldição.

—Talvez. — Ela alisou a mão sobre sua bochecha. —Deixe-me ajudar você, Dev. Por favor. Você sabe o quão feliz me faz.

Ela já tinha começado a trabalhar com os botões da camisa BDU preto que todos os operários usavam, puxou-a pelos ombros e sugou a pele com sabor doce atrás de sua orelha, que o fez gemer com antecipação.

Sim, ela conhecia cada parte do corpo de Devlin, sabia como jogar para que ele pudesse esquecer todo o resto, mesmo que fosse por apenas alguns momentos de uma vez.

—FAITH? FAITH BLACK?

Cristo. A Faith não estava sentada no parque privativo fora do hospital mental por mais de dez minutos. Ela esperava ter pelo menos uma hora antes do MI6 vim para ela.

Como esperado, ela desembarcou em uma panela de água fervente, quando ela chegou no TAG. Depois de ser regamente mastigada por Paula, ela tinha tomado um banho relaxante e feito uma caminhada, precisando de algum tempo para si mesma antes que ela fosse arrastada diante do Especial chefe do MI6, Mediador da seção de punição.

Não tinha tido tempo suficiente, e ela estava mal-humorada. Ela nem sequer olhou para o alto-falante. —Quem quer saber?

—Uma amiga de Wyatt Kennedy.

Cabeça girou em torno tão rápido que ela torceu um músculo, Faith olhou para os olhos azuis de gelo de uma loira de uma beleza extraordinária, que sorriu o sorriso mais mau que ela já tinha visto.

—Confirmação suficiente. — A loira plantou a bota no rosto de Faith.

Faith voou fora do banco do parque, rolou, ficou de pé e ignorou o sangue escorrendo do nariz dela. Foi um pouco mais difícil de ignorar o latejar doloroso. —Sua cadela.

— Oh, querida —. Sarcasmo pingava de voz da loira. —Você me magoou. — Ela atacou com uma série que Faith incrivelmente mal bloqueou. —E meu nome é Annika. Mas cadela sempre se aplica.

Sim, Annika tinha esse direito. —Olhe para você. — Faith demorou. —Você está muito treinada, sim?

— Sim — Annika mostrou os dentes. —Um conjunto de aço grande.

Faith partiu para a ofensiva, pousando alguns golpes rápidos, mas nunca fazendo estragos. A saia de couro apertada que ela estava usando não ajudou muito, e Annika mudou como se ela tivesse inventado sangrento combate corpo-a-corpo. Mesmo assim, Faith se manteve firme, bloqueando a maioria dos ataques da outra mulher.

—Você é boa. — disse Annika. —Mas eu não estou realmente tentando tudo o que posso. E eu tenho um segredo.

Faith bufou, circulando a outra mulher. —Não me aborreça com uma arma. Eu vou te desarmar antes que você possa piscar.

—Por favor. — Annika revirou os olhos. —Se eu estou perto o suficiente para usar algo tão coxo como uma pistola ou uma faca, eu estou perto o suficiente para usar isso. — Ela se lançou, fechou os dedos no antebraço de Faith e, de repente, o mundo explodiu em um milhão de cores.

Bem, se isso não foi um grande golpe para o ego.

Felizmente, o mundo ficou preto.



CREED Realmente deu um suspiro de alívio enorme quando Wyatt adormeceu no jato. Para as primeiras horas do voo, Wyatt andou para trás e para a frente como um homem selvagem, murmurando para si mesmo, e com suas emoções nervosas fora, ele tinha feito difícil como o inferno para o piloto permanecer no controle da aeronave.

Ele se perguntou se Wyatt sabia que seus poderes tinham ficado mais fortes, mutante como um presente estranho e maravilhoso que ele tinha recentemente desembrulhado e ainda estava tentando descobrir como usar.

O operativo colega estava sentado do lado de fora de uma pousada em Yorkshire, em uma pedra, olhando direto para o céu, quando Creed e Annika tinham ido buscá-lo.

A partir do que Dev tinha dito a ele na ligação breve, onde palavras não ditas sobre Oz pesavam em toda a linha, Wyatt tinha se metido em algum problema com uma agente do sexo feminino da agência misteriosa, terceira, ACRO queria a tentativa de obter informações. E quando Creed viu a condição em que Wyatt estava, ele estava mais do que feliz que ele tinha enviado Annika para coletar Faith.

E quando a chamada veio de Annika para que ele soubesse que ela e Faith foram em um jato da ACRO segundo título para a sede, Wyatt acordou novamente e soltou um profundo suspiro.

— Você quer falar sobre isso? — Credo perguntou.

Wyatt puxou seu corpo magro para a posição sentada. — Eu... uh... — Ele suspirou novamente e baixou a cabeça. — Eu estou apenas um pouco batido por dentro agora. Tem muita coisa acontecendo.

— Annika encontrou Faith.

— Tenho certeza de que foi tudo bem. — comentou Wyatt com um sorriso irônico.

— Dev precisava se encontrar com ela, descobrir onde está sua lealdade. — Creed falou baixinho, e Wyatt bufou.

— Boa sorte com isso.

— Ela te machucou.

— Ela me traiu. Grande diferença. — Wyatt olhou para fora da janela por um segundo antes de seus olhos escuros encontrarem os de Creed. — Ela chutou a minha bunda.

— Eu sei tudo sobre isso.

– Eu acho que você sabe.

– Você ama esta mulher? – Creed não podia deixar de perguntar.

Wyatt assentiu. – Eu estou esperando que o sentimento vá embora em breve. Eu até levei minha mente a um matagal para me ajudar.

Infelizmente, ambos sabiam que aquilo só tirou a memória, não a emoção.

– Podemos falar de outra coisa? – Wyatt perguntou. – Qualquer coisa. Diga-me o que está acontecendo em casa.

Foi a vez de Creed suspirar, então ele começou a contar para Wyatt sobre Oz.



Annika observou com interesse destacado como Faith se mexeu, voltando para a consciência quando o jato começou sua descida, através do furacão em seu caminho, em direção ao aeródromo ACRO. Annika tinha chocado a merda de Faith para derrotá-la, mas os sedativos que ela injetou mais tarde a mantiveram agradável e tranquila. Os medicamentos anti-psíquicos que a impediam de tentar qualquer coisa estúpida. A biocinética não iria trabalhar em Annika, mas ela não queria correr nenhum risco com a equipe ACRO, uma vez que ela e Faith estivessem no chão.

Ora, Faith se esticou, deu a Annika um olhar frio sobre como ela endireitou-se depois de ter sido afundada em sua cadeira e encostada na janela.

– Você baba durante o sono. – disse Annika. – Aposto que Wyatt adora isso.

Faith empurrou para trás o cabelo escuro de seu rosto. – Não há nenhum filtro entre seus pensamentos e sua boca, não é?

Annika ignorou, pegou uma cola da geladeira ao lado dela. – Com sede? Está com gosto na boca de uma queimadura elétrica?

– Isso é um baita de um presente que você tem aí. – Faith disse, enquanto pegava a bebida oferecida.

– É legal, né? Tenho evolução do amor.

Foi assim que alguns cientistas ACRO explicaram os agentes físicos dos não-psíquicos: uma espécie de processo evolutivo que estava trazendo os seres humanos em maior sintonia com o mundo animal. Annika tinha o dom de colocá-la em linha com enguias elétricas e algumas espécies de peixes. Como a teoria se encaixava com as profecias apocalípticas, Dev e Creed tinham estado falando, não importava. Pessoalmente, ela não deu a mínima para a ciência por trás de suas habilidades. Claro, todo a coisa de não-ser-capaz-de-ter-sexo tinha sido uma chatice, mas agora que ela tinha Creed, ela não iria desistir de seu dom por nada.

Sorrindo, Annika bateu na guia em sua Diet Coke. – Ele também me dá essa barreira bacana impenetrável contra ataques biocinéticos, então não tente nada.

– É por isso que eu não estou contida?

– Você não está imobilizada porque Dev acha que você merece respeito, sendo a chefe de uma agência amigável e toda essa baboseira.

Faith descansou uma bota na cadeira em frente a ela. Botas góticas com aros de metal e correntes. Horríveis. Por outro lado, elas tinham sido embaladas com razor-fina, lâminas afiadas, uma arma de micro, e até mesmo pequenos dardos envenenados. Annika tinha retirado todas as armas enquanto Faith dormia, e não sem uma pitada de admiração.

– Eu estou supondo que você está me levando para ACRO.

– Não é possível obter qualquer coisa de você – Annika demorou.

– O que vai acontecer quando chegarmos lá?

– Eles provavelmente vão torturá-la por alguns dias. – Annika olhou para as mãos de Faith e encolheu os ombros. – Você não precisa

dessas unhas de qualquer maneira. Polonês terrível. Preto não fica bem em você.

Para crédito de Faith, ela não vacilou, nem empalideceu. Então, novamente, todo o respeito com que Annika mencionou, provavelmente, arruinou o fator susto. — Não importa o que eles fizerem para mim, não pode ser tão ruim quanto a tortura que eu estou passando agora.

— Sêrio? Porque eu estou pensando que poderia prender você em uma célula e enviar Wyatt lá. Algo me diz que ele adoraria colocar as mãos em você. E não de uma forma divertida.

Finalmente, Faith reagiu. Foi sutil, um ligeiro aperto de seus dedos em torno da bebida, mas, sim, lá estava ele. Há, a Pequena Miss Brevidade estava apaixonada por Wyatt, o agente não-tão-Morto.

O piloto chegou ao interfone para anunciar o pouso, e Annika esperou até ele calar a boca para dizer: — Você o traiu, não foi? Parafusou por cima dele e quebrou o seu pequeno coração.

A lata amassou na mão de Faith, derramando soda. — Você não sabe de nada.

— Esfrie, bolinho. — Annika inclinou a cabeça para trás e bebeu refrigerante. Quando ela terminou, ela limpou a boca com as costas da mão. — Eu entendo. Nós somos agentes. Nós fazemos o que temos que fazer para completar uma missão, certo?

— Então, se você não se importa, por que estava tão indignada em seu nome quando você me encontrou?

— Só porque eu tenho a filosofia nada-como-um-trabalho-feito perfurada em mim durante anos, não significa que eu goste dos meus amigos fodidos.

Faith balançou a cabeça como se entendesse isso. Ela jogou a lata de refrigerante no lixo e estudou Annika pensativa. — Então, você é o cara. — ela murmurou. — Você cresceu nesta vida.

— Wyatt abriu sua grande armadilha? — Quando Faith assentiu, Annika revirou os olhos. — Eu retiro o que eu disse sobre perfurado. Você vai perguntar um monte de perguntas de merda agora? Perguntar

quando eu tive a minha primeira morte? Perguntar como era ser criado como uma arma?

— Eu sei como é. — Faith disse suavemente, e estômago Annika revirou.

Ela sempre acreditou que era única. Não especial, o que ela tinha passado não poderia ser considerado especial, mas ela não esperava que outra criança tenha sido abusada assim.

— Quantos anos?

— Desde que eu tinha oito anos. Você?

Annika se virou, olhou pela janela para o chão, que parecia vir em cima delas muito rapidamente. Mas talvez foi porque a adrenalina começou a surgir com o seu batimento cardíaco, chutou alguns entalhes. Ela não tinha certeza por quê. Tudo que ela sabia era que ela estava de repente se sentindo estranha, uma ligação feminina com uma mulher que ela tinha certeza que ela não tinha gostado.

Finalmente, voltou-se para a Faith. — Eu estive na mesma desde que eu tinha dois anos.

Um frágil cessar-fogo pairava no ar entre elas como fumaça. — Meus pais foram mortos. — Faith disse calmamente. — Eu fui levada por minhas habilidades.

— É. Eu também. — Annika estudou seus pés. Não olhou para a Faith quando ela disse: — Você está com raiva?

— Raiva? — A surpresa na voz de Faith levou Annika a erguer a cabeça. — Por quê? O governo britânico levou-me quando eu não tinha outro lugar para ir. Se não fosse por eles, eu não sei o que eu me tornaria. Eu estou supondo que as coisas não funcionaram tão bem para você.

— Não exatamente. — E Troy ainda estava lá fora em algum lugar, não sabe que se não fosse por Creed, ele estaria morto agora. Ela se perguntou se ela já sente o fechamento sobre esse capítulo em sua vida.

O jato saltou e sacudiu como estabelecido, e no momento em que diminuiu a velocidade, Annika foi para cima e bateu na porta. — Abra a porta!

Ela teve que sair de lá. Longe desta mulher que a fez querer trocar histórias e trazer os bons e velhos tempos que eram, na verdade, tão longe de bom como poderia ser.

Ela precisava de Creed.

Ela chupou em uma respiração afiada, atordoada. Porque pela primeira vez, seu instinto não era para ir para Dev.

Creed era quem ela queria.

Sua escolha tinha sido feita, e ela não poderia estar mais feliz.

Capítulo 25

O primeiro instinto que Wyatt teve quando ele entrou no escritório do Dev, não muito tempo depois do jato ter pousado e o Hummer ter levado-o para o quartel general familiar, era dar um abraço no homem, mas ele não o fez. Dev não era muito de demonstrar qualquer tipo de afeição em público, e Wyatt entendia isso. Dev não podia se dar ao luxo de parecer fraco, mesmo quando em luto pela morte do homem que ele amava.

– Sinto muito sobre o Oz, Devlin. Ele era um homem bom.

– Ele era. – Dev disse, sua voz sincera apesar de que ele estava olhando para o Wyatt um pouco estranhamente.

Foi só aí que Wyatt percebeu que Dev podia enxergar. Desde quando Wyatt conheceu o homem, que havia o salvado de uma sentença de prisão, Dev havia sido cego, mas seu chefe sempre pôde ver melhor do que qualquer pessoa com visão.

Claro, agora era uma daquelas vezes que Wyatt desejava que Dev pudesse ver um pouco menos claramente.

Ele entregou ao seu chefe a mochila com as partes quebradas da máquina do clima. – Além de reparo agora... mas eu imaginei que você gostaria da honra de fazer a destruição completa.

– Eu também tenho a honra de encontrar o operativo que quase te matou, Wyatt. E eu não gosto de operativos que machucam agentes da ACRO.

– Eu não gosto muito dele também no momento.

Dev assentiu lentamente, correndo suas mãos pelo cabelo naquele gesto familiar que o Wyatt estava acostumado, e sim, ele estava em casa, onde ele pertencia. – Uma missão não é hora de se apaixonar.

– Sim, bem, eu sempre soube disso. Nunca pensei que fosse acontecer comigo.

– Você era protegido pelo seu afrodisíaco.

– Não funcionou com ela, Dev. Não de verdade... ela se lembrou, mesmo depois da primeira noite que estivemos juntos. Ela se lembrou de tudo. – Ele balançou a cabeça e se afundou no sofá de couro. – Estou tão fodido.

– Você completou a missão, e você fez o seu trabalho. E Faith sem dúvidas ficará feliz de juntar sua agência à nossa.

– Eu não sei quanto à isso.

– Ela te deu a placa-mãe para ser destruída, não foi?

– Ela me trancou em uma porra de instituição mental! – Wyatt rugiu, jogando todas as coisas para fora da mesa do Dev com o seu temperamento. – Ah, porra, Dev, sinto muito... eu continuo fazendo isso.

Mas Dev não estava olhando para a mesa... ao invés disso, seus olhos estavam focados em seu ombro. – Você está me tocando, de novo.

Wyatt se mexeu, sem perceber que foi o seu primeiro impulso colocar sua mão no ombro do Dev para se desculpar, do jeito que ele teria feito quando o Dev não tinha a sua visão.

– Você fez isso logo ao entrar no cômodo. – Dev continuou. – Você me abraçou com a sua mente. Isso já aconteceu antes?

O primeiro instinto do Wyatt era dizer não, mas então ele percebeu o quanto falso isso era. – Sim, aconteceu. Eu não aprendi a controlar ainda.

– Controlar o quê, Wyatt?

Wyatt se mexeu. – De acordo com a Faith, eu sou biocinético. De primeira em pensei que isso não era verdade, que talvez fosse algum tipo bizarro de transferência que estava acontecendo. Mas quando ela me contou, quando ela colocou as mãos dela em mim, eu sabia que o que ela disse era verdade.

– Você sempre foi tátil, mas seu poder é um dos mais raros. A habilidade de manipular o corpo humano telecineticamente... Wyatt, se você tem isso, além da habilidade de manipular objetos inanimados, você estará trabalhando em um nível totalmente diferente.

– Sim, mas fazer com que eles trabalhem juntos é outra história. Faith tentou ajudar. Me ajudou de outras formas também... quer dizer, eu sei sobre o Mason. Eu me lembro agora. Eu não o matei, Devlin. – Wyatt escutou sua voz ameaçar se quebrar, mas ele se segurou. – Eu a amo por me ajudar e a odeio por isso, os dois ao mesmo tempo.

– Se aproximar de alguém pode fazer isso com a pessoa, retorcê-los por dentro até que eles não saibam onde é o início ou o fim. – A voz do Dev era quase saudosa.

– Eu não quero estar próximo dela mais. – A mandíbula de Wyatt doía de apertar seus dentes cada vez que ele pensava nela.

– Ela teve uma escolha horrível para fazer, não foi? – Dev disse. – Ter as suas lealdades divididas... tentando fazer o que era melhor para todo mundo. Essa não é uma posição que eu gostaria de ser colocado.

– Eu não deveria ter confiado nela. Eu devia ter percebido.

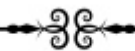
– Ninguém de nós saberia. É por isso que somos humanos.

Wyatt inclinou sua cabeça para trás e encarou o teto, cansado até os ossos e confuso com a merda toda. – O que eu faço agora?

– Você precisa de ajuda. Vá até ao Santuário. Eles tentarão te ajudar com esses dois dons, te ensinar como casá-los.

– E se eu não conseguir?

– Então você não terá outra escolha a não ser ver Faith Black de novo.



Wyatt nunca tinha se importado em ser mandado a fazer merda nenhuma... ele sempre tinha sido o tipo de cara de seguir com a maré, diferentemente de vários outros operativos aqui da ACRO, que teriam que se segurar para que eles não dissessem para o chefe deles para ir se foder.

Mesmo assim, o *Vá se foder* havia quase saído, no entanto, e Devlin sabia disso. Depois disso, Wyatt estava muito à beira do precipício até para o seu próprio conforto, ele estava prestes a encarar um inimigo familiar, na forma de sua própria mente.

Ele tinha que ganhar desta vez.

Agora ele caminhava lentamente pelo terreno da ACRO, com óculos de sol e AC/DC estourando 'Black in Black' em seu iPod. Ele sabia que os homens e mulheres que trabalhavam no Santuário estavam esperando-o, que Dev já havia chamado, sabia que ele seria bem cuidado lá, mas mesmo assim suas estranhas se reviravam ao pensar em sua prisão semi-voluntária.

Não é a mesma coisa que foi quando você era menor. Não é a mesma coisa que a instituição em Yorkshire também.

E mesmo assim, ele mal conseguia se fazer atravessar o limiar da grande casa vitoriana, e fazer a entrada com a mulher que estava na mesa na entrada. Ela deu-lhe um sorriso largo e genuíno e o direcionou a subir três lances de escada até o seu quarto.

Ele havia ouvido que os quartos aqui no Santuário eram grandes e confortáveis, e seu próprio quarto confirmou isso... lembrava muito um hotel de alta escala. Agora Wyatt entendia o motivo de tantos operativos não terem problemas em seguir para este local para recarregar as energias.

Sua mão apertou a maçaneta com força e ele a soltou quando ele percebeu que havia torcido-a com a sua mente por acidente quando ele abriu a porta.

– Não há vergonha em vir para cá, sabia.

Wyatt voltou para o corredor na direção da voz áspera, e viu Amitola, um nativo-americano curandeiro que estava na ACRO pelo mesmo tempo que os pais de Creed. Ele sempre havia acenado, sido amigável para com o homem alto e de cabelos brancos, mas não teve vontade de se aproximar já que Amitola trabalhava na ala de Cura.

— Sim, eu sei. — Wyatt disse, apesar de suas palavras serem cheias de balela.

Amitola encarou o espaço entre o rosto de Wyatt e a maçaneta. — Não, você não sabe disso ainda. Mas você saberá.

— Sinto muito sobre isso. Eu vou consertar.

Amitola ficou parado lá silenciosamente, assistindo enquanto Wyatt movia o metal amassado para a sua posição correta.

— Impressionante. Agora, por favor, fique à vontade.

Wyatt tirou seus sapatos e sentou-se na cama, de pernas cruzadas, e seguiu as direções do homem. Elas eram possivelmente a sua única esperança de não ter que cruzar caminhos com a Faith de novo.



Faith se surpreendeu quando Annika a entregou para três seguranças armados vestidos com roupas militares pretas, mas ela não iria discutir. Seu rosto, ainda pulsando por ter tido o pé da Annika atingindo-o, era um lembrete o suficiente de que não importa o quanto Faith e Annika tivessem em comum, elas não iriam ser melhores amigas.

Os seguranças a escoltaram pelo que pareceu ser uma base militar antiga mas bem mantida, até um prédio onde ela achou que devesse ser o quartel-general. Lá dentro, ela foi levada em um escritório sofisticado, completo com cadeiras de couro, uma mesa de carvalho e um homem lindo de cabelos escuros, que, enquanto provavelmente devesse estar nos seus trinta anos, era bem mais jovem do que ela imaginava.

Ele ficou de pé, ofereceu sua mão, que ela balançou antes de tomar um assento do outro lado da mesa dele.

– Faith Black. – ele murmurou, enquanto retornava para sua cadeira. – Como é que nós nunca ouvimos falar de você ou de sua agência?

– Talvez os britânicos sejam mais discretos do que vocês ianques, Sr... O'Malley?

Ele sorriu. – Me chame de Dev. Nós ianques somos bem menos formais também.

– Eu presumo que você esteve em contato com o governo britânico?

– Eles não acham que nós te seqüestramos, se é isso que você está perguntando. O diretor no comando da Divisão TAG da MI6 sabe que você está aqui. Eu não acho que ele esteja muito feliz que nós sabemos sobre a sua operação, mas ele acha que agora que nós sabemos, nós podemos ser capazes de chegar a algum tipo de parceria que seja benéfica para nós dois.

– Eu precisarei falar com ele. E com a minha parceira, Paula.

– Claro. Eu vou ter uma sala montada para você nos seus aposentos, completo com equipamentos para vídeo-conferência. – Ele ficou de pé, e ela ficou de pé também. – Nós podemos discutir isso novamente amanhã, depois de você ter descansado.

– Isso é muito generoso. Especialmente considerando... tudo. – Ele apenas a encarou com seu olhar penetrante, e sim, falando em desconfortável. – Falando em tudo, como está o Wyatt? – ela perguntou baixinho.

– Ele ficará bem. Que é a razão que você está no meu escritório ao invés de em uma cela. E a razão pela qual nós rastreamos a placa-mãe no seu quartel-general e não destruimos a sua agência até os destroços.

A surpresa a manteve em silêncio por um bater de coração. Como eles podem ter contra-atacado as medidas preventivas da TAG? Ela sabia por um fato que a tecnologia de sua agência e os procedimentos era de topo de linha. – Eu aprecio a sua candura.

— A vida é muito curta para ficar enrolando. — ele disse, sua voz grave e baixa. Ele gesticulou para a porta, onde um homem alto com um olhar hipnótico estava parado, encarando Faith. — Trance irá te mostrar a base e se certificar que você seja entregue aos seus aposentos. Eu te verei de manhã. — Dev balançou sua mão novamente. — Estou ansioso para trabalharmos juntos.

Faith também estava. O truque seria evitar Wyatt pelo restante de tempo que ela estivesse aqui, porque trabalhar junto não havia terminado bem para os dois.



Creed estava engraçado logo após Annika encontrá-lo após o desembarque do avião. Ele havia estado em seu escritório no departamento do quartel-general, e ela havia o atacado bem ali na cadeira dele. Ele presumiu que ela queria sexo, mas quando ela disse para ele que ela queria conversar, ele quase caiu para trás. Bem, ele estava agindo um pouco dramaticamente, mas mesmo assim. Ele estava tanto chocado e satisfeito, e havia sido sugestão dele que ela fosse ver o Dev. Havia sido idéia dela eles irem juntos.

Eles chegaram no escritório do Dev, e por meio segundo Annika considerou pedir para Marlena avisar sua chegada, mas ei, nem tudo poderia mudar. Além disso, ela estava nervosa, o que tinha a tendência de torná-la agressiva e exigente. Ela havia falado com o Dev no telefone sobre a missão do Wyatt, mas a conversa deles havia sido formal e profissional. Ela não havia visto ele pessoalmente desde o dia que ela havia ido embora brava, então isso dava um pouquinho nos nervos.

Creed permaneceu na sala de espera enquanto Annika entrava com tudo no escritório de Dev, onde ele estava em sua mesa, trabalhando em seu computador.

— Oi, Dev.

Seus dedos congelaram. — Oi.

— Eu sei o que você fez.

Ele fez uma careta. Pigarreou. Ele estava uma merda. — Eu não sei como. — Ele removeu uma pasta de sua caixa de entrada e empurrou para o outro lado da mesa para ela.

Confusa, ela abriu, sentindo seu coração parar ao ver as fotos dentro. — Ah, meu Deus. Troy. — O homem que ela havia ido até a Grécia para matar estava morto. Uma gama de emoções passou por ela, de choque até alívio, e talvez até mesmo um pouco de raiva que ele havia morrido através de uma mão que não era a dela. Mas então, se ela tivesse o matado, talvez ela não estivesse no lugar que ela estava agora, feliz por estar comprometida ao Creed e com uma vida com ele.

Ela encontrou paz com o Creed, e de alguma forma aquela paz havia se transferido para a sua vida inteira. Apenas horas atrás, no jato com a Faith, ela queria chegar a um fechamento com o seu passado na CIA, e ela apenas percebeu agora que ela havia encontrado-o até mesmo antes de ela ver as fotos do agente morto.

Ela estava livre. Livre de seu passado, livre da raiva e do ódio que havia estado com ela há tanto tempo que quase parecia parte dela.

— Eu... como...? Você fez isso?

— Não é isso... Espere um segundo, você disse que sabia.

— Ah, não. Não sobre isso. Eu estava falando sobre o outro dia. Quando você disse todas aquelas coisas para mim. — Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela se moveu para trás da mesa dele para que ela ficasse de frente para a cadeira dele. — Eu sei que você não quis dizer nada do que você disse.

— Annika...

— Shh. Me deixe falar. — Ela se ajoelhou e cobriu a mão dele com a dela. — Obrigada. Obrigada por me salvar todos aqueles anos atrás. Obrigada por cuidar de mim desde então. E obrigada por me fazer enxergar que eu pertencia junto ao Creed.

Ele soltou uma respiração forçada, e ela percebeu que ele havia estado segurando-a enquanto ela falava. — Então vocês dois estão bem?

— Mais do que bem.

— Graças a Deus. — Ele ficou de pé e a puxou para ele, atraindo-a para seus braços. — Eu só quero que você seja feliz.

— Eu estou. Eu te amo, Dev.

Seus lábios quentes depositaram um beijo gentil no topo de sua cabeça. — Eu te amo também.

Se afastando apenas um pouco, ela ergueu sua mão até a bochecha dele. — Eu ainda quero que você me ligue. Se você precisar de qualquer coisa. Conversar. Passar tempo. Que seja.

— Eu vou. Eu vou ligar para vocês dois.

— Bom. — Ela o estudou por um momento, admirando a força em seu rosto, a confiança em seu olhar. Sim, ele havia pegado os pedaços que o Oz havia deixado para trás e seria mais forte do que nunca. — Eu tenho que ir até o Creed agora.

— Sim.

Com um último sorriso carinhoso, ela se afastou. — Você virá até a nossa casa para a Ação de Graças este ano. Só para te informar.

Ele riu enquanto ela deixava seu escritório. Lá fora, Creed estava esperando por ela com os braços abertos. — Vamos para casa.

Casa. Isso soava como o céu. Com a ACRO, ela sempre teve uma família, mesmo se ela não tivesse percebido isso. Mas com o Creed ela tinha um lar.

Capítulo 26

Wyatt acordou com calor invadindo seu corpo, o nome de Faith em seus lábios e Amitola de pé sobre ele.

Foi a primeira vez que Wyatt se sentiu quente nas últimas horas, desde que ele tinha sido induzido a dormir pelo canto de Amitola.

— Esta é uma tradição antiga nativo americana. Mãos de cura.

— Obrigado, irmão — Wyatt sussurrou. — Vou levar toda a ajuda que puder conseguir.

— Uma mulher te machucou.

— Sim.

— Você ficou murmurando o nome dela em seu sono. Clamando por ela. Isso significa alguma coisa.

— Significa que eu estou ferrado.

Amitola realmente riu, um som fluído. — Estamos todos ferrados quando se trata de mulheres, Wyatt. Especialmente quando elas invadem nossos sonhos. — Ele fez uma pausa. — Ela já está lá.

Wyatt respirou fundo e, sim, sim, alguma coisa tinha mudado. — Como posso me sentir tão calmo e ainda me sentir tão zangado?

— Você tem que enfrentar a ira da pessoa que fez isso com você. — disse Amitola. — O supervisor quer vê-lo. Posso enviá-lo? Ele está esperando.

— Sim, isso é legal. — Wyatt tomou um longo gole de água, da garrafa, com o Amitola à esquerda, e Josh entrou no quarto, fechando a porta atrás de si. No meio do caminho para a cama, ele estendeu a mão para um aperto, e antes que ele percebesse, Wyatt apertou a mão de Josh com sua mente. Josh olhou para sua própria mão e balançou a cabeça lentamente.

— Você sabe o que isso significa, Wyatt? Você sabe o quão raro este tipo de telecinese é?

— Eu sei agora.

— Nós não temos experiência nisso. Você tem um monte de trabalho pela frente. Nós não podemos o enviar de volta para o campo, até que saibamos como estar totalmente integrado, até temos certeza que você sabe como controlá-lo, usá-lo corretamente. — Josh enfiou as mãos nos bolsos. — Eu entendo que a agente do grupo Aquário tem o mesmo poder.

Wyatt balançou a cabeça que sim, e então não, porque ele sabia o que Josh queria que ele fizesse.

— É para o seu próprio bem, Wyatt. Caso contrário, pode levar anos antes que nós realmente saibamos o que você pode fazer. Se esta mulher...

— Faith. — disse Wyatt. — O nome dela é Faith.

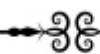
— Se a Faith pode ajudar você, é para o seu benefício.

— E se eu não conseguir a ajuda dela?

— Então eu vou trabalhar com você, Wyatt, durante o tempo que for preciso. Seu lugar é aqui, na ACRO. Você sabe disso.

Wyatt balançou a cabeça, ficou com as pernas trêmulas e foi até a janela. Ele pressionou sua testa e as palmas das mãos contra o vidro frio por alguns segundos, olhou para as colinas e a folhagem de outono e percebeu que ele não se sentia tão fora de forma como ele tinha se sentido antes. Seu equilíbrio ainda não estava muito bem, mas a terra não estava sendo jogada fora do seu eixo também.

—Traga Faith aqui para mim, Josh.



O tour à base foi impressionante. Era uma alastrada, antiga instalação militar, sub-utilizadas por pelo menos a metade, mas foi bem mantida, mesmo ostentando um pub, um parque e um campo de beisebol.

Como Dev tinha prometido, o motorista do Hummer preto brilhante tinha tomado tudo, mostrou-lhe exatamente por que sua agência pequena teria sido esmagada, se ela já tivesse tomado a ACRO. Que, ela suspeitava, era um grande motivo para ela ter a um tour em primeiro lugar. A afirmação arrogante de Dev que poderia ter levado sua agência para além do chão não tinha sido um exagero. Eles poderiam esmagá-la como um erro, e eles queriam que ela soubesse disso.

Cristo, correram a instalação animal que era maior que sua propriedade inteira. E a clínica médica, que eles estavam entrando agora, poderia ter abraçado metade do prédio da TAG dentro dela.

Ela deslizou um olhar a Trance. Ele era seu motorista e acompanhante, embora ela teve a impressão de que suas funções normais não incluíssem bancar o guia turístico. Sem dúvida Dev tinha escolhido alguém capaz de lidar com ela em caso de necessidade.

Bastardo astuto. Ela não podia gostar, mas o admirava.

TAG e ACRO podem estar jogando para os bons, mas isso não significa que cada agência não foi, finalmente, sair de si mesmo. Ela tinha que respeitar Dev para proteger seus interesses e pessoas. Ela estava apenas aliviada que Annika não tinha desenhado dever de babá novamente.

— Esta é a última parada? — ela perguntou a Trance, enquanto passava pela sala de emergência e seguiu por um corredor forrado com quartos dos pacientes. Ela esperava que sim. Cada minuto gasto fora da base aumentou seu risco de ver Wyatt. Ela sofria com o desejo de vê-lo, mas ela não podia suportar ver o ódio em seus olhos novamente.

– Sim.

Para um guia turístico, Trance não era muito falador. Mas ele tinha os olhos mais surpreendentes. Quando ele olhou para ela, sentia-se um pouco como uma ovelha deve sentir na mira do olhar de um lobo, intenso hipnótico. Como Wyatt, Trance poderia ser uma ameaça para as mulheres, se ele quisesse.

Duas enfermeiras acenaram em saudação enquanto eles passavam. Faith perguntou para Trance novamente. – Quantas pessoas trabalham aqui?

– Sem pistas. – Eles saíram do edifício através de portas duplas na traseira e caminharam alguns metros até um prédio em estilo vitoriano, antigo, cujo sinal marcava como sendo uma unidade psiquiátrica.

Aposto que Wyatt não passa o tempo aqui, ela pensou com uma pontada. Eles atravessaram os corredores, subindo para o terceiro andar e retardando a uma porta. Trance abriu, e instantaneamente o seu instinto de auto-preservação chutou dentro.

– Onde estamos indo? – Perguntou ela, recusando-se a pisar dentro do quarto.

– Tenho ordens para trazê-la aqui. – Sua voz era profunda, comandando, e as palavras eram tão inflexíveis como uma parede de pedra.

Um arrepio correu por sua espinha. Talvez ACRO não ia jogar bonito, afinal. Por instinto, ela tentou inundar-se com o seu dom, mas o poder pairava frustrantemente fora de alcance. Ela tentou chamar ele no avião, quando ela percebeu que Annika não a tinha drogado. Parecia que a droga ainda estava trabalhando.

– E se eu me recusar? – Ela trocou seu peso, preparando-se para a batalha.

Trance olhou para ela, as linhas duras enrijeceram sua mandíbula, suas pupilas dilatadas e depois apertaram-se a um pontinho como laser. – Você não vai.

—Seu arrogante... — Ela parou, fascinada pela maneira como ele estava olhando para ela. Sua mente escapou como um fiapo, e dane-se se ela não encontrou-se caminhando em direção a ele quando ele andou para trás no quarto.

—Filho da puta — ela murmurou. Ela teve a presença de espírito suficiente para saber que ela estaria indo matá-lo no momento em que estivesse livre desta neblina, mas não o suficiente para realmente sair dela.

Não foi até que ela ouviu um grunhido de baixa frequência que ela saiu do feitiço sob o qual ela tinha estado. —Vou levá-lo a partir daqui, o homem — disse Wyatt, e as pernas Faith, vergando com o choque de surpresa, a levaram para baixo.

Wyatt pegou Faith em seus braços quando ela desmaiou. Trance cruzou os braços na frente do peito e manteve os olhos treinados sobre ela.

—Ela é um problema. Mente própria — Trance, disse, como se isso fosse uma coisa totalmente ruim e algo que precisava ser mudado imediatamente.

—Sempre foi, sempre será. — Wyatt murmurou enquanto ele a levava para a cama.

—Eu poderia trabalhar com ela. Fazer um pouco de treinamento. —Trance sugeriu. Wyatt tinha ouvido falar de predileções como um Dom, os rumores da tendência de Trance em direção à força bruta foram apenas um ponto no radar ACRO, a idéia do corpo de Trance em qualquer lugar perto de Faith fez Wyatt cerrar os punhos.

—Calma aí, SEAL. Foi apenas uma sugestão. Eu sempre poderia emprestar-lhe a Cruz de Santo André e o chicote. Você ficaria surpreso com o quão eficaz e rapidamente eles podem trabalhar quando usados em conjunto.

A idéia da Faith amarrada e esticada para Wyatt foi de repente estranhamente intrigante. — Obrigado pela oferta, mas eu tenho isso. Você pode cabecear para fora.

Trance riu. —Não diga que eu não tentei, Wyatt. — ele disse antes de fechar a porta atrás de si.

—Você está pensando em amarrar-me e me chicotear, ou era parte apenas do show ACRO? — A voz de Faith veio de trás dele.

Ele se virou para ela e ela continuou. —Não é que eu não mereça isso, realmente.

—Pedi-lhes para trazê-la aqui, porque eu preciso de sua ajuda. Porque você me deve. Essa é a única razão. — disse ele, e ele se perguntou se ela podia ver através dele, poderia dizer que ele estava cerrando os dentes, porque, cara, vê-la novamente foi como voltar para casa. Tudo o que ele queria fazer era deitar-se na cama e deixá-la levá-lo, mais e mais, até que seu corpo esteja gasto da paixão, e não da dor de cabeça.

Sentando-se, ela mordeu o lábio inferior e assentiu.

—Eu vou precisar de ajuda para integrar os meus poderes. Eu não sei como funciona a biocinese. Parece que eu não consigo controlá-lo, ele simplesmente continua acontecendo, mesmo quando eu não estou tentando. — ele disse a ela, e ela olhou primeiro em um de seus braços e depois o outro.

—O que é isso?

—É só que... eu senti você me abraçando quando eu cheguei aqui, mas eu pensei que era apenas um sonho.

Foda-se. — Porra, eu não queria fazer isso — ele disse a ela acusador, como se essa parte fosse culpa dela também. —Eu não quero te abraçar. Eu não queria nem vê-la, mas eu tenho que enfrentá-la ou ser afastado pelos próximos anos até que eu possa me controlar. E eu estou feito com isso.

Ela se levantou e foi até ele. —Você está com muita raiva de mim.

—Sim. E de mim mesmo — disse ele, se perguntou por que diabos ele ainda compartilhava coisas com ela. Ele não tem que provar seu estado maldito mental para ninguém, muito menos para ela.

Mas ela seria a única que entenderia.

Ela tocou seu rosto suavemente e ele fechou os olhos, porque a palma se sentia tão bem em sua pele, cheirava a luz do sol, e esse trabalho em conjunto e não sentir nada por ela nunca ia dar certo.

Ele abriu os olhos e observou-a observá-lo.

—Liberty vai ficar nas instalações — disse ela. — Há pessoas lá que podem ajudá-la. A coisa é, eu não sei se eu posso confiar nela de novo.

—Confiar em alguém que te traiu é condenado. — Faith enrijeceu. — Eu confiei em você o suficiente, depois que você me contou sobre TAG, não pedi reforços. Eu poderia, facilmente, mas eu não fiz. Porque eu não queria arriscar o que estava acontecendo com sua irmã. Se tivesse sido qualquer outra coisa, a cena no campo de batalha não teria acontecido.

—Você está em apuros, Wyatt?

—Não, eu não estou em apuros. É isso o que importa, que o meu trabalho esteja intacto? Porque agora que eu poderia dar a mínima para isso. —Um vaso subiu e bateu contra a janela, quebrando ambos, e Faith estava segurando seu braço como se Wyatt fosse lhe apertar. Que, caramba, ele provavelmente faria. —Quanto tempo você poderia me dar o controle sobre esses novos poderes?

—Podemos falar sobre nós, primeiro? Por favor, Wyatt, eu preciso te dizer... —Ela parou, esperou para ver se ele iria interromper. Mas ele não o fez. —Quando eu descobri onde o meu povo o colocou, tudo o que eu podia pensar era ficar com você. Eu estava com medo de como você ia sentir quando acordasse lá, especialmente depois que você compartilhou tanto comigo sobre o seu passado. Deus, Wyatt, eu sinto muito. Eu sei o que deve ter sido para você, eu nunca poderei pedir para você entender porque eu fiz o que fiz.

—Você pode perguntar. — disse ele, ciente de seu tom de voz se tornou duro, e ele se forçou a engolir sua amargura momentaneamente. —Eu sei porque você fez isso, Faith. Foi para a sua família. Eu entendo isso, provavelmente mais do que ninguém. Eu apenas pensei que...

—Que eu não iria traí-lo no processo. — ela terminou.

Ele acenou com a cabeça, querendo acreditar nela.

—Eu sabia, quando eu acordei, que eu precisava destruir a máquina. — continuou ela.

Ele a estudou por um momento, vendo a verdade de suas palavras em seus olhos. —Eu não tinha certeza do que iria acontecer quando tivéssemos a liberdade, mas eu sabia que você não teria uma decisão fácil à sua frente. — disse ele. —É por isso que eu tinha planejado levá-la longe de sua placa, se eu fosse o único a destruí-la, dependendo de como as coisas corressem com a Liberty, você poderia sempre me culpar, não a você mesma.

—Por que você faria isso?

—Porque eu sei como é se culpar por coisas que você não fez, coisas que estão fora de seu controle. — Ele sentou-se pesadamente na beira da cama e olhou para fora da janela quebrada, o vidro quebrado produzindo um louco caleidoscópio de imagens, a forma como ele imaginou que sua mente parecia maior parte do tempo.

—Eu posso te ajudar. — Ela sentou-se ao lado dele, as faces coradas, a atração entre eles ainda existia, apesar de tudo. —Eu passei por muita coisa antes de aprender, cometi alguns erros. Eu posso ajudá-lo a aprender sobre isso muito mais rápido. Mas... você vai ter que confiar em mim. Se você não fizer isso, não vai funcionar.

Ele sabia disso. Ele só não sabia se ele poderia fazê-lo.



O coração de Faith se quebrou por Wyatt, sabendo que ele queria confiar nela, mas não era capaz de fazê-lo. De alguma forma, ela teve de convencê-lo. Não por si mesma, mas porque ela queria ajudá-lo com seu novo dom.

—Wyatt, eu não posso colocá-lo no hospital. Você acredita em mim?

Ele não respondeu. Nem sequer olhou para ela.

—Droga, Wyatt, olhe para mim.

Ele olhou, seus olhos faiscaram. – Eu não sei em que acreditar.

Ela se levantou. – Concentre-se em mim. Abra-se para o seu poder. Você vai ver a minha aura.

– Como é que isto vai me ajudar a confiar em você?

Ela lhe tocou na testa com os dedos. Seu – Ai! – indignado lhe deu um sorriso de satisfação.

– Faça isso.

Murmurando algo indecifrável, ele se concentrou nela. O murmúrio tornou-se maldições. – Eu não consigo ver nada.

– Me corte.

– O que?

– Me corte. No rosto. Forte.

Ele estreitou os olhos para ela. – Não pense que o pensamento não passou pela minha cabeça.

– Então faça isso. – Quando ele apenas ficou lá, ela revirou os olhos. – Insuportável. – Ela enlaçou um caco de vidro no chão e cortou seu rosto.

– Jesus Cristo, Faith! – Ele gritou. Sua mão disparou para agarrar-lhe o pulso, apertando forte o suficiente para fazer o vidro cair. – O que diabos você está fazendo?

Ela se empurrou para fora de seu aperto. – Agora olhe para mim. Olhe para o corte. Concentre-se nisso.

Ele não parecia feliz, mas ele fez isso. – Hey – ele murmurou. – Eu vejo a sua aura.

– Ótimo. Agora, olhe para todos os pontos finos. Deve ter um sobre o corte. – Ela esperou, e ele concordou. – Ok, agora imagine uma agulha. Ou um feixe de laser. Algo pequeno e estreito. Isso só vai funcionar se você encontrar um pedaço muito puro em uma aura. Se não houver um, você vai ter que investigar com o seu poder até encontrar um

local relativamente fraco, e então você vai escolher tópicos da aura distante. Tem muito tempo, então sua melhor aposta é encontrar uma área fina.

— Ok.

— Agora use sua agulha e fure uma viga na minha aura.

Ela sentiu a penetração no segundo que ele fez isso. Sentiu a vulnerabilidade súbita, como se ela fosse um navio com uma ruptura no casco.

— E agora?

— Agora você pode me matar.

Seu olhar arregalou-se. Sua cabeça se voltou. — Eu posso o que?

— Eu expus minha garganta para você, Wyatt. Se você quiser, você pode parar meu coração. Torcer minha medula espinhal. Punçar meu pulmão. — Ela fechou os olhos, deixou-se estar à sua mercê. — Eu não encomendei a sua admissão no hospital. O momento que eu descobri que você estava lá, tudo o que eu podia pensar era em tirar você de lá. Eu ataquei o médico TAG, quando eu pensei que ela tinha interrompido com a minha gravidez. Eu roubei a placa-mãe do laboratório da minha própria agência...

Mãos duras caíram sobre seus ombros. — O que você acabou de dizer?

— Estou em um monte de problemas, Wyatt.

As mãos em seus ombros começaram a tremer. Wyatt se afastou, limpou um lado de seu rosto. — Eu vou estar lá para você. Não importa o que aconteça.

— Hum, ok. Mas, realmente, não há nada que você possa fazer. Eu arrisquei a minha agência e minha carreira para conseguir a placa-mãe para você. Acho que o governo britânico vai me dar um tapa no pulso desde que eu alisei as coisas com a ACRO, mas minha parceira, as pessoas com quem trabalho... eles não serão tão indulgentes.

Suas sobrancelhas se uniram. — O que isso tem a ver com alguma coisa?

— Eu estou tentando dizer por que você deveria me dar outra chance. — Ela estendeu a mão, sentiu sua testa. — Você está bem? Você não está fazendo nenhum sentido.

— Eu? Eu não estou fazendo sentido? — Ele pegou um lenço de papel fora de sua mesa de cabeceira e limpou o sangue de seu rosto. — Você é a única a falar sobre a máquina do tempo em que você deve estar, falando sobre o bebê.

— O bebê?

— Você disse que está grávida.

Uma pontada de realização a atordoou. Ele pensou que ela estava grávida, e ele queria estar lá para ela. E ele não estava chateado. Se qualquer coisa, ele parecia satisfeito.

— Eu não estou grávida — ela murmurou.

— Mas... Você atacou um médico...

— Porque eu não a entendi. Eu pensei que ela disse que eu estava grávida e que ela acabou com a gravidez. Eu a ataquei — ela sussurrou — porque eu queria estar. — Ela engoliu o nó que se formou em sua garganta.

— Você queria... Por quê?

Ela virou-se, incapaz de suportar o desgosto de ver o mesmo que estava lá em seus olhos da última vez que ela lhe disse que o amava. Bem antes dele quebrar a placa-mãe e, em seguida, mostrar a ela como sua admissão pouco significava para ele.

— Eu disse a você... Eu te amo. — Um soluço trêmulo escapou dela, e merda, ela se sentiu tão estúpida. Ela tinha desnudado seu corpo, alma e coração para ele. Um homem que precisava dela apenas por sua capacidade de ensiná-lo a usar o seu novo dom.

— Olha — ela disse, ainda olhando para a porta — você não tem que acreditar que eu te amo. Você não tem que acreditar que eu não te

mandei para o hospital psiquiátrico. Mas caramba, é melhor você acreditar que eu queria estar carregando seu bebê. É melhor acreditar que eu escolhi você sobre a máquina do tempo, mesmo que fosse um pouco tarde.

Ela virou-se, deu um dedo em seu esterno forte o suficiente para fazê-lo dar um passo atrás. — E é melhor você acreditar que a perda de meus pais para uma tempestade foi o evento mais devastador na minha vida, até que você me fodeu como uma prostituta e me disse que não se importava. — A memória do sexo fora do hospital psiquiátrico, quando ela tinha sido tola o suficiente para acreditar que eles ainda tinham uma chance, era como um hematoma em seu cérebro. — Então agora eu estou disposta a estar tão aberta quanto eu posso ser. Eu não tenho nada a esconder. Eu não tenho nada a perder. Então é melhor você confiar em mim para ajudá-lo, porque eu sou tudo que você tem.

Sua mão enrolou-se em torno dela. Sua palma grande era morna, um pouco áspera, e se lembrou o quanto prazer suas mãos tinham trazido.

— Você é tudo que eu já tive.

— É isso mesmo, então é melhor que você... — Ela piscou. — Perdão?

Jogando a cabeça para trás, olhou para o teto. — Eu passei a minha vida toda a vida como uma espécie de vagabundo. Mesmo a minha casa não é uma casa. — Ele baixou a cabeça, procurou seu rosto, sua expressão uma mistura de esperança e hesitação. — Mas te amar é como estar em casa. E quando abriu-se para mim agora, eu vi mais do que apenas a sua aura. Eu vi o seu coração.

Que agora estava batendo contra seu peito como se quisesse sair do peito e de dentro dele.

— Parece bobo — disse ele, corando um pouco — Eu sei. E eu não posso explicar.

— Você não precisa fazer isso. Eu sei.

Um sorriso triste curvou sua boca. — Eu sinto muito pelo que eu fiz para você fora do hospital psiquiátrico. — Antes que ela pudesse protestar, ele tocou um dedo sobre os lábios. — Shh. Foi cruel. Não goste

de mim. Eu acho que de uma maneira, eu a odiava não porque você me traiu, mas porque você foi corajosa o suficiente para fazer algo que eu não podia fazer. Eu não poderia enfrentar o meu passado. Mas você perseguiu o seu. Inferno, você dormiu com um bicho de pelúcia de infância. Você não esqueceu o seu passado, e você queria manter alguém de passar pelo o que você fez. Eu não antecipei os cumprimentos por você ir, a fim de honrar a sua família, porque eu não conseguia entender.

Lágrimas brotaram de seus olhos. – Oh, Wyatt. Você está dizendo que entende agora?

Ele acenou com a cabeça. – Eu faria qualquer coisa por você. Então, sim, eu entendo. – Ele a puxou contra ele, pressionou a testa na dela. – Estou pronto para curar. Eu estou pronto para amar você e para você me amar. O que você acha?

– Eu digo que temos de encontrar um lugar muito mais privado do que isso para o amor. Porque se eu te mostrar agora o quanto eu te amo, todos no prédio vão saber sobre isso.

Um grunhido baixo retumbou em seu peito. – Eles vão saber sobre isso de qualquer maneira. Você é a minha Faith. Você tem sido desde o início. Minha mulher.

– Sim – ela sussurrou. – Sua mulher.

Epílogo

—Você está pronto para tomar uma bebida, amor? — Faith perguntou, quando ela abriu o gabinete de Wyatt.

—Quase. — ele murmurou, mas ele não estava falando sobre a bebida. Ele estava sentado na mesa da sala de jantar, olhando para ela tentando romper sua aura. Depois de quatro meses, ele estava cada vez melhor, mais rápido, mas como o relógio marcou vinte minutos, ela não achava que ele ia bater o seu recorde, 22 minutos. Não, a menos que ele enfraquecesse-a com seu hormônio do sexo.

Agora que ele aprendeu a controlar a biocinese, ele aprendeu a controlar a parte sexual de sua capacidade, que eles agora sabiam que havia causado praticamente um colapso em sua aura. Ele poderia iniciar o hormônio do sexo e penetrar uma aura com seu dom em questão de segundos. Ele estava realmente mais rápido do que ela, se enganou assim.

Ele penetrou com um grito de vitória. Vinte minutos, 40 segundos.

—Veja isso, querido? Eu não vou ser presa a você em nenhum momento.

Ela bufou. E então suspirou como uma sensação de formigamento se espalhou através de sua virilha.

— Sim —ele disse suavemente — vou ensiná-la a rir de mim.

Eróticos golpes invisíveis açoitavam seu sexo. — Tornar-me... oh, Deus. — Ela gemeu. O copo na mão caiu na pia com um acidente. Ela não se importava. Era tudo o que podia fazer para segurar a borda do balcão e ficar de pé.

– Este é o troco pelo o outro dia. Lembra-se?

Ela tentou sorriu, mas ela estava muito ocupada mordendo o lábio. E sim, ela lembrou. Wyatt tinha saído do quarto, vestido para matar, literalmente, em suas BDUs pretas ACRO, e ela prendeu-o à parede com seu dom, despindo-o com as mãos, e depois sentou-se no sofá com pipoca para ver como ela o fez gozar sem levantar um dedo. Por diversão, ela beliscou-lhe a uretra para que não pudesse ejacular durante o orgasmo.

O peito de Wyatt tinha saltado como se tivesse corrido uma maratona, sua mandíbula apertada, seus olhos foram à loucura. E ele ainda estava duro, seu pênis inchado, da cor avermelhada de seus mordidos lábios. Alguns cursos de biocinese com ela tinha feito ele gozar novamente, desta vez com tanta força que ele quebrou sua espera, enquanto seu corpo convulsionava e seu sêmen irrompia como um gêiser.

Ele só tinha ficado um pouco louco que ela o fez se atrasar para o trabalho.

–Você se lembra– disse ele, e condenem-o, ela podia ouvir a diversão em sua voz quando ele encheu seu núcleo com a estimulação e a fez chorar na liberação.

Ela caiu contra o contador, amaldiçoando-o. O homem aprendia rápido. Ele foi rápido em seus movimentos também, ela não o ouviu vir atrás dela e puxá-la de volta contra o seu peito.

–Quer ir comigo? – Ele estava indo visitar um agente que recentemente deu à luz trigêmeos. Ele tinha olhado para frente por dias.

–Eu não posso. Preciso ligar para Paula hoje. –Faith permaneceu em Nova York com ACRO e Wyatt, mas uma vez por mês, ela voa de volta para a Inglaterra para tratar de negócios TAG, e enquanto ela falasse com Paula regularmente, ela foi capaz de manter-se nas operações. Agora, a distância era um trabalho, especialmente desde que as relações entre Faith e Paula ainda estavam tensas.

Ele virou-a para ele para que ela pudesse olhar em seus olhos. – Tem certeza que você não quer ir ver os bebês?

–Eu tenho certeza. Você vai.

Emoldurando seu rosto em suas mãos com o mesmo cuidado que ele tinha dado a ela desde a noite em que eles se encontraram, ele a beijou. Suavemente, lentamente, amorosamente. Ela se derreteu contra ele do jeito que ela sempre fazia, mas ele se afastou, seu olhar sonolento cheio de afeto.

—Case-se comigo.

Calor rodeava como uma brisa de verão. Ela não tinha certeza se ela estava imaginando coisas ou Wyatt estava usando um de seus dons, mas isso não importa. Ela estava grata por isso.

Grata por tudo o que ele tinha feito para ela. Tinha-lhe dado uma segunda chance, e ela moveria céu e terra para ter certeza de que ele nunca teria que dar-lhe uma terceira.

—Sim — ela sussurrou. —Eu vou casar com você.

Ele a beijou novamente, desta vez em uma carícia possessiva, reivindicando. Uma mão surgiu para tocar seu seio, enquanto a outra enfiava através de seu cabelo para mantê-la junto a ele. Sua libido virou-se novamente, e quando sua ereção se deu a conhecer contra sua barriga, ela sabia que a sua voltou também.

—Eu pensei que você ia ver os bebês — ela gemeu, enquanto beijava um caminho quente ao longo de sua mandíbula e sua garganta.

Um ronronar erótico retumbou no peito. —Eu estou pensando que talvez pudéssemos fazer os nossos.

—Oh, meu amor. — Ela colocou os braços ao redor dele, puxando-o mais perto que podia. —Eu não posso esperar.

—Nem eu — Ele a segurou sem esforço em seus braços e se dirigiu para o quarto.

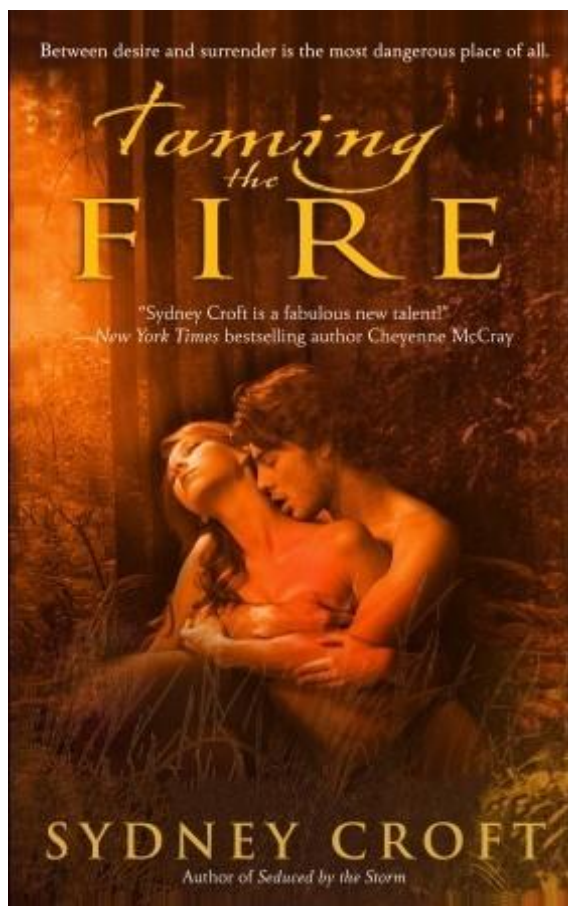
Quando ela veio para Wyatt, ela não esperava nada.

Antes que Wyatt chegasse, ela acreditava que sua vida estava cheia. Nada poderia estar mais longe da verdade. E quando ele se deitou em sua cama king-size, com os olhos prometendo uma vida mais plena do que ela poderia imaginar, cheia de amor, emoção e crianças...

Sim, ela definitivamente não podia esperar.

Fim...

Continua em :



Poder. Prazer. Perigo. Ele não fica mais quente do que isso.

Ele veio ao clube subterrâneo de Londres para uma noite de jogo e sexo extremo com a enigmática “Senhora Rik.” Mas o agente especial conhecido como Trance está realmente em uma missão de busca e salvamento para mantê-la viva. Parte predadora, Ulrika “Rik” Jaegar possui poderes selvagens que fazem dela um perigo para os outros e para si mesma. É por isso que a Agência para Secreta de Operações Raras (ACRO) quer recrutá-la para o seu lado... Para isso, Trance terá que fazer o impossível: capturar e controlar Rik, tanto a mulher quanto o animal.

A corrida mortal da agência a levou em busca do prazer, Rik uma metamorfo que usa o sexo para controlar os seus próprios desejos em fúria. Operando por puro instinto, ela não confia em ninguém... Especialmente no magnífico macho alfa com o poder de seduzi-la e mantê-la submissa. Um agente disfarçado com brindes exclusivos e hipnóticos. Trance é surpreendido por seu instinto de manter Rik segura, mas ele tem um trabalho a fazer. Ele tem que caçá-la, quando Rik e Trance são empurrados para o final do jogo de dominação e submissão, eles irão entrar em um lugar onde a entrega é a sua única esperança de sobrevivência e a única coisa que pode domar a fera em ambos...



Sydney Croft é o alter-ego de dois autores publicados que se reuniram para combinar seus diferentes interesses na escrita em contos de aventura de ficção paranormal erótica. Juntos, eles desenvolveram um mundo onde as pessoas com habilidades extraordinárias, como o poder de controlar tempestades, poderiam viver e trabalhar com os outros como eles. A série foi descrita como "Erótica com a mistura dos X-Men", e é única em seu próprio nicho de romance de "super-herói erótico".

Duas escritoras: Stephanie Tyler e Larissa Ione

<http://www.sydneycroft.com/>



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

☺ All Creatures of the night get together After dark ☺